

Universidade de Lisboa  
Faculdade de Letras  
Departamento de História



UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



LETRAS  
LISBOA

# **A Cerâmica de Paredes Finas do Castelo de Castro Marim**

**Pedro Emanuel Angeja Abade**

Dissertação de Mestrado em Arqueologia  
2017

Universidade de Lisboa  
Faculdade de Letras  
Departamento de História



UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



LETRAS  
LISBOA

# **A Cerâmica de Paredes Finas do Castelo de Castro Marim**

**Pedro Emanuel Angeja Abade**

Dissertação de Mestrado em Arqueologia  
orientada pela Professora Doutora Ana Margarida Arruda

Mestrado em Arqueologia

2017

Ao Tiago e à Marta,  
por serem tudo.

Quem escava mais fundo, alcança.  
A água sobe à superfície, intocada no  
escarnado chão. Em 1064 trazia Coimbra  
igreja dedicada a João.  
Sesnando, governador, bateu fábrica  
nova em 87, sobre a ruína da anterior. O  
solo revela outros passos que foram  
futuros –  
sobreviveu em grandeza desde 1200  
S. João de Almedina. No final do século  
XVII deu lugar ao templo de hoje.  
No rasgado de uma sala, um cúmulo  
de areias antecedeu o Imperador  
Augusto. Sepulcros de seiscentos  
aproximam-se dos nossos dias.  
Floração maciça eleva-se da terra, duas  
bases cilíndricas-  
oásis que sustentou colunas –  
consagrada fonte. O tempo em S. João  
de Almedina.

(João Miguel Fernandes Jorge, *Mirleos*)

Descasco as imagens  
e entrego-as na boca  
como quem sabe  
o corpo  
mais importante  
que a roupa  
(António Reis, *poemas quotidianos*)



## **Resumo**

No Castelo de Castro Marim realizaram-se diversas intervenções arqueológicas ente 1983 e 2003, num total de 10 campanhas, que resultaram na recolha de um expressivo acervo material. O conjunto de cerâmica de paredes finas é proveniente destas escavações e encontrava-se inédito.

O estudo da cerâmica de paredes finas assume-se como fundamental para caracterizar os padrões de consumo do sítio. Por ser uma categoria que abarca toda a diacronia de ocupação do período romano, permite compreender a evolução da dinâmica comercial e as alterações que se introduzem ao nível da baixela de mesa.

Por se tratar de um conjunto amplo e diversificado constitui uma fonte importante para compreender as alterações dos mercados abastecedores e as mudanças morfológicas ao longo da ocupação do sítio.

Palavras-Chave: Época Romana, Castro Marim, Cerâmica de Paredes Finas.

## **Abstract**

Between 1983 and 2003, the castle of Castro Marim was thoroughly excavated, and a significant amount of archaeological material was uncovered during the 10 seasons. Of the assemblage unearthed, the thin walled ceramics were to this date unstudied and unpublished.

The analysis of thin walled wares is a fundamental part in understanding the site's consumption pattern. Because these wares span the entirety of the roman occupation they shed valuable insight on trade dynamics and the changes related to the use of table wares.

Because this assemblage constitutes a large and diverse sample it is an important component in the understanding the changes in the provider markets and the morphological changes spanning the site's occupation.

**Keywords:** Roman Era, Castro Marim, Thin-Walled Pottery

## Agradecimentos

Esta dissertação é o culminar de um percurso de muitos anos que não se teria concretizado sem o apoio de uma série de pessoas, a quem devo uma palavra de agradecimento.

Em primeiro lugar, obviamente, à minha família, sem o seu suporte nenhuma destas palavras teria sido escrita.

À Professora Ana Margarida Arruda que me propôs e orientou neste longo caminho, e que sem o seu incentivo nunca teria terminado. Agradeço, sobretudo, as dúvidas constantes que me fizeram trabalhar mais e que tanto beneficiaram esta dissertação.

Ao Instituto Arqueológico Alemão (DAI), na pessoa da sua directora Dirce Marzoli, cuja disponibilidade e simpatia me permitiu aceder a um acervo bibliográfico inexistente em Portugal.

À doutora Illuminata Faga pela simpatia e disponibilidade com que partilhou comigo muitos dos seus conhecimentos sobre a produção de cerâmica de paredes finas da Campânia.

Ao doutor Eric Bertrand que me ajudou com alguns casos difíceis de produções da *Gallia*.

Ao Professor Alberto López Mullor que me incentivou ao longo deste trabalho, e tanto me ajudou com as produções de Ibiza e da franja litoral da Hispânia Citerior. Nunca esquecerei a sua simpatia e disponibilidade, sem que nunca me tivesse conhecido pessoalmente.

Ao Rui Mataloto, o (meu) grande Mestre, que ao longo destes anos tanto me ensinou sobre tudo e também sobre arqueologia, do qual fui (e sou) orgulhoso aluno, na “Universidade do Redondo”. Este trabalho muito deve aos seus conhecimentos e ao seu incentivo.

Ao Rui Boaventura, pelo exemplo.

Ao grupo de amigos que comigo partilhou esta jornada: Goncas, Ana, Texugo, Monginho, Tomás, Rod, Bolinho, Ritchie e João, por tudo. Apenas a vossa amizade e incentivo me permitiu terminar este trabalho.

À Joana pelas longas horas que me obrigou a trabalhar, e pelo incentivo e amizade.

Ao João e ao Tomás devo um agradecimento especial, por me terem aturado todas as semanas e ouvido repetidas vezes o que aqui escrevi. Ao Tomás por nesta recta final ter sido o meu grande apoio.

À Filipa pelo incentivo, correcções, e apoio, e por tudo aquilo que eu não seria capaz de exprimir.

A eles todos agradeço, e a todos os que me esqueci, que estas poucas palavras possam demonstrar o reconhecimento que lhes devo.

Todos os erros e falhas desta dissertação são imputáveis exclusivamente ao seu autor, pois, “like Frankie said i did it my way”.

## Índice

Resumo/Abstract.....	5
Agradecimentos.....	6
Índice.....	8
<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>1. O Castelo de Castro Marim.....</b>	<b>12</b>
1.1 Enquadramento Geográfico.....	12
1.2 História das Investigações.....	14
1.3 Contextos estratigráficos das paredes finas.....	20
<b>2. A cerâmicas de paredes finas.....</b>	<b>23</b>
2.1 Conceito.....	23
2.2 Funcionalidade.....	25
2.3 História das Investigações.....	26
2.3.1 O estudo em Portugal.....	32
2.4 Centros produtores.....	35
<b>3. O Conjunto.....</b>	<b>47</b>
3.1 Metodologia.....	47
3.2. Composição do conjunto.....	50
3.2.1 Etrúria.....	50
3.2.2 Zona Centro-Occidental do Vale do Pó.....	76
3.2.3 Zona Oriental do Vale do Pó e costa Adriática.....	81
3.2.4 Zona Centro-Itálica.....	83
3.2.5 Ibiza.....	84

3.2.6 Bética.....	94
3.2.7 Local/Regional.....	117
3.2.8 Gália.....	118
3.2.9 Zona Indeterminada 1.....	119
3.2.10 Zona Indeterminada 2.....	120
<b>3.3. Análise quantitativa e qualitativa do conjunto e análise global do acervo material do Castelo de Castro Marim .....</b>	<b>120</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>131</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>137</b>
<b>Anexos</b>	

All of old. Nothing else ever.  
Ever tried. Ever failed.  
No matter. Try again.  
Fail again. Fail better  
Samuel Beckett, *Worstward Ho*

## **Introdução**

O presente trabalho incide sobre estudo da cerâmica de paredes finas exumada nas escavações arqueológicas realizadas no Castelo de Castro Marim, que decorreram entre 1983 e 2003, num total de 10 campanhas, e que permitiram a recolha de um expressivo conjunto artefactual.

A opção pelo estudo da cerâmica de paredes finas resultou do facto deste ser um conjunto numeroso e diversificado, tanto morfológicamente como em termos de proveniência, e porque o conjunto estava inédito, podendo ser analisado cumulativa e globalmente com o restante material de época romana já estudado. A análise destes materiais, pelas suas características particulares e por terem sido identificados ao longo da diacronia de ocupação romana de Castro Marim, permite aprofundar o conhecimento sobre os ritmos de importação, por um lado, e sobre os hábitos de consumo no sítio, por outro. O estudo global do sítio, em parte já realizado, à qual se vem aduzir novos dados, permite compreender, dentro das limitações inerentes ao estudo dos dados materiais, as dinâmicas comerciais do sítio, a baixela de mesa utilizada pelas populações e entrever elementos para caracterizar a economia romana do sudoeste peninsular.

A cerâmica de paredes finas revela-se como um elemento importante na caracterização da economia da antiguidade pela sua grande aceitação no “mercado”, sendo, inclusive, rapidamente reproduzida em centros produtores de todas as províncias. Neste sentido, o seu estudo permite compreender a evolução da dinâmica comercial e dos centros abastecedores ao longo do período romano, bem como a gradual introdução de novas morfologias nos hábitos de consumo das populações.

Para alcançar os objectivos propostos, dividimos o trabalho em 4 partes principais, na primeira (Capítulo 1) introduz-se e enquadra-se o sítio, com a sua localização geográfica marcada pela proximidade à foz do rio Guadiana, uma via de comunicação importante na antiguidade, sobretudo, com o interior alentejano. Abordamos a história das investigações no Castelo de Castro Marim incluindo uma análise aos contextos

romanos das escavações realizadas, incidindo principalmente nos estratos em que os materiais aqui estudados foram recolhidos. No segundo capítulo, ainda introdutório, apresenta-se o “estado da arte” da investigação sobre a cerâmica de paredes finas. Neste incidimos sobre a terminologia utilizada, a história das investigações, focando a evolução da pesquisa em Portugal. Fazemos igualmente uma breve síntese sobre os centros produtores de paredes finas.

Na terceira parte desta dissertação (Capítulo 3) avaliamos o conjunto de cerâmica de paredes finas exumado das escavações do Castelo de Castro Marim. Neste capítulo expomos e explicamos a metodologia utilizada na abordagem ao acervo estudado. Os materiais são estudados tendo em conta a sua proveniência e morfologia, procurando, sempre que possível, estabelecer uma cronologia com base na posição estratigráfica, tendo sempre em consideração o seu aparecimento noutros sítios. Com esta base, ensaiaremos uma análise quantitativa e qualitativa dos dados, inserindo-os no restante material romano estudado do sítio.

Na última parte (Capítulo 4) procuramos explorar os dados proporcionados pelo conjunto relacionando-os com a informação disponível para o sudoeste peninsular, especificamente, o Algarve. Analisamos a importância da cerâmica de paredes finas nos padrões aquisitivos do sítio, nas alterações introduzidas na baixela cerâmica de mesa, inserindo estes dados no panorama geral conhecido para a evolução das dinâmicas no mundo romano entre os meados do século I a.C. e os inícios do século II d.C.

## 1. O Castelo de Castro Marim

Primeiro tratarei da larga terra  
Depois direi da sanguinosa guerra  
Camões, Lusíadas, III, 5

### 1.1. Enquadramento Geográfico

O contexto no qual um sítio arqueológico se insere é fundamental no papel histórico que este desempenha. Neste sentido, é o enquadramento geográfico do Castelo de Castro Marim, situado próximo da foz do rio Guadiana, que lhe conferiu uma feição comercial privilegiada, através deste rio, uma via de comunicação relevante entre o litoral algarvio e o interior alentejano. Este posicionamento permitiu a chegada precoce de influências exógenas ao sítio, que remontam ao início da Idade do Ferro (ARRUDA, 1999-2000, pp. 38-51), mantendo-se durante o período romano.

O Castelo de Castro Marim (anexo 1, figura 1 a 3), com os CNS 133, localiza-se no concelho de Castro Marim, distrito de Faro, com a longitude de 7°26'30" e a latitude de 37°12' 50", segundo a folha 600 da Carta Militar de Portugal. Implanta-se numa colina de topo aplanada, tendencialmente circular, com a altitude máxima de 42 m, que se situa na margem direita do rio Guadiana muito próximo da sua desembocadura. Este posicionamento confere-lhe condições naturais de defesa, bem como uma boa visibilidade para o território circundante permitindo, nomeadamente, controlar a circulação no rio Guadiana perto do seu troço final na área em que este contacta com o mar.

Geologicamente, o sítio enquadra-se numa região de depósitos quaternários, entre os xistos do maciço antigo a Norte e os calcários lacustres do Oligoceno e as rochas eruptivas da orla, a Oeste (ARRUDA, 1997, p.109) (anexo 1, fig. 4). Os solos nas imediações de Castro Marim caracterizam-se pela sua parca capacidade para uso agrícola (tipo D), com excepção de diminutas zonas com boa aptidão (A e B) (anexo 1, fig. 5). Não obstante, devemos matizar estas informações pois não possuímos dados sobre a evolução da capacidade do uso dos solos desde o período romano e, principalmente, porque estes mapas se encontram realizados para uma aptidão de escala industrial. Os solos caracterizam-se ainda por serem salinos ou por terem nível de salinidade elevada. (anexo 1, fig. 5).



Actualmente, o Castelo de Castro Marim encontra-se circundado por terra e sapais, contudo, esta não seria a envolvente no período romano, altura em que o sítio seria provavelmente uma ilha. Ainda em 1577, Frei João de S. José assegurava que “*está Castro Marim situado num cabeço de um monte alto, de todas as partes cercado de mar senão de poente*” (apud ARRUDA, 1999-2000, p. 36). Ainda durante o século XVI, os desenhos realizados por Duarte D’armas sobre o Castelo de Castro Marim e as suas imediações permitem perceber que as embarcações se aproximavam das muralhas da fortificação<sup>1</sup>, confirmando as descrições de Frei João. Ainda no século XIX, a área portuária de Castro Marim mantinha-se na zona da Ribeira no sopé do Castelo (VIEGAS, 2011, p.521).

A análise das fontes clássicas, sobretudo Estrabão (III, 2, 4), permite-nos perceber a significativa alteração que o curso final do rio Guadiana sofreu ao longo do tempo, sobretudo devido à descida do nível das águas (FERREIRA, 1992) e ao fenómeno de assoreamento. A própria geografia do rio parece ter-se alterado pois o autor refere que o Anas teria duas embocaduras ambas navegáveis (Est. III, 1, 9). Ou seja, a paisagem actual da envolvente do Castelo de Castro Marim mudou consideravelmente (FREITAS e OLIVEIRA, 2007, pp. 410-411).

O rio Guadiana seria uma das principais vias de penetração para o interior alentejano, importância reforçada pela sua rede hidrográfica que se afigura bastante propícia aos contactos com o interior através das Ribeiras de Beliche, Vascão, Carreiras, Odeleite e Foupana (ARRUDA, 2000, pp. 4-8). Neste contexto, o sítio pode ter tido um papel importante como primeiro posto na chegada de produtos exógenos ao território alentejano e funcionado como porto para escoar os metais provenientes da faixa piritosa (ARRUDA, 1997; ARRUDA, 2000; PEREIRA, 2008). Esta privilegiada via de comunicação marítima e fluvial é mais tarde complementada pelo eixo viário romano, com duas vias com passagem em Castro Marim: uma que partiria de Castro Marim em direcção a Beja, com passagem por Mértola, e outra ligando as restantes cidades romanas do território actualmente algarvio, como nos mostra o Itinerário de Antonino Pio (It., 431, 4-431,7).

---

<sup>1</sup> Desenhos disponíveis em: <http://digitalq.dgarq.gov.pt/viewer?id=3909707> (150\_m0020 e 150\_m0021) –acedido em 12/08/2017

## 1.2 História das Investigações no Castelo de Castro Marim

A recordação gosta do jogo das escondidas das crianças.

Entrincheira-se. Tende para as belas palavras  
e gosta do adorno, muitas vezes sem fazer esforço.

Gunter Grass, *Descascando a cebola*

O Castelo de Castro Marim está referenciado como um sítio arqueológico de grande importância desde 1887, quando é mencionado por Estácio da Veiga nas *Antiguidades Monumentais do Algarve* (VEIGA, 2006, p. 112). O autor aludia ao trabalho que ia desenvolvendo na “*grande área que vae do litoral marítimo desde as praias de Cacella até à villa de Castro Marim*” embora prevenisse que “*com referencia ao que falta, pode-se dizer que ainda está quasi tudo por fazer*” (VEIGA, 2006, p. 111).

Não obstante, já no século XVI, André de Resende mencionava Castro Marim no “*De Anquitatibus Lusitaniae*” no capítulo em que abordava os montes e as vias da Lusitânia (RESENDE, [1593] 1996, p.98). O autor, contudo, não referia o sítio no Livro Quatro que trata das povoações do Algarve e da Lusitânia, onde incluía outros locais como *Balsa* e *Ossonoba* (RESENDE, [1593] 1996).

Castro Marim surge novamente mencionado por André de Resende quando este abordou as vias militares, com base no Itinerário de Antonino, deste modo: “*O Itinerário de Antonino apresenta muito alterado o caminho que vai de Castro Marim a Beja e, embora eu tenha tentado compreendê-lo de cinco ou seis maneiras, quase nada consegui no meio de tanta deturpação*” (RESENDE, [1593] 1996, p.176). André de Resende posicionava *Esuri* do Itinerário em Xerez de Caballeros (*apud* ARRUDA, 1997, p.111), aspecto que “*carece de qualquer fundamento*” (GUERRA, 1998, p. 325).

A questão da localização de *Esuri* permanecia controversa ainda no século XIX, situando-a Estácio da Veiga na cidade de Ayamonte (*apud* VIEGAS, 2011, p.405). Neste sentido, Hubner refere que “*a estrada de Esuris para Pax Iulia é das mais obscuramente indicadas no Itinerário. Esuris, ponto de partida, é quasi desconhecida. Tem ella sido situada junto a Ayamonte, em Hespanha*” (HUBNER, 1871, p.35). No entanto, a relação com o sítio em estudo desde logo surge porque “*outros querem que lhe corresponda Castro Marim*” (HUBNER, 1871, p.35).

Mesmo a questão da grafia de *Esuri* não era consensual até Robert Mowat apresentar uma moeda com a legenda de *Baesuri* (MOWAT, 1900, p.17-24). O autor mencionava igualmente outra moeda descoberta por Estácio da Veiga com a legenda *Aesuri* (MOWAT, 1900, p. 17-24). Nos apontamentos para o volume 5 das Antiguidades monumentais do Algarve, recentemente publicados, o autor refere que “*Antonino chamou-lhe Esuri e eu li núm meio-bronze, pertencente à minha colecção, em vez de Esuri, baesuri, escripto em pouco aprimorados caracteres romanos*” (VEIGA, 2006, p. 111). Mowat afirmava que preferia a grafia *Esuri* uma vez que se coadunava com os manuscritos do Itinerário de Antonino (MOWAT, 1900, p.17-24). A investigação, com base nos achados arqueológicos, generalizou o nome *Baesuri*, embora esta grafia não se encontre atestada em nenhuma fonte clássica (GUERRA, 1998, p. 325).

Estácio da Veiga localizou a referida povoação romana na actual cidade de Castro Marim (VEIGA, [1887] 2005, II, p. 407), afirmando inclusive que queria investigar a zona do Castelo para “*das ameias e torres d’esse castrum, que projectava marcar os pontos de pesquisa para o descobrimento da sede da cidade que Antonino designou com o nome de ESURI, e colocou entre Myrtilis e Balsa, por ter notado que muitos vestígios romanos e prehistoricos a um tempo circundavam aquelle ponto culminante*” (VEIGA, [1887], 2005, II, p. 407). Também José Leite de Vasconcellos afirmou laconicamente que “*o local do castelo foi certamente a sede de Baesuris*” (VASCONCELLOS, 1917, pp. 138-139). As intervenções no Castelo de Castro Marim conduzidas por Ana Margarida Arruda conduziram à descoberta de uma moeda de chumbo com a legenda *Baes* numa camada datada do período romano-republicano vieram corroborar esta hipótese (ARRUDA, 1997, p.111). Como afirmou António Faria a “*importância de que se reveste este achado é bem evidente, porque vem desvanecer definitivamente as dúvidas que ainda subsistiam a respeito da identificação de Baesuris com Castro Marim*” (FARIA, 1987).

A moeda publicada por Mowat continha a legenda *M(arcus) ANT(onius) ANT(ullus) ET CONL(egae)* (MOWAT, 1900, 17-24), no reverso surgia a representação de 1 atum e a legenda *Baesuri* (FARIA, 1995, p. 143; GOMES, 1996, p. 25). Todo o processo de interpretação e leitura sobre esta cunhagem e o magistrado aludido foram recentemente sintetizados (*vide* AMELA VALVERDE, 2004, pp. 257-259; FARIA, 2006, p. 217), pelo que seria redundante abordarmos o assunto. Referimos, apenas, que a leitura de *os tria nomina* foi revista para *M. AN(ius) ANT.* (GOMES, 1996; CASTILLO, 1997, p.5; FARIA, 1999, p. 264; AMELA VALVERDE, 2004, p. 259; FARIA, 2006).

A presença de, pelo menos uma magistratura em Castro Marim significa que o sítio seria um *oppidum stipendiarium*, no quadro administrativo da Hispânia Ulterior (VIEGAS, 2011, pp. 514-515), conferindo “*grande verosimilhança à inclusão de Baesuri entre os nove oppida stipendiaria da Lusitânia cujos nomes Plínio não menciona*” (FARIA, 2006, p. 241).

*Baesuri*, como referimos, encontra-se mencionado no Itinerário de Antonino Pio, datado do século III, sítio que seria passagem em duas vias: uma que partindo deste núcleo seguia por *Myrtillis* em direcção a *Pax Iulia*, e outra que ligaria a zona costeira do Algarve, interligando as cidades de *Balsa*, *Ossonoba* e *Baesuri* (It. 431, 4; 431, 7). Robert Mowat associou igualmente este topónimo a uma referência efectuada na obra do geógrafo Anónimo de Ravenna (MOWAT, 1900, p. 17-24). Outros autores clássicos, apesar de referirem o território algarvio, não referem *Baesuri*, mencionando outras cidades como *Balsa* e *Ossonoba* (MELA, III, 1, 7; PLINIO, IV, 116). Estrabão refere-se ao Algarve como “*uma costa recortada por lagos e profundos estuários navegáveis*”, aludindo apenas à cidade de *Ossonoba* (ESTRABAO, III, 2, 5).

O concelho de Castro Marim, e não só a colina do Castelo, foi estudado por Estácio da Veiga e tem as primeiras menções de importância arqueológica, bem como o restante território algarvio, na obra “*As Antiguidades Monumentais do Algarve*”. Sabemos que o autor dedicou os últimos dias do mês de Março e quase todo o mês de Abril de 1877 aos trabalhos realizados no concelho de Castro Marim, analisando sobretudo os sítios da Almada d’Ouro e da Fornalha (CARDOSO e GRADIM, 2004, p.76).

Estácio da Veiga considerou Castro Marim “*um padrão nacional, que regista importantes factos históricos de singular recordação, um conjunto de varias antiguidades, um depósito de lendas e tradições. Tudo isto, porém, fica reservado para o seguimento desta obra, logo que tenha de ocupar-me do estudo da arqueologia histórica*” (VEIGA, [1887] 2005, II, pp. 406-407). Contudo, os dados referentes aos tempos históricos coligidos pelo autor nunca puderam ser por ele dados à estampa, sendo publicados por Maria Estácio da Veiga dos Santos (1971, 1972). Mais recentemente, os manuscritos e as ilustrações deixados por Estácio da Veiga para o volume V da sua obra foram integralmente publicados (VEIGA, 2006).

Estácio da Veiga faz diversas alusões a sítios arqueológicos do concelho de Castro Marim nos primeiros quatro volumes da sua obra, sendo estes principalmente relacionados com os vestígios pré e proto-históricos mencionando “*ter notado que muitos vestígios romanos e prehistoricos a um tempo circundavam aquelle ponto culminante* [o

Castelo de Castro Marim]” (VEIGA, [1887] 2005, II, p. 407). Nas referências que Estácio da Veiga redigiu sobre os períodos históricos da zona de Castro Marim encontram-se algumas menções a sítios com ocupações romanas. É neste contexto que menciona o sítio da Fornalha, onde o autor recolheu uma taça de *terra sigillata* (VIEGAS, 2011, p. 408), ou o Sobral (SANTOS, 1972, p. 350), onde posteriormente foram encontrados vestígios destruídos do que teria sido parte da via romana que chegava a *Baesuri* (CATARINO, 1997-1998, p. 245).

No sítio do Mau Dinheiro, relativamente perto do Sobral, foi registado a presença de uma necrópole de inumação (SANTOS, 1972, p. 348), sendo posteriormente assinalada a presença de *opus signinum*, por José Leite de Vasconcellos, em 1919 (VASCONCELLOS, 1919, p. 228), que também desenvolveu uma profícua investigação sobre a arqueologia do concelho de Castro Marim, nomeadamente, na sua “*viagem pelas ruínas até Castro Marim*” (VASCONCELLOS, 1900).

Leite de Vasconcellos assinala que “*o castelo fica em uma elevação, ao centro da vila. Tanto na área fechada pelas muralhas, como fora d’estas, nas encostas, aparecem muitos objectos romanos*” (VASCONCELLOS, 1917, pp. 138-139), acrescentando, mais tarde, que se encontravam “*asas de ânforas, cacos arretinos, tejos grossos quadrados*” (VASCONCELLOS, 1920, p. 225). O autor enfatizava, contudo, que “*todo o castelo está em ruínas*” (VASCONCELLOS, 1920, p. 225). De grande importância para a investigação sobre a ocupação romana do concelho de Castro Marim foi a descoberta do forno de ânforas no sítio de Olhos de S. Bartolomeu de Castro Marim (VASCONCELLOS, 1898, p. 329-336; VASCONCELLOS, 1900, p. 247), do qual Manuel Maia publica 12 ânforas do tipo Dressel 14, recolhidas por Leite de Vasconcellos (MAIA, 1979).

A investigação sobre o Castelo de Castro Marim evoluiu em conjunto com a investigação sobre a área circundante e da região. Os estudiosos do século XIX e XX pautaram a sua análise por estudos de cariz regional.

Neste sentido, tal como Estácio da Veiga, também o fundador do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia se refere ao sítio da Fornalha como tendo a presença de materiais romanos (VASCONCELLOS, 1920, p. 225). Assinala também a presença de materiais numa área adjacente à colina do Castelo, no sítio do Enterreiro, onde “*apareceram, segundo me disseram, muitas pedras-marmores avulsas, que tinham por baixo ossos «que se desfaziam ao ar». Em vez de pedras-marmores seria talvez melhor dizer simplesmente «pedras de calcareo», que eram sem dúvida tampas de sepulturas*” (VASCONCELLOS, 1920, p. 225). Esta referência parece relacionar-se com a recente

recolha de materiais no sítio do Enterreiro que atestam uma ocupação de período romano, dados à estampa por Ana Margarida Arruda e Carlos Pereira (ARRUDA e PEREIRA, 2015). O conjunto foi recolhido em prospecção e era constituído por ânforas, cerâmica com engobe negro, terra sigillata, paredes finas e cerâmica comum; pela localização dos achados e por se encontrarem bem preservados foi aventada a possibilidade de se estar perante um embarcadouro (ARRUDA e PEREIRA, 2015, p. 191). Apenas escavações futuras permitirão perceber se o local, a ser o mesmo, se trataria de uma necrópole ou uma estrutura portuária.

Na década de 1980, os trabalhos relacionados com a Carta Arqueológica do Algarve incidiram também no concelho de Castro Marim e resultaram na publicação de materiais de período romano encontrados em diversos sítios do concelho (GONÇALVES, 1981, p.177-181; GONÇALVES, ARRUDA e CALADO, 1996). Destes locais, sobressai pela sua ocupação em época romana o sítio da Lezíria, que ofereceu um numeroso espólio, nomeadamente, *terra sigillata* de produção itálica, sudgálica, campaniense, paredes finas e ânforas, tendo sido publicado parte do acervo (ARRUDA e DIAS, 1985).

Recentemente, os trabalhos efectuados no Forte de S. Sebastião também proporcionaram informações relevantes sobre a ocupação romana, principalmente referente ao período republicano (ARRUDA e PEREIRA, 2008). O estudo de Carlos Pereira sobre as “Necrópoles Romanas do Algarve” permitiu igualmente um incremento e sintetização dos conhecimentos acerca dos espaços de morte no concelho de Castro Marim (PEREIRA, 2014, pp. 68-72)

Para o desenvolvimento da arqueologia moderna no concelho de Castro Marim, destacamos o projecto de investigação que levou à realização das primeiras intervenções arqueológicas no Castelo de Castro Marim, dirigidas por Ana Margarida Arruda. Embora o local, como já mencionamos, estivesse referenciado como um sítio arqueológico de grande importância desde o século XIX, apenas conheceu a sua primeira intervenção em 1983. A colina onde se erigiu o castelo teve campanhas de escavação desde 1983 até 1988, retomadas entre 2000 e 2003.

Estas intervenções resultaram num abundante conjunto de dados que foram objecto de publicação, tanto sobre o desenvolvimento das escavações (ARRUDA, 1984; 1985; 1986; 1987; 1996; 1997), como incidindo sobre as ocupações mais antigas (ARRUDA, 1996; ARRUDA, 1997; ARRUDA, 1999-2000; ARRUDA, 2003; SOUSA, 2005; FREITAS, 2005; OLIVEIRA, 2006; ARRUDA, FREITAS e OLIVEIRA, 2007; ARRUDA e FREITAS, 2008; PEREIRA, 2008; ARRUDA *et al.*, 2009; SANTOS, 2009,

FERNANDES, 2009; ARRUDA *et al.*, 2013; GOMES e ARRUDA, 2013; FURTADO, 2014; ARRUDA, 2014), como as referentes ao período romano (ARRUDA, 1988; VIEGAS, 2003; ARRUDA *et al.*, 2006; VIEGAS, 2006; VIEGAS, 2011, pp.405-523; PEREIRA, 2008, PEREIRA, ARRUDA e SILVA, 2015). A cerâmica de paredes finas exumada das intervenções mencionadas é analisada na presente dissertação.

As prospecções realizadas no sítio, tanto dentro do perímetro amuralhado como fora, indiciavam uma ocupação que remontaria à Idade do Bronze, se prolongaria pela Idade do Ferro e pela ocupação romana, atingindo as épocas medieval e moderna (ARRUDA, 1997, p.112). Neste sentido, o programa de investigações orientava-se para estudar a diacronia do Castelo de Castro Marim, privilegiando-se a escavação em profundidade, sem descurar as leituras horizontais (ARRUDA, 1997, p.112).

As intervenções dividiram-se em duas fases, a primeira realizada entre 1983 e 1988, foi pautada pela metodologia, para os trabalhos de campo, desenvolvida em 1954 por Mortimer Wheeler, com as adaptações ao nível da colocação das banquetes, introduzidas pela actualização de Ferdiere (1980) (ARRUDA, 1986; 1997, p. 112; FREITAS, 2005, p.13-14). A segunda fase foi efectuada entre 2000 e 2003, e seguiu-se pelas normativas definidas por Philip Barker e Edward Harris (ARRUDA *et al.*, 2006).

As escavações permitiram confirmar os indícios entrevistos em prospecção com o início da ocupação a remontar à Idade do Bronze, nomeadamente com a intervenção em duas estruturas negativas, escavadas na rocha, com a presença de materiais típicos dessa cronologia (ARRUDA; 1997, p. 113; OLIVEIRA, 2006, pp. 62-67). O impacto do comércio com o Mediterrâneo oriental é perceptível no sítio, talvez já no final do século VIII a.C., com a presença de materiais exógenos, bem como pela edificação de estruturas habitacionais de planta retangular (ARRUDA, 1997, pp. 113-114; ARRUDA, 2003), datando, igualmente, desta época a construção de uma espessa muralha (5 m) (ARRUDA, 1997, pp. 113-114). Apesar destes dados, deve salientar-se que não foi possível atingir os estratos mais antigos da Idade do Ferro com frequência pois a quantidade de construções identificadas nos níveis superiores impediu a progressão da escavação em profundidade (ARRUDA, 1997, p. 114). Na passagem para a II Idade do Ferro as estruturas sofrem remodelações com a desactivação da muralha e a edificação de estruturas de maiores dimensões (ARRUDA, 1997, pp. 114-115).

### 1.3 Contexto estratigráfico das Paredes Finas do Castelo de Castro Marim

De modo a realizar esta breve síntese dos níveis romanos intervencionados no Castelo de Castro Marim, para além da bibliografia citada, utilizámos os relatórios das intervenções (ARRUDA, 1983; 1984; 1985; 1986; 1988b; ARRUDA *et al.*, 2003) e o recente trabalho de Catarina Viegas (VIEGAS, 2011, pp. 411-416).

Os materiais que comprovam a ocupação romana do Castelo de Castro Marim estão presentes em toda a área escavada (anexo 1, fig. 6). Encontram-se, contudo, na sua maioria, em níveis de deposição secundária, de aterro dos períodos Medieval/Moderno e entulhos contemporâneos.

Neste sentido, foi possível identificar espólio arqueológico demonstrativo de uma ocupação romana desde a campanha de 1983, embora sempre em níveis posteriores. Inclusive, em 1986, escavaram-se níveis com materiais romanos reutilizados (em F1 e E2), correspondentes a acrescentos à muralha da Idade do Ferro (ARRUDA, 1986, p. 33). Nesta vala de construção da muralha romana surgiram “*ânforas Dressel 1, terra sigillata itálica e cerâmica comum*” (ARRUDA, 1986, p. 33).

Apenas na campanha de 1987, foi possível escavar níveis arqueológicos bem preservados de período romano, concretamente, tardo-republicano, datados entre “60-30 a.C.” (ARRUDA, 1988a; 1997, p. 115), posteriormente, retificado para “50-30 a.C.” (VIEGAS, 2011, p. 414). Trata-se de um estrato escavado no Corte 3, situado em frente à fortaleza dita afonsina, formado pelas camadas 1, 2, e por vezes 3, nos quadrados B4, B5, B6, C4, C5, C6, D4 e D5, com uma grande presença de material arqueológico (ARRUDA, 1988a; 1997; VIEGAS, 2011, p. 414). Este depósito apresentava uma grande concentração de espólio cerâmico e fauna acumulados num curto espectro cronológico e que se estendia por uma área de 96 m<sup>2</sup>, sendo interpretado como um depósito ou lixeira (ARRUDA, 1997; ARRUDA *et al.*, 2006; VIEGAS, 2011, p.414). Estas camadas surgem no interior de construções datadas de período republicano, possivelmente, de carácter habitacional (anexo 1, fig. 7).

Deste estrato é provenientes grande parte da cerâmica de paredes finas republicanas do conjunto analisado nesta dissertação (anexo 2- tabela 2).

Embora seja significativo o conjunto de materiais referente ao período alto imperial, nomeadamente, a *terra sigillata* (VIEGAS, 2006; VIEGAS, 2011, pp. 437-473), os contentores anfóricos (ARRUDA *et al.*, 2006; VIEGAS, 2011, pp. 498-413) e os vidros (PEREIRA, ARRUDA e SILVA, 2015), este espólio não possui, na maioria dos casos,



dados estratigráficos fiáveis (ARRUDA, 1997; VIEGAS, 2011, p. 415; PEREIRA, ARRUDA e SILVA, 2015), uma vez que os contextos parecem ter sido muito afectados pelas ocupações posteriores.

Ainda assim, identificaram-se algumas unidades no corte 1, sobretudo, nos quadrados E2 e F2, que apresentam muito material romano de época imperial, embora, misturado com espólio de ocupações anteriores (ARRUDA, 1987; ARRUDA, 1988b; VIEGAS, 2011, p. 415).

No corte 2, quadrado A1, camada 2, foi exumado abundante espólio alto imperial, nomeadamente, *terra sigillata* de tipo itálico e sudgálico, que se associavam a um muro, datado por estes materiais (VIEGAS, 2011).

Também no corte 3, onde foi escavado o depósito republicano, identificou-se cerâmica de período imperial associado a estruturas (ARRUDA, 1986; 1987; 1988). No corte 4, registou-se uma situação análoga aos restantes contextos: grande quantidade de material imperial situado em depósitos remexidos.

No que concerne às campanhas mais recentes, foram identificadas em 2002, no sector 1, unidades alto imperiais preservadas, correspondentes a um nível de ocupação associado a estruturas, datado da primeira metade do século I d.C. (ARRUDA *et al*, 2003; VIEGAS, 2011, pp. 517-518). O estado de conservação não permitiu confirmar o carácter doméstico ou outro para o local. Não obstante, a presença na UE [373] de uma ânfora Halltern 70 quase completa, uma Drag. 15/17 igualmente inteira, um aspersório perfurado, um pequeno prato e cerâmica de paredes finas, associado a outros materiais, levou à proposta de uma função religiosa para o local (VIEGAS, 2011, p. 517-518). Seguindo a hipótese do cariz ritual poder-se-ia ver manutenção, no mesmo local, de uma ocupação semelhante da Idade do Ferro (ARRUDA, FREITAS e OLIVEIRA, 2007; ARRUDA *et al.*, 2009; GOMES, 2012) que se manteria depois com a edificação de uma capela no mesmo local, já integrada no Castelo Medieval.

Embora alguma da cerâmica de paredes finas imperial seja oriunda de contextos seguros, a maioria dos materiais surge em unidades estratigráficas de deposição secundária. Nomeadamente, a UE [385], de onde foram exumadas a maioria da cerâmica de paredes finas deste período, correspondente ao enchimento da fossa da época moderna [382]. Também a UE [360], unidade que cobria toda a área de escavação, forneceu um considerável acervo material.

Para períodos posteriores ao final do século I d.C., não existem quaisquer unidades estratigráficas seguras, encontrando-se os escassos materiais com datação baixo imperial

em deposição secundária. Os vestígios materiais referentes ao período alto imperial são significativos, no entanto, são raros os elementos que remetem para o baixo império, ou seja, nos finais do século I/início do II d.C., existe uma ruptura das importações no Castelo de Castro (ARRUDA *et al.*, 2006; VIEGAS, 2011; PEREIRA, ARRUDA e SILVA, 2015).

## 2. A Cerâmica de Paredes Finas

### 2.1 Conceito

“Un vase à parois fines est un bol, un gobelet ou une tasse,  
à la parois relativement mince, lisse ou décorée,  
recouverte ou non de reflets métallisés”  
(Mayet, 1980, p.201)

O conceito de cerâmica de paredes finas (“*paretti sottili*”) é utilizado pela primeira vez de forma sistemática na obra de Nino Lamboglia (LAMBOGLIA, 1950) e, apesar da sua ambiguidade e limitações, vulgarizou-se entre os investigadores de cerâmica de época romana. Esta denominação inclui um conjunto heterogéneo de produções, montadas ao torno, com atributos técnicos e morfológicos que variam consideravelmente, mas que partilham determinadas características (MARTIN HERNANDEZ, 2008, pp. 39-40).

A cerâmica de paredes finas é enquadrada geralmente entre as categorias de olaria fina, destinadas ao serviço de mesa (MAYET, 1975a, pp. 5-6), ainda que inicialmente, alguns autores as tenham inserido nas denominadas “cerâmicas comuns” (VEGAS, 1964, pp. 27-35).

A designação de paredes finas remete imediatamente para uma das principais particularidades desta categoria, a reduzida espessura da parede, situada teoricamente entre os 0,5 e 5 mm, sendo maioritárias as peças que apresentam 2 a 2,5 mm (MAYET, 1975a, pp. 3-4; MINGUEZ MORALES, 1991, p. 15). Contudo, nem todos os artefactos que possuem esta prerrogativa se enquadram nas produções de paredes finas, o que tornou necessário a definição de outras características para circunscrever este conceito.

Uma das características desta categoria é a morfologia dos materiais que nela se enquadram. Constituídos maioritariamente por copos e taças, manifestam um dos traços comuns destas produções. As formas de paredes finas remetem para a funcionalidade de *vasa potoria*, recipientes para beber, sendo esta particularidade, para Françoise Mayet, a que melhor define esta categoria cerâmica (MAYET, 1975a, pp. 3-4; MAYET, 1975b, p.97; MAYET, 1980, p. 201). Neste sentido, J. Bulliot quando trabalhou o acervo proveniente das intervenções no Mont Beavray, no final do século XIX, considerou esta singularidade como distintiva deste tipo de olaria, agrupando o conjunto estudado sob a epígrafe “vasos para beber” (BULLIOT *apud* MINGUEZ MORALES, 1991, p. 21).

Em geral, o tratamento das superfícies que as produções de paredes finas apresentam afigura-se como outro dos denominadores comuns desta categoria e pode dividir-se em dois grupos:

- o primeiro verificou-se genericamente entre o período Romano Republicano e o principado de Augusto, onde as produções não possuem engobe, mas apresentam frequentemente um alisamento da superfície externa das peças e, por vezes, polimento (MAYET, 1975a, p. 5; MINGUEZ MORALES, 1991, p. 16). O segundo grupo que se inicia, grosso modo, durante os principados de Augusto e Tibério, onde a cerâmica de paredes finas passa a ser maioritariamente revestida com engobe, podendo ser aplicado em ambas as faces ou apenas na exterior (MAYET, 1975a, p. 5; MINGUEZ MORALES, 1991, p. 16).

As decorações constituem outro dos elementos análogos aos diversos fabricos de paredes finas, pois são utilizadas em diversas regiões de produção. Três técnicas, que embora não sendo exclusivas destas produções, são muito típicas desta categoria: a *“arenosa, as incisões ou gilhochés, e os relevos a barbotina”* (MAYET, 1975a, p. 6; MINGUEZ MORALES, 1991, p. 17).

Por fim, a qualidade das pastas que constituem as diversas produções de paredes finas, identificada sobretudo pela diminuta dimensão dos elementos não plásticos, constitui uma das características tecnológicas comuns a estas peças (MAYET, 1975, pp. 4-5; LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 150).

Importa clarificar que em algumas produções, nem todas as premissas expostas são observadas, sendo estes fabricos, pelas características técnicas, semelhantes a produções de cerâmica “engobada” ou mesmo de cerâmica comum (MINGUEZ MORALES, 1991, pp. 17-18; RONDA FEMENIO, TENDERO PORRAS, 2014).

Pelo exposto, e tendo também em consideração a definição de Fraçoise Mayet: *“un vase à parois fines est un bol ou un gobelet, lisse ou décoré, à parois relativement mince, recouvert ou non d’un engobe, orangé le plus solvant et plus ou moins brillant”* (MAYET, 1975, p. xii), compreendemos que o conceito de paredes finas é ambíguo pois apesar de englobar um conjunto de materiais com algumas características comuns, abrange materiais de diversas áreas de produção o que dificulta uma definição clara e unitária (LÓPEZ MULLOR, 1989, pp.13-14; MINGUEZ MORALES, 1991, p. 17). Neste sentido, a autora francesa propunha que com o aprofundar dos conhecimentos, à terminologia geral – paredes finas-, se acrescentasse o local de produção o que permitiria *“une différenciation sans provoquer de bouleversements”* (MAYET, 1975a, pp. xi-xii).

Utilizaremos assim a designação de paredes finas, tal como primeiramente proposto por Lamboglia, por considerarmos tratar-se de uma solução prática e generalizada, sempre com consciência das suas limitações (LAMBOGLIA, 1975, p. 97). Para uma diferenciação entre as diversas produções, ao conceito geral juntaremos, sempre que possível, a área de produção, seguindo a indicação exposta por Françoise Mayet.

## 2.2. Funcionalidade

Como mencionado previamente, a funcionalidade atribuída à cerâmica de paredes finas advém das suas características morfológicas, com reportórios cerâmicos constituídos principalmente por copos e taças, que serviriam como *vasa potoria*, ou seja, recipientes para beber (MAYET, 1975a, pp. 3-6; LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 149). Contudo, Carme Puerta ao analisar os atributos formais da cerâmica de paredes finas sugeriu que poderiam igualmente ser utilizados para armazenar ou servir líquidos (PUERTA I LÓPEZ, 1989, p. 13).

Outros autores (MARTIN HERNANDEZ, 2008, p. 40) acrescentam a possibilidade destes materiais desempenharem alguma função nos rituais funerários, devido à sua constante presença em necrópoles e conjuntos sepulcrais, visíveis, por exemplo, nos casos da necrópole de Porta Nocera, Pompeia (TUFFREAU-LIBRE, 2013, pp.1066-1068), de Puig des Molins, Eivissa (FERNANDEZ GOMEZ, 1992, pp. 209-219), de Carmona, Sevilha (BENDADAL GALAN, 1976), de *Baelo*, Cádiz (REMESAL, 1979), de Santo André, Montargil (VIEGAS, NOLEN e DIAS, 1981, pp. 55-64), bem como em diversas necrópoles algarvias (PEREIRA, 2014).

A utilização deste tipo de cerâmicas em contextos culturais, inferidas por decorações de possível carácter ritual (AMARÉ TAFALLA *et al.*, 2000/2001, p. 163), foi igualmente sugerido (MARTIN HERNANDEZ, 2008, p. 40). A presença de paredes finas em santuários como Las Atalayuelas, Jaén (RUEDA GALÁN, 2005), e Castrejón del Capote, Badajoz (BERROCAL-RANGEL e RUIZ TRIVIÑO, 2003, pp. 147-158) parece corroborar esta hipótese.

## 2.3 História das Investigações

Vê-se mais claro, por vezes, naquele que mente do que no que fala verdade. A verdade cega, como a luz. A mentira, pelo contrário, é um belo crepúsculo que realça cada objecto.  
(Albert Camus, *A Queda*, pp.93-94)

Não pretendemos neste capítulo fazer uma revisão exaustiva da história das investigações sobre a cerâmica de paredes finas uma vez que, na nossa perspectiva, o tema se encontra bem dissecado em algumas obras de referência (LÓPEZ MULLOR, 1989, pp. 7-12; MINGUEZ MORALES, 1991, pp. 21-36). cremos que procurar fazê-lo levaria apenas a uma revista dos dados já expostos, sem particular interesse. Por conseguinte, procurámos analisar os momentos mais importantes no estudo desta categoria focando sobretudo os trabalhos mais recentes, ausentes das obras citadas, por estas terem sido publicadas há mais de duas décadas. Este trabalho torna-se importante pois mesmo nas obras mais recentes como a de Martin Hernandez (MARTIN HERNANDEZ, 2008, pp. 42-50) que, apresentando um “estado da arte” bastante aturado, se foca na área do acampamento da *Legio VI Victrix*, Leon, ou seja, no noroeste peninsular, não reflectindo sobre alguns estudos que nos parecem relevantes.

Ao contrário de outras categorias cerâmicas como as ânforas e a *terra sigillata*, as paredes finas não mereceram a atenção dos investigadores do período romano até um momento relativamente recente, datando os primeiros trabalhos monográficos sobre o tema da segunda metade do século XX.

Pelo exposto, afigura-se como sintomático que algumas das primeiras referências a artefactos de paredes finas sejam provenientes de contextos de necrópole, onde o espólio é exumado mais completo, como nos trabalhos sobre o cemitério de Ornavasso, na revisão efectuada por Jörn Graue (GRAUE, 1974, principalmente pp. 92-94), nas necrópoles do actual cantão suíço de Ticino (SIMONETT, 1941), na necrópole de Carmona, Sevilha (BONSOR, 1931, pp. 68-75), ou na necrópole de *Baelo*, Cádiz (PARIS *et al.*, 1926, II). Também a análise realizada por Sigmund Loescheke acerca do espólio proveniente do acampamento militar romano de Haltern apresenta, entre o acervo analisado, a cerâmica de paredes finas (LOESCHEKE, 1909).

Apesar de existirem, como mencionámos, algumas alusões anteriores a materiais que actualmente podem ser enquadrados nas produções de paredes finas, normalmente

publicadas sob a denominação genérica de “cerâmica romana”, o estudo sistemático sobre esta categoria, bem como de muitas outras, inicia-se com os trabalhos de Nino Lamboglia.

O autor constitui um marco importante no estudo de contextos romanos, *lato sensu*, pois na análise que realizou ao sítio de *Albintimilium* utilizou os princípios da estratigrafia no estudo do acervo exumado (LAMBOGLIA, 1947; LAMBOGLIA, 1950). Por conseguinte, os materiais passam a ser apresentados por estratos e tornam-se importantes elementos para a aferição cronológica do local (LAMBOGLIA, 1947; LAMBOGLIA, 1950). Esta metodologia tornava premente o conhecimento de paralelos para os materiais encontrados, o que levou aos primeiros esboços de cartas de distribuição de elementos vasculares e demonstrava a presença de algumas categorias cerâmicas em diversas regiões (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 8; MARTIN HERNANDEZ, 2008, p. 43).

A partir do final da década de 30 e inícios da década seguinte, ao analisar os materiais exumados das intervenções arqueológicas em *Albintimilium*, Nino Lamboglia utilizou a designação de paredes finas, iniciando o seu estudo sistemático e apresentando um enquadramento cronológico para esta categoria (LAMBOGLIA, 1950). A terminologia e um primeiro esboço tipológico, já com relevantes dados cronológicos, tinham sido definidos pelo autor italiano na recensão que efectuou ao trabalho de Cristofor Simonett (1941) sobre as necrópoles romanas do actual Cantão Ticino (LAMBOGLIA, 1943, pp. 321-325). Com base nestes trabalhos começaram a surgir mais dados sobre a cerâmica de paredes finas e, sobretudo, a avolumar-se os dados cronológicos para esta categoria, nomeadamente na zona da Ligúria (LAMBOGLIA, 1947, pp. 171-177; PORTO, 1952; UCO e LAMBOGLIA, 1956; LAMBOGLIA, 1956).

Na Península Ibérica, os estudos que incidem sobre esta categoria começam igualmente a surgir na sequência dos trabalhos de Nino Lamboglia, no início da década de 50. Martin Almagro Basch no trabalho que efectua sobre as necrópoles de Ampúrias, analisa um conjunto de materiais sob a designação de paredes finas, diferenciando-o da cerâmica dita comum (ALMAGRO BASCH, 1953; ALMAGRO BASCH, 1955). Nesta investigação, o autor identifica produções locais de paredes finas, que classifica de imitações regionais, distinguindo-as das cerâmicas *gris ampuritana* (ALMAGRO BASCH, 1953, 265-267). Esta rápida absorção e utilização do conceito de paredes finas ficou a dever-se igualmente ao trabalho que o autor peninsular desenvolveu com Nino Lamboglia (LÓPEZ MULLOR, 1989, pp. 7-9).

No entanto, este trabalho sobre as cerâmicas de paredes finas não tem continuidade nos anos 50 e 60, salvo raras excepções. A título de exemplo, na análise

efectuada ao material do período romano da Ágora de Atenas, que apresenta um importante manancial de produções de paredes finas, estas não foram abordadas de modo global nem comparadas com os dados existentes (ROBINSON, 1959, pp. 23-30 e imagens da *plate* 4).

Durante a década de 60, no que concerne à investigação sobre a cerâmica de paredes finas, merecem referência os trabalhos de Mercedes Vegas acerca dos conjuntos exumados nas intervenções em *Pollentia*, Maiorca (VEGAS, 1963-64; VEGAS, 1964, pp. 27-35). Estes trabalhos aportam um volume de informação relevante, com diversos paralelos, o que permitiu uma aferição cronológica mais precisa. apresentando inclusive mapas de dispersão de formas (VEGAS, 1963-64; VEGAS, 1964, pp. 27-35) A autora realizou uma aturada compilação bibliográfica que assentou as bases para a compreensão do processo de comercialização da cerâmica de paredes finas (VEGAS, 1963-64; 1964). No entanto, denota uma compreensão exclusivamente tipológica desta categoria cerâmica sem ter em consideração os diferentes centros produtores.

Finalmente, iniciam-se as análises em torno da produção destas cerâmicas com os trabalhos sobre o centro produtor de Sutri (REYNOLDS, 1958; DUNCAN, 1964; DUNCAN, 1965). Esta investigação é relevante pois tem por base um trabalho sistemático sobre a região onde insere o sítio de *Sutrium* (REYNOLDS, 1958), e, posteriormente, a escavação e análise do acervo recolhido durante as intervenções no local, nomeadamente, as paredes finas (DUNCAN, 1964; DUNCAN, 1965). Um trabalho igualmente importante para o conhecimento de um centro produtor, este na Hispânia, é o trabalho de Purificacion Atrian Jordan, em 1967, acerca de Rubielos de Mora, que apesar de incidir sobre materiais provenientes de prospecção arqueológica, deu à estampa um sítio que manufacturou cerâmica de paredes finas (ATRIAN JORDAN, 1967; ATRIAN JORDAN *et al.*, 1980, pp. 208-210).

Com o início do trabalho sobre a cerâmica de paredes finas por Nino Lamboglia, continuado por diversos autores, surgiram as primeiras monografias dedicadas exclusivamente ao tema. No início da década de 70, surgem duas obras de referência sobre o tema. Primeiro a obra sobre as cerâmicas de paredes finas (*thin walled pottery*) de Cosa, referente às campanhas de 1948-1954, realizado por Marabini Moevs (1973) e, posteriormente o trabalho de Françoise Mayet (1975a) sobre as paredes finas (*parois fines*) da Península Ibérica.

A monografia realizada por Marabini Moevs (1973) incidiu sobre as paredes finas exumadas nas intervenções de Cosa e representa a primeira tipologia decorrente do estudo



de um conjunto italiano depois da realizada por Nino Lamboglia, contendo importantes dados cronológicos assentes na estratigrafia de Cosa (MOEVS, 1973). Este trabalho aduz uma aturada reflexão sobre a génese e as influências das produções de paredes finas, aumentando consideravelmente a diversidade formal representada, quando comparada com as tipologias criadas por Lamboglia e Mercedes Vegas (MOEVS, 1973). Como referimos, por assentar na estratigrafia de Cosa contém importantes precisões cronológicas principalmente no que concerne às produções da Península Itálica, pois outros tipos de produções, como as béticas, encontram-se parcamente representadas (MOEVS, 1973).

Dois anos volvidos, surge o trabalho de Françoise Mayet - *Les céramiques à parois fines dans la Peninsule Ibérique*- que apresenta uma nova tipologia, realizada com base em materiais analisados pela autora em diversas instituições peninsulares e numa extensa recolha dos dados publicados, culminando numa tabela muito completa das paredes finas presentes na Península Ibérica (MAYET, 1975). O estudo da autora francesa, tal como o de Marabini Moevs, concretiza-se numa tipologia que privilegia a morfologia dos materiais, procurando uma sucessão cronológica na sua tabela de formas (MAYET, 1975). Esta obra aborda, pela primeira vez de um modo integrado, as produções peninsulares, mormente, as de Mérida, das Baleares e da Bética, procurando agregar sequencialmente as suas manufacturas (MAYET, 1975).

Concomitantemente surgem as primeiras obras sobre centros produtores de paredes finas da Bética, referentes ao sítio de Andújar, que apesar de manufacturar essencialmente *terra sigillata* hispânica tinha uma produção minoritária de paredes finas (ROCA, 1976; SOTOMAYOR, ROCA, SOTOMAYOR, 1979). Também o centro de Melgar de Tera com uma importante expressão no noroeste peninsular é dado à estampa (MARTIN VALLS e DELIBES, 1976). Em meados da década de 70, José Remesal aduz novas informações sobre as paredes finas produzidas no sudoeste peninsular nos seus trabalhos sobre materiais de *Baelo* (REMESAL RODRIGUEZ, 1975; REMESAL RODRIGUEZ, 1979).

Os centros produtores da Gália são igualmente alvo de diversas publicações, nomeadamente, Lezoux (GOURVEST, 1970-71), La Graufesenque (BÈMONT, 1982), La Murette (LASFARQUES e VERTET, 1979) e os materiais de Glanum (BÈMONT, 1976), onde Collete Bémont apresenta uma grande variedade de decorações presentes no sítio, efectuadas, principalmente, pela técnica da barbotina (BÈMONT, 1976, pp. 269-275). A monografia de Catherine Grataloup intitulada *Les céramiques à parois fines (Rue*

*des Farges à Lyon*), surge como uma obra fundamental sobre as cerâmicas de paredes finas. Versando sobretudo sobre as produções da Gália a autora realiza uma nova tipologia para os materiais que analisa, tendo em consideração os dados publicados de outros sítios da região (GRATALOUP, 1988).

O nordeste espanhol tem, neste período, uma série de publicações da autoria de Alberto López Mullor, que incidem sobre cerâmica de paredes finas provenientes dessa região (LÓPEZ MULLOR, 1975; 1975; 1977).

No que concerne ao *limes* germânico, o trabalho realizado por Schindler Kaudelka sobre as paredes finas de Magdalenberg oferece um interessante conjunto de materiais, ordenados tipologicamente e com uma cronologia fiável (SCHINDLER-KAUDELKA, 1975). No mesmo sentido, para a *Britannia* a obra de Greene, em 1979, acerca dos materiais de Usk fornecem um interessante panorama sobre as produções britânicas, apresentando igualmente outras produções, designadamente importações da Bética (GREENE, 1979).

No início da década de 80, surgiu a obra de Andreina Ricci no *Atlante delle forme ceramiche* que apesar de aduzir poucas novidades em termos de morfologia, constitui um compêndio muito completo das produções de paredes finas, principalmente, daquelas produzidas na Península Itálica (RICCI, 1985). A tabela criada por Ricci tem como ponto de partida a morfologia dos materiais, como as precedentes, mas apresenta-se como uma tipologia “não hierárquica” e “aberta” à qual podem ser acrescentadas novas formas (RICCI, 1985, p. 242). Baseia-se em duas classes diferentes: os copos e as taças, que se desenvolvem em tipos, não coincidentes com o tipo-ideal, e onde não existem variantes (RICCI, 1985, p. 242). A monografia da autora italiana evidencia uma aturada reflexão sobre os centros produtores, principalmente os da Península Itálica (RICCI, 1985). A autora apresenta as decorações separadas da tipologia geral, o que não facilita correlações entre formas e determinadas decorações, não permitindo uma percepção da importância dos padrões decorativos na cerâmica de paredes finas (RICCI, 1985). Também a abordagem às manufacturas exteriores à Península Itálica é realizada de maneira superficial, com escassa sustentação bibliográfica, baseando-se exclusivamente na obra de Françoise Mayet.

O estudo da cerâmica de paredes finas no sudeste da Península Ibérica tem, no final da década de 80, um considerável estímulo com a publicação das monografias de Alberto López Mullor (1989) e Carme Puerta i López (1989). A monografia da autora espanhola incide sobre os materiais exumados nas intervenções de *Baetulo* e inclui um

grande e diversificado conjunto desta categoria (PUERTA i LÓPEZ, 1989). Nesta obra, estas cerâmicas são classificadas segundo as tipologias de Françoise Mayet (1975) e Marabini Moevs (1973), sendo criadas algumas formas novas para os materiais de produção local (PUERTA i LÓPEZ, 1989).

Alberto López Mullor estuda um conjunto de materiais recolhidos em diversas intervenções na área catalã. O autor utiliza, mais uma vez, as tipologias de Françoise Mayet (1975) e Marabini Moevs (1973), realizando uma cuidada revisão da tipologia criada pela autora francesa, com a inclusão de novas morfologias e a precisão de algumas formas que se encontravam pouco explícitas, nomeadamente, no que concerne às formas XXXVII e XXXVIII (LÓPEZ MULLOR, 1989). Esta obra demonstra uma importante recolha bibliográfica para as morfologias apresentadas, resultando em elucidativos mapas de distribuição de materiais (LÓPEZ MULLOR, 1989). O autor aborda igualmente as produções peninsulares coligindo um vasto manancial informativo relativos às produções do sudeste peninsular e das baleares, principalmente de Ibiza (LÓPEZ MULLOR, 1989).

Aos trabalhos sistemáticos sobre a zona catalã junta-se a investigação desenvolvida por Minguez Morales acerca da região do vale médio do Ebro (MINGUEZ MORALES, 1990a, 1990b, 1991, 1991-92, 1998, 2000, 2002, 2003). O mesmo autor, no início dos anos 90, realiza uma obra de síntese acerca das diferentes tipologias realizadas para a cerâmica de paredes finas, abordando detalhadamente as diversas áreas de produção, que constitui um compêndio incontornável no estudo das produções de paredes finas (MINGUEZ MORALES, 1991),

A partir do final dos anos 80 e na década seguinte existe um aumento exponencial da informação relativa ao estudo da cerâmica de paredes finas, com trabalhos sobretudo em torno dos centros ou áreas de produção, nomeadamente, no que concerne à área de Ampúrias (LÓPEZ MULLOR, 1989), da Bética (LÓPEZ MULLOR, 1989; PEINADO ESPINOSA *et al.*, 2014; PEINADO ESPINOSA *et al.*, 2015), também sobre La Rioja (LUEZAS PASCUAL, 1995), Ibiza (LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002, 2003), Mérida (RODRIGUEZ MARTIN, 1996a, 1996b; RODRIGUEZ MARTIN e MARTIN HERNANDEZ, 2006) e o noroeste peninsular (MARTIN HERNANDEZ, 2008).

Também os centros de manufactura extra peninsulares foram abordados, concretamente, os da Gália (BERTRAND *et al.*, 1997; BERTRAND, 2000a; 2000b; 2005), Sardenha (PINNA, 1986), Sicília (DENARO, 2008, 2014; MALFITANA *et al.*, 2014; MALFITANA *et al.*, 2015), zona centro itálica (FAGA, 2011; GIANOSSA *et al.*,

2012; CAVASSA *et al.* 2013), em particular os estudos acerca da área de Nápoles (FAGA, 2008; 2010a; 2010b; GUARINO *et al.*, 2016). Estes trabalhos aportam novidades relevantes no estudo da cerâmica de paredes finas e expõem as diferenças entre os diversos centros produtores, demonstrando que a análise das produções é importante para a atribuição formal e cronológica desta categoria cerâmica.

Recentemente, no Manual de Cerâmica Romana, Alberto López Mullor realiza uma síntese sobre a história das investigações, a evolução morfológica e os diversos centros produtores da cerâmica de paredes finas, focando-se, sobretudo, nas produções da franja litoral do sudeste peninsular e Ibiza (LÓPEZ MULLOR, 2013).

O início da utilização de estudos arqueométricos na análise de produções de paredes finas, concretamente, algumas manufacturas da Península Itálica, reforçam os estudos sobre os centros produtores e revelam-se indispensáveis para a investigação desta olaria (CAVASSA, 2008; FAGA, 2010b; GIANOSSA *et al.*, 2012; CAVASSA *et al.*, 2013; GUARINO *et al.*, 2016).

### **2.3.1 O estudo em Portugal**

O início do estudo da cerâmica de paredes finas em Portugal é relativamente tardio. Ao contrário de outras categorias oleiras do mundo romano que tiveram precocemente a atenção dos investigadores, as paredes finas, devido às suas características intrínsecas e, principalmente, ao grau de fragmentação aquando da recolha, foram descuradas nos estudos de acervos resultantes de intervenções arqueológicas. Neste sentido, durante décadas, ainda que existissem obras que apresentassem este tipo de olaria, tratavam-se normalmente de publicações gerais, onde estas cerâmicas surgiam sob a designação genérica de cerâmica comum romana.

Os primeiros trabalhos publicados de um modo sistemático com a menção a produções que enquadrámos dentro da cerâmica de paredes finas são os referentes às necrópoles da região de Elvas (VIANA e DEUS, 1950a; 1950b; 1955; 1958; ANDRADE, FERREIRA e VIANA, 1957). Nestas breves menções os autores referiam-se a esta categoria como “*exemplares cerâmicos (barbotina)*” ou, mais concretamente, “*vasijas de barro blanco amarillento (barbotina)*” (VIANA e DEUS, 1950 a, por exemplo pp. 240-241). Howard Comfort nos trabalhos que desenvolve acerca de acervos presentes no actual Museu Nacional de Arqueologia, nomeadamente, no que concerne a materiais algarvios e de Mértola, apresenta, sob a epígrafe de “*miscellaneous non-sigillata*”,

materiais enquadráveis nas produções de paredes finas, alguns descritos como “*paretti sottili*” (COMFORT, 1959, pp. 8-10 e 12), seguindo já a designação atribuída por Nino Lamboglia nos finais da década de 40. No caso da cerâmica de Mértola, Comfort aduz inclusivamente a hipótese de um fragmento ter produção em Espanha - «*spanish barbotine cup from Mértola*» - (COMFORT, 1959, p. 9).

Os trabalhos de Jorge Alarcão e Adília Alarcão, a partir dos anos 60, sobre as necrópoles da Valdoca, em Aljustrel (ALARCÃO e ALARCÃO, 1966), do Monte Farroboa (ALARCÃO, 1974, pp. 23—24) e da *villa* romana de Cardílio (ALARCÃO e ALARCÃO, 1967) aduzem novos dados à investigação da cerâmica de paredes finas, estudando esse espólio, com referências aos trabalhos mais recentes sobre a temática.

Contudo, e apesar destes trabalhos anteriores, o estudo da cerâmica de paredes finas surgiu em Portugal de um modo sistemático com os trabalhos de Françoise Mayet, principalmente, os que foram realizados sobre os conjuntos de *Conimbriga* (1971, 1975b, 1976), de Abul (MAYET e SILVA, 2002, pp. 26-27 e 44-45) e sobre materiais que faziam parte de colecções de museus abordados na sua obra monográfica (MAYET, 1975a). Esta obra colige um grande conjunto de dados relativos ao actual território português, com a apresentação de novos dados e a criação de uma tipologia que se tornou incontornável no estudo da cerâmica de paredes finas, nomeadamente, para contextos peninsulares (MAYET, 1975a). Os trabalhos subsequentes sobre esta categoria cerâmica feitos neste território, independentemente da sua área de produção, fizeram uso da tabela tipológica assim apresentada.

Jeannette Nolen trabalhou recorrentemente temáticas relacionadas com as cerâmicas de paredes finas, seja sobre a terminologia das suas decorações (NOLEN, 1976a), ou estudando conjuntos e peças únicas de diversos sítios como Lisboa (NOLEN, 1976b), *Miróbriga* (NOLEN, 1976-77), Torre de Ares (NOLEN, 1994, pp. 55-61), necrópole de Santo André (VIEGAS *et al.*, 1981, pp. 55-64), ou o escasso material, no que concerne às paredes finas, proveniente da *villa* do Alto da Cidreira (NOLEN, 1988, pp. 71-72). A autora realizou igualmente a revisão bibliográfica de diversas obras sobre o tema, nomeadamente, dos trabalhos de Françoise Mayet (NOLEN, 1976, pp. 19-27), de López Mullor e de Carme Puerta i López (NOLEN, 1991, pp. 206-209).

Também Élvio de Sousa e Eurico Sepúlveda aportam relevantes informações acerca de centros consumidores de paredes finas em Portugal, concretamente com trabalhos sobre os materiais provenientes do Castelo do Vale de Mértola (SOUSA, 1995), de três necrópoles do concelho de Elvas (SEPÚLVEDA e CARVALHO, 1998), do

Castelo de Alcácer do Sal (SEPÚLVEDA *et al.*, 2003, pp. 384-385) e da *villa* romana da sub-serra de Castanheira do Ribatejo, Vila Franca de Xira (SEPÚLVEDA e RIBEIRO, 2009, pp. 50-51).

A partir dos anos 90, a cerâmica de paredes finas merece já uma menção nos trabalhos sobre sítios romanos em Portugal. Não obstante, o seu estudo é quase sempre superficial, de cariz apenas formal, não sendo referidas proveniências dos materiais ou apenas atribuições genéricas, como por exemplo, produções itálicas. As produções de paredes finas não são abordadas de um modo aprofundado e, normalmente, os conjuntos não são estudados integralmente.

Neste contexto, os trabalhos sobre os sítios mais antigos, de período romano republicano até ao principado de Augusto, ganham relevância pela sua escassez, nomeadamente, os estudos do sítio de Cabeça de Vaiamonte, Monforte (FABIÃO, 1996, 1998), Mesas do Castelinho, Almodôvar (FABIÃO, 1995; 1998), Pedrão (SILVA e SOARES, 1975), Castro de Chibanes, Palmela (SILVA e SOARES, 2012), Alto dos Cacos (PIMENTA, HENRIQUES e MENDES, 2012; PIMENTA, MENDES e HENRIQUES, 2014), e diversos conjuntos de diversos pontos da cidade de Lisboa (MOTA, PIMENTA e SILVA, 2014; PIMENTA *et al.*, 2014), sendo a maioria destes conjuntos pequenos ou estando apenas publicados parte do acervo. Merecem destaque, neste período, as publicações referentes aos sítios de Santarém (ARRUDA e SOUSA, 2003) e do Castelo da Lousa (MORAIS, 2010) pelo estudo integral dos conjuntos e pelo volume de cerâmica de paredes finas.

No que concerne a análises que incluem conjuntos de cerâmica de paredes finas de período imperial, mais concretamente, a partir do principado de Tibério, os estudos são mais frequentes, merecendo especial menção, pela dimensão e diversidade dos conjuntos, os sítios de *Conimbriga* (MAYET, 1970; 1975b), Torre d'Ares (NOLEN, 1994), *Bracara Augusta* (MORAIS, 1997-98, pp. 64-65, MORAIS, 2005a, 2005b) e vários conjuntos provenientes de diversos pontos da cidade de Lisboa (SILVA, 2013; 2015).

Os estudos de cerâmica de paredes finas conduzidos por Rui Morais (MORAIS, 2005, 2010) merecem menção pois, na senda do realizado por Carlos Fabião (1998), abordam os conjuntos de paredes finas utilizando tipologias de autoras italianas, neste caso, Andreina Ricci, para as produções da Península Itálica, recorrendo à tabela tipológica de Françoise Mayet para as manufacturas da Península Ibérica. Assim, estes autores deixam de aplicar a tabela tipológica da autora francesa para todas as cerâmicas

de paredes finas independentemente da sua área de produção, procurando adoptar tipologias que melhor se coadunem com as áreas de proveniência dos materiais.

A produção de paredes finas no actual território português foi alvo de estudo por diversos autores. O primeiro local para o qual foi proposta uma produção de cerâmica de paredes finas foi *Bracara Augusta*, por Adília Alarcão e Alina Martins (ALARCÃO e MARTINS, 1976), hipótese confirmada pelos trabalhos de Rui Morais (MORAIS, 2005a). Ao estudar o sítio de Abul, Françoise Mayet aborda um conjunto que considera “*imitações da cerâmica de paredes finas*” em produções locais (MAYET e SILVA, 2002, pp. 30-31, e 48).

No estado actual dos nossos conhecimentos, existe apenas um centro produtor de paredes finas no território hoje português que se encontra escavado e cujas produções aí recolhidas foram alvo de análises arqueométricas. Trata-se do Morraçal da Ajuda, Peniche (CARDOSO *et al.*, 2006, pp. 271-273), cujo volume de produção e área de influência são, até ao momento, desconhecidos.

## **2.4 Centros produtores**

Neste capítulo, abordaremos a história das investigações dos centros produtores de cerâmica de paredes finas. Não procuramos, contudo, uma revisão aprofundada de todos os centros produtores conhecidos, uma vez que consideramos que essa análise se encontra efectuada em algumas obras de referência (RICCI, 1985; MINGUEZ MORALES, 1991). Faremos, portanto, uma revisão dos dados referentes aos centros produtores representados entre o acervo proveniente do Castelo de Castro Marim, focando essencialmente as investigações mais recentes posteriores às obras mencionadas.

Analisaremos igualmente os centros produtores da área que concerne ao actual território português. Tal como referido no capítulo anterior, estes encontram-se parcamente estudados, sendo pouco referidos nas obras de referência, mesmo nas monografias mais recentes, devido ao pouco interesse para o material em estudo (*vide* MARTIN HERNANDEZ, 2006). Este trabalho é igualmente pertinente pois, como se verá, consideramos plausível que alguns dos grupos técnicos trabalhados neste conjunto sejam originários de manufacturas oriundas do actual território português (*vide infra*).

A análise aos diversos centros produtores de paredes finas afigura-se imprescindível para a compreensão desta categoria cerâmica. Neste sentido, embora

numa primeira fase, no século II a.C. e no início da centúria seguinte, estas cerâmicas tenham sido quase exclusivamente importadas da Península Itálica, ao longo do século I a.C. surgiram diversas olarias nas províncias, nomeadamente, na Hispânia. Um fenómeno semelhante ao sucedido noutras categorias cerâmicas, como as ânforas, designado por Carlos Fabião de “*vitória do vizinho mais próximo*” (FABIÃO, 1998) defende um transporte de curta distância. Nas paredes finas esta ideia assume maior preponderância já que a fragilidade dos materiais, tornaria dispendioso o transporte de longo alcance (SHINDLER-KAUDELKA, 2012).

#### 2.4.1. Península Ibérica

As olarias identificadas que produziram cerâmica de paredes finas situadas no actual território português são escassas e os conhecimentos que temos sobre cada uma delas é, por norma, muito fragmentário.

A presença de um centro produtor na área de *Bracara Augusta* tinha sido proposta por Adília Alarcão e Alina Martins em 1976 (ALARCÃO e MARTINS, 1976). Este centro teria igualmente produzido outras categorias cerâmicas, nomeadamente, *terra sigillata* que imitaria formas das produções hispânicas e sudgálicas, assim como lucernas e cerâmicas com decoração pintada. (ALARCÃO e MARTINS, 1976). As autoras defenderam que a produção de cerâmica de paredes finas seria “*muitíssimo semelhante*” às manufacturas de Mérida, baseando-se essencialmente na cor esbranquiçada da pasta, na sua depuração e nas características dos engobes aplicados (ALARCÃO e MARTINS, 1976, pp. 91-92). Este centro produtor teria produzido as formas L e LI, da tabela tipológica de Françoise Mayet, na segunda metade do século I d.C. ALARCÃO e MARTINS, 1976, pp. 93-95).

Os recentes trabalhos realizados por Rui Morais permitiram verificar a existência do centro produtor através de análises laboratoriais, que confirmaram a manufactura de cerâmica de paredes finas com argilas provenientes da região do Prado (MORAIS, 2005a, p. 305). O autor, no trabalho que realizou sobre materiais provenientes da cidade Braga, encontrou 4 fragmentos de paredes finas de produção local, das formas Mayet XXXVII e XXXVIII B (MORAIS, 2005, p. 305). Estes materiais parecem imitar formalmente cerâmicas de proveniência Bética e a sua comercialização deve ter ocorrido para abastecimento da cidade *Bracara Augusta* (MORAIS, 2005, p. 305). Nesta produção



estão incluídas aquelas a que Adília Alarcão aludiu, ou seja, parece que este centro de paredes finas emulou modelos da Bética e de Mérida (MORAIS, 2005, pp. 316-318).

Também na actual cidade de Peniche se produziu cerâmica de paredes finas. A olaria romana do Morraçal da Ajuda surge como um importante centro produtor oleiro, principalmente, de contentores anfóricos, contando, ainda assim com a manufactura de cerâmica comum e paredes finas (CARDOSO, RODRIGUES e SEPÚLVEDA, 2006; CARDOSO *et al.*, 2013). A produção de paredes finas com argilas da envolvente do sítio encontra-se atestada por análises químicas sem, contudo, percebermos se estas incidiram sobre materiais em contextos primários de deposição ou se provêm de contextos secundários, de lixeira, como a grande maioria do espólio de paredes finas publicado (CARDOSO, RODRIGUES e SEPÚLVEDA, 2006, pp. 271-273).

O Morraçal da Ajuda produziu paredes finas das formas Mayet XXXVII, XXXVIII, XII e LXII. Sem que os contextos de onde a maioria dos materiais é proveniente permitam uma aferição cronológica mais fina, esta produção limita-se à fase 1 que parece terminar em meados do século I d.C. (CARDOSO, RODRIGUES e SEPÚLVEDA, 2006, p. 276). A falta de trabalhos que incidam sobre a cerâmica de paredes finas não permite, por ora, aferir a distribuição que estas produções alcançaram, estando atestadas apenas no Alto de São Miguel, Alcácer do Sal (SEPÚLVEDA, FERREIRA e MATA, 2008, p. 285).

O terceiro centro onde se produzem cerâmica de paredes finas é Abul, no estuário do Sado. Na monografia dedicada ao *atelier* de Abul, para além da produção de ânforas, encontra-se atestado um fabrico de produções locais de cerâmica comum que imitam morfologias de paredes finas (MAYET e SILVA, 2002, pp. 30, 38 e 48). Estas manufacturas parecem emular as formas II, III e VIII da tabela de Mayet, e surgem como produção muito limitada, com apenas nove fragmentos identificados (MAYET e SILVA, 2002, pp. 30, 38 e 48). Estes materiais imitam materiais augustanos, e encontram-se presentes no contexto augusto-tiberiano de Abul, sendo, por isto, produzidos entre o final do período republicano e o início do principado de Tibério (MAYET e SILVA, 2002, pp. 30 e 48). A ausência de trabalhos sobre a cerâmica de paredes finas leva a que difusão desta produção seja, mais uma vez, impossível de aferir.

Ainda assim, a produção de paredes finas no actual território português não se limita aos centros abordados. Neste sentido, a área de Elvas é mencionada por Alberto López Mullor, quando analisa os conjuntos provenientes da Catalunha, como possível zona produtora de cerâmica de paredes finas, concretamente, das formas Mayet LXVII e

LXVIII, que adiciona à tabela realizada por Françoise Mayet (LÓPEZ MULLOR, 1989, pp. 219-220). O autor propõe, baseando-se nos mapas de distribuição destas formas, centrados na região de Mérida e com uma forte presença nas necrópoles de Elvas, que a produção destas morfologias fosse realizada na zona de Elvas ou em Mérida (LÓPEZ MULLOR, 1989, pp. 219-220).

Estas produções abarcam uma cronologia compreendida entre os principados de Claudio e Vespasiano, sendo que a sua área de dispersão se centra na zona lusitana (LÓPEZ MULLOR, 1989, pp. 219-220). De menção, contudo, a presença destas morfologias no noroeste peninsular, em León e Herrera de Pisuergra, onde foram identificadas como produção local (PÉREZ e ILLARREGUI, 1995, pp. 422 e 429). Em Herrera de Pisuergra, ao contrário do que sucede nos locais de dispersão das formas na Lusitânia, estas formas aparecem em contextos augustanos (MARTIN HERNANDEZ, 2008; MARTIN HERNANDEZ e RODRIGUEZ MARTIN, 2008, pp. 385-386). Parece-nos, neste sentido, que estamos perante uma forma fabricada em diversas regiões, e, no actual estado da investigação, não sabemos se uma delas foi o Alentejo.

Parece-nos importante ainda versar sobre um conjunto de dados que remetem para a possível produção local de paredes finas em diversos sítios, pois encontram-se dispersos por diversas obras. Quando foi analisado o acervo de paredes finas de Cabeça de Vaiamonte, além das manufacturas itálicas, nomeadamente, as etruscas, este apresentava peças que imitavam formas itálicas com a “*típica pasta de matriz granítica*” de produção local/regional (FABIÃO, 1996; FABIÃO, 1998, pp. 472-473).

No Castro de Chibanes, quando os autores abordam o período romano republicano, apresentam uma estampa de uma peça que classificam de “*imitação em cerâmica comum, de paredes finas*” que emula a forma III de Mayet (SILVA e SOARES, 2012, p. 84, fig. 22, 3).

Na Ilha do Pessegueiro foi identificado uma taça de perfil muito semelhante à forma XXXVIII de Mayet com uma pasta “*rosada, esponjosa e com bastante calcite e leva um engobe vermelho*”, que, talvez, pudesse ser considerada como “*um produto regional de imitação*” de cerâmica de paredes finas (SILVA, SOARES e DIAS, 1980-81, p. 241).

Também na região algarvia, nomeadamente, em Balsa foram identificadas peças que emulam morfologias de cerâmica de paredes finas, concretamente as formas XXIV, XXXIII e XXXIII/XXXV (PEREIRA, 2014). Estamos perante uma “*pequena produção*

*local que terá laborado durante o século I(d.C.)” e que imitou formas de produção Bética (PEREIRA, 2014, p. 107).*

Também o Vale do Tejo parece ter produzido cerâmica de paredes finas. Neste sentido, foi descoberto, na Casa dos Bicos, em contexto secundário de deposição, uma peça de manufactura local ou regional que emula a forma LIII de Mayet, indiciando uma produção nesta zona (FILIPE *et al.*, 2016, p.431). Neste sentido seguiam as indicações de Rodrigo Banha da Silva quando analisou contextos de Lisboa de período júlio-cláudio e identificou uma provável peça de produção regional de paredes finas (SILVA, *no prelo*).

Estamos perante um manancial de informação que apenas novas investigações sobre as produções locais, centros de produtores e sua difusão, poderão permitir aprofundar. cremos, contudo, que apenas os dados coligidos (anexo 1- mapa 1) demonstram que a manufactura de cerâmica de paredes finas devia estar disseminada pelo actual território português, como sucedia em diversas áreas da Península Ibérica, como a recente investigação tem demonstrado (*vide* MARTIN HERNANDEZ, 20015, II, p. 310, fig. 1; LÓPEZ MULLOR, 2013, pp. 179-187)

## **Bética**

A produção de paredes finas na província romana da Bética é um tema recorrente na bibliografia da especialidade e encontra-se explanado em algumas obras de referência (MAYET, 1975a; LÓPEZ MULLOR, 1989, pp. 202-204; MINGUEZ MORALES, 1991, pp. 87-90). Neste sentido, procuramos apenas abordar sucintamente as obras mais relevantes que versam sobre o tema e acrescentar os trabalhos mais recentes, ausentes dessas obras.

Desde os trabalhos acerca da necrópole romana de *Baelo Claudia*, Cádiz, que a proposta de uma produção de paredes finas na Bética foi aduzida (PARIS *et al.*, 1926, II, p. 136), sendo aceite por diversos investigadores (COMFORT, 1939; COMFORT, 1959).

No entanto, a investigação sobre esta região é impulsionada somente mais tarde na monografia de Françoise Mayet referente à cerâmica de paredes finas na Península Ibérica (1975), onde a autora dedica um capítulo a estas produções (MAYET, 1975a, pp. 147-160). Nesta obra, a autora desenvolveu um aturado trabalho de recolha bibliográfica que lhe permitiu a realização de mapas de dispersão de materiais que a levam a propor a atribuição de determinadas formas a um centro produtor situado na província da Bética, que defendeu situar-se no baixo vale do Guadalquivir (MAYET, 1975a, pp. 147-160).

A identificação da produção de cerâmica de paredes finas na Bética, como sucedeu noutras regiões, assentou na densidade de distribuição de materiais, pois não existiam quaisquer olarias identificadas. Este panorama alterou-se com os trabalhos desenvolvidos sobre o centro produtor de Andújar (Jaén), que fabricou essencialmente *terra sigillata* hispânica, mas, também, outras categorias como paredes finas e lucernas (SOTOMAYOR, PEREZ e ROCA, 1976; SOTOMAYOR *et al.*, 1981; ROCA e SOTOMAYOR, 1983). A produção de paredes finas parece iniciar-se em meados do século I d.C., predominando a manufatura da forma Mayet XXXV com decoração arenosa (SOTOMAYOR *et al.*, 1981; ROCA e SOTOMAYOR, 1983).

Mais recentemente, os trabalhos de Reinoso del Rio sobre diversos sítios romanos da zona de Cádiz, levaram ao desenvolvimento da informação sobre a cerâmica de paredes finas de produção na Bética (REINOSO DEL RIO, 2000; 2002; 2004; 2010).

A identificação de um centro produtor de cerâmica de paredes finas em Granada acarretou novos dados sobre estas produções. O reconhecimento de um sítio que manufatura paredes finas no século I a.C. estabelece uma produção prévia ao que estava proposto (RUIZ MONTES *et al.*, 2013, pp. 307-316), ainda que alguns autores já houvessem inferido a sua presença em período republicano, partindo de dados provenientes de centros de consumo (MORAIS, 2010). O assentamento produtivo de Parque Nova Granada fabricou as formas Mayet 3a e 2/3 (RUIZ MONTES *et al.*, 2013, p. 315-316).

A produção de paredes finas mais reconhecida –a cerâmica de “casca de ovo” –, com a forma Mayet XXXIV, teve a sua produção atribuída aos centros da Bética (PARIS *et al.*, 1926, p. 134). Os autores propunham que esta morfologia fosse realizada apenas num centro produtor e numa geração de ceramistas (PARIS *et al.*, 1926, p. 134), que Françoise Mayet situava na região de Cádiz, pela concentração de materiais nesta zona (MAYET, 1975a, p. 150). Miquel Santed no estudo que desenvolveu acerca deste tipo cerâmico mantém a perspectiva exposta pela autora francesa afirmando que a cerâmica de “casca de ovo” seria seguramente produzida na campina gaditana (MIQUEL SANTED, 1986, p. 104).

No entanto, a identificação do centro produtor de Rubielos de Mora, Teruel, onde foi atestada a manufatura de cerâmica tipo “casca de ovo”, principalmente, a forma Mayet XXXIV, demonstra que existiu mais do que um centro produtor para esta produção e, por consequência para esta forma (ATRIAN JORDAN, 1967; ATRIAN JORDAN *et*

*al.*, 1980, pp. 208-210). Também em alguns centros do noroeste peninsular foi atestada a presença de produções de “casca de ovo” realizadas localmente, nomeadamente, em *Lancia* (MARTÍN HERNANDEZ e RODRIGUEZ MARTIN, 2008, pp. 400-401). Outra produção regional de cerâmicas de “casca de ovo”, sem que o centro produtor tenha ainda sido descoberto abunda entre os espólios dos centros de consumo no noroeste peninsular (MARTÍN HERNANDEZ e RODRIGUEZ MARTIN, 2008, p. 401).

Neste sentido, baseando-nos na dispersão de materiais, continua a parecer-nos verosímil uma produção de cerâmica de paredes finas na província da Bética, até pelos dados relativos aos naufrágios, nomeadamente, o Port-Vendres II, procedente da Andaluzia, que contava com cerâmicas do tipo “casca de ovo” entre as suas mercadorias (COLLS *et al.*, 1977). Por conseguinte, o fabrico deste tipo terá ocorrido em diversos locais ao contrário do que foi defendido por vários autores (PARIS *et al.*, 1926; MAYET, 1975).

### ***Ebusus***

Apesar de não estarem identificados fornos com a produção de cerâmicas de paredes finas nas ilhas Baleares, no estudo que desenvolveu sobre este tipo de cerâmica para a Península Ibérica, pela maior densidade de certas morfologias na zona, Françoise Mayet, sugeriu a existência de uma produção de paredes finas em Ibiza, bem como em Maiorca (MAYET, 1975, pp. 139-142). A autora situava o início desta produção na época de Augusto, considerando que neste período a demanda desta categoria levaria a uma manufatura local (MAYET, 1975, p. 140). Françoise Mayet atribui as formas III B e XI da sua tipologia a este centro produtor, propondo, com ressalvas, que os tipos IV, VI, VII e VIII pudessem igualmente ser originários desta zona (MAYET, 1975, p. 140).

O trabalho de Fernández Gómez e Granados García confirmou a produção das formas que Mayet atribuía com dúvidas a este centro, ampliando ainda o panorama conhecido ao comprovarem igualmente a manufatura das formas Mayet III-A, XII, XXI, XXIII e XXVI (FERNÁNDEZ GÓMEZ e GRANADOS GARCIA, 1986). Estes autores realizam também uma descrição das características tecnológicas das produções de *Ebusus* (FERNÁNDEZ GÓMEZ e GRANADOS GARCIA, 1986).

Não obstante a importância das obras citadas, são as revisões de materiais antigos e o estudo de alguns conjuntos inéditos, conduzidos por López Mullor e Magdalena Estarellas, que fornecem dois importantes trabalhos monográficos sobre as produções de

Ibiza (LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002; 2003). Estas obras aportam um importante manancial informativo, atestando novas formas e novas produções às conhecidas (LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002; 2003). Confirmam-se novas formas de produção, demonstrando que as características técnicas das produções de Ibiza não são homogêneas, com atmosferas de cozedura diversas – as produções variam entre cozedura oxidante e redutora – e com diferentes níveis de cuidado na sua manufactura (LÓPEZ MULLOR, MAGDALENA ESTARELLAS, 2002, p. 230-231). Os autores realizam uma tipologia para o centro produtor, com base no trabalho de Françoise Mayet, mas utilizando numeração árabe, alargando consideravelmente as formas conhecidas em Ibiza, como as formas 1b, 2, 2A, 2B, 2C, 2D, 2/3, 3, 3a, 3A. 3B. 3C, 3c, 3D, 3E, 3F, 4a, 4b, 4c, 5, 5A, 5B, 5C, 6a, etc. (LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002, 2003). Partindo destes novos dados, principalmente das formas mais antigas, os autores recuam o início de manufactura do centro produtor para o século II a.C. (LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002).

### **Franja litoral da Hispânia Citerior/Tarraconense**

A produção de cerâmica de paredes finas em *Emporiae* ou no seu *hinterland* tinha sido proposta por M. Almagro quando estudou as necrópoles da cidade (ALMAGRO GORBEA, 1953, p. 266). Posteriormente, esta produção foi objecto de um extenso trabalho baseado no estudo de diversos conjuntos da área da Catalunha (LÓPEZ MULLOR, 1989). No mesmo ano, o estudo de Carme Puerta i López (1989) sobre os materiais de *Baetulo* aduz novas informações, principalmente, no que concerne à olaria manufacturada localmente (PUERTA i LÓPEZ, 1989).

Mais recentemente, estas produções, agora denominadas da franja litoral da Hispânia Citerior, foram alvo de um estudo de síntese, com a criação de uma tipologia baseada na realizada por Françoise Mayet, mas traduzida, como no caso de Ibiza, para numeração árabe (LÓPEZ MULLOR, 2013).

Nesta região existe uma grande densidade de centros produtores conhecidos, nomeadamente, na área de cidade de Barcelona (LÓPEZ MULLOR, 1989, pp. 100-101; NOLLA e CASAS, 1992), também Darró, Barcelona (LÓPEZ MULLOR e FIERRO, 2004), em La Lagaste, Aude (RANCOULE, 1970; 1973), Ca L'Arnau, Cabrera del Mar (LÓPEZ MULLOR e MARTIN MENÉNDEZ, 2010), Fontscaldes, Tarragona

(LAFUENTE, 1992), Els Vilars, Tarragona (ADSERIAS e RAMON, 2004), Valência (RIBERA i LACOMBA e MARÍN JORDÁ, 2005) e Alcudia del Elche, Elche (RONDA FEMENIA e TENDERO PORRAS. 2014).

Nestes centros produtores assim como em alguns sítios de consumo desta região está atestada a presença de diversas morfologias de manufatura local, mormente, as formas 1, 2A, 2C, 2D, 2E, 3, 3D, 3Ba, 8, 10, 11C, 11D, 18, etc. (LÓPEZ MULLOR, 2013). Os centros produtores começam a manufacturar num período precoce da ocupação romana da Península Ibérica. Neste sentido, a forma 1 está representada em centros de consumo já no último quartel do século II a.C. (*apud* LÓPEZ MULLOR, 2013, p.179), generalizando-se no início do século I a.C. Esta forma mais antiga, foi descoberta no centro produtor de Valência, com uma cronologia centrada entre 75 a.C. e o principado de Augusto (RIBERA i LACOMBA e MARÍN JORDÁ, 2005, pp. 25-27).

#### **2.4.2 Gallia**

Os dados sobre as paredes finas da *Gallia* baseiam-se no conhecimento de alguns centros produtores importantes, nomeadamente, La Butte (BERTRAND *et al.*, 1997; BERTRAND, 2000). Montans (MARTIN, 1978; MINGUEZ MORALES, 1991, p. 76), e Graufesenque (BÉMONT, 1982). Estes últimos conhecidos pela manufatura de *terra sigillata*, fabricaram também, em menor quantidade e com produções até agora menos estudadas, cerâmica de paredes finas.

Estas produções parecem ter tido início ainda no século I a.C. e fabricaram as formas Mayet II, V, X, XII, XVII, XXV, XXXIII, XXXVII e Marabini XII (MINGUEZ MORALES, 1991, pp. 70-77). No entanto, as produções francesas, principalmente as da zona de Lyon, foram alvo de um recente trabalho que estabeleceu uma tipologia própria para estes centros produtores (BERTRAND, 2005), como já tinha realizado Grataloup acerca dos materiais provenientes da Rue des Farges, Lyon (GRATALOUP, 1988). Os centros da *Gallia* são igualmente conhecidos pela produção de cerâmicas de paredes finas com decoração elaborada a molde, nomeadamente, os centros de La Graufesenque (BÉMONT, 1982) e Montans (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 231).

O final da produção nos centros franceses parece ocorrer no início do século II d.C. (MINGUEZ MORALES, 1991, pp. 70-77).

### 2.4.3 Península Itálica

As produções de paredes finas da Península Itálica foram alvo de uma análise de conjunto por Andreina Ricci. Deste modo o tema está extensamente reflectido pela autora, pelo que consideramos necessário apenas uma breve abordagem ao mesmo (RICCI, 1985). Ainda assim, parece-nos que a alusão, ainda que de forma pouco exaustiva, a estas produções é essencial, uma vez que diversas produções com proveniência itálica se encontram presentes no conjunto de Castro Marim e porque diversos sítios de produção em solo hoje italiano foram alvo de trabalhos posteriores à monografia da autora. Um dos trabalhos essenciais para o conhecimento destes centros produtores é o compêndio realizado por Gloria Olcese, no *Atlante dei siti dei produzione cerâmica*, que se foca em parte da área ocidental da Península Itálica e na Sicília (OLCESE, 2011-2012), sendo fundamental no complemento da obra de Ricci.

#### Etrúria

A identificação de uma área de produção na Etrúria foi realizada por Françoise Mayet e, mais tarde, corroborada por Andreina Ricci, através da observação de mapas de dispersão de materiais (MAYET, 1975; RICCI, 1985, pp. 343-346). Com a excepção de Sutri não estavam identificados centros de produção nesta região. Não obstante, no trabalho sobre a cerâmica de Cosa, estuda-se a proposta de manufacturas locais (MOEVS, 1973). A área de produção de paredes finas foi então definida entre a actual cidade de Lázio e a Toscana meridional (MARABINI, 1973; RICCI, 1985, p. 344).

A investigação permitiu aferir que os centros produtores desta região são os primeiros a iniciar a produção de paredes finas, no início do século II a.C. (RICCI, 1985, p. 343). Nesta primeira fase, elaboram-se copos de altos, de perfil fusiforme, com o pé destacado (Ricci 1/1, 1/7) (RICCI, 1985, 343). A estas morfologias vão-se acrescentando os copos mais baixos, de perfil ovoide e de base aplanada (Ricci 1/97, 1/79, 1/19), que progressivamente substituem os anteriores (RICCI, 1980, p. 343). A gradual inclusão de novas morfologias é simultânea do início da utilização de engobe, normalmente, aplicado na face externa, ou seja, a partir do principado de Augusto (RICCI, 1985, p. 344; MINGUEZ MORALES, 1991, p. 63-64).

A predominância desta área produtora parece diminuir no início do principado de Augusto, ainda no século I a.C., com o início de laboração de centros produtores noutras



zona da Península Itálica (RICCI, 1985, pp. 344-346; MINGUEZ MORALES, 1991, p. 64).

Recentemente, a descoberta dos fornos de Marcianella, na cidade de Chiusi, acrescenta aos dados já expostos o conhecimento efectivo de um centro produtor, que começa a laborar ainda na primeira metade do século II a.C. e cuja manufatura de paredes finas se estende até ao final do século I a.C. (APROSIO e PIZZO, 2003). Foi atestada a produção das formas Ricci 1/19, 1/9, 1/194 e, sobretudo, 1/7 (APROSIO e PIZZO, 2003, p. 164-165).

### **Zona Centro Itálica**

A área de produção centro itálica foi intuída a partir do estudo de conjuntos cerâmicos exumados da cidade de Roma e de Óstia e, pelas suas peculiaridades, foi proposta a existência de centros produtores de cerâmica de paredes finas nesta região, mesmo, como noutros casos, não estando atestados quaisquer fornos (RICCI, 1985, p. 346).

A região teria produzido essencialmente as formas 1/30 e 1/117 da tipologia de Ricci, e pela grande presença de materiais etruscos nos conjuntos estudados, Ricci propõe que esta começou a produzir no principado de Augusto, estendendo-se até ao século II d.C. (RICCI, 1985, p. 346).

Estudaremos esta zona produtora a partir da proposta de Andreina Ricci, pois o conjunto de Castro Marim apresenta uma morfologia que foi incluída nesta produção (*vide infra*).

### **Zona Centro-Occidental do Vale do Pó**

Uma área de produção no limite centro-occidental do Vale do Pó é definida por Andreina Ricci (RICCI, 1985, p. 348), embora Nino Lamboglia já houvesse proposto uma manufatura situada nesta região (LAMBOGLIA, 1950),

A zona começaria a produzir na segunda metade do século I a.C. com os copos das formas Ricci 1/2 e 1/4, com decoração a barbotina (RICCI, 1985). Durante o principado de Augusto o reportório expandir-se-ia consideravelmente, nomeadamente, com a produção de morfologias do tipo 2/205 e 1/186 e com as taças mais baixas como as 2/231, 2/232, 2/315 e 2/403 (RICCI, 1985, p. 348).

Os trabalhos na colónia de *Eporedia-Ivrea* e a descoberta de cerâmicas com defeitos de fabrico, considerados como descartes de produção, parecem apontar para uma produção local de cerâmica de paredes finas, bem como de outras categorias cerâmicas, como a *terra sigillata* (TABORELLI, 1999). A produção atestada demonstra ser morfologicamente muito diversificada e aponta para uma cronologia entre o principado de Augusto e os primeiros decénios do século I d.C. (TABORELLI, 1999, p. 145).

### **Zona Oriental do Vale do Pó e Costa Adriática**

Esta região tem vários centros de produção de cerâmica de paredes finas, principalmente, na zona da Aquileia e de Ravenna (RICCI, 1985, p. 349). A investigação é ainda muito parcelar, não sendo possível identificar todos os tipos originários destas manufacturas (RICCI, 1985, p. 349).

Incidiremos apenas nos centros localizados na Aquileia pois, no Castelo de Castro Marim, cremos ter descoberto algumas peças deles procedentes (*vide infra*). A produção de cerâmicas de paredes finas na Aquileia está atestada através da descoberta de “*scarti di fornace*” (RICCI, 1985, p. 349). Estes descartes demonstram o fabrico das taças do tipo 2/232, 2/405 e 2/296, em pastas cinzentas ricas em inclusões, que resultam numa superfície rugosa (RICCI, 1985, p. 349). De manufacturas mais cuidada são os copos do tipo 1/122, com o típico “colarinho”, que alcançam alguma expressão na Península Ibérica (LÓPEZ MULLOR, 1989, pp. 207-208).

Neste breve enquadramento dos centros de produção de paredes finas procurámos demonstrar a variedade de origens presentes no Castelo de Castro Marim, mesmo que os dados referentes a cada um dos sítios seja bastante díspar.

A cerâmica de paredes finas começou a ser manufacturada no início do século II a.C. na zona etrusca, sendo, posteriormente, reproduzida noutras regiões como a Península Itálica, o actual território Francês e a Península Ibérica.

Quando se atinge o século I d.C., a maior parte das importações de paredes finas no actual território português é proveniente de centros localizados na Hispânia. Neste sentido, as produções originárias da Lusitânia parecem mais complexas do que a investigação entrevia (*vide infra*).

### 3. O Conjunto

#### 3.1 Metodologia

“O que hoje todos repetem ou o que é transmitido em silêncio  
sob a forma de verdade pode revelar-se falso amanhã, mera  
cortina de fumo de opinião, que alguns tinham acreditado  
ser uma nuvem que faria cair chuva fertilizante  
sobre os seus campos “  
(Henri David Thoreau, *Onde vivi e porque vivi*, p. 13)

O conjunto de paredes finas exumado nas intervenções do Castelo de Castro Marim encontra-se muito fragmentado, como é frequente nos materiais provenientes de sítios de habitat, não existindo qualquer peça que apresente o perfil completo. Neste sentido, a coerência e a pertinência da metodologia com que se aborda o acervo torna-se ainda mais premente, de modo a sustentar as inferências que vamos procurar extrair dos dados.

Os materiais encontravam-se previamente separados e a base de dados realizada para o conjunto em estudo baseou-se no inventário geral do Castelo de Castro Marim. A cerâmica de paredes finas foi descrita individualmente (anexo 3- catálogo) em três âmbitos de análise: uma primeira referente ao contexto de recolha – ano, sector, ambiente, nível ou UE-, em seguida detalham-se as características de cada fragmento – tipo de fragmento, detalhes de decoração, diâmetro do bordo/fundo, espessura média da peça-, e por último a classificação quanto à forma e proveniência. Acresce a estes parâmetros um para observações relevantes e outro para localizar o material nas estampas.

Para o estudo do conjunto de paredes finas realizámos o desenho integral das peças passíveis de ser identificadas tipologicamente (bordos, fundos, bojos com carenas, bojos com perfil mais completo). A opção do desenho de todos os materiais pareceu-nos indispensável, principalmente, pelo nível de fragmentação. No que concerne às asas e decorações foram escolhidas amostras representativas da totalidade do conjunto para desenho e representação.

Concomitantemente, foram analisadas macroscopicamente (com lupa de 30x) as pastas das peças, o que conjuntamente com as restantes características técnicas nos permitiu englobar os materiais em grupos de fabrico que foram descritos em fichas (anexo 4- grupos técnicos). De modo a fundamentar os grupos técnicos procurámos examinar as

características em duas vertentes: uma descritiva – modo de cozedura, cor da superfície externa, cor da pasta, presença de engobe, inclusões, descrição das inclusões, presença de vacúolos, aspecto da pasta e observações-; outra, mais subjectiva, onde associamos, quando possível, o grupo a uma origem. Acrescentamos, ainda, as morfologias atestadas em Castro Marim. Completamos esta informação com fotografias macroscópicas da pasta e da superfície.

Como referimos, as características observadas foram descritas em fichas que foram associadas, quando possível, a áreas de produção através das informações publicadas nas obras de referência, nomeadamente, para a Bética (MAYET, 1975; LÓPEZ MULLOR, 1989), Ibiza (LÓPEZ MULLOR, 1989; 2013; LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002; 2003), franja litoral da Hispânia Citerior (LÓPEZ MULLOR, 1989; 2013), Gália (BÉMONT, 1982; BERTRAND, 2005). Para a Península Itálica utilizaram-se as informações gerais referidas na obra de Andreina Ricci (1985), acrescidas de estudos sobre centros produtores das diferentes regiões, nomeadamente, para a Etrúria (APROSIO e PIZZO, 2003), Campânia (FAGA, 2008; FAGA, 2010; FAGA, 2011; GIANOSSA *et al.*, 2012; GRIFA *et al.*, 2015; GUARINO *et al.*, 2016), e zona centro-italica (CAVASSA, LEMAIRE e PIFFETEAU, 2013; CAVASSA *et al.*, 2014).

Como não contámos com uma colecção de referência, a ligação dos grupos técnicos a uma área de produção concreta afigurou-se difícil. Salientamos que essa atribuição foi baseada em observações macroscópicas, na bibliografia examinada, na distribuição dos materiais e no facto de determinadas formas serem produzidas em centros produtores específicos. Cremos, contudo, que realizar uma atribuição formal sem procurar a sua origem seria inócua e com um interesse científico limitado, pois certas morfologias foram manufacturadas em diferentes áreas de produção com cronologias muito díspares.

As associações entre grupos técnicos e áreas de produção baseadas em análises macroscópicas acarretam sempre algum risco de falibilidade pois apenas as análises químicas podem identificar com fiabilidade a origem de materiais. Não obstante, as inferências com base na identificação de grupos de fabrico e suporte bibliográfico podem verificar-se acertadas, como demonstra o recente trabalho de Illuminata Faga (GUARINO *et al.*, 2016, p. 111, *table 5*).

O conjunto foi classificado segundo a sua proveniência e tipologias de referência, neste sentido, para os materiais da Península Ibérica utilizaram-se as tabelas tipológicas criadas por Françoise Mayet (1975), com as modificações e novas formas inseridas por López Mullor (1989); para os procedentes da Península Itálica empregou-se a tipologia de Andreina Ricci (1985) e Marabini Moevs (1973). Utilizámos maioritariamente o catálogo de Ricci pois apresenta-se mais completo e por permitir vislumbrar melhor as diferenças morfológicas.

Quando existem tipologias para as áreas de produção concretas estas foram utilizadas, como no caso de Ibiza (LÓPEZ MULLOR e ESTARELLAS, 2002; 2003) e da franja litoral da Hispânia Citerior (LÓPEZ MULLOR, 2013), e traduzidas para as tabelas de referência, nestes casos, a criada por Françoise Mayet (1975).

As decorações foram descritas segundo os critérios concebidos por Françoise Mayet (1975), pois a autora traduziu a sua nomenclatura para a língua portuguesa, evitando assim diferentes descrições para o mesmo padrão decorativo.

Os materiais são apresentados por regiões de produção – Etrúria, zona centro-ocidental do Vale do Pó, zona centro-italica, *Gallia*, franja litoral da Hispânia Citerior/Tarraconense, Ibiza, Bética- e por formas. As estampas encontram-se igualmente organizadas, ou seja, por zonas de produção e formas, com os desenhos apresentados à escala 1:2. As peças para as quais não foi possível aferir a proveniência também foram organizadas por grupos de fabrico, cuja origem de produção é desconhecida, e por formas.

Os materiais foram quantificados segundo o número total de fragmentos e número mínimo de indivíduos (NMI) estipulado pelo *Protocole Beuvray* (ARCELIN e TUFFREAU-LIBRE, 1998). Introduzimos, contudo, algumas modificações devido às especificidades do conjunto. Neste sentido, as peças que ostentam carenas ou um perfil passível de classificação foram consideradas 1 indivíduo e representadas graficamente.

### 3.2 Composição do Conjunto

“Madamina, il catalogo è questo  
delle belle, che amò il padron mio;  
un catalogo egli è, che ho fatt'io.  
Osservate, leggete con me.  
In Italia seicento e quaranta,  
in Almagna duecento e trentuna,  
cento in Francia, in Turchia novantuna,  
ma in Ispagna son già mille e tre!”  
(Mozart, *Don Giovanni*)

O conjunto de paredes finas proveniente das intervenções realizadas no Castelo de Castro Marim é composto por 1297 fragmentos, dos quais 226 são bordos, 178 fundos, 27 asas e 197 peças ostentam a presença de decoração. Como referimos, os materiais encontravam-se previamente separados.

#### 3.2.1 Produções da Etrúria

##### Forma 1/12 (Mayet II)

Trata-se de um dos tipos criados por Andreina Ricci (RICCI, 1985, p. 246) baseado na forma II concebida e analisada por Françoise Mayet, no estudo que realizou sobre a cerâmica de paredes finas peninsular (MAYET, 1975, pp. 26-28).

Este tipo engloba copos de tendência ovoide, com um bordo pronunciado, voltado para o exterior e recto, podendo o lábio ser espessado, com o formato tendencialmente triangular. O fundo é destacado e côncavo, formando um pequeno pé.

No Castelo de Castro Marim esta forma está atestada por quatro fragmentos de bordo, dos quais três apresentam ainda o arranque da parede (estampa I.1. a I.4.). As quatro peças ostentam o bordo ligeiramente espessado, de formato praticamente triangular. A parede externa exhibe marcas de exposição ao fogo, principalmente, nos bordos (com diferentes graus de intensidade), que podem resultar dos processos de empilhamento durante a cozedura.

O tipo 1/12 foi associado por Ricci aos centros de produção situados na Etrúria (RICCI, 1985, pp. 245-246), o que se coaduna com a nossa observação macroscópica das pastas. Estes fragmentos pelas suas características foram associados ao grupo técnico 1

(anexo 4- grupo técnico 1) cuja origem relacionamos com as manufacturas dos centros etruscos.

A forma 1/12 encontra-se datada entre os finais do século I a.C. e os primeiros decénios do século I d.C. na necrópole de Porto Recanati (MERCANTO, 1974). No sudoeste peninsular este tipo está atestado no Castelo da Lousa com pastas que Rui Morais associou às produções republicanas da região da Etrúria (MORAIS, 2010, pp. 155-156). No entanto, a presença desta forma no sítio do Caladinho demonstra uma continuação de importação nos finais do século I a.C./inícios do século I d.C. (MATALOTO *et al.*, *no prelo*; estampa XXVI.374). Esta forma também se encontra atestada em Santarém, no entanto, com manufacturas que as autoras atribuem à Campânia (ARRUDA e SOUSA, pp. 246, n.ºs 22-25 e 249, n.ºs 26-28). Uma peça proveniente do Monte Manuel Galo parece-nos igualmente enquadrar-se dentro deste tipo (ALVES, 2014, p. 392, fig. 7, n.º8).

Os vasos da forma 1/12 foram exumados do corte 3, quadricula B 05, nível 1 (3); quadricula B 04, nível 1, estratos datados entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414).

### **Forma 1/14 (Mayet II)**

Este tipo foi primeiramente analisado por Françoise Mayet na monografia que elabora sobre as paredes finas peninsulares, tendo sido integrado na forma II da sua tabela tipológica (MAYET, 1975, pp. 26-29). Andreina Ricci cria vários tipos com base nesta morfologia da autora francesa, nomeadamente, o 1/14, nomenclatura que utilizamos.

Trata-se de um copo alongado e de tendência ovóide, com um bordo voltado para o exterior, muito pronunciado e encurvado, formando uma garganta interna, praticamente vertical na sua extremidade. O fundo é pequeno, ligeiramente destacado, formando um pequeno pé, aplanado ou côncavo.

O tipo 1/14 está presente no Castelo de Castro Marim com dez fragmentos de bordo (estampa I.5 a I.14.). Apresentam as características distintivas desta forma, nomeadamente, o bordo voltado para o exterior e encurvado, muito pronunciado, sendo quase vertical na extremidade. Uma das peças ainda apresenta parte da pança (estampa I.5), que indicia a sua morfologia ovóide. Alguns dos vasos em análise possuem diâmetros ao nível do bordo de cerca de 80 mm o que contrasta com o protótipo de Andreina Ricci, publicado originalmente por Mayet que apresenta 60 mm (MAYET, 1975, p. 27 e *planche*

II, nº 8). Não obstante, pelas particularidades que ostentam julgamos plausível a sua integração no tipo 1/14. Algumas peças demonstram ainda marcas de polimento em bandas, como se documenta igualmente em produções do centro produtor de Sutri (DUNCAN, 1965, p. 150, forma 20).

Ricci não menciona qualquer centro de manufactura para esta forma, no entanto, as características técnicas destes materiais levaram à sua integração no grupo técnico 1 (anexo 4-grupo técnico 1), cuja produção julgamos originária dos centros da região da Etrúria.

No actual território português, a forma 1/14 foi igualmente identificada nas Mesas do Castelinho, “*provavelmente também de fabrico itálico*” (FABIÃO, 1998, p. 335) e entre o acervo de Santarém (ARRUDA e SOUSA, 2003, p. 255, nº 76).

Os fragmentos deste tipo foram exumados no corte 3, nos quadrados B 05, B06, C05, C06 e D06, nos níveis 1 e 2, datados entre 60-30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414) e uma peça é proveniente de recolhas de superfície.

### **Ricci 1/16 (Mayet III)**

Esta morfologia de copos foi analisada de modo integrado, pela primeira vez, na monografia de Françoise Mayet referente à cerâmica de paredes finas da Península Ibérica, inserida na forma III, que englobava copos de tendência ovóide e bordos (na maioria dos casos) altos e encurvado (MAYET, 1975, pp. 29-34). Ricci divide esta categoria criada pela autora francesa em diversos tipos, nomeadamente o 1/16, que utilizamos (RICCI, 1985, 247).

Trata-se de um copo de tendência ovóide com o corpo alongado. O bordo é alto, voltado para o exterior e côncavo; o fundo é destacado e maioritariamente côncavo, apresentando um pequeno pé. O diâmetro ao nível do bordo afigura-se como o diâmetro máximo da peça.

Os vasos da forma 1/16 estão atestados no Castelo de Castro Marim por quadro fragmentos de bordo (estampa I.15. a II.18.), um dos quais apresentando parte do corpo do copo, exibindo o perfil praticamente completo (estampa I.15.). As quatro peças ostentam um bordo alto, voltado para o exterior e côncavo, formando uma garganta interna, sendo que no vaso com a pança presente se comprova que o diâmetro máximo da peça é coincidente com o do bordo. Dois fragmentos demonstram um polimento em bandas muito bem preservado, que representámos graficamente (estampa I.16 e II.17). A



aplicação de polimento em bandas, como referimos, encontra-se presente em vasos produzidos no centro produtor de Sutri (DUNCAN, 1965, p. 150, forma 20).

Andreina Ricci propõe que os vasos deste tipo sejam originários de uma produção efémera dos centros de Siracusa (RICCI, 1985, pp. 247). No entanto, as recentes investigações não confirmam a presença de copos Ricci 1/16 entre as manufacturas deste cento (MALFITANA *et al.*, 2014; CANNATA, 2014; MALFITANA *et al.*, 2015; MALFITANA *et al.*, 2016). As características técnicas das peças presentes em Castro Marim remetem para o grupo técnico 1 (anexo 4- grupo técnico 1) que propomos como originário da região Etrusca.

Os exemplares do tipo 1/16 foram atestados em contextos datados entre o início do século I e último quartel do século I a.C. (RICCI, 1985, p. 247). Neste sentido seguem igualmente os dados da estratigrafia de Castro Marim, pois estas peças foram exumadas no corte 3, quadrícula B05, no nível 1 e quadrícula C05, nível 1, com uma datação centrada entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414).

No actual território português estão totalmente ausentes dos sítios de consumos vasos da forma 1/16 de produção etrusca. Não obstante, esta forma encontra-se atestada no Castelo da Lousa com uma peça atribuída aos centros de Siracusa (MORAIS, 2010, p. 156). Consideramos, ainda, que algumas peças atestadas em Santarém e enquadradas na forma Mayet III, poderão integrar-se no tipo 1/16 (ARRUDA e SOUSA, 2003, p. 252, nº 52 e 54).

### **Forma 1/20-1/362 (Mayet III, Marabini VII)**

Os materiais com esta morfologia foram integrados na forma VII de Marabini Moevs, onde a autora analisa as suas características, fazendo uma atribuição cronológica com base na estratigrafia de Cosa (MOEVS, 1973, pp. 66-68). Posteriormente, Françoise Mayet no estudo que efectua sobre as paredes finas da Península Ibérica aborda esta forma, integrando-a na sua tabela tipológica – Mayet III- (MAYET, 1975, pp. 29-35). Ricci no trabalho que desenvolve na *Enciclopedia Dell'Arte Antica Classica e Oriental* divide a categoria de Mayet em várias formas, nomeadamente, a forma 1/20-1/362, que utilizamos (RICCI, 1985, p. 248).

Tratam-se de copos tendencialmente ovóides com o corpo alongado. O bordo é destacado, voltado para o exterior, alto e encurvado. O fundo é saliente, formando um pequeno pé, plano ou ligeiramente côncavo. Foram identificadas diversas miniaturas

deste tipo na Península Itálica (RICCI, 1985, p. 248), nomeadamente em Cosa (MOEVS, 1975).

Estão presentes no Castelo de Castro Marim 22 bordos e 14 fundos que enquadrámos no tipo 1/20, 1/36 (estampa II.19 a IV.54). Apresentam as características distintivas desta morfologia, nomeadamente, o bordo voltado para o exterior, alto e côncavo, formando uma garganta interna (estampa II.19 a III.40), também o perfil apresenta a tendência ovoide encaixado num pequeno pé destacado e côncavo (estampa III.41 a IV.54).

Os fundos ostentam particularidades que os tornam passíveis de ser englobados noutros tipos, no entanto, pelo 1/20,1/362 estar tão bem representado por bordos, e pela própria morfologia dos pés, incluímos estas peças neste tipo, embora com reservas. Os vasos apresentam, nalguns casos, alisamento em bandas, o que também está atestado nas produções de Sutri (DUNCAN, 1965, p. 150, forma 20).

Este tipo foi associado aos centros de manufactura da Aquileia e da Itália Central (RICCI, 1985, p. 248). Neste sentido, as características das pastas e a presença ocasional de engobe levou-nos a incluir estes fragmentos no grupo técnico 1 (anexo 4-grupo técnico 1) que atribuímos aos centros produtores localizados na Etrúria.

A cronologia desta cerâmica deve centrar-se entre os inícios do século I a.C. e o principado de Augusto (RICCI, 1985, p. 248), como se constata na estratigrafia de Cosa (MOEVS, 1973, pp. 67-68). No actual território português o tipo 1/20,1/362 encontra-se atestado no Caladinho, datado entre o final do século I a.C. e o início do século I d.C. (MATALOTO *et al.*, *no prelo*; estampa XXVI.376).

Os fragmentos deste tipo foram exumados do corte 3, quadrado B 05, no nível 1; quadrado B 06, nível 2; quadrado C 05, nível 1; quadrado D 05, nível 1, contextos datados entre 60-30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414). Esta morfologia também se encontra presente em achados de superfície e na UE 401, unidade primeiramente datada da Idade do Ferro, permitindo-nos sugerir um cariz residual para este achado.

### **Forma 1/30 (Mayet XXIV)**

Esta morfologia de vasos foi analisada por Marabini Moevs na sua monografia sobre os materiais de Cosa e integrada na sua tabela tipológica com o número XV (MOEVS, 1973, pp. 76 e 156-159). Posteriormente, na investigação sobre a cerâmica de paredes finas presente na Península Ibérica, Mayet volta a estudar este tipo,

nomeadamente, as suas reproduções por centros de produção ibéricos, na forma XXIV (MAYET, 1975, pp. 58-59 e 134-135). No seu trabalho de síntese e revisão dos dados conhecidos, Ricci engloba este tipo na forma 1/30, nomenclatura que utilizamos.

Trata-se de um copo provido de uma asa, de perfil maioritariamente ovóide, por vezes, mais alongado. O bordo apresenta-se voltado para o exterior com o lábio tendencialmente arredondado. O fundo é estreito e normalmente convexo. A asa é arredondada na superfície externa e côncava na interna.

A forma 1/30 encontra-se atestada no Castelo de Castro Marim por seis fragmentos de bordo com parte da pança ainda conservada (estampa IV.55 a IV.60). Quatro peças apresentarem o bordo voltado para o exterior com o lábio arredondado (estampa IV.57 a x.59 e IV.60), no entanto, nas restantes está presente uma ligeira concavidade, que forma uma ténue garganta interna (estampa IV.55. e IV.56.). Numa das peças surge inda o arranque da asa, que parte do lábio (estampa IV. 60). A parte superior de duas peças ostentas vestígios de exposição ao fogo, provavelmente resultantes de processos de empilhamento.

Acerca da origem deste tipo de vasos foram aventadas diversas hipóteses, nomeadamente, uma produção na zona Etrusca (MOEVS, 1973, pp 158-159; MAYET, 1975, pp. 134-135) e na Ligúria (LAMBOGLIA, 1938; MOEVS, 1973, pp. 158-159; MAYET, 1975, 134-135). Esta forma também foi reproduzida nos centros de Ibiza (LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 178) e, talvez, também em *Emporiae* (NOLLA *et all.*, 2003, forma 5.2), embora pela escassa expressão devemos aguardar por novas pesquisas para confirmar esta hipótese (LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 186). Recentemente, foi identificado uma peça com esta morfologia (Mayet XXIV) de produção local/regional em Torre d'Ares, Tavira (PEREIRA, 2014, p. 99, estampa 118.8)

A análise das características técnicas das peças com a forma 1/30 levou à sua integração no grupo técnico 1 (anexo 4- grupo técnico 1), cuja origem remetemos para a área Etrusca. A inclusão destes fragmentos nas manufacturas de Ibiza foi considerada, no entanto, as particularidades da pasta, mormente, a presença de micas douradas (*vide* LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002), levou-nos a manter estes copos no grupo das produções da Etrúria.

Andreina Ricci, na sua monografia, propõe uma produção a iniciar-se em período augustano e a cessar em meados do século I d.C. (RICCI, 1973; 1975, p. 251). No entanto, em Cosa esta forma encontra-se presente desde contextos republicanos,

embora com menos expressão, o que parece fazer recuar o início desta produção (MOEVS, 1973, p. 76).

No actual território português encontrámos referência a esta forma (Mayet XXIV) em Braga, com uma produção da Ligúria (MORAIS, 2005, p. 298) e em necrópoles algarvias, nomeadamente, a referida peça de Torre d'Ares (PEREIRA, 2014, p. 99, estampa 118.8) e um vaso inteiro proveniente de Ossonoba (TEICHNER *et al.*, 2007, pp. 175-175), sem menção à origem. Está igualmente identificada uma peça da forma XXIV “*originário das Baleares*” em Alcácer do Sal, no entanto, a exiguidade do fragmento e tratar-se de uma parte da pança leva-nos a abordá-lo com reservas (SEPÚLVEDA *et al.*, 2003, p. 384 e 390, fig. 1, nº5). Esta morfologia encontra-se igualmente atestada na zona de Cádiz (REINOSO DEL RIO, 2002; 2003), sempre com escassa quantidade.

As peças presentes em Castro Marim foram exumadas no corte 3, quadrado B 06, nível 2, quadrado C 05, nível 1, quadrado C 06, nível 2 (2 fragmentos) e quadrado D 06, nível 1, que foram datados entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414), parecendo confirmar os dados de Cosa, que apontam para o início da manufactura desta forma ainda em período republicano.

### **Forma 1/35 (Mayet II)**

Esta morfologia foi analisada por Françoise Mayet na monografia sobre as paredes finas da Península Ibérica, estando integrada na tabela tipológica criada pela autora francesa na forma II (MAYET, 1975, pp. 26-29). Como referimos anteriormente, a metodologia de elaboração tipológica de Ricci foi distinta da aplicada por Mayet, o que levou a uma divisão da forma II de Mayet em diversos tipos, nomeadamente, o 1/35, que utilizamos (RICCI, 1985, p. 252).

Trata-se de um copo de corpo alongado e tendencialmente ovóide. O bordo é inclinado para o exterior com o lábio arredondado. O fundo é largo e aplanado. Pode apresentar marcas do torno tanto na parede externa como interna (MAYET, 1975, p. 29 e *planche* III, fig. 22).

Entre o conjunto proveniente do Castelo de Castro Marim esta forma encontra-se representada por quadro fragmentos de fundo (estampa IV.61 a IV.64). Esta classificação é feita com algumas reservas devido à reduzida dimensão das peças em análise. Não obstante, a morfologia dos fundos, a inclinação das paredes e o diâmetro do

pé das peças de Castro Marim (em média 50 mm) levam-nos a enquadrar estes fragmentos no tipo 1/35.

A proposta de uma proveniência itálica deste tipo (HAYES, 1976, p. 80) não tinha qualquer consistência (RICCI, 1985, p. 252), aventando Ricci, baseando-se na presença desta forma 1/35 apenas na costa oriental da Península Ibérica, que se tratasse de uma produção hispânica (RICCI, 1985, p. 252). No entanto, as características técnicas das peças desta forma presentes no Castelo da Lousa levaram Rui Morais a atribuir uma proveniência etrusca com “*fabricao associado aos produtos republicanos*” (MORAIS, 2010, p.155). Neste sentido vão igualmente as nossas observações, que levaram à inclusão dos fragmentos em análise no grupo técnico 1 (anexo 4-grupo técnico 1), originário, cremos, da região da Etrúria.

Quando analisa esta forma, Andreina Ricci não faz qualquer proposta cronológica para a sua produção devido à escassez de dados (RICCI, 1985, p. 252). Contudo, o aparecimento da forma 1/35 de origem etrusca no Castelo da Lousa com produções do período republicano (MORAIS, 2010, pp. 155-156) e na Rocha da Mina (MATALOTO *et al.*, *no prelo*; estampa XXV.371) leva-nos a considerar uma cronologia de importação deste tipo para o sudoeste peninsular entre os meados e o último quartel do século I a.C.

As peças de Castro Marim foram exumadas no corte 3, quadrado B 05 e no nível 1, com uma cronologia centrada entre 60-30 a.C. (ARRUDA, 1997, pp. 112-114; ARRUDA, 1988; VIEGAS, 2011, p. 414), parecem confirmar a cronologia proposta.

### **Ricci 1/40 (Mayet IV)**

Os copos com esta morfologia foram analisados por Françoise Mayet na monografia sobre a cerâmica de paredes finas proveniente da Península Ibérica, na forma IV (MAYET, 1975, pp. 34-35). A autora francesa destaca que todos os fragmentos desta forma foram recolhidos nas Baleares (MAYET, 1975, p. 34). Andreina Ricci divide a categoria criada por Mayet em diversos tipos, mormente o 1/40 (RICCI, 1985, p. 253), que utilizamos.

A forma 1/40 engloba uma série de copos de tendência ovóide que possuem duas asas. O bordo é voltado para o exterior e côncavo, formando uma garganta interna; o fundo surge ligeiramente convexo, com um pequeno pé delimitado por um sulco. A asa arranca pouco abaixo do bordo e termina aproximadamente a meio da peça. Na parte inferior do vaso surgem dois sulcos paralelos.

Os copos do tipo 1/40 encontram-se presentes no conjunto de Castro Marim por dois bordos com parte da pança (estampa IV.65 e IV.66). Estas peças ostentam o típico bordo encurvado para o interior, com o arranque dos bojos a serem tendencialmente rectos. Apresentam, contudo, uma canelura que não está documentada nos exemplares representados por Mayet (*vide* MAYET, 1975, *planche ix*). Embora desconheçamos paralelos para esta morfologia com este sulco, julgamos plausível a sua integração nesta forma. Parte do bordo e pança demonstram marcas de exposição ao fogo, na parede externa, que podem derivar de processos de empilhamento.

Françoise Mayet considerou, pelas características das peças, que a forma IV seria proveniente de centros da Itália Central (MAYET, 1975, p.34), no entanto, a ausência de paralelos na Península Itálica e a referida presença exclusiva nas Baleares levou à proposta de uma produção ibérica (MAYET, 1975, p. 34; RICCI, 1985, p. 253).

As características das peças de Castro Marim remeteram para o grupo técnico 1 (anexo 4-grupo técnico 1), cuja origem proposta são os centros de manufactura etruscos. Esta classificação é feita apesar da aludida ausência de vasos com esta morfologia na Península Itálica. No Castelo, a forma IV também se encontra atestada com manufacturas de Ibiza (*vide infra*).

Mayet considera que esta forma datará do século I a.C., com base nas características técnicas e morfológicas das peças, derivado da ausência de dados estratigráficos de centros de consumo (MAYET, 1975, p. 34). Alberto López Mullor considera que a cronologia da forma 4, de produção de Ibiza, se situa entre 70-60 a.C. e a época de Nero, com o período de máxima expansão entre os principados de Augusto e Cláudio (LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 174).

A forma Mayet IV, no actual território português, apenas se encontra documentada no Castelo da Lousa, com um fabrico “*relativamente grosseiro, com a pasta de cor alaranjada, e uma superfície externa rugosa com os desengordurantes da pasta bem visíveis*” que o autor atribui aos centros produtores de Maiorca (MORAIS, 2010, pp. 159 e 171, peça 86). No sudoeste peninsular, esta morfologia encontra-se igualmente presente em Mesas de Asta, Cádiz, com 1 fragmento (REINOSO DEL RIO, 2002, p. 91).

Os vasos desta forma presentes no Castelo de Castro Marim foram exumados no corte 3, quadrado B05, no nível 1, datado entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414).

### **Ricci 1/47 (Mayet V)**

Esta morfologia de vasos foi analisada por Françoise Mayet na monografia sobre a cerâmica de paredes finas na Península Ibérica, na forma V, concretamente a variante V A (MAYET, 1975, pp. 35-37, *planche* X, nº 76). Posteriormente, este tipo foi individualizado por Andreina Ricci, na forma 1/47, nomenclatura que utilizamos (RICCI, 1985, p. 255).

Trata-se de um copo de corpo globular de tendência ovóide, que pode atingir os 100 mm de altura. O bordo é alto e espesso, estando o lábio, por vezes, separado da pança por um sulco estreito. O fundo é pequeno, não destacado e plano ou de tendência côncava.

No Castelo de Castro Marim estão presentes quatro fragmentos de bordo do tipo 1/47 (estampa V.67 a V.70). Tratam-se de bordos altos, espessados, de tendência oval; numa das peças encontra-se ainda presente parte da parede (estampa V.67) que indicia um corpo de tendência ovoide. Os lábios em análise apresentam um diâmetro maior (em torno dos 90 mm) do que o vaso-tipo de Ricci, primeiramente publicado por Françoise Mayet (MAYET, 1975, pp. 35-37, *planche* X, nº 76; RICCI, 1985, *tavola* LXXXI, nº 5), não obstante, parece-nos que as restantes características atestam a inclusão nesta forma.

Andreina Ricci propõe que estes vasos sejam originários de Siracusa (RICCI, 1985, p. 255), embora, até ao momento, não estejam atestadas peças do tipo 1 /47 entre as produções desta região (MONTANA *et al.*, 2013; MALFITANA *et al.*, 2014; CANNATA, 2014; MALFITANA *et al.*, 2015; MALFITANA *et al.*, 2016). No território actualmente português, esta forma tem sido sempre atribuída às manufacturas de Siracusa (MORAIS, 2005; MORAIS, 2010), conforme defendido pela autora italiana.

No entanto, as observações macroscópicas das peças presentes em Castro Marim levaram à sua integração no grupo técnico 1 (anexo 4-grupo técnico 1) cuja manufactura propomos centrar-se na área etrusca. Mantemos a nossa proposta de proveniência apesar dos dados mencionados, para futura confirmação.

Andreina Ricci não atribui qualquer espectro cronológico para esta forma, por ausência de dados estratigráficos concretos (RICCI, 1985, p. 255). No actual território português esta forma está presente no Castelo da Lousa com datação augustana (MORAIS, 2010, pp. 154 e 156) e em Braga (MORAIS, 2005, pp. 301 e 332). Em Braga, apesar de atribuir a origem a Siracusa, o autor refere que as características da pasta lhe remetem para as denominadas cerâmicas “casca de ovo” oriundas de Cádiz e Rubielos de Mora (MORAIS, 2010, p. 298).

Os fragmentos de Castro Marim foram exumados no corte 3, quadrado C 06, nível 2 (3 peças) e no quadrado B 05 e nível 1 (uma peça), estratos datados entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414).

### **Ricci 1/61 (Marabini XIII)**

Os vasos desta forma foram reconhecidos entre as cerâmicas de paredes finas de Cosa e analisados por Marabini Moevs na sua monografia, na forma XIII (MOEVS, 1973, pp. 74-75, *pl.* 9, nºs 97 e 98). Posteriormente, Andreina Ricci utiliza esta morfologia para criar o seu tipo 1/61, que utilizamos (RICCI, 1985, p. 257).

Engloba copos de tendência ovóide; o bordo é voltado para o exterior e arredondado, a parede dos vasos é praticamente recta até à carena arredondada que surge na metade inferior da peça. O fundo é não destacado e aplanado. Esta morfologia atesta uma “*long survival of the shape, probably of an original La Tène ancestry, within kitchen ware, more conservative than other classes of pottery*” (MOEVS, 1973, p. 75).

A forma 1/61 encontra-se presente entre o acervo do Castelo de Castro Marim por um fragmento de bordo com o arranque da parede (estampa V.71). Trata-se de um bordo de perfil arredondado, com diâmetro de 90 mm. Estas características remetem para o tipo 1/61, no entanto, as pequenas dimensões da peça, levam-nos a fazer esta classificação com reservas.

Marabini Moevs sugere que esta forma seja originária dos centros de manufactura situados na Itália Central (MOEVS, 1973), proposta mantida por Andreina Ricci (RICCI, 1985, p. 257). Neste sentido, as características técnicas do fragmento tipo 1/61 foi incluído no grupo técnico 2 (anexo 4-grupo técnico 2) que consideramos plausível ter sido manufacturado na região da Etrúria.

A atribuição das produções do grupo técnico 2 à região da Etrúria não foi sempre óbvia. A presença de minúsculos fragmentos de minerais negros que brilhavam levou-nos a considerar que se tratasse de manufacturas campanas. No entanto, a pesquisa bibliográfica que fizemos e os esclarecimentos da doutora Illuminata Faga<sup>2</sup> conduziu-nos a esta proposta de proveniência.

Este tipo encontra-se datado em Cosa da segunda metade do século I a.C. (MOEVS, 1973, pp. 74-75), cronologia corroborada pela estratigrafia da Ágora, onde surge entre 75 a.C. e o final do século (ROBINSON, 1959, p. 13, *tav.* 1). Em Ventimiglia

---

<sup>2</sup> Agradecemos à doutora Illuminata Faga pelos esclarecimentos na aferição da proveniência de algumas peças que considerámos inicialmente ser provenientes dos centros produtores da Campânia



esta morfologia está atestada de 20 a 90 d.C. (LAMBOGLIA, 1950, p. 123, fig. 97), no entanto, na Itália central, o tipo 1/61 desaparece das baixelas cerâmicas nos finais do século I a.C. (MARABINI, 1973; RICCI, 1985).

O fragmento desta morfologia encontrado no Castelo de Castro Marim foi exumado na UE 435, enchimento da fossa [436], de cronologia pré-romana.

### **Ricci 1/97 (Marabini XIV)**

Marabini Moevs, quando analisa os materiais de Cosa, distingue esta morfologia de copos (Marabini XIV), cujas características remetem para protótipos em baixela metálica, mormente, algumas formas de manufactura etrusca (MOEVS, 1973, pp. 75- 76, *pl.* 9, n<sup>os</sup> 99-103). Posteriormente, Andreina Ricci baseia-se nesta forma para criar o tipo 1/97 da sua tabela tipológica, que utilizamos (RICCI, 1985, pp. 263-264).

Trata-se de um copo provido de uma asa (em alguns casos duas). O bordo é alto e ligeiramente voltado para o exterior; a parede é arredondada e apresenta uma carena (que pode surgir mais pronunciada ou arredonda) na metade inferior do vaso que culmina num pé alto, destacado e moldurado. A asa arranca do bordo e termina aproximadamente a metade da peça.

No Castelo de Castro Marim o tipo 1/97 está atestado por três fragmentos de fundo (estampa V.72 a V.74). Por estarmos perante peças muito fragmentadas, apenas com o pé presente, esta classificação é feita com reservas. A integração destas peças no tipo 2/155 também foi ponderada, no entanto, o diâmetro dos fundos, o perfil sugerido pelo arranque da parede e as características técnicas dos vasos levaram a que os englobássemos nesta morfologia.

Andreina Ricci quando analisa esta forma propõe, “*como hipótese de trabalho*”, que se tratem de manufacturas centro-italicas (RICCI, 1985, p. 264). As características das peças em estudo levaram à sua integração no grupo técnico 1 (anexo 4-grupo técnico 1) que julgamos originário dos centros de produção situados na região da Etrúria. Uma das peças (CM(87)5872) apresenta uma pasta muito semelhante à descrita por Marabini Moevs para o vaso do mesmo tipo (MOEVS, 1973, p. 270, n<sup>o</sup>103).

Esta forma encontra-se atestada em Cosa entre os finais do século II a.C. e o último quartel do século I a.C. (MOEVS, 1974, pp. 75-76) e em Roma encontra-se datada do período republicano (CARRETONI *apud* RICCI, 1985, p. 263).

No actual território português, apenas uma peça das Mesas do Castelinho (FABIÃO, 1998, vol. 3, estampa 99, nº5) poderá ser integrada no tipo 1/97, no entanto, o autor não faz qualquer consideração acerca da sua proveniência.

As peças desta forma foram exumadas no corte 3, quadrícula B 05, nível 1, com cronologia entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1997, pp. 112-114; ARRUDA, 1988; VIEGAS, 2011, p. 414).

### **Forma 1/101 (Mayet III)**

Esta morfologia de copos foi analisada por Françoise Mayet na monografia que efectuou sobre a cerâmica de paredes finas da Península Ibérica, na forma III, mais concretamente, III B (MAYET, 1975, 29-31). Posteriormente, este tipo foi individualizado por Andreina Ricci sob a nomenclatura que utilizamos – tipo 1/101- (RICCI, 1985, pp. 264-265).

Trata-se de um copo de corpo globular, por vezes, com tendência ovóide. O bordo é alto e encurvado para o interior, formando uma garganta interna, com o lábio ligeiramente voltado para o exterior. O bordo pode estar separado da pança por um sulco estreito. O fundo é plano ou de tendência côncava, não surgindo destacado. Os vasos são relativamente baixos, com cerca de 70 mm de altura.

Esta forma está representada no conjunto por sete fragmentos de fundo com parte da pança da peça (estampa V.75-76, V.78-80 e VI. 81-82) e um bojo (estampa V.77). Alguns vasos ostentam o perfil quase completo, faltando apenas o bordo (estampa V.75 e V. 76). Os fundos são planos e não destacados, com o corpo globular. Neste sentido, apesar da ausência do bocal, parece-nos que as características presentes, mormente, diâmetro do fundo, a altura da peça e o perfil, atestam a sua integração no tipo 1/101.

A produção do tipo 1/101 foi atribuída aos centros da Itália Central, tendo sido uma morfologia de vasos importada na Península Ibérica durante um breve espectro temporal, pois foi rapidamente reproduzida pelos centros peninsulares (MAYET, 1975, pp. 239-240; RICCI, 1985, p. 265). Estão presentes, no actual território português, vasos desta forma com manufacturas etruscas, concretamente, no Castelo da Lousa (MORAIS, 2010, pp. 155-156).

Neste sentido, a análise macroscópica dos fragmentos em análise levou à sua inclusão no grupo técnico 1 (anexo 4-grupo técnico 1) que cremos ser originário dos centros produtores da Etrúria.

A cronologia de produção da forma 1/101 etrusca deverá centrar-se entre os meados do século I a.C. e o período de Augusto, pois este tipo deriva directamente do copo Ricci 1/89 cujo início de produção ocorre no século I a.C. (RICCI, 1985, pp. 262-263). A sua reprodução por centros hispânicos entre os meados do século I a.C. e o principado de Augusto (LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 173) parece atestar esta hipótese.

Estão presentes 7 exemplares do tipo 1/101 de manufactura etrusca no Castelo da Lousa com características associadas por Rui Morais às produções Augustanas (MORAIS, 2010, p. 155-156).

Os copos da forma 1/101 de produção etrusca presentes em Castro Marim foram exumados do corte 3, quadrícula C 05, do nível 1, na quadricula C06, nível 2 e no B05, nível 1, que foram datados entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414).

### **Ricci 1/117**

Esta morfologia de vasos foi reconhecida entre o material de Pompeia por Carandini (CARANDINI, 1977, p. 26) e em Roma por Andreina Ricci (RICCI, 1973, p. 354). A autora italiana posteriormente analisa esta forma no tipo 1/117 da sua tabela tipológica, nomenclatura que utilizamos (RICCI, 1985, p. 271).

Engloba uma série de copos de tendência ovóide, providos de uma asa. O bordo é moldurado e voltado para o exterior. O fundo surge não destacado e aplanado. A asa arranca abaixo do bordo e termina perto da metade do vaso.

A forma 1/117 encontra-se atestada em Castro Marim por um fragmento de bordo com o arranque da parede (estampa VI.83). O bocal ostenta a típica moldura e a inclinação para o exterior e, por isto, consideramos plausível a sua integração neste tipo.

O tipo 1/117 foi associado aos centros produtores da Etrúria (RICCI, 1985, p. 271; RUGA, 1992), concretamente no vale do Tiber (DUNCAN, 1964; CARBONARA, 1991-1992; FAGA 2011) e da região campana (RICCI, 1985, p. 271), mormente, em Pozzuoli (GUARINO *et al.*, 2016).

O fragmento exumado em Castro Marim foi integrado no grupo técnico 1 (anexo 4- grupo técnico 1) que consideramos originário da Etrúria.

Em termos cronológicos, esta forma foi descoberta em Óstia em níveis datados entre flávio e o século II d.C. (RICCI, 1973; 1975, p. 271) e em Nápoles entre os meados do século I d.C. e os inícios do século III d.C. (FAGA, 2010, p. 165).

O fragmento da forma 1/117 foi exumado na UE 395, um depósito secundário, sem datação fiável associada.

### **Ricci 1/161 (Mayet XII; Marabini XXX)**

Esta morfologia engloba copos de corpo praticamente cilíndrico, que foram analisados por Marabini Moevs no seu trabalho acerca dos materiais de Cosa, na forma XXX (MOEVS, 1973, pp. 95-96). Posteriormente, Mayet quando analisa as cerâmicas de paredes finas hispânicas incidiu sobre vasos na forma XII (MAYET, 1975, pp. 50-51, *planche XXII*). Andreina Ricci insere estas peças no tipo 1/161, que utilizamos (RICCI, 1985, pp. 275).

Como referimos, o tipo 1/161 engloba morfologias de copos praticamente cilíndricos, mais altos do que largos, normalmente lisos; a parede da peça apresenta-se recta até à carena arredondada, que surge na parte inferior do vaso. O fundo é ligeiramente destacado e pode ser aplanado ou côncavo.

A forma Ricci 1/161 encontra-se presente entre o acervo exumado do Castelo de Castro Marim por dois fragmentos com parte da parede da peça (estampa VI.84 e 85). Pela exígua dimensão do fragmento (estampa VI.84) e por apresentar apenas o lábio com uma pequena parte do corpo do copo fazemos esta classificação com algumas reservas. Este exemplar ostenta vestígios de polimento em bandas, o que tem paralelos em vasos de Sutri (DUNCAN, 1965, p. 150, forma 20). O outro exemplar (estampa VI. 85) ostenta particularidades que o diferenciam do vaso-tipo 1/161, mormente, a parede é recta apenas abaixo do bordo, sugerindo o final da parede conservada uma inclinação para o interior, e o sulco abaixo do lábio presente na parede externa. Não obstante as reservas, considerámos que o perfil ostenta características que atestam a sua inserção no tipo 1/161.

A morfologia de copos do tipo Ricci 1/161 foi manufacturada na Itália Central (RICCI, 1985, p. 275). No entanto, a observação das características técnicas dos fragmentos de Castro Marim levou à sua inclusão nos grupos técnicos 1 (anexo 4-grupo técnico 1) e 2 (anexo 4-grupo técnico 2) que consideramos serem oriundos dos centros de produção situados na Etrúria (*vide* nota 1).

Em Cosa, as peças com esta morfologia foram todas exumadas de níveis que datam do principado de Augusto (MOEVS, 1974, p. 95; RICCI, 1985, p. 275). No actual território português esta forma parece estar presente em Santarém, no entanto, com produções que as autoras atribuem à região da Campânia (ARRUDA e SOUSA, 2003,

pp. 272 e 273, nº 175), e em Braga com produções gálicas (MORAIS, 2005, pp. 302 e 333, nº64).

A peça da forma 1/161 encontra-se na estratigrafia de Castro Marim no sector 3, quadrado B 05, nível 1, datado entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414). O fragmento que enquadrámos com reservas no tipo 1/161 foi exumado na UE 457, uma estrutura datada da Idade Moderna.

### **Ricci 1/172 (Mayet XV)**

Esta morfologia de vasos foi reconhecida e analisada por Françoise Mayet na forma XV; encontram-se pouco atestados entre a cerâmica de paredes finas peninsular, estando atestados apenas em Belo (?), Ibiza e Ampúrias (MAYET, 1975, pp. 52 e 53 e *planche* XXIII, nºs 177-179). Posteriormente, Andreina Ricci engloba os copos desta forma na sua tabela tipológica, no tipo 1/172, que utilizamos (RICCI, 1985, p. 276). Imitando os protótipos itálicos, esta forma foi manufacturada em *Ebusus*, o que levou a ser estudada aquando da investigação dos centros de produção situados em Ibiza, utilizando-se a numeração da tabela de Mayet, no entanto, alterando para cifras árabes (LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002, p. 241; LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 178).

Tratam-se de copos muito altos e largos, de perfil tronco-cónico. O bordo é oblíquo e voltado para o exterior, tendo o lábio ligeiramente espessado e arredondado; o bordo apresenta igualmente uma concavidade. O fundo não é destacado e pode surgir côncavo ou mais aplanado. Pode ostentar marcas de torno tanto na parede externa como na interna.

Entre o acervo do castelo de Castro Marim está presente um fragmento de bordo com uma (pequena) parte da pança que incluímos no tipo 1/172 (estampa VI.86.). Esta peça apresenta as características típicas desta forma: o bordo voltado para o exterior, ligeiramente espessado, com a distintiva concavidade e o largo diâmetro. Estas particularidade permitiram a inclusão no tipo 1/172.

Pela escassez desta forma nos sítios arqueológicos conhecidos, nem Françoise Mayet nem Andreina Ricci propõem qualquer origem para esta morfologia (MAYET, 1975, pp. 52-53; RICCI, 1985, p. 276). No entanto, deveria ser originária, inicialmente, de centros produtores itálicos, nomeadamente, os situados na Etrúria (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 139) e na Campânia (BUSTAMANTE *et al.*, 2011, p. 524, nº 102), sendo

reproduzido posteriormente em Ibiza (LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002, p. 241; LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 178).

A peça de Castro Marim pelas suas características foi incluída no grupo técnico 1 (anexo 4-grupo técnico 1) que consideramos ser proveniente dos centros de manufatura Etruscos. Esta peça é muito semelhante a um vaso proveniente da casa Ariadna em Pompeia, que ostenta uma pasta alaranjada com um patine cinzenta por efeito da cozedura (BUSTAMANTE *et al.*, 2011, pp. 524-525, fig. 102). A inclusão nas manufacturas provenientes de Ibiza foi considerada, no entanto, pelas particularidades técnicas mantivemos esta classificação.

Os protótipos itálicos têm uma produção centrada nos meados do século I a.C., como se deduz pelo ser aparecimento em *Pollentia* nesta cronologia (VEGAS, 1973, p. 72, segunda metade do século I a.C.) mas mantendo-se até Tibério (BUSTAMANTE *et al.*, 2011, p. 524, nº 102). As produções de Ibiza parecem datar dos últimos decénios do século I. a.C. e os primeiros do século I d.C. (LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002, p. 241; LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 178).

No actual território português esta morfologia encontra-se atestada em Santarém em contexto alto imperial (ARRUDA e SOUSA, 2003, pp. 271 e 273, nºs 176 e 177).

O fragmento da forma 1/172 foi exumado no corte 3, quadricula D 06, nível 1 que foi datado entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414).

### **Ricci 1/194 (MAYET II)**

Esta morfologia de copos foi inicialmente diferenciada por Françoise Mayet quando analisa a cerâmica de paredes finas peninsular, nas formas II e VIII, muito frequente em sítios da Hispânia (MAYET, 1975, pp. 26-29, *planche* II, nº 14, *planche* XIII, nºs 104-108). Algumas das peças que Mayet englobou nas formas II e VIII abarcaram o tipo 1/194 de Andreina Ricci (RICCI, 1985, p. 279), nomenclatura que utilizamos, por crermos que se trata de uma morfologia com características específicas.

Parte dos materiais incluídos por Andreina Ricci neste tipo são formas VIII C produzidas na Bética que julgamos que não devem ser consideradas como parte deste tipo. Neste sentido, a tipo-ideal de Ricci, inicialmente publicado por Mayet (MAYET, 1975, *planche* II, nº 14) remete para uma morfologia bem diferenciada e que recentemente foi reconhecida entre as manufacturas de um centro produtor escavado na Etrúria, mormente, o tipo PS IX.11 de Chiusi-Marcianella (APROSIO e PIZZO, 2003, pp. 171-

172). De salientar que esta forma parece ter sido produzida em *Aesis-Jesi* em cerâmica com verniz negro (TABORELLI, 1998, p.90, *tab. C, F 7270*).

Trata-se de vasos de tendência globular com a pança alta; o bordo é alto e voltado para o exterior, praticamente oblíquo e com o lábio arredondado. A parede é arredondada, assumindo um perfil cônico perto do fundo aplanado. Marcas de torno podem surgir no interior e no exterior da peça.

O tipo Ricci 1/194 está atestado no Castelo de Castro Marim com um fragmento (estampa VI.87). Esse bordo é alto, voltado para o exterior e praticamente recto, ou seja, as características distintivas deste tipo. A peça apresenta marca de exposição ao fogo resultantes, provavelmente, do processo de cozedura.

Como referimos, esta forma foi manufacturada na Península Itálica, nomeadamente, na Etrúria, em Chiusi-Marcianella (APROSIO e PIZZO, 2003, pp. 171-172, tipo PS IX.11). As características técnicas da peça de Castro Marim levaram à sua inclusão no grupo técnico 2 (anexo 4-grupo técnico 2) que consideramos ser originário dos centros de produção etruscos.

Quando incide sobre esta morfologia Andreina Ricci não faz qualquer atribuição cronológica, por ausência de peças bem contextualizadas (RICCI, 1985, p. 279). A produção desta forma em Chiusi data do início do século I a.C., no entanto, a sua presença em contextos do século II indicia que foi manufacturada noutros centros (APROSIO e PIZZO, 2003, p. 171).

No actual território português esta forma está atestada na Rocha da Mina com cronologias entre os meados e o ultimo quartel do século I a.C. (MATALOTO *et al.*, *no prelo*; estampa XXV.368 a 370).

O fragmento da forma 1/194 foi exumado no Castelo de Castro Marim na UE 385, enchimento de uma estrutura negativa que foi datada do período Moderno.

### **Ricci 2/210 (Mayet IX, Marabini XXVIII)**

Trata-se de uma morfologia de copas que foi estudada por Marabini Moevs, na forma XXVIII, quando a autora incide sobre a cerâmica de paredes finas de Cosa (MOEVS, 1973, pp. 87-89). Posteriormente, analisada por Françoise Mayet na monografia sobre materiais peninsulares, no número IX, criando duas variantes da forma geral – IX A e IX B- (MAYET, 1975, pp. 42-44). A autora destaca que se trata de uma forma relativamente original, embora baseada em protótipos metálicos (MAYET, 1975, p. 42) o que já tinha sido referido por Marabini Moevs (MOEVS, 1973, p. 87). A categoria

criada por Mayet origina dois tipos na tipologia criada por Ricci, mormente, o 2/210, que utilizamos (RICCI, 1985, p. 296).

Trata-se de uma taça alta com duas asas verticais colocadas simetricamente na peça. A pança é curvilínea, com um perfil arredondado. O lábio é arredondado e pouco destacado, com as asas a arrancarem do bordo, terminando, sensivelmente a meio do corpo do vaso. O fundo é alto, destacado e moldurado de modo elegante. As asas são decoradas a molde na parte superior.

O tipo 2/210 está atestado em Castro Marim por um fragmento de bordo com a asa decorada (estampa VI.88). Esta peça apresenta o bordo arredondado com a asa a arrancar do lábio; a parte superior da asa é decorada e embora o motivo se encontre esbatido, foi possível reconstitui-lo.

Andreina Ricci, tomando por base a semelhança com o tipo Morel 3161, considera que estes vasos são originários da Etrúria (RICCI, 1985, p. 296). A observação das características técnicas da pasta do fragmento do tipo 2/210 em análise remeteram para o grupo técnico 1 (anexo 4-grupo técnico 1), cuja origem proposta são os centros localizados na Etrúria. De salientar ainda que a descrição das particularidades técnicas dos fragmentos de Cosa (MOEVS, 1973, p. 274) são semelhantes aos visíveis na peça de Castro Marim.

Esta forma encontra-se presente na estratigrafia de Cosa em contextos desde os 1º quartel até ao 3º quartel do século I a.C. (MOEVS, 1973, pp. 87-88). No naufrágio Madrague les Giens esta forma aparece atestada, com uma cronologia do 2º quartel do século I a.C. (TCHERNIA *et al.*, 1978, p. 17). Em Cumes este tipo também está identificado em contextos do século I a.C. (CAVASSA, 2004, p. 81).

A forma 2/210 está atestada no actual território português em Santarém num “contexto republicano, onde estavam acompanhadas por ânforas Dressel 1, Maña C2 e campaniense B-óide” (ARRUDA e SOUSA, 2003, p. 268).

O único fragmento desta forma presente em Castro Marim foi exumado na UE 385, enchimento de uma estrutura negativa, datada de período Moderno.

### **Ricci 2/243 (Marabini XXIII)**

Esta morfologia de vasos foi inicialmente analisada por Marabini Moevs na sua monografia referente à cerâmica de paredes finas de Cosa, na forma XXIII, sendo uma forma pouco atestada no sítio (MOEVS, 1973, p. 80, *pl.* 11, nº 120). Posteriormente, Andreina Ricci insere esta taça na sua tipologia, com o tipo 2/243, remetendo, no entanto,



para a forma Marabini XX e não XXIII (RICCI, 1985, p. 313), o que apesar das semelhanças entre as formas não se encontra correcto.

Trata-se de uma taça de tendência rectangular, com as paredes ligeiramente inclinadas para o interior. O bordo é recto e voltado para o exterior, quase perpendicular á parede. O fundo não surge destacado e é aplanado ou convexo.

Encontram-se atestados dois fragmentos da forma 2/243 entre o acervo de Castro Marim (estampa VI.89 e VI.90). Os bordos representados são voltados para o exterior, quase perpendiculares à parede da peça, sendo um dos lábios mais arredondado (estampa VI.90). Apesar da dimensão das peças parece-nos que as características expostas ratificam a sua inclusão neste tipo.

Quando analisa a sua forma XXIII, Marabini Moevs, com base principalmente nas pastas dos fragmentos presentes em Cosa, propõe uma origem campana (MOEVS, 1973, p. 80). No entanto, os fragmentos presentes no Castelo de Castro Marim foram incluídos no grupo técnico 2 (anexo 4-grupo técnico 2) cuja proveniência sugerida são os centros produtores situados na Etrúria, embora, como referimos (*vide* nota 1), a proveniência da região Campânia tenha sido ponderada.

Como referimos, esta forma está presente em Cosa, onde surge em contextos datados entre o segundo e o terceiro quartel do século I a.C. (MOEVS, 1973, p. 80). O seu aparecimento em necrópoles da área da Ligúria e em Ornavasso entre os finais do século II a.C. e o século I a.C. parece corroborar uma cronologia republicana (LAMBOGLIA, 1952, pp. 58-59; BIANCHETTI *apud* MOEVS, 1973, p. 80, nota 251). Não existem, que tenhamos conhecimento, quaisquer peças desta forma no actual território português.

As peças deste tipo foram exumadas no sector 3, quadricula B 05, nível 1, datado entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414).

### **Ricci 2/316 (Mayet X; Marabini XXV)**

Esta morfologia foi inicialmente analisada por Marabini Moevs com base no conjunto de Cosa, onde a autora defende uma influência das manufacturas etruscas e da baixela metálica para esta forma (MOEVS, 1973, pp. 81-85, forma XXV). Posteriormente, ao estudar a cerâmica de paredes finas da Península Ibérica, Mayet incide neste tipo, com o número X, criando 3 variantes do tipo geral – X A, X B, X C- (MAYET,

1975, pp. 44-47). Andreina Ricci dividiu a categoria utilizada pela autora francesa, criando o tipo 2/316, que utilizamos (RICCI, 1985, 298).

Trata-se de uma copa com duas asas colocadas de modo simétrico na peça. Possui um colo alto e côncavo, com um lábio destacado e voltado para o exterior; apresenta um sulco logo abaixo do lábio. A pança da peça é hemisférica e está separada do bordo por um sulco. O fundo apresenta um pequeno pé, normalmente ligeiramente côncavo. A asa arranca a meio do bordo e termina sensivelmente a meio da pança da taça.

No acervo exumado do Castelo de Castro Marim encontra-se presente um fragmento da forma 2//316 (estampa VI.91). Esta peça apresenta o típico colo encurvado e côncavo, com o um lábio voltado para o exterior e um sulco logo abaixo. O vaso em análise possui uma curvatura do bordo menos acentuada do que nos vasos-tipo publicados inicialmente por Françoise Mayet (*vide* Mayet, 1975, *planche* XVI, n°s 122 e 124), no entanto, enquadra-se no tipo 2/316.

Estas taças parecem ter sido produzidas inicialmente na Itália Central, no entanto, as peças de Cosa apresentarem características técnicas típicas dos exemplares provenientes de Sovana, o que levou a que se aventasse a hipótese de mais do que um centro de manufactura (MOEVS, 1973, p. 84; RICCI, 1985, p. 298). A observação das características técnicas da pasta da taça presente em Castro Marim levou à sua inclusão no grupo técnico 1 (anexo 4-grupo técnico 1) que propomos ser originário da região da Etrúria.

A copa Ricci 2/316 está presente em Sovana com uma cronologia da segunda metade século I a.C. (RICCI, 1985, p. 298), e em Cosa em estratos datados do segundo e terceiro século a.C., com excepção de um fragmento proveniente de níveis datados entre 150 e 75 a.C. (MOEVS, 1973, p. 84; RICCI, 1985, p. 298). Em Cumes diversos vasos desta morfologia foram exumados em níveis da segunda metade do século I a.C. (CAVASSA, 2004, p. 80). Também em *Pollentia* esta forma encontra-se atestada em níveis da segunda metade do século I (VEGAS, 1973, p. 78).

No actual território português a forma 2/316 está presente nas Mesas do Castelinho (FABIÃO, 1998, vol. II, pp. 335-336) e no Castelo da Lousa, onde Rui Morais afirma que as peças possuem as características das produções etruscas do principado de Augusto (MORAIS, 2010, pp. 155-156).

O vaso da forma Ricci 2/316 está presente no corte 3, na quadrícula C5 e no nível 1, cuja datação, obtida através dos materiais já analisados, se centra entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414).

## **Ricci 2/391**

Alguns materiais com esta morfologia foram dados à estampa por Carandini quando abordou a cerâmica de paredes finas de Pompeia e do Museu de Nápoles (CARANDINI, 1977, p. 26). Posteriormente, Andreina Ricci engloba esta forma de taças na sua tipologia, no tipo 2/391, que utilizamos (RICCI, 1985, p. 297).

Este tipo engloba copas largas, com a pança de perfil tendencialmente globular e duas asas. O bordo é alto e voltado para o exterior, com o lábio arredondado. As asas começam abaixo do lábio, terminando perto da metade da peça, e têm um perfil rectangular. O pé é alto e destacado, com o fundo aplanado. A parede externa pode ostentar sulcos na metade superior do vaso.

No Castelo de Castro Marim, o tipo 2/391 está atestado por um fragmento que apresenta mais de metade do perfil total do vaso conservado (estampa VI.92). Esta peça, por se apresentar menos fragmentada que as restantes, apresenta as características gerais deste tipo, com excepção do fundo e asas, não ostentando, igualmente, os sulcos na parede externa, presentes o vaso-tipo de Ricci (CARANDINI, 1977, p. 26, *tav.* X, nº 18; RICCI, 1985, *tav.* XCV, nº 5).

O tipo 2/391 foi manufacturado possivelmente nos centros localizados na região da Campânia (RICCI, 1985, p. 297). Não obstante, as nossas observações macroscópicas, nomeadamente, da pasta da peça, levaram à sua inclusão no grupo técnico 2 (anexo 4-grupo técnico 2) cuja origem proposta é a Etrúria (*vide* nota 1).

Em termos cronológicos, pela ausência de paralelos, a autora italiana não propôs qualquer datação para este tipo. Também desconhecemos quaisquer paralelos para esta forma. No entanto, pela sua morfologia e semelhança com outros vasos produzidos na Campânia, como proposta de trabalho, julgamos poder enquadrar cronologicamente este tipo entre os finais do século I a.C. e a primeira metade do século I d.C., ou seja, a morfologia etrusca seria emulada pelos centros campanos (*vide* FAGA, 2010, pp. 192 e 197, fig. 5, nº 9; BUSTAMANTE *et al.*, 2011, pp. 525-526).

O fragmento da forma 2/391 foi exumado na UE 532, um depósito secundário, que não permite qualquer aferição cronológica.

## **Marabini XX**

Esta morfologia de taças foi inicialmente analisada por Marabini Moevs na sua monografia sobre a cerâmica de paredes finas de Cosa, onde está presente com poucos

fragmentos de bordo (MOEVS, 1973, p. 79 e *pl.* 11, nºs 116 e 117). Como referimos (*vide supra*), Andreina Ricci no tipo 2/243 remete para esta forma, no entanto, a sua tabela apresenta a forma XXIII de Marabini (RICCI, 1985, *távola* C, nº 10).

Trata-se de uma copa de perfil praticamente rectangular com um bordo espessado, com o lábio de tendência triangular. As paredes desta taça são rectas e culminam num fundo aplanado e não destacado.

A forma Marabini XX está presente em Castro Marim com um fragmento (estampa VI.93). A peça ostenta o bordo de perfil praticamente triangular e a parede recta, características distintivas desta morfologia. No entanto, o vaso em análise possui uma parede mais inclinada em direcção ao fundo do que as apresentadas por Marabini Moevs, que possuem um perfil praticamente rectangular. Não obstante, consideramos que as particularidades atestadas tornam plausível esta classificação, embora, com as reservas referidas.

Marabini Moevs não faz qualquer consideração acerca da possível origem desta forma. A peça presente em Castro Marim, pelas suas características técnicas foi englobada no grupo técnico 2 (anexo 4-grupo técnico 2) que consideramos ser proveniente dos centros de produção situados na região da Etrúria (*vide* nota 1).

Em Cosa, esta forma está presente em níveis do primeiro quartel do século I a.C. (MOEVS, 1973, p. 79). Que tenhamos conhecimento, esta forma não se encontra atestada no actual território português.

O fragmento desta forma foi exumado no corte 3, quadricula C 05, nível 1, datado entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414).

## **Marabini XLIV**

Esta forma foi analisada por Marabini Moevs na monografia sobre as produções de paredes finas de Cosa, onde propõe que esta morfologia se inspira nos *kantharoi* em cerâmica de verniz negro (MOEVS, 1973, pp. 131-132 e 164, *pl.* 22, nºs 215-216 e *pl.* 31 nº 290). Posteriormente, morfologias assemelháveis a este tipo foram reconhecidas entre os materiais de Nápoles (FAGA, 2010, p. 192).

Trata-se de uma copa provida de duas asas, com a parede côncava na parte superior da peça, culminando numa carena arredondada que marca a inflexão até ao fundo, ligeiramente destacado e aplanado. As asas arrancam abaixo do lábio culminando perto da carena. Existem miniaturas desta morfologia em Cosa.

A forma XLIV de Marabini encontra-se atestada em Castro Marim por um fragmento de lábio e parede (estampa VII.94). Esta copa apresenta as características distintivas desta morfologia, por isso, foi classificada sem reservas, embora desconheçamos qualquer paralelo no actual território português.

No que concerne à origem, vasos com esta forma presentes na Casa de Ariadna em Pompeia foram associados aos centros de produção campanos (BUSTAMANTE *et al.*, 2011, p. 524). Apesar do mencionado, a observação das características técnicas da peça atestada no Castelo levou à sua inclusão no grupo técnico 2 (anexo 4-grupo técnico 2) cuja manufactura cremos ser originária dos centros etruscos (*vide* nota 1).

Esta forma foi exumada em Cosa desde o principado de Augusto até ao início de Cláudio (MOEVS, 1973, pp. 131-132 e 164). Em Pompeia, esta forma encontrava-se presente em estratos de Tibério-Cláudio (BUSTAMANTE *et al.*, 2011), cronologia semelhante às peças do porto de Nápoles (FAGA, 2010, p. 192).

Como referimos, no actual território português, desconhecemos quaisquer paralelos para esta forma; na Península Ibérica apenas encontrámos referência a uma peça desta morfologia na Catalunha (LÓPEZ MULLOR, 1989, p 207).

A peça da forma XLIV foi exumada na UE. 398, estrato de derrube/entulhamento, da fase romana, no entanto, com grande presença de cerâmica datada da Idade do Ferro (engobe vermelho, cerâmica pintada em bandas) e cerâmica romana (campaniense B e ânfora da classe 32). Neste sentido, consideramos que esta peça não possui um contexto fiável.

### **Similar Marabini V (pl. 6, nº59)**

Trata-se de uma forma analisada por Marabini Moevs na obra sobre a cerâmica de paredes finas de Cosa (MOEVS, 1973, p. 62-63). Esta morfologia engloba um conjunto de “*globular jars with everted lip*”, enquadrando diversos tipos de bordo voltados para o exterior: - aplanados, moldurados e arredondados- (MOEVS, 1973, p. 62).

Foram exumados no Castelo de Castro Marim 6 fragmentos (estampa VII.95 a VII.100) cuja morfologia se assemelha à peça apresentada por Marabini Moevs na forma V, nomeadamente, o vaso com o bordo voltado para o exterior com o lábio arredondado (MOEVS, 1973, pl. 6, nº 59).

As peças de Castro Marim apresentam o bordo voltado para o exterior e arredondado (estampa VII.95 a VII.99), apresentando, por vezes, uma ligeira concavidade, que forma uma garganta interna (estampa VII.95 a VII.97 e VII.99). Os

fragmentos apresentam apenas o arranque da parede, o que dificultou a classificação, no entanto, pelo perfil do bordo e inclinação das paredes remetemos, com reservas, para uma forma semelhante à Marabini V.

Não foi aventada qualquer hipótese de proveniência para a forma V por Marabini Moevs. Não obstante, as características técnicas das peças de Castro Marim, semelhantes, inclusive, à descrição que a autora fez da peça que cremos ser um bom paralelo (MOEVS, 1973, p. 266, n. 59), levaram à inclusão no grupo técnico 1 (anexo 4-grupo técnico 1) que propomos ter origem nos centros de produção situados na Etrúria.

A forma Marabini V foi datada desde o início do século I a.C. (MOEVS, 1973, p. 62) e, mais concretamente, a peça com o bordo arredondado, que serviu de paralelo para os fragmentos de Castro Marim, foi exumada em níveis datados entre o segundo e o terceiro quartel do século I a.C. (MOEVS, 1973, p. 266).

Os fragmentos da forma *similar* Marabini V são proveniente do sector 3, quadricula B 04, nível 1; quadricula C 05, nível 1; quadricula D 06, nível 2, datados entre 60-30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414), o que coincide com a cronologia desta forma na estratigrafia de Cosa. Uma outra peça foi exumada na UE 390, um lajeado em xisto sem cerâmica classificável associada, excepto um bordo da forma 21 produzida em Ibiza (*vide infra*).

Não encontramos qualquer paralelo para a forma sim. Marabini V nos sítios publicados do actual território português.

### **Indeterminados**

Trata-se de um dos grupos mais numerosos e engloba todas as peças que não foram passíveis de atribuição tipológica por serem fragmentos exíguos ou por ostentarem um perfil que se poderia integrar em diversas formas. Não obstante, como referimos na metodologia, optámos pela representação total para assim poder ser aferido o que considerámos serem os vasos de morfologia indeterminada.

Um dos fragmentos apresenta o bordo com parte da pança da peça que não conseguimos enquadrar em qualquer forma das tipologias existentes. Desconhecemos sequer um paralelo formal para o bordo apresentado (estampa VII.101) e, por isso, foi integrado no grupo dos indeterminados.

Como referimos, esta morfologia apresenta-se representada por um elemento de bordo com parte da pança da peça; o bocal surge voltado para o exterior, arredondado com o topo praticamente plano e apresenta uma ligeira concavidade na parede interna.

Como apenas se encontra presente um pequeno fragmento do corpo (e por ausência de paralelos) não conseguimos assegurar o perfil do vaso, no entanto, pelo arranque julgamos que se trata de um copo de tendência ovóide, talvez semelhante ao do tipo Ricci 1/30 (*vide supra*).

As características técnicas da peça de Castro Marim remetem para o grupo técnico 1 (anexo 4- grupo técnico 1) que julgamos ser proveniente dos centros de manufatura situados na região da Etrúria.

Este vaso foi exumado no corte 3, quadrícula B 05, nível 1 que se enquadra cronologicamente entre 50 e 30 a.C. (ARRUDA, 1997, pp. 112-114; ARRUDA, 1988; VIEGAS, 2011, p. 414).

Os restantes materiais foram englobados no grupo dos indeterminados pelas exíguas dimensões ou por apresentarem perfis passíveis de ser incluídos em diversos tipos. Com estas características estão presentes 45 peças em Castro Marim: um bordo e 41 fundos. O bordo (estampa VII.102) apresenta-se demasiado fragmentado e as suas dimensões não permitem uma atribuição formal. Os restantes elementos indeterminados são fundos: a maioria são não destacados, possuem um arranque de parede oblíquo, sendo aplanados ou ligeiramente côncavos (estampa VII.109 a IX.137), outros igualmente não destacados ostentam uma parede praticamente recta (estampa IX.138 e IX.139). Outros vasos evidenciam ainda o pé ligeiramente destacado e aplanado (estampa VII.106 a 108) e três peças deveria ter o fundo em pé de anel (estampa VII.103 a VII.105).

Este grupo inclui ainda quatro bojós com o perfil bem representado, embora, pela sua simplicidade pudessem ser integrados em diversos tipos (estampa IX.141 a X.144). Englobamos ainda três fragmentos (estampa IX.145 a 147) que inclusive temos dúvidas que se tratem de cerâmica de paredes finas, no entanto, considerámos que se podiam enquadrar nesta categoria tão heterogénea. Os seus perfis denotam que estamos perante vasos de pequenas dimensões, podendo ser miniaturas ou unguentários (ambas as hipóteses bem atestadas em paredes finas).

Estas peças foram integradas, devido às suas características técnicas, nos grupos técnicos 1 (anexo 4-grupo técnico 1) e 2 (anexo 4-grupo técnico 2) que consideramos verosímil serem originários dos centros de produção da região etrusca.

Os vasos em análise foram exumados em camadas datadas do período republicano, bem como em estratos secundários, sem cronologia fiável associada.

## **Grafito**

Um fragmento de bojo atestado no Castelo de Castro Marim apresenta um grafito efectuado pós-cozedura, com a leitura -DIIFICIA(N)- (estampa X.148). A presença de grafitos em cerâmica de paredes finas é inédita no actual território português e pouco frequente na península Ibérica. Foram atestados, em Maiorca, diversos vasos com grafitos: -VR-, -EVOA-, -KUS-, -MIA- (MAYET, 1975, *planche* XII, nº 95; LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002); surge igualmente numa taça em *Empuries*, concretamente, -TAT-, talvez, uma abreviatura do nome *Tatius* (LÓPEZ MULLOR, 1989, vol. 2, estampa 31, fig. 2),

## **Asas e decorações**

Representámos duas asas (estampa X.149 e X.150) de manufactura etrusca para as quais não conseguimos identificar o tipo. Entre as produções da Etrúria estão igualmente presentes diversos fragmentos de bojo decorados a barbotina (estampa X.151 a X.154). Os motivos são os bastonetes, as linguetas, concretamente, as decorações 54, 46 e 125 (RICCI, 1985).

Um dos copos decorados (estampa x.151) apresenta uma decoração que se pode assemelhar a uma atestada nas Mesas do Castelinho (FABIÃO, 1998, vol.3, estampa 99, fig. 6). Este vaso foi classificado como Ricci 1/47-49 (FABIÃO, 1998, vol. 2, p. 336), contudo, parece-nos que se deverá enquadrar no tipo 1/53.

### **3.2.2 Área Centro-Occidental do Vale do Pó**

#### **Ricci 1/20, 1/362 (Mayet III, Marabini VII)**

Os materiais com esta morfologia foram inicialmente integrados na forma VII de Marabini Moevs, onde a autora analisa as suas características, fazendo uma atribuição cronológica com base na estratigrafia de Cosa (MOEVS, 1973, pp. 66-68). Posteriormente, Françoise Mayet, no estudo que efectua sobre as paredes finas da Península Ibérica, aborda esta forma, integrando-a na sua tabela tipológica – Mayet III- (MAYET, 1975, pp. 29-35). Ricci no trabalho que desenvolve na *Enciclopedia Dell'Arte Antica Classica e Oriental* divide a categoria de Mayet em vários tipos, nomeadamente, a forma 1/20-1/362, que utilizamos (RICCI, 1985, p. 248).

Tratam-se de copos tendencialmente ovóides com o corpo alongado. O bordo é destacado, alto e encurvado. O fundo é saliente, formando um pequeno pé, plano ou



ligeiramente convexo. Foram identificadas diversas miniaturas deste tipo na Península Itálica (RICCI, 1985, p. 248).

Estão presentes cinco fragmentos de fundo desta forma entre o acervo do Castelo de Castro Marim (estampa X.155 a XI.159). Tratam-se dos típicos pés onde assenta o corpo da peça, podendo a pança ser mais ovoide (estampa X.156 a XI.159) ou de tendência piriforme (estampa X.155).

Este tipo foi associado a diversos centros de manufactura itálicos, inicialmente deveria ser originário da área etrusca, sendo posteriormente reproduzido noutros sítios, nomeadamente, na Aquileia (RICCI, 1985, p. 248). As características das pastas, a presença de um forte polimento levou-nos a incluir estes fragmentos no grupo técnico 3 (anexo 4-grupo técnico 3), que atribuímos aos centros produtores localizados na região centro-ocidental do Vale do Pó. Sabemos que este tipo ainda não tinha sido atribuído a esta área de produção, no entanto, mantemos a atribuição para futura confirmação.

A cronologia desta forma deve situar-se entre os inícios do século I a.C. e o principado de Augusto (RICCI, 1985, p. 248), como se constata na estratigrafia de Cosa (MOEVS, 1973, pp. 67-68). Desconhecemos a presença de peças da forma 1/20, 362 de produção da área centro-ocidental do Vale do Pó no actual território português (presença desta forma de manufactura Etrusca *vide supra*).

As peças da forma 1/20, 362 foram exumadas no corte 3, quadrado C05, nível 1 (4 fragmentos) e no quadrado B 05, nível 1 (1 fragmento), datados entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414).

### **Ricci 1/35 (Mayet II)**

Esta morfologia de vasos foi analisada por Françoise Mayet, na sua monografia referente à cerâmica de paredes finas da Península Ibérica, estando integrada na tabela tipológica criada pela autora francesa na forma II (MAYET, 1975, pp. 26-29). Como referimos anteriormente, Andreina Ricci dividiu em diversos tipos a forma criada por Mayet, nomeadamente, o 1/35, que utilizamos (RICCI, 1985, p. 252).

Trata-se de um copo de corpo alongado e ligeiramente ovóide. O bordo é inclinado para o exterior com o lábio tendencialmente arredondado. O fundo é largo e aplanado. Pode apresentar marcas do torno, tanto na parede externa como interna (MAYET, 1975, p. 29 e *planche* III, fig, 22).

Entre o conjunto proveniente do Castelo de Castro Marim a forma 1/35 de produção padana encontra-se representada por um fragmento de fundo (estampa XI.160).

Trata-se de um fundo largo (59 mm de diâmetro) e o arranque da parede indicia o perfil ovóide, ou seja, consideramos verosímil a inclusão neste tipo.

A proposta de uma proveniência itálica deste tipo (HAYES, 1976, p. 80) não possuía qualquer consistência (RICCI, 1985, p. 252). Neste sentido, Andreina Ricci sugere que a forma 1/35 seja uma produção local da costa oriental da Península Ibérica, pois esta forma surgia apenas nesta região (RICCI, 1985, p. 252).

No entanto, as características técnicas das peças deste tipo presentes no Castelo da Lousa levaram Rui Morais a atribuir uma proveniência etrusca com “*fabrico associado aos produtos republicanos*” (MORAIS, 2010, p.155). Como referimos, as manufacturas da Etrúria desta morfologia também estão presentes no castelo de Castro Marim (*vide supra*), no entanto, a peça em análise apresenta características distintas que nos levaram a incluí-la no grupo técnico 3 (anexo 4-grupo técnico 3) cuja origem propomos que sejam os centros de manufactura situados na área centro-ocidental do Vale do Pó. Embora desconheçamos quaisquer paralelos para a produção no Vale do Pó, mantemos esta classificação para futura confirmação.

Quando analisa esta forma, Andreina Ricci não faz qualquer proposta cronológica para a sua produção devido à escassez de dados (RICCI, 1985, p. 252). Como referimos (*vide supra*), a forma 1/35 de manufactura etrusca foi exumada maioritariamente em contextos republicanos no actual território português.

O fragmento da forma 1/35 proveniente de Castro Marim é proveniente do corte 3, quadrado B 05, no nível 1, com uma cronologia centrada entre 60-30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414), o que poderá indiciar que as produções os copos 1/35 do Vale do Pó possuem uma datação idêntica aos protótipos etruscos nos sítios de consumo do sudoeste peninsular.

### **Ricci 1/161 (Mayet XII; Marabini XXX)**

Esta morfologia engloba copos de corpo praticamente cilíndrico, que foram analisados por Marabini Moevs na forma XXX (MOEVS, 1973, pp. 95-96). Posteriormente, Mayet quando analisa as cerâmicas de paredes finas hispânicas incidindo sobre vasos na forma XII (MAYET, 1975, pp. 50-51, *planche XXII*). Andreina Ricci insere estas peças no tipo 1/161, que utilizamos (RICCI, 1985, pp. 275).

Como referimos, o tipo 1/161 engloba morfologias de copos praticamente cilíndricos, mais altos do que largos, normalmente lisos; a parede da peça apresenta-se

recta até à carena arredondada, que surge na parte inferior do vaso. O fundo é ligeiramente destacado e pode ser aplanado ou côncavo.

A forma Ricci 1/161 encontra-se presente entre o acervo exumado do Castelo de Castro Marim por um fragmento com parte da parede da peça (estampa XI.161). Pela exígua dimensão do fragmento e por apresentar um diâmetro maior do que o normal fazemos esta classificação com algumas reservas.

A morfologia de copos do tipo Ricci 1/161 foi manufacturada na Etrúria (RICCI, 1985, p. 275), sendo que estas produções também estão presentes em Castro Marim (*vide supra*). A observação das características técnicas desta peça levou à sua inclusão no grupo técnico 3 (anexo 4-grupo técnico 3) que consideramos oriundo dos centros de produção situados na zona centro-ocidental do Vale do Pó.

Em Cosa, as peças com esta morfologia foram todas exumadas de níveis que datam do principado de Augusto (MOEVS, 1973, p. 95; RICCI, 1985, p. 275). No actual território português esta forma parece estar presente em Santarém, no entanto, com produções que as autoras atribuem à região da Campânia (ARRUDA e SOUSA, 2003, pp. 272 e 273, nº 175), e em Braga com manufactura gálicas (MORAIS, 2005, pp. 302 e 333, nº64).

O fragmento do tipo 1/161 de manufactura padana é proveniente do sector 3, quadrado B 05, nível 1, datado entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414).

### **Ricci 2/232, 2/405 (Mayet XXXIII)**

Esta morfologia de taças hemisféricas foi englobada por Marabini Moevs na forma XXXVI e encontra-se muito bem representada durante o período Augustano em Cosa (MOEVS, 1973, pp. 132-133). Posteriormente, ao analisar a cerâmica de paredes finas peninsular, Françoise Mayet também aborda esta forma (MAYET, 1975, pp. 67 e 68, forma XXXIII). Andreina Ricci divide estas formas em dois tipos, 2/232 e 2/405 (RICCI, 1985, pp. 286-287), nomenclatura que utilizamos.

Trata-se de uma taça hemisférica, cuja altura pode ir dos 50 aos 80 mm. O bordo não é destacado, sendo apenas uma continuação da parede, com a extremidade arredondada. A pança é arredondada e possui um sulco horizontal ao longo do vaso na parede externa, aproximadamente a meio da peça. Não obstante, alguns exemplares da Aquileia não possuem esta característica. O fundo é ligeiramente destacado e, maioritariamente, côncavo.

Entre o acervo do Castelo de Castro Marim está presente um fragmento de fundo da forma 2/232, 2/405 (estampa XI.162). A peça em análise apresenta o fundo destacado e côncavo, com a parede hemisférica, ou seja, as características típicas deste tipo.

A forma 2/232, 2/405 apresenta características consentâneas com diferentes produções, concretamente, uma produção da Aquileia, outra dos centros da zona centro-ocidental do Vale do Pó e, posteriormente, esta morfologia também foi manufactura na província da Bética (RICCI, 1985, pp. 286-287; REINOSO DEL RIO, 2010, p. 290) e da *Gallia* (BERTRAND, 2000; 2005).

O vaso presente em Castro Marim, pelas suas características, foi inserido no grupo técnico 3 (anexo 4-grupo técnico 3), cuja origem propomos ser dos centros produtores localizados na zona centro-ocidental do Vale do Pó.

Esta morfologia de vasos encontra-se presente em Cosa e em Magdalensberg em contextos datados desde o principado de Augusto e Tibério (MOEVS, 1973, pp. 106-11; SCHINDLER-KAUDELKA, 1975, forma 50).

No actual território português a forma 2/232, 2/405 de produção padana está atestada em Braga, em contextos datados entre 30 a.C. e Cláudio (MORAIS, 2005, pp. 300-301 e 330-331).

O fragmento desta forma foi exumado nas intervenções arqueológicas de 1987, no corte 3, quadrado C05, nível 1, datado entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414).

### **Indeterminados**

No Castelo de Castro Marim estão presentes cinco fragmentos de fundo (estampa XI.163 a XI.167) cuja classificação não foi possível. Estes não permitiram uma aferição formal devido às pequenas dimensões das peças e ao seu perfil que, pela simplicidade, poderia ser inserido em diferentes tipos.

As características técnicas das pastas levaram à sua inserção no grupo técnico 3 (anexo 4-grupo técnico 3) cuja origem propomos situar-se nos centros produtores localizados na zona centro-ocidental do Vale do Pó.

Estas peças foram exumadas no corte 3, quadrícula B 05, nível 1, quadrícula C 05, nível 1 e quadrícula C 06, nível 2, estratos que estão datados entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414).

### 3.2.3 Produções do Vale do Pó Oriental e da Costa Adriática (Aquileia)

#### Ricci 1/122 (Marabini XLVIII)

A primeira menção a esta forma foi efectuada por Nino Lamboglia, atribuindo-lhe uma cronologia centrada na primeira metade do século II d.C. (LAMBOGLIA, 1950, pp. 37, 48 e 139). Posteriormente, foi analisada por Marabini Moevs, no seu estudo sobre a cerâmica de paredes finas de Cosa (MOEVS, 1973, pp. 237-238, peças 431-433). A autora observou que esta morfologia foi uma das mais comuns entre a panóplia usada na cozinha romana nos meados do século I d.C., sendo também realizada em *terra sigillata* clara B durante o século II d.C. (LAMBOGLIA, 1958, pp. 309-310; MOEVS, 1973, p. 237). Uma das características deste tipo, uma moldura abaixo do bordo, a separá-lo do corpo da peça, parece remeter para uma influência da cerâmica de cozinha do final do período La Tène (MOEVS, 1973, p. 238).

Trata-se de um copo provido de uma asa, de corpo tendencialmente globular, por vezes, ovóide. O bordo é voltado para o exterior e de tendência recta. Possui uma característica moldura, que separa o bordo e o corpo da peça, constituindo um verdadeiro “colarinho”. A asa que arranca do bordo e termina a meio da peça, apresentando uma forma oval. O fundo é destacado e aplanado.

A forma Ricci 1/122 proveniente dos centros produtores da região oriental do Vale do Pó e da costa Adriática encontra-se presente em Castro Marim por duas peças (estampa XI.168 e XI.169). Concretamente, um fragmento de fundo, diferenciado e aplanado (estampa XI: 169) e um bordo com as características distintivas desta morfologia, ou seja, surge voltado para o exterior e ostenta o típico “colarinho” (estampa XI.168).

O fundo apresenta uma pasta cozida em atmosfera redutora, acinzentada, com uma grande presença de desgordurantes, de pequenas e médias dimensões, visíveis a olho nu. A frequência destes elementos torna inclusive o fragmento rugoso. Estas características remetem para alguns vasos de paredes finas presentes na Península Itálica, nomeadamente, em Luni (Etrúria) e na Aquileia, cujas particularidades foram atribuídas às produções locais desta cidade situada perto da costa Adriática (RICCI, 1985, pp. 268 e 349). Neste sentido, este vaso foi inserido no grupo técnico 5 (anexo 4-grupo técnico 5) cuja proveniência atribuímos aos centros produtores da zona oriental do Vale do Pó e da Costa Adriática, concretamente da região da Aquileia. O bordo ostenta igualmente uma cozedura redutora, mas não se vislumbram e.n.p. a olho nu. Esta peça foi incluída no grupo técnico 4 (anexo 4-grupo técnico 4) que consideramos ter a mesma origem. Para

além desta produção, este tipo também parece ter sido manufacturado na Itália Central e no Mediterrâneo oriental (RICCI, 1985, p. 268),

Os vasos do tipo Ricci 1/122 encontram-se atestados em diversos contextos estratigráficos na Península Itálica datados dos principados de Cláudio-Nero (MOEVS, 1973, pp. 237-238), atingindo, embora com menor frequência, os finais do século I e inícios do século II d.C. (RICCI, 1985, p. 268). Não obstante estes dados, a mesma autora em trabalho anterior afirma que este tipo ganha popularidade no século II e mantém a sua produção ainda no século III (RICCI, 1973, pp. 360-361), o que parece corroborado pela estratigrafia da Ágora de Atena em que estão presentes peças desta forma no século III (ROBINSON, 1959, pp. 190-191).

A presença de vasos desta morfologia era desconhecida na Península Ibérica (RICCI, 1985, p. 268) até ao trabalho monográfico sobre a cerâmica de paredes finas da Catalunha (LÓPEZ MULLOR, 1989, pp. 207-208). O tipo 1/122 encontra-se presente em diversos sítios na Catalunha com cronologias desde os finais do século I e inícios do II, estando ainda presente em estratos de abandono datados do século II e III d.C. (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 207). Para além dos contextos da Catalunha este tipo também se encontra atestado em *Italica* e Saragoça (*vide* LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 208), não sendo mais vezes reconhecido entre os materiais pela sua tosca produção (RICCI, 1973; LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 207).

Um dos fragmentos da forma 1/122 foi exumado na UE 385, enchimento da fossa [382], datada de período moderno; o outro, encontrava-se no corte 3, quadrícula C 05, nível 2, datado entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414). cremos que neste caso tratar-se-á de material residual.

### **Ricci 2/231, 2-402**

Esta morfologia é pela primeira vez reconhecida entre os materiais exumados das intervenções que incidiram na necrópole de Ornavasso (GRAUE, 1974, p. 100), no entanto, apenas no trabalho de Andreina Ricci, na *Enciclopedia dell'arte antica clássica e orientale*, este tipo é caracterizado e analisado (RICCI, 1985, pp. 284-285).

Trata-se de uma taça carenada, cujo bordo arredondado e pouco saliente é separado do corpo por uma ranhura. A carena situa-se aproximadamente a metade da peça ou, mais frequentemente, na parte superior. As paredes são ligeiramente côncavas e o fundo é destacado e aplanado.

O tipo 2/231, 2/402 encontra-se atestado em Castro Marim por um fragmento de bordo com as características típicas deste tipo, ou seja, o lábio é arredondado, pouco saliente, com uma ranhura logo abaixo (estampa XI.170). A parede externa apresenta vestígios de decoração arenosa. Não podemos definir concretamente em qual dos tipos esta taça se enquadraria (2/231 ou 2/402) pelas semelhanças entre ambos, mencionadas pela própria autora italiana (RICCI, 1985, pp. 284-285), e pela dimensão da peça.

As taças desta morfologia foram produzidas em duas regiões da Península Itálica: a zona centro-ocidental do Vale do Pó e a área oriental do Vale do Pó e costa Adriática (RICCI, 1985, pp. 284-285). Esta peça apresenta uma pasta cozida em ambiente redutor, de coloração cinzenta escura, sem desengordurantes visíveis a olho nu, bem depurada e com a presença de um engobe na parede externa, espesso e aderente de coloração castanho esverdeado escuro. Por estas especificidades foi englobada no grupo técnico 4 (anexo 4-grupo técnico 4) que através dos paralelos analisados (*vide* RICCI, 1985, pp. 284-285; MARTIN, 1995, pp. 182-182, grupo 4) julgamos proveniente dos centros produtores localizados na região oriental do Vale do Pó e zona norte Adriática.

Em termos cronológicos, este tipo foi enquadrado por Andreina Ricci entre 15-30 e os finais do século I/início do século II d.C. (RICCI, 1985, p. 285). Alguns trabalhos mais recentes, nomeadamente, em Cerrione e Hadrianopolis as formas 2/231,2/402 foram exumadas em contextos datados do período júlio-cláudio e entre 70-170 d.C. (TABORELLI, 2011, pp. 137-138; CINGOLANI, 2012, pp. 152-154). Desconhecemos quaisquer paralelos para esta forma no sudoeste peninsular.

Esta peça é proveniente da UE. 385, enchimento da fossa [382], datada do período Moderno.

### **3.2.3 Produções Centro-Itálicas**

#### **Ricci 1/159 (Marabini XII, Sim. Mayet XIV)**

Esta morfologia foi inicialmente diferenciada por Marabini Moevs, quando estuda a cerâmica de paredes finas de Cosa, com a forma XII, onde se apresenta escassamente representada (MOEVS, 1973, p. 275). Também no trabalho que desenvolve acerca dos materiais de *Pollentia*, Mercedes Vegas analisa este vaso, no seu tipo 28 (VEGAS, 1973, pp. 73-74). Posteriormente, na *Enciclopedia Dell'Arte Antica Classica e Orientale*, Andreina Ricci inclui esta morfologia no seu tipo 1/159 (RICCI, 1985, p. 275), que utilizamos.

Trata-se de um copo tronco-cónico sem o bordo destacado. O lábio apresenta-se arredondado com a mesma espessura da pança. Na parede externa, aproximadamente a meio, surge um sulco. O fundo surge aplanado ou, maioritariamente, convexo. Pode apresentar marcas do torno na parede externa e interna.

Entre o acervo do Castelo de Castro Marim o tipo 1/159 está representado por um fragmento de fundo com parte da parede presente (anexo XI.171). O vaso em análise apresenta o perfil tronco-cónico, fundo convexo e marcas do torno, no entanto, não ostenta a ranhura a meio da parede externa. Não obstante, optámos por incluir este copo no tipo 1/159 pois em algumas peças presentes em Nápoles este sulco também não se encontra atestado (FAGA, 2008, p. 647, nº 12).

O tipo 1/159 parece ter sido manufacturado inicialmente na Península Itálica (RICCI, 1985, p. 275), nomeadamente, na zona centro itálica (FAGA, 2008, p. 646), sendo posteriormente imitada em La Murette (GRATALOUP, 1988, pp. 46-47) e em Ibiza (LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 178).

Pelas características técnicas, a peça do Castelo de Castro Marim foi inserida no grupo 6 (anexo 4-grupo técnico 6) cuja proveniência proposta são os centros produtores da zona centro-itálica.

Esta morfologia foi atestada em Cosa, concretamente, em contextos do terceiro quartel do século I a.C. (MOEVS, 1973, p. 74), sendo frequente em níveis augustanos em sítio de consumo da Península Itálica (RICCI, 1985, p. 275). Neste sentido, em Nápoles, esta forma está datada entre os finais do século I a.C. e os inícios do século I d.C. (FAGA, 2008, p. 646).

Desconhecemos quaisquer peças com esta morfologia atestadas em sítios do actual território português.

A peça da forma 1/159 foi exumada no corte 3, quadrado B 04, nível 1, datado entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414).

### **3.2.5 Produções de Ibiza**

#### **Forma 2 (Mayet II, Marabini II, III e IV)**

Engloba uma série de copos analisados conjuntamente pela primeira vez por Marabini Moevs quando aborda os materiais de Cosa, mormente, nas formas II, III e algumas peças da IV (MOEVS, 1975, pp. 58-62). Ao incidir sobre as cerâmicas de



paredes finas hispânicas, Françoise Mayet agrupa as formas criadas pela autora italiana na forma II, criando variantes – II A, II D (MAYET, 1975, pp. 26-29). Também Andreina Ricci na sua síntese cria diversos tipos com base nestas morfologias (RICCI, 1985, pp. 244, 246-247). Posteriormente, ao investigarem as manufacturas de Ibiza, Alberto López Mullor e Magdalena Estarellas incidem nesta morfologia (LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002, pp. 231 e 234); neste trabalho, os autores utilizam a tipologia criada por Françoise Mayet alterando as cifras romanas para árabes, nomenclatura que utilizamos.

Esta forma enquadra uma série de copos fusiformes ou ovóides; o bordo é pronunciado, obliquo e voltado para o exterior. O fundo apresenta-se, por norma, não destacado e aplanado, ostentando, às vezes, um “*pseudopé*” (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 100).

A forma 2 encontra-se atestada no Castelo de Castro Marim por três fragmento de bordo voltado para o exterior, côncavo, com a extremidade praticamente horizontal (estampa XII.172 a XII.174). Apesar das pequenas dimensões das peças, consideramos verosímil a sua inserção nesta morfologia.

Os vasos de paredes finas da forma 2 (Ricci 1/4,1/7, 1/11-14,1/361) foram inicialmente manufacturados em diversos sítios da Península Itálica, nomeadamente, na Etrúria (RICCI, 1985, p. 245, tipo 1/7) e no Vale do Pó (RICCI, 1985, p. 244, tipo 1/4). Posteriormente foram reproduzidos nos centros produtores hispânicos, mormente, em Ibiza (MAYET, 1975; RICCI, 1985, pp. 246-247, tipo 1/361; LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002, p. 231-234; LÓPEZ MULLOR, 2013, pp. 172-173) e na franja litoral da Citerior, onde surgem largamente representados em centros de produção (LÓPEZ MULLOR, 2013, pp. 179-183). Pelas características técnicas das peças, inserimo-las nos grupos técnicos 7 (anexo 4-grupo técnico 7) e 8 (anexo 4-grupo técnico 8) oriundos, cremos, de Ibiza.

A cronologia desta morfologia para os protótipos itálicos começa no início do século II a.C. (RICCI, 1985; LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 99), e não no último quartel do século II a.C. como propunha Mayet (MAYET, 1975, p. 27), mantendo-se até meados do século I a.C., momento em que o seu aparecimento se torna esporádico, embora possa surgir ainda no principado de Augusto (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 99). As produções de Ibiza surgem no último quartel do século II a.C. mantendo-se até a época de Augusto, atingindo o seu auge no século I a.C. (LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002, pp. 231 e 234; LÓPEZ MULLOR, 2013, pp. 172-173).

A forma 2 está representada no actual território português em Santarém (ARRUDA e SOUSA, 2003, pp. 243-244), Mesas do Castelinho (FABIÃO, 1998, p. 336) e Cabeça de Vaiamonte (FABIÃO, 1998, p. 336). No entanto, nenhuma destas peças surge referenciada como manufacturada em Ibiza.

Em Castro Marim, um dos fragmentos da forma 2 surge no corte 3, quadricula B 04, nível 1, datado entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414). Os restantes surgem nas UE's 385 e 520, a primeira um enchimento de uma fossa datado de período Moderno, a segunda, um estrato de derrube/entulhamento com cerâmica com engobe negro (Campaniense) e *terra sigillata* indeterminada.

### **Forma 3 (Mayet III, Marabini IV)**

Os vasos com esta morfologia foram analisados por Françoise Mayet quando aborda a cerâmica de paredes finas peninsular, criando diversas variantes – III a, III A, III B, III Ba, III Bb- (MAYET, 1975, pp. 29-34) cuja “personalidade” levou Alberto López Mullor a estudá-las separadamente (LÓPEZ MULLOR, 1989, pp. 104-113). Marabini Moevs já se tinha ocupado do estudo desta tipologia, na sua forma IV, onde faz um importante levantamento cronológico com base nos sítios de consumo itálicos (MOEVS, 1973, pp. 59-62). Posteriormente, quando investigam as manufacturas de Ibiza, López Mullor e Magdalena Estarellas incidem sobre esta forma (LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002, pp. 234-235). Os autores alteram a numeração romana da tabela tipológica da autora francesa para árabe, nomenclatura que utilizamos.

Trata-se de vasos, na forma 3 *strictu sensu*, de corpo ovóide com o bordo voltado para o exterior e côncavo. Os bordos podem ser mais ou menos altos, o que quando se trata de pequenos fragmentos pode dificultar a sua distinção dos copos da forma 2. Os fundos podem ser não destacados e côncavos ou possuir um pequeno pé. Contrariamente às suas variantes esta forma não possui decoração nem asas. A forma 3 A, possui as características da morfologia geral, com a inclusão de duas asas que arrancam a partir do bordo culminando sensivelmente a meio do copo.

A forma 3 encontra-se atestada em Castro Marim por seis fragmentos de bordo alto, voltado para o exterior e côncavo, sendo que três apresentam ainda ao arranque da parede (estampa XII. 175 a XII.180). Encontra-se ainda representada por seis fundos destacados, formando um pequeno pé, aplanados ou côncavos (estampa XII.180 a XII.

186). Está ainda representada a forma 3 A por um bordo de onde arranca a asa (estampa XII. 187).

A forma 3 (Ricci 1/16-19, 1/20, 1/362) foi inicialmente manufacturada em diferentes locais da Península Itálica, nomeadamente, na região do vale do Pó (RICCI, 1985, pp. 247-248, tipo 1/16, 1/20, 1/362), centro-itálica (RICCI, 1985, p. 248, tipo 1/20, 1/362) e na Sicília (PELAGATTI, 1970, pp. 480-486). No âmbito hispânico esta forma foi reproduzida em Ibiza (MAYET, 1975; LÓPEZ MULLOR, 2002, pp. 234-235; LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 173-174), e em vários centros na franja litoral da Hispânia Citerior (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 104; LÓPEZ MULLOR, 2013, pp. 183-184). As peças do Castelo de Castro Marim, pelas suas características, foram incluídas nos grupos técnicos 7 (anexo 4-grupo técnico 7) e 8 (anexo 4-grupo técnico 8) que propomos serem originários de Ibiza. De referir, que o tipo 3A, que se enquadrrou no grupo de fabrico 8, foi apenas manufacturado em Ibiza (LÓPEZ MULLOR, 1989; LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002, p. 234).

Cronologicamente, os protótipos itálicos surgem nos meados do século II e mantêm-se no mercado até ao principado de Augusto (VEGAS, 1973; MOEVS, 1973, pp. 59-62, 264-266; LÓPEZ MULLOR, 1989, pp. 104-106), não cessando no último quartel do século I a.C., como propunha Françoise Mayet (MAYET, 1975, p. 29). As manufacturas de Ibiza da forma 3 começam a ser produzidos nos meados do século I a.C. e cessam nos primeiros decénios do século I d.C. (LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 173). A forma 3 A, que se manufacturou exclusivamente em Ibiza, data dos principados de Augusto e Tibério e alcançou uma grande difusão no Mediterrâneo (LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 173).

No actual território português a forma 3 de produção de Ibiza está atestada na Rocha da Mina com datação centrada nos meados e o terceiro quartel do século I a.C. (MATALOTO *et al.*, *no prelo*; estampa XXV.373).

As peças da forma 3 do Castelo de Castro Marim foram exumadas no corte 3, quadricula B 05, no nível 1; quadricula C 05, nível 1; quadricula E 06, nível 1, datados entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414). Os restantes fragmentos foram exumados das UE's 360, 385 e 395 sem cronologias fiáveis associadas.

O vaso da forma 3 A procede do corte 3, quadricula B 04, nível 1 com uma datação entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p.

414), podendo indiciar uma início de produção anterior ao proposto por López Mullor (LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002).

#### **Forma 4 (Mayet IV; Ricci 1/40)**

Esta morfologia de copos foi analisada por Françoise Mayet na sua monografia sobre a cerâmica de paredes finas da Península Ibérica, na forma IV (MAYET, 1975, pp. 34-35). A autora francesa destaca que todos os fragmentos desta forma foram recolhidos nas baleares (MAYET, 1975, p. 34). Andreina Ricci divide a categoria criada por Mayet em diversos tipos, nomeadamente, o 1/40 (RICCI, 1985, p. 253). Quando analisa as produções de Ibiza, Alberto López Mullor, baseando-se nos trabalhos da autora francesa, altera a numeração romana para árabe, nomenclatura que utilizamos (LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002; LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 174).

A forma 4 engloba uma série de copos de tendência ovóide que possuem duas asas. O bordo é inclinado para o interior da peça, formando uma garganta interna, sendo o fundo levemente convexo, com um pequeno pé, delimitado por um sulco. A asa arranca pouco abaixo do bordo e termina aproximadamente a meio da peça. Na parte inferior da peça surgem dois sulcos paralelos.

Os copos da forma 4 encontram-se presentes no conjunto de Castro Marim por quatro bordos com arranque da parede (estampa XIII.188 a XIII.191). Os fragmentos atestados em Castro Marim ostentam o típico bordo encurvado para o interior, com o arranque dos bojos a indicarem o perfil ovóide. Uma das peças ostenta o bordo mais arredondado e espesso (estampa XIII. 191), no entanto, cremos que se engloba igualmente nesta morfologia.

Françoise Mayet considerou, pelas características das peças, que a forma IV seria proveniente de centros da Itália central (MAYET, 1975, p.34), no entanto, a ausência de paralelos na Península Itálica e a referida presença exclusiva nas baleares levou à proposta de uma produção ibérica (MAYET, 1975, p. 34; RICCI, 1985, p. 253). A manufatura desta morfologia em *Ebusus* foi corroborada por López Mullor nos trabalhos que desenvolve sobre este centro produtor (LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002, p. 235; LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 174).

As observações técnicas das peças de Castro Marim, cujas características remeteram para o grupo técnico 8 (anexo 4-grupo técnico 8) originário, cremos, dos centros de manufatura de Ibiza.

Mayet considera que a forma 4 se produziu durante o século I a.C., baseando-se nas características técnicas e morfológicas das peças, pois não existiam dados estratigráficos dos centros de consumo (MAYET, 1975, p. 34). Posteriormente, Alberto López Mullor propõe uma cronologia entre 70-60 a.C. e a época de Nero, com o período entre os principados de Augusto e Cláudio onde atinge a sua máxima expansão (LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 174).

A forma Mayet IV, no actual território português, apenas se encontra documentada no Castelo da Lousa, com um fabrico “*relativamente grosseiro, com a pasta de cor alaranjada, e uma superfície externa rugosa com os desgordurantes da pasta bem visíveis*” que o autor atribui aos centros de Maiorca (MORAIS, 2010, pp. 159 e 171, peça 86).

Os vasos desta forma presentes no Castelo de Castro Marim foram exumados no corte 3, quadrado B05, no nível 1 e no quadrado C 05, nível 1, datados entre 60 a 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414).

### **Forma 5 A (Mayet V)**

A morfologia em estudo foi analisada inicialmente por Françoise Mayet na monografia sobre a cerâmica de paredes finas, na forma V, nomeadamente, a variante V A (MAYET, 1975, p. 36 e *planche* X, nº 76). Posteriormente, Alberto López Mullor ao incidir sobre as produções de *Ebusus* foca-se neste tipo alterando, contudo, a numeração romana para árabe (LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002, p. 235).

Trata-se de um copo baixo, de perfil ovóide, que possui um bordo alto, praticamente vertical e com o lábio arredondado. O fundo não é destacado e é côncavo. Esta variante é muito diferente dos copos tronco-cónicos da forma 5 e da variante 5 B.

Esta forma está presente no acervo em análise por um fragmento de bordo com o arranque da pança, apresentando vestígios de um engobe preto na parede externa (estampa XIII.192). Inserimos este elemento na forma V A com bastantes reservas pois estamos perante um elemento de pequenas dimensões, com o bordo amendoado e o diâmetro ao nível do bordo maior que o normal nesta morfologia. Não obstante, a variabilidade entre as peças publicadas do tipo 5 A levou-nos manter esta classificação.

No que concerne à produção, a morfologia em análise pertence “*claramente*” às manufacturas de Ibiza (LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002, p. 235). A peça presente em Castro Marim foi inserida no grupo técnico 7 (anexo 4-grupo técnico 7) que consideramos ser proveniente dos centros situados em Ibiza.

Françoise Mayet atribui a mesma datação à variante V A e à forma V, ou seja, a segunda metade do século I a.C. (MAYET, 1975, p. 36), no entanto, López Mullor e Magdalena Estarellas conferem uma cronologia centrada nos principados de Augusto e Tibério ao tipo 5 A (LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002, p. 235).

A peça do Castelo de Castro Marim é proveniente do corte 3, quadricula C 05, nível 1, datado entre 60 a 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414).

### **Forma 10 (Mayet X)**

A forma 10 foi inicialmente analisada por Françoise Mayet na sua monografia sobre a cerâmica de paredes finas da Península Ibérica, na forma X, onde cria 3 variantes: X A, X B, X C (MAYET, 1975, pp. 39-41). Posteriormente, ao trabalhar as produções de Ibiza, Alberto López Mullor e Magdalena Estarellas abordam esta morfologia, alterando a numeração romana para árabe, nomenclatura que utilizamos (LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002, p. 238). Esta forma é muito semelhante aos protótipos itálicos, mormente, na forma 10 *lato sensu* (LÓPEZ MULLOR, 2013, pp. 176-177).

Engloba uma série de copos de bordo alto, voltado para o exterior, côncavo ou recto. Ostenta duas asas que arrancam do bordo e têm diversos perfis consoante a variante. O corpo é globular e assenta num pé destacado e côncavo ou aplanado. Pode apresentar decoração.

Encontra-se representada entre o acervo do Castelo de Castro Marim por um fragmento de parede e arranque do bordo (XIII. 193), cinco fundos (XIII. 194 a XIII. 198) e uma asa (x. 199). Apesar de estarmos perante fragmentos de fundo, de parede e asa parece-nos que a inclusão destas peças na forma 10 é verosímil. A inserção na forma 8 foi ponderada, no entanto, o diâmetro dos pés e do bojo, e o perfil largo e globular levaram a que optássemos pela inclusão na forma 10.

A forma 10 foi produzida na Península Itálica (MAYET, 1975, pp. 44-45; LÓPEZ MULLOR, 2013) e, posteriormente, em Ibiza (LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002, p. 238), e na franja litoral da Hispânia Citerior (LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 1849). Os fragmentos de Castro Marim, pelas suas características, foram inseridos nos grupos técnicos 7 (anexo 4-grupo técnico 7) e 8 (anexo 4-grupo técnico 8) que propomos serem originários de Ibiza.

Os protótipos itálicos possuem uma cronologia centrada na segunda metade do século I a.C. (MAYET, 1975, p. 45), no entanto, as manufacturas da forma 10 de Ibiza parecem datar dos principados de Augusto e Tibério (LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002, pp. 238 e 241; LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 177).

No actual território português a forma 10 está presente em Santarém, contudo nenhuma das peças parece ter sido produzida em Ibiza (ARRUDA e SOUSA, 2003, pp. 270-271 e 273).

As peças da forma 10 do Castelo de Castro Marim foram exumadas nas UE's 360, 385 e 421, e do quadrado E 03, nível 1 e F 03, nível 4, que são depósitos secundários, sem estratigrafia romana fiável associada.

### **Forma 21 (Mayet XXI, Marabini XXXI)**

Esta morfologia de vasos foi inicialmente reconhecida por Marabini Moevs entre o acervo de Cosa e analisada na sua forma XXXI (MOEVS, 1973, pp. 100-101). Posteriormente, Françoise Mayet ao incidir sobre a cerâmica de paredes finas da Península Ibérica abordou estes copos na forma XXI, desde logo, reconhecendo a sua grande representação em Ibiza (MAYET, 1975, pp. 56-57 e *planche* XXVI). Também na Catalunha esta forma se encontrava muito atestada, o que levou a uma proposta de produção nesta região (PUERTA, 1986, p. 73; LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 146). Ao abordar as produções de Ibiza, Alberto López Mullor, trata esta forma, no entanto, apesar de se basear na tabela tipológica criada pela autora francesa, altera numeração romana para árabe, nomenclatura que utilizamos (LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002; LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 178).

Trata-se de uma forma que engloba copos ovóides com um colo alto; o bordo é voltado para o exterior com o lábio arredondado. O fundo surge pequeno, destacado, formando um pé estreito que, normalmente, é côncavo. Estas peças podem apresentar um sulco a separar o colo da pança que, como referimos, por norma é ovóide, mas pode exibir um perfil de tendência hemisférica.

Esta forma está presente no acervo do Castelo de Castro Marim com quatro fragmentos de bordo com colo (estampa XIII.200 a XIII.203) e um bordo voltado para o exterior com a pança hemisférica (estampa XIV. 204). Apresentam as típicas características desta morfologia com o colo alto e o bordo arredondado e voltado para o exterior, por isso, foram integrados neste tipo sem dificuldades. Dois fragmentos

apresentam marcas de exposição ao fogo no bordo possivelmente resultantes do processo de cozedura.

A possibilidade de uma produção desta morfologia na Península Itálica foi aventada, sobretudo, pela sua presença entre o acervo de Cosa (MOEVS, 1973, pp. 100-101). Posteriormente, terá sido reproduzida nos centros peninsulares, mormente, em Ibiza (FERNANDEZ e GRANADOS, 1986, pp. 53-54; LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002; LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 178) e na franja litoral da Hispânia Citerior (PUERTA i LÓPEZ, 1989, p. 73; LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 186). As características técnicas das peças de Castro Marim levaram à sua inserção no grupo técnico 7 (anexo 4-grupo técnico 7) cuja origem julgamos ser a área de Ibiza. As particularidades destes fragmentos são muito semelhantes às descritas por Rui Morais para as peças presentes no Castelo da Lousa, igualmente, de manufatura de Ibiza (MORAIS, 2010, p. 159).

A forma 21 encontra-se atestada em Cosa em contexto datado do principado de Augusto (MOEVS, 1973, pp. 117). Neste sentido, esta morfologia foi produzida em Ibiza entre 20-15 a.C. e a época de Nero (LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 178).

Como referimos, no actual território português, a forma 21 encontra-se atestada no Castelo da Lousa, com produções provenientes de Ibiza (MORAIS, 2010, p. 159), em Torre d'Ares, igualmente de provável origem nesta ilha (PEREIRA, 2014, p. 99) e em Santarém, contudo, com produções que as autoras remetem para a Península Itálica (ARRUDA e SOUSA, 2003, pp. 272-274). Esta forma também está presente na área de Cádiz (REINOSO DEL RIO, 2004, p. 42)

No castelo de Castro Marim esta forma foi exumada no corte 3, quadricula B 06, nível 2, quadricula C 05, nível 1, quadricula C 06, nível 2 e quadricula D 06, nível 2, com cronologias entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414).

### **Forma 24 (Mayet XXIV)**

Esta morfologia de vasos foi precocemente reconhecida e analisada por Nino Lamboglia, como uma manufatura da Ligúria (LAMBOGLIA, 1950, p. 167). Mercedes Vegas também aborda esta forma no trabalho que desenvolve (VEGAS, 1973, pp.76-77). Posteriormente, Françoise Mayet ao investigar a cerâmica de paredes finas da Península Ibérica incide sobre este tipo, na forma XXIV, criando uma variante: XXIV A (MAYET, 1975, pp. 58-59). Esta morfologia foi igualmente produzida em Ibiza e incluída na



tipologia criada para este centro, alterando a numeração romana da tipologia da autora francesa para árabe, nomenclatura que utilizamos (LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002, pp. 241-243; LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 178).

Engloba uma série de copos altos de perfil ovóide providos de uma asa, de bordo oblíquo e inclinado para o exterior. O fundo é estreito, não destacado e aplanado ou côncavo. A asa arranca abaixo do bordo e termina a meio da peça. Pode ostentar marcas de torno na parte interna.

Em Castro Marim estão presentes três fragmentos de bocal da forma 24 A (estampa XIV. 205 a XIV. 207) e uma peça, que pelas exíguas dimensões foi englobada na forma 24 *lato sento* (estampa XIV.208). Trata-se de bordos altos e voltados para o exterior, características típicas desta morfologia. Neste sentido, apesar da diminuta dimensão das peças consideramos que se englobam, sem reservas, esta forma.

Como referimos, esta forma foi manufacturada na Península Itálica, nomeadamente, na região da Ligúria (LAMBOGLIA, 1950), sendo, posteriormente, reproduzida pelos centros de Ibiza (LÓPEZ MULLOR e MAGDALENA ESTARELLAS, 2002, 241-243; LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 178). Vasos desta morfologia foram atribuídos igualmente às manufacturas de Ampúrias (NOLLA *et al.*, 2003, forma 5.2), no entanto, por se tratar apenas de um fragmento, deve ser matizado (LÓPEZ MULLOR, 2013, p.186). Também em Torre d'Ares surge um vaso de produção “*local/regional*” (PEREIRA, 2014, p. 99).

As peças presentes em Castro Marim, pelas suas características, foram incluídas no grupo técnico 8 (anexo 4-grupo técnico 8) que propomos originárias dos centros de produção situados na ilha de Ibiza.

A forma 24 surge em Cosa desde o principado de Augusto até a Cláudio/Nero, com maior expressão durante Tibério (MOEVS, 1973, pp.156-159). As produções de Ibiza parecem coincidir com estas cronologias, datando de 20-15 a.C. até ao principado de Nero (ARRIBAS e LLABRÉS, 1983; LÓPEZ MULLOR, 2013).

No actual território português esta forma está presente em Torre d'Ares com uma peça de produção local/regional (PEREIRA, 2014, p. 99).

Os fragmentos da forma 24 presentes entre o acervo do Castelo de Castro Marim são provenientes de depósitos secundários, sem cronologia fiável associada.

## **Indeterminados**

No Castelo de Castro Marim estão presentes 12 fragmentos de fundo que pela dimensão e por ostentarem um perfil passível de ser integrado em diversas formas não puderam ser classificados (estampa XIV.209 a XIV.220).

As características técnicas das pastas levaram à sua inserção no grupo técnico 7 (anexo 4-grupo técnico 7) cuja origem propomos situar-se nos centros produtores localizados na ilha de Ibiza.

Parte destas peças são provenientes do nível datado entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414), as restantes foram exumadas em depósitos secundários, sem estratigrafia fiável associada.

## **Decorações**

Foram exumados diversos fragmentos decorados em Castro Marim, nomeadamente, cinco peças com motivos incisos (estampa XIV.221 e XV.223 a 225) e duas com decoração a barbotina (estampa XV. 222 e 226).

Pelas suas características, estas peças foram incluídas nos grupos técnicos 7 (anexo 4-grupo técnico 7) e 8 (anexo 4-grupo técnico 8), cuja proveniência cremos ser os centros de produção de Ibiza.

Estas peças foram exumadas de depósitos com datação Moderna.

### **3.2.6 Produções da Bética**

#### **Mayet VIII**

A primeira morfologia de provável produção bética a que faremos menção compreende, na forma geral, um vasto espectro de vasos de corpo globular ou carenado, com o bordo alto, voltado para o exterior e oblíquo, com o fundo destacado e ligeiramente côncavo ou aplanado. A forma definida por Françoise Mayet apresenta uma grande heterogeneidade (MAYET, 1975, pp. 39-41, *planche xii e xiii*), possuindo, por isso, um vasto conjunto de variantes que incluem produções distintas. Considerando que algumas deveriam ser analisadas separadamente (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 122) individualizámos a descrição da variante VIIIA (*vide supra*).

O acervo do Castelo de Castro Marim conta com um fragmento de bordo (estampa XV.227) da forma VIII geral. Este fragmento apresenta o bordo côncavo que formaria

uma pequena garganta interna. A peça apresenta vestígios de engobe de má qualidade, de coloração acastanhada, que a cobriria integralmente.

As formas 8 (forma VIII), 8B (VIII B) e 8Ca (VIII C) foram produzidas nos centros de manufactura de paredes finas da Península Ibérica. O tipo 8B surge na Andaluzia, sendo que esse e o tipo 8 seriam, provavelmente, também produzidos nas ilhas baleares e na franja litoral da Hispânia Citerior (MAYET, 1975, pp. 39-40; LÓPEZ MULLOR, 1989, pp. 122-123, REINOSO DEL RIO, 2004, p. 49; LÓPEZ MULLOR, 2013, pp. 174-176).

O início da produção destas formas de vasos parece iniciar-se ainda em período republicano (MAYET, 1975, p. 39), continuando até meados do século I d.C. (LÓPEZ MULLOR, 1989, pp. 122-123; LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 176).

Pelas suas características técnicas, a peça de Castro Marim foi integrada no grupo 9 (anexo 4-grupo técnico 9) que consideramos originário da Bética. A manufactura da forma VIII nesta província foi aventada por Alberto López Mullor com base na distribuição de materiais compilados por Françoise Mayet (MAYET, 1975, pp. 39-42; LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 122). Quando analisa os materiais de *Baelo Claudia*, Reinoso del Rio mantém esta proposta com base na incidência deste tipo de materiais no sítio (REINOSO DEL RIO, 2004, p. 49).

A recente descoberta de um centro produtor de paredes finas situado na província da Bética -Parque Nueva Granada - (PEINADO ESPINOSA *et al.*, 2010, pp. 35-36; RUIZ MONTES *et al.*, 2013), que embora não tenha manufacturado vasos enquadráveis na forma VIII, atestou uma produção de paredes finas nesta província em período republicano.

Os dados referentes às mais precoces produções béticas de paredes finas são ainda muito poucos, no entanto, o aparecimento de 11 fragmentos da forma VIII C de produção bética no Castelo da Lousa (MORAIS, 2010, pp. 159-160 e 172), fornece-nos uma cronologia para centros de consumo entre o terceiro quartel do século I a.C. e os primeiros decénios da centúria seguinte. Como referimos, a forma VIII geral e VIII C, também se encontra atestada em *Baelo Claudia*, embora sem dados estratigráficos seguros (REINOSO DEL RIO, 2004, p. 49). Este tipo encontra-se igualmente presente em Torre d'Ares com um exemplar, cuja proveniência o autor não refere (PEREIRA, 2014, p. 98 e estampa 118).

Com base no exposto, propomos uma datação centrada entre o último quartel do século I a.C. e os meados do século I d.C. para a forma VIII de produção bética.

A recolha desta peça na unidade estratigráfica 385, que corresponde ao enchimento da fossa [382], datada de período Moderno, não fornece qualquer dado cronológico seguro para esta forma.

### **Variante VIIIA**

Esta forma caracteriza-se pelo seu bordo alto, voltado para o exterior e oblíquo, e o fundo diferenciado e ligeiramente côncavo como na forma geral. Diferencia-se da forma VIII geral por apresentar asas, com os arranques situados pouco abaixo do bordo e o final das mesmas a meio da pança da peça. Este tipo distingue-se igualmente por ser menos alto e mais largo que o VIII *strictu sensu*.

No Castelo de Castro Marim esta forma encontra-se atestada por um fragmento de bojo que apresenta o arranque da asa a partir do bordo e parte da pança (estampa XV. 228). Esta peça apresenta vestígios de um engobe acastanhado e pouco aderente que a cobriria integralmente.

Tal como na forma geral, o tipo 8 A seria originário dos centros produtores hispânicos, nomeadamente, os localizados nas ilhas baleares (LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 176) que a terão manufacturado sobretudo entre o principado de Tibério e o início do período Flávio (LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 176).

Não obstante, a peça recolhida em Castro Marim enquadra-se, pelas suas características, no grupo técnico 9 cuja produção atribuímos à província da Bética (anexo 4-grupo técnico 9).

Não temos conhecimento de qualquer paralelo em centros de consumo para a forma VIII A de proveniência Bética. Contudo, como referimos para o tipo VIII *strictu sensu* (*vide supra*), a presença da forma geral em *Baelo Claudia* (REINOSO DEL RIO, 2004, p. 42), e da variante VIII C no Castelo da Lousa (MORAIS, 2010, pp. 159-160 e 172), e igualmente em *Baelo Claudia* (REINOSO DEL RIO, 2004, p. 42), permite-nos começar a entrever a distribuição da forma VIII produzida na província da Bética.

Como referimos, não existem quaisquer dados cronológicos para a forma VIII A de produção Bética pelo que consideramos plausível uma datação semelhante à morfologia geral (*vide supra*).

O fragmento do tipo VIII A integrava a unidade estratigráfica 385, depósito que enchia a fossa [382], datada de período Moderno, não podendo, pois, acrescentar dados cronológicos seguros relativos a esta forma.

### Variante VIII C

Esta morfologia engloba copos de bordo alto, voltado para o exterior e encurvado para o interior ou recto (MAYET, 1975, pp. 39-41, *planche* XII e XIII, nºs 98 a 108). Apresentam uma pança de perfil globular ou ovóide e a peça assenta sobre um pé destacado e aplanado. Este tipo é conhecido ostentar uma decoração típica, com aplicações a barbotina de espinhas (variante VIII Ca).

A forma VIII C encontra-se atestada em Castro Marim por dois fragmentos (estampa XV.229. e XV.230). Ambos os bordos se apresentam voltados para o exterior, sendo que um é oblíquo (estampa XV.230) e o outro encurvado para interior (estampa XV.229). Como referimos, esta variabilidade ao nível do bordo é demonstrada na tabela de Françoise Mayet, com bordos encurvados (MAYET, 1975, *planche* XIII nºs 99-105) e outros praticamente rectos e voltados para o exterior (MAYET, 1975, *planche* XIII, nº 106). Não obstante, a exiguidade de uma das peças (estampa X.230), leva-nos a englobá-la nesta categoria com reservas.

Diversos autores propuseram que a forma VIII C tivesse sido produzida na Ulterior/Bética, com base na dispersão de materiais (MAYET, 1975, pp. 39-42; LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 122). Quando incide sobre a cerâmica de paredes fina de *Baelo Claudia*, Reinoso del Rio mantém esta proposta, com base na incidência deste tipo no sítio (REINOSO DEL RIO, 2004, p. 49). As características técnicas levaram à inclusão das peças em análise no grupo técnico 9 (anexo 4-grupo técnico 9) que cremos originário da Ulterior/Bética.

Apesar da ausência de dados bem contextualizados para esta forma, com base na morfologia e na qualidade da pasta, Mayet propõe uma cronologia a iniciar-se no final do período republicano (MAYET, 1975, p. 39). Alberto López Mullor mantém a proposta da autora francesa considerando que a forma VIII C da Bética teria uma datação semelhante aos protótipos itálicos, ou seja, meados/finais do século I a.C. (LÓPEZ MULLOR, 1989, pp. 245-246).

Com já mencionámos, esta forma encontra-se atestada no Castelo da Lousa com 11 fragmentos (MORAIS, 2010, pp. 159-160) e no Caladinho, com uma datação entre os finais do século I a.C. e os inícios do século I d.C. (MATALOTO *et al.*, *no prelo*). Esta morfologia também está presente em *Baelo Claudia* (REINOSO DEL RIO, 2004, p. 42).

Uma das peças da forma VIII C foi exumada no corte 3, quadrícula B05, nível 1 com datação de 60 a 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414), o outro fragmento é proveniente de recolhas de superfície.

## Forma IX

Esta morfologia de vasos foi caracterizada por Maria Marabini Moevs no estudo que realizou acerca dos materiais provenientes de Cosa, atribuindo-lhe duas formas. No entanto, a dimensão dos fragmentos estudados pela autora não permitiu entrever algumas particularidades deste tipo de vasos (MOEVS, 1973, *pl.* 12 e 13). Neste sentido, o estudo realizado por Françoise Mayet, por analisar peças inteiras, possibilitou uma melhor caracterização deste tipo (MAYET, 1975, pp. 42-44).

Engloba uma série de elegantes taças que pretendem emular protótipos de vasilha metálica. Caracterizam-se por um pé alto e moldurado, por apresentarem a pança encurvada e possuírem duas asas verticais, decoradas e simétricas que arrancam a partir do bordo.

O único fragmento da forma IX de produção bética encontrado em Castro Marim, apresenta a típica moldura do pé, que junta a base da peça ao corpo (estampa XV.231) e ostenta vestígios de um engobe acastanhado, de má qualidade, que cobriria a parede externa e interna da peça.

O centro produtor desta forma foi atribuído à Itália Central por inferência baseada nos mapas de distribuição dos materiais (MAYET, 1975, pp. 130-132), no entanto, a presença de alguns fragmentos com características diferentes, nomeadamente, a coloração e a presença de engobe, levou a que Alberto López Mullor propusesse a existência de outro centro produtor localizado numa área indeterminada, advertindo logo para a carência de evidências nesse sentido (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 123). A produção desta forma não está atestada em qualquer das regiões produtoras hispânicas (LÓPEZ MULLOR, 2013, pp. 165-169 e 181-183).

Ainda assim, a peça de Castro Marim apresenta uma pasta branda, de coloração bege, com os elementos não plásticos de pequenas dimensões e bem distribuídos, com um engobe acastanhado, ou seja, coincidente com as características do grupo técnico 9 (anexo 4-grupo técnico 9), com produções que atribuímos aos centros de manufactura situados na província da Bética.

Embora desconheçamos quaisquer paralelos para materiais da forma IX de proveniência bética, com base na análise macroscópica que efectuámos, mantemos a proposta de uma manufactura nessa província para este vaso.

A forma IX produzida na Península Itálica foi datada entre o final do período Republicano e o principado de Augusto (MAYET, 1975, p. 42), com base na estratigrafia

de Cosa (MOEVS, 1973, pp. 87-88). Surge igualmente no naufrágio de La Madrague de Giens datado entre 70- 50 a.C. (TCHERNIA *et al.*, 1978, p. 17; PARKER, 1992, p.616).

Esta morfologia também se encontra atestada em Castro Marim com produções etruscas (*vide* tipo 2/210), onde abordamos os paralelos desta forma para o sudoeste peninsular para as manufacturas da Etrúria.

Embora faltem paralelos para peças da forma IX manufacturadas na Andaluzia, consideramos que esta morfologia se deve integrar numa produção precoce de paredes finas desta região, possivelmente com o seu início ainda durante o período republicano. Esta afirmação é feita tendo em consideração a cronologia dos protótipos itálicos e as características técnicas da peça, de manufactura mais tosca que as típicas produções imperiais da Bética.

Esta peça foi exumada da UE 385, que se trata de um depósito de enchimento da vala [382], datada de período Moderno, não acrescentando, portanto, nenhuma dado cronológico para esta forma.

#### **Forma XXXIV**

Este tipo engloba as denominadas cerâmicas de “casca de ovo” reconhecidas precocemente entre os investigadores pelas suas peculiares características ao nível da pasta, reduzida espessura da parede, morfologia - (*vide* PARIS *et al.*, 1926). Mercedes Vegas, no trabalho que realiza sobre a cerâmica comum romana, incide sobre estes materiais, atribuindo-lhes o número 32 da sua tabela tipológica (VEGAS, 1973, pp. 77-78). Posteriormente, Françoise Mayet analisa esta forma, atribuindo-lhe o número XXXIV, que utilizamos, criando duas variantes, baseando-se nas diferenças no lábio das peças (MAYET, 1975, pp. 69-71 e 148-150). Ao analisar os conjuntos da Catalunha, Alberto López Mullor segue a proposta efectuada pela autora francesa acrescentando uma variante (XXXIV C) (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 163).

Desde os trabalhos referentes à necrópole de *Baelo* que a esta forma se atribui uma proveniência bética, sendo, inclusive, proposto que seria de um único centro de produção e associada a apenas uma geração de oleiros (PARIS *et al.*, 1926, p. 134). Esta informação foi mantida por Françoise Mayet, tendo a autora acrescentado que a forma XXXIV seria manufacturada na região de Cádiz, baseando-se nos mapas de distribuição deste tipo (MAYET, 1975, p. 150). No entanto, a descoberta à superfície de restos de um sítio de produção - Rubielos de Mora-, Teruel, onde se encontraram abundantes peças de descarte

e onde foram identificados materiais pertencentes à forma XXXIV (ATRIAN JORDAN, 1967; ATRIAN JORDAN *et al.*, 1980; PEÑIL MINGUEZ, LAMALFA DIAZ e FERNANDEZ IBAÑES, 1985-85, pp. 190-195) demonstra que a hipótese de um único centro produtor, e mesmo uma única região produtora, deve ser revista (MINGUEZ MORALES, 1990).

A forma XXXIV engloba uma série de taças largas, com uma altura variável dependendo tratar-se da morfologia principal ou das variantes, fortemente carenadas nos tipos – XXXIV, XXXIVA, XXXIVB, podendo possuir uma ranhura acima da carena. As paredes são oblíquas, tanto na parte superior como na inferior e possuem um fundo destacado e côncavo. A variante XXXIV C é uma taça globular, sem carena, com o lábio diferenciado e o fundo destacado e aplanado.

Pela fragmentação das peças exumadas das intervenções de Castro Marim não pudemos discernir variantes em três dos fragmentos (estampa XV.232 a XV.234), classificando os materiais pela forma principal – XXXIV-. Outra peça (estampa XV.235), um bordo, por apresentar um diâmetro mais pequeno, não possuir lábio destacado e pela sua orientação, parece remeter para uma forma mais alta e menos larga, tratando-se, nesse caso da forma XXXIV A. As 3 peças classificadas como forma XXXIV apresentam as características gerais referidas, ou seja, o fundo destacado (estampa XV.234), e duas carenas (estampa XV.232 e XV.233), sendo que uma dela ostenta uma ranhura na parede externa, logo acima da carena. A última peça de “casca de ovo” trata-se de uma forma hemisférica com o arranque do que seria o lábio destacado (estampa XVI.236). Esta variante foi aditada à tipologia elaborada por Françoise Mayet por López Mullor e parece, até agora, pouco frequente em sítios de consumo. Fazemos esta classificação com reservas pela dimensão da peça e pelo diâmetro ser mais pequeno que nos exemplares abordados por Alberto López Mullor (LÓPEZ MULLOR, 1989, pp. 163-165). Estes materiais apresentam vestígios mal conservados de um engobe alaranjado, pouco espesso, que os cobriria.

A análise macroscópica das pastas revelou-nos características que atribuímos aos centros de produção situados na província da Bética (anexo 4-grupo técnico 10), podendo mesmo ser provenientes da região de Cádiz como aventou Françoise Mayet (MAYET, 1975, p. 150). Esta hipótese parece corroborada pela presença da forma XXXIV, XXXIVA e XXXIVB entre a carga do barco naufragado Port-Vendres II, procedente desta cidade (COLLS *et al.*, 1977). Neste sentido, a abundância de cerâmicas deste tipo entre o acervo de Mesas de Asta e a presença de alguns vasos que apresentam



deformações decorrentes da cozedura (REINOSO DEL RIO, 2002, p. 93) parece aduzir novos dados à proposta de Mayet. No entanto, a presença entre a carga do Port-Vendres II da forma XLII (*vide infra*), impede uma enfática associação desta produção à região de Cádis, localizando-a López Mullor algures no curso médio/baixo do Guadalquivir (LÓPEZ MULLOR, 1989. P. 163).

Esta forma encontra-se bem atestada em sítios de consumo, nomeadamente, na região em que se insere Castro Marim, no sudoeste peninsular, em locais como a necrópole de *Baelo* (PARIS *et al.*, 1926), em Mesas de Asta (REINOSO DEL RIO, 2002, pp. 92-93), Calle Bellavista (REINOSO DEL RIO, 2000, p. 103) e no *oppidum* de *Baelo Claudia* (REINOSO DEL RIO, 2004, pp. 43-44), em Torre d'Ares (VEIGA, 1971; PEREIRA, 2014, p. 101 e estampa 118) e em Beja (MAYET, 1975, p.70, *planche* XXXV). Para norte, no resto do actual território português encontra-se presente em sítios como Braga (MORAIS, 2005, pp. 298 e 334) e Conimbriga (MAYET, 1976, p. 124). Não apresentamos aqui o fragmento enquadrado com dúvidas na forma XXXIV identificado no Castelo do Vale de Mértola (SOUSA, 1995, pp. 102 e 108) pois o próprio autor indica que este não se deve incluir nas produções de “casca de ovo”, sendo, talvez, um produto itálico (SOUSA, 1995, p. 102).

A cronologia desta forma encontra-se bem fundamentada pela sua frequente presença em sítios de consumo. O início da sua produção deverá ter ocorrido durante o principado de Tibério e atingindo uma grande disseminação entre Cláudio e Nero (MAYET, 1975, p. 69; LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 163). A presença deste tipo de materiais em conjuntos mais tardios, datados do reinado de Vespasiano, na Catalunha, foi considerada residual (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 163).

Os materiais do Castelo de Castro Marim por se encontrarem presentes em contextos de deposição secundária, datados de época medieval ou moderna, nomeadamente, na camada 1 da quadrícula E06 e na camada 2.1 de G03, e nas UE's 06 e 385, não aduzem informações acerca da cronologia desta forma.

### **Forma XXXVII, 1**

Este tipo foi diferenciado por Alberto López Mullor (1989) no trabalho que desenvolve sobre as paredes finas da Catalunha, pois nas tabelas tipológicas prévias, nomeadamente na elaborada por Françoise Mayet (MAYET, 1975, pp. 74-77) estes materiais encontravam-se incluídos na forma XXXVII *lato sensu*. Por considerarmos que

se trata de uma morfologia distinta, tanto da forma geral como das variantes incluídas no trabalho da autora francesa – XXXVII A e XXXVII B, optámos por utilizar o tipo identificado pelo referido autor.

Esta morfologia enquadra taças ligeiramente carenadas, com decoração arenosa, possuindo uma ranhura logo abaixo do bordo, o fundo é destacado e aplanado ou ligeiramente côncavo. Os vasos da forma XXXVII,1 apresentam as características das produções da província da Bética, com pastas de coloração amarelada ou avelã, com inclusões de desengordurantes de pequenas dimensões, coberta por um engobe de coloração marron ou alaranjado com reflexos metálicos (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 175).

A decoração arenosa é uma das particularidades distintivas desta forma e surge sempre abaixo da ranhura. Seguiremos a proposta de López Mullor no que concerne à especificação das disposições decorativas (*vide* LÓPEZ MULLOR, 1989, pp. 175-176).

Esta forma está atestada em Castro Marim por cinco fragmentos de bordo, apresentando quatro desses fragmentos logo abaixo da ranhura abaixo do bordo um espaço em branco enquadrado por outra incisão (estampa XVI.237 e XVI.239 a XVI.241). A outra peça conta apenas com uma ranhura abaixo do bordo (estampa XVI.238). No que concerne aos padrões da decoração arenosa, os vasos do Castelo de Castro Marim distribuem-se por: 1 indivíduo da forma XXXVII, 1a (estampa XVI.241) e os restantes na variante XXXVII, 1c, ou seja, com decoração arenosa na parede interna e externa da peça, com uma franja lisa abaixo do bordo. Dois fragmentos apresentam vestígios de um engobe acastanhado de pouca qualidade enquanto os restantes fragmentos possuem um engobe alaranjado de boa qualidade, sendo ainda visível, nalgumas partes, o reflexo metálico.

A forma XXXVII,1a encontra-se documentada em diversos sítios do actual território português como Braga (MORAIS, 2005, pp. 298 e 335), *Conimbriga* (MAYET, 1976, pp. 29-30, *planche* v e vi-, fig. 17-30-classificados forma XXXVII geral), Santarém (ARRUDA e SOUSA, 2003, p. 280, fig. 213-217, classificados forma XXXVII geral), Miróbriga (NOLEN, 1976-77), Torre d'Ares (PEREIRA, 2014, estampa 118, fig. 12, classificado forma XXXVII A), Mesas de Asta (REINOSO DEL RIO, 2002, pp. 94 e 96), *Baelo Claudia* (REINOSO DEL RIO, 2004, p. 45), a necrópole de *Baelo Claudia* (REINOSO DEL RIO, 2003, pp. 99-100), e nas necrópoles de Cádiz: *Puerta Tierra* (REINOSO DEL RIO, 2003, p. 102), Chalet de Gomes (REINOSO DEL RIO, 2000, p. 105), Calle Acacias (REINOSO DEL RIO, 2003, p. 105).

A variante XXXVII,1c está atestada em Braga (MORAIS, 2005, pp. 298 e 335, fig. 99 e 101), *Conimbriga* (MAYET, 1976, pp. 29-30, *planche* vi, fig. 31-33, classificado como XXXVII), Represas (NUNES, 1956), *Baelo Claudia* (REINOSO DEL RIO, 2004, pp. 45-46), e na necrópole de Gades de Chalet de Gomes (REINOSO DEL RIO, 2000, p. 105).

A forma XXXVII,1 proveniente da Bética, parece ter surgido no mercado durante o principado de Tibério (REMESAL RODRIGUEZ, 1979). No entanto, O apogeu da produção deste tipo deverá situar-se entre o principado de Cláudio e o de Nero (LÓPEZ MULLOR, 1989, pp. 176-177). No que concerne às variantes, a XXXVII, 1a parece ter sido manufacturada durante toda a diacronia de fabrico desta forma, enquanto a forma XXXVII, 1c será do primeiro momento de produção (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 176).

Os fragmentos da forma XXXVII,1 exumados nas intervenções efectuadas no Castelo de Castro Marim provêm de diversos contextos: um fragmento de recolhas de superfície, três fragmentos da UE 385, o enchimento de uma fossa datada do período Moderno e um fragmento do estrato 1, da quadrícula E10, do ambiente 4, também proveniente de uma deposição secundária, que contava igualmente com material da Idade do Ferro e peças datadas de período Moderno, não podendo acrescentar dados cronológicos aos apresentados para esta forma.

Como já referimos, esta forma foi integrada, pelas suas características, nas produções manufacturadas na província da Bética (MAYET, 1975; LÓPEZ MULLOR, 1989, pp. 176-177), dado que também inferimos através da análise macroscópica que efectuámos às peças (anexo 4- grupo técnico 9).

### **Forma XXXVIIA**

Mercedes Vegas inclui peças desta morfologia na sua obra acerca da cerâmica comum romana, integradas na categoria de taças decoradas a barbotina (VEGAS, 1973, pp. 85-87). No entanto, este tipo foi definido individualmente por Françoise Mayet sob a epígrafe de XXXVII A (MAYET, 1975, p.73), nomenclatura que utilizamos.

A forma XXXVII geral circunscrita por Mayet engloba um vasto conjunto de materiais, tornando-se, por vezes, de difícil percepção os limites desta forma (*vide* LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 181). Não obstante, a definição de algumas variantes com muita personalidade – XXXVII A, XXXVII B e XXXVII,1- permitiu a clarificação da forma XXXVII. Esta divisão de variantes da forma geral permitiu, inclusive, a percepção

da escassa difusão da forma geral por comparação com as variantes, que são mais frequentes nos sítios de consumo (LÓPEZ MULLOR, 1989, pp. 174-175).

Engloba taças de perfil aproximadamente hemisférico, com o bordo diferenciado e uma ranhura logo abaixo. O pé surge igualmente diferenciado, sendo aplanado ou concavo. Estas peças podem ser providas de asas, colocadas de forma simétrica e bífidas. Como noutros produtos béticos (XXXVII B, XXXVIII, XXXVIII B, XLII), apresentam ranhuras longitudinais no terço inferior da peça, na parede externa. A decoração surge sempre na parte central da parede externa da peça e ostenta uma panóplia muito variada de motivos, que abarcam praticamente todo o catálogo dos realizados nos centros de produção béticos.

Esta morfologia apresenta-se como a mais representada entre o acervo de Castro Marim, com 26 fragmentos 16 dos quais ostentam decoração. A maioria dos fragmentos decorados apresenta uma rede de losangos (estampa XVI.242 a XVI.249), sendo que a decoração se desenvolve abaixo de uma faixa sem decoração. As restantes decorações são efectuadas com a técnica da barbotina com diversos motivos, nomeadamente, a decoração em folhas de água. Esta decoração está presente entre os materiais de Castro Marim, com dois fragmentos, com motivos diferentes: um apresenta uma fila de mamilos de pequenas dimensões que serviam de moldura ao desenvolvimento do motivo que neste caso, pela dimensão do fragmento, apenas permite percepção da parte superior de uma folha de água (estampa XVII.250), o outro, também fragmentado, apresenta a parte superior de uma folha de água e um cale de uma folha de água (estampa XVI.243).

O motivo decorativo com escamas de pinha também se encontra atestado no conjunto de fragmentos em estudo da forma XXXVIIA (estampa XVI.242). Esta peça encontra-se em mau estado de conservação e, por isto, não se consegue perceber o formato do lábio. Os restantes fragmentos decorados (estampa XVII.251 e XVII.252) apresentam uma fila de mamilos paralelos, de pequenas dimensões que serviam para enquadrar o restante motivo decorativo.

Os restantes 11 fragmentos desta forma não ostentam decoração (estampa XVII.253 a XVII.263), sendo que um deles também não apresenta o bordo diferenciado (estampa XVII.253), como é típico desta forma, pelo desgaste da peça.

A presença de exemplares da forma XXXVII A decorados a barbotina com motivos de folhas de água é frequente em locais de consumo. No actual sudoeste peninsular português foi descoberta em locais como: Valdoca (ALARCÃO, 1966), Cardilio (ALARCÃO, 1966-67), Represas (NUNES, 1956), Castelo do Vale de Mértola

(SOUSA, 1995, p. 114, fig. 118), Faro (MAYET, 1975, p. 88), Torre d'Ares (VEIGA, 1971; PEREIRA, 2014, pp. 101-102, estampa 118), Quinta do Marim (PEREIRA, 2014, p. 171, estampa 141), Enterreiro (PEREIRA e ARRUDA, 2015, pp. 186-187), *Baelo Claudia* (REINOSO DEL RIO, 2004, pp. 46-47), necrópole de *Baelo Claudia* (REINOSO DEL RIO, 2003, pp. 99-101) e Mesas de Asta (REINOSO DEL RIO, 2002, 94-95).

Os paralelos para materiais da forma XXXVII A decorados com a rede de losangos parecem menos frequentes que os anteriores (*vide* LÓPEZ MULLOR, 1989, p.p. 183-184), estando presentes no naufrágio de Port-Vendres II (COLLS et al., 1977), e em sítios de consumo como o de Enterreiro (PEREIRA e ARRUDA, 2015, pp. 186-187). Os materiais que ostentam o motivo de escamas de pinha são também escassos entre os sítios de consumo (*vide* LÓPEZ MULLOR, 1989, pp. 182-184).

Metodologicamente, a cronologia das produções béticas consegue ser afinada através do estudo das decorações, uma vez que as morfologias mantêm-se inalteradas por longas diacronias. Neste sentido, o tema da rede de losangos (o mais representado no sítio) surge em algumas estações já no principado de Tibério-inícios do de Cláudio, com a cessação da produção a situar-se durante a governação de Vespasiano (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 181).

As decorações a barbotina com motivos de folhas de água surgem no principado de Cláudio, embora na Catalunha a sua presença apenas se verifique por altura do Imperador Nero, tendo sido exportadas até aos finais do século I d.C. (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 182). A decoração a barbotina com motivos de escamas de pinha, que se encontra representado em Castro Marim com um fragmento, tem uma cronologia proposta de cronologia de 40-80 d.C. (MAYET, 1975, p. 95). Contudo, a proposta de Bémont segunda a qual o mesmo deixa de ser produzido nos finais do século I d.C. (BÉMONT, 1976, p. 272) parece-nos mais plausível, através dos paralelos da forma XLII, onde essa decoração se encontra presente, e cuja produção parece perdurar até ao principado de Domiciano (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 198).

Os indivíduos descritos estão distribuídos por diversas unidades estratigráficas, contudo, todos esses contextos, como referimos, são unidades de depósito secundário, não sendo relevantes para a aferição cronológica destas formas (ver anexo 3-catálogo).

### **Forma XXXVIII B**

Esta forma encontra-se englobada nos trabalhos de Mercedes Vegas sobre a cerâmica comum romana no capítulo dedicado aos vasos decorados a barbotina (VEGAS,

1973). No entanto, é na obra monográfica de Françoise Mayet que este tipo surge definido e caracterizado em maior detalhe, com o número que utilizamos neste trabalho – XXXVII B- (MAYET, 1975, pp. 73, 77-95).

As suas características levaram a separar esta forma do tipo XXXVII *lato sensu*. Nesta morfologia enquadram-se vasos ovóides, mais altos que a forma XXXVII A, com o bordo separado da pança da peça por uma ranhura, com uma franja lisa abaixo do bordo limitado por uma incisão. A decoração da peça desenvolve-se abaixo do bordo culminando nas duas ranhuras longitudinais presentes no terço interior da peça. O pé destas peças é baixo e ligeiramente saliente, de base plana ou ligeiramente côncava. Por vezes, apresentam asas bífidas e elípticas colocadas simetricamente.

Entre as peças exumadas nas intervenções de Castro Marim surgem cinco fragmentos de bordo que podem ser incluídos nesta morfologia – XXXVII B -, dos quais dois apresentam decoração a barbotina com motivos de escamas de pinha (estampa XVIII.365 e XVIII.366), um tem decoração a barbotina com o motivo de folhas de água (estampa XVIII.364) um não apresenta decoração (estampa XVIII.368) e, por último, um dos fragmentos, pela sua reduzida dimensão, não permite compreender a decoração que o caracterizava (estampa XVIII.367). Todos os vasos possuem um engobe alaranjado com reflexos metálicos.

A forma XXXVII B faz parte das típicas manufacturas da província da Bética (MAYET, 1975; LÓPEZ MULLOR, 1989), o que se coaduna com os dados da nossa análise macroscópica (anexo 4-grupo técnico 9).

O tipo XXXVII B com decoração a barbotina com o motivo de folhas de água está atestado em diversos locais como: Conimbriga (MAYET, 1976, pp.29-30, planche vii), necrópole de *Baelo Claudia* (REINOSO DEL RIO, 2003, pp. 100-101), Mesas de Asta (REINOSO DEL RIO, 2002, pp. 94-94), e no núcleo habitacional de *Baelo Claudia* (REINOSO DEL RIO, 2004, pp. 45-47).

Relativamente a esta, a decoração com escamas de pinha, que está presente em Castro Marim, é menos frequente em sítios de consumo, padrão que se encontra atestado em diversos locais do actual território espanhol (*vide* LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 189).

Como já referimos, para as produções béticas, a decoração afigura-se como um indicador cronológico mais fiável do que a morfologia das peças. Neste sentido, a decoração a barbotina com motivos de folhas de água surge nos finais da primeira metade do século I d.C., comprovada pelos dados do naufrágio do Port-Vendres II (COLLS *et al.*, 1997, p. 112) podendo ter sido aplicadas às peças até ao início dos primeiros flávios

ou mesmo até aos finais do século I (*vide* LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 189). A decoração em escamas de pinha tem uma boa referência no tipo XLII, no naufrágio de Port-Vendres II de época Cláudia atingindo o principado de Nero (RUGER, 1968). Ou seja, esta forma começa a manufacturar-se na década de 40, registando-se o seu auge até 70-80 d.C., desaparecendo num momento ainda impreciso do século I d.C. (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 189).

Os materiais distribuem-se por três unidades estratigráficas do Castelo de Castro Marim, 2 peças estão presentes na UE 385, o enchimento da fossa [382], datada de período Moderno, 1 na unidade [360], depósito que cobria toda a área de escavação, datado de período Moderno e os outros 2 encontravam-se na UE [395], igualmente de cronologia moderna. Neste sentido, por serem todos oriundos de deposições secundárias, estas peças não aduzem dados cronológicos aos referidos.

### **Forma XXXVIII**

A forma XXXVIII, juntamente com a XXXVII e XLII, são das produções Béticas que atingiram maior sucesso no mercado. Nos sítios onde as cerâmicas de paredes finas de proveniência bética foram consumidas, estes tipos destacam-se, por serem aqueles que surgem com maior frequência.

Esta morfologia foi estudada por Mercedes Vegas que a incluiu num tipo geral que englobava todas as taças com decoração a barbotina (VEGAS, 1973, pp. 80-85). Novamente, é na monografia de Françoise Mayet sobre as paredes finas da Península Ibérica que esta forma surge definida separadamente, com o número que utilizamos (MAYET, 1975, pp. 73 e 152-160). No entanto, a autora incluiu algumas variantes nesta forma geral – nomeadamente XXXVIII B- que trataremos separadamente, por se tratarem de morfologias distintas e bem definidas.

Engloba um conjunto de taças baixas e carenadas, com o bordo bem marcado e separado do corpo por uma ranhura, e com o fundo igualmente definido e ligeiramente côncavo. Esta morfologia pode apresentar duas asas bífidas colocadas simetricamente no vaso. As decorações ocupam a paredes externa da peça entre o espaço deixado em branco logo abaixo do bordo e a carena, sendo os mais comuns constituídos por aplicações a barbotina onde figuram praticamente toda a panóplia de motivos realizados nos centros de produção béticos.

Esta forma encontra-se atestada em Castro Marim por 21 fragmentos (estampa XVIII.269 a XIX.289), com 20 bordos e uma carena. Dez peças apresentam o motivo

decorativo com a rede de losangos (estampa XVIII.269 a XIX.278), mais ou menos espaçados. A decoração a barbotina também se encontra presente, com a aplicação de mamilos, embora, pela fragmentação das peças, não se perceba o padrão decorativo geral (estampa XIX.279 a XIX.281). Um dos bordos apresenta a decoração logo abaixo do bordo, o que é pouco frequente (estampa XIX.279). O último fragmento decorado ostenta um motivo de folhas de água (estampa XIX.282), com uma folha de água e seu caule. Os restantes fragmentos não exibem qualquer padrão decorativo (estampa XIX.283 a XIX.289).

A forma XXXVIII com decoração de rede de losangos atingiu uma grande expansão no sudoeste peninsular, nomeadamente, nas necrópoles de Elvas (VIANA e DEUS, 1955), na necrópole da Valdoca (ALARCÃO, 1966), no Castelo do Vale de Mértola (SOUSA, 1995, p. 102), no Enterreiro (PEREIRA e ARRUDA, 2015, pp. 186-187, fig. 6 n° 8), em Torre d'Ares (PEREIRA, 2014, pp. 102-103, estampa 118 e 119), em *Baelo Claudia* (REINOSO DEL RIO, 2004, p. 47) e em Mesas de Asta (REINOSO DEL RIO, 2003, pp. 95-96).

A forma XXXVIII com a decoração a barbotina com folhas de água encontra igualmente grande distribuição pelos sítios de consumo, nomeadamente no sudoeste peninsular, em locais como: as necrópoles de Elvas (VIANA e DEUS, 1955), Torre d'Ares (PEREIRA, 2014, pp. 102-103, estampa 119), Mesas de Asta (REINOSO DEL RIO, 2002, pp. 95-96), e *Baelo Claudia* (REINOSO DEL RIO, 2004, p. 47),

Como referimos para outros tipos, a manutenção dos perfis destas formas por um longo período leva a que a melhor forma de datar estas morfologias seja através das decorações (MAYET, 1975, pp. 74-95; LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 192). Neste sentido, a decoração em rede de losangos, presente em cinco fragmentos de Castro Marim, é uma das mais antigas, existindo pelo menos desde o principado de Cláudio, coincidindo com o início da forma XXXVIII, e mantendo-se em produção até 75-80 (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 192). A outra decoração identificável é a de folhas de água, cuja produção se inicia no final do principado de Cláudio, atingindo o auge com a dinastia flávia, chegando aos finais do século I/ princípios do século II (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 192).

Os materiais distribuem-se por diversas unidades estratigráficas que correspondem integralmente a depósitos secundários, sendo, neste sentido, pouco pertinentes para afinar as cronologias mencionadas para esta forma.



Esta morfologia integra-se entre as produções mais frequentes da província da Bética, dado que vai de acordo com as nossas análises macroscópicas (anexo 4-grupo técnico 9).

### **Forma XXXVIII B**

Esta forma foi analisada por Mercedes Vegas e integrada no seu tipo 34, com diversas taças com decoração a barbotina (VEGAS, 1973, pp. 80-85). Posteriormente, Françoise Mayet incide sobre esta morfologia, integrando-a na sua tabela tipológica com a forma XXXVIII, no entanto, as características distintivas levaram que fosse separada da forma geral através da atribuição de uma variante – XXXVIII B-, que utilizamos (MAYET, 1975, p. 73).

Os materiais desta forma caracterizam-se por serem taças mais altas que da forma XXXVIII geral e menos largas, com o bordo separado do resto da peça por dois sulcos paralelos, de carena baixa e fundo ligeiramente destacado. Estas taças ostentam, por norma, duas asas bífidas colocadas simetricamente nas peças. As decorações nesta morfologia são muito características, nomeadamente, a mais típica, exclusiva deste tipo, que apresenta mamilos grandes e mamilos pequenos intercalados, dispostos na vertical e paralelos. A outra decoração que pode surgir nesta forma é a *ruedecilla* e, por norma, as decorações estendem-se desde o segundo sulco que separa o bordo do corpo da peça até à carena.

Esta forma encontra-se atestada em Castro Marim por três fragmentos, com dois bordos (estampa XIX.290 e XIX.292), um com um diâmetro ligeiramente maior, e um fundo (estampa XIX.291), ostentando sempre a decoração mais típica desta morfologia, com aplicações a barbotina de mamilos maiores e mais pequenos intercalados, dispostos na vertical e paralelos. Num dos fragmentos a decoração a barbotina está presente no espaço entre os dois sulcos abaixo do bordo (estampa XIX.290), espaço normalmente desprovido de motivos decorativos.

Esta morfologia está atestada em diversos sítios do sudoeste peninsular, nomeadamente, em Miróbriga (NOLEN, 1976-77, estampa II fig. 22), Torre d'Ares (PEREIRA, 2014, pp. 102-103, est. 119), Quinta do Marim (PEREIRA, 2014, p. 271, est. 141), em Pedras del Rey (PEREIRA, 2014, est. 40), Castelo do Vale de Mértola (SOUSA, 1995, p. 113), Enterreiro (PEREIRA e ARRUDA, 2015, pp. 186-187), *Baelo Claudia*

(REINOSO DEL RIO, 2004, p. 46, fig. 9) e numa necrópole da zona de Cádiz, na Calle General Garcia Escámez (REINOSO DEL RIO, 2003, p. 104).

A forma presente em Castro Marim encontra-se bem datada, principalmente através do seu padrão decorativo, balizando-se o início de produção na década de 40 do século I d.C., estando ainda presente em contextos datados de Vespasiano. No entanto, a forma XXXVIII B surge ainda esporadicamente durante principado de Tito Flávio (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 192).

Os materiais referentes à forma XXXVIII B encontram-se depositados num enchimento de uma fossa – UE 385- datado de período moderno não podendo assim aduzir dados para a cronologia deste tipo.

A proveniência bética desta forma está bem atestada (MAYET, 1975, pp. 152-160; LÓPEZ MULLOR, 1989, pp. 191-192), constituindo parte significativa da produção desta província, juntamente com as formas XXXVII e XLII, estando presente na embarcação de Port-Vendres II, proveniente do vale do Guadalquivir (COLLS *et al.*, 1977). A análise macroscópica da pasta das peças corrobora esta atribuição pois remete para as características típicas do grupo técnico 9 (anexo 4-grupo técnico 9), para o qual propomos a manufatura na província da Bética.

### **Forma XXXIX**

Trata-se da forma menos frequente, em sítios de consumo, da série de produções da província da Bética – XXXVII, XXXVIII, XXXIX, XLII. É uma taça baixa, com uma carena acentuada, com o bordo voltado para o exterior curvado ou oblíquo, provida de duas asas laterais. Encontra-se sempre decorada a barbotina

A nível morfológico, esta forma assemelha-se à forma XI, que data do último terço do século I a.C., e apresenta uma clara intenção de imitar os produtos de baixela metálica (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 197). Neste sentido, esta forma parece manter uma intenção mimética em relação à vasilha metálica o que como foi proposto por diversos autores e se aplica às restantes produções da província da Bética (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 197).

Apesar de se tratar de uma morfologia com menos expressão que as séries XXXVII, XXXVIII e XLII da tabela de Françoise Mayet, como afirmou Alberto López Mullor, quando se estuda conjuntos vastos encontram-se frequentemente presentes (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 197). Neste sentido, a sua presença, embora escassa, entre o conjunto do Castelo de Castro Marim corrobora esta hipótese.

A forma XXXIX encontra-se atestada no conjunto com um fragmento (estampa XIX.293), com o bordo levemente voltado para o exterior, ligeiramente côncavo, com uma canelura a separar o lábio arredondado do resto do bordo. Apresenta decoração a barbotina, com a aposição de uma pérola abaixo da canelura do lábio.

Os paralelos para esta forma são raros devido à escassez de fragmentos deste tipo em sítios de consumo, no entanto, encontra-se atestado em diversos sítios na Catalunha (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 197), em *Baelo* (PARIS *et al.*, 1926), em Riotinto, Huelva (MAYET, 1975, p. 83, *planche XLV*) e em *Glanum* (BÉMONT, 1976).

O vaso da forma XXXIX de Riotinto afigura-se como o melhor paralelo para o fragmento que aqui analisamos pois, para além de também possuir um bordo voltado para o exterior, ostenta uma um motivo aplicado a barbotina, com uma fila de pequenos mamilos, entre a ranhura abaixo do lábio e a carena.

Esta forma encontra-se datada da segunda metade do século I d.C., segundo os dados de Ampúrias (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 197) e *Glanum* (BÉMONT, 1976, pp. 244-246). Torna-se premente salientar a total ausência desta forma dos contextos publicados no actual território português, nomeadamente, no sudoeste peninsular.

O único exemplar desta forma foi exumado da UE 385, um depósito que enche uma fossa [382] datada do período Moderno, não permitindo, por isto, dados cronológicos concretos da sua deposição no sítio.

A atribuição da produção da forma XXXIX aos centros da Bética é unanime entre os investigadores (MAYET, 1975, p. 152-160; LÓPEZ MULLOR, 1989, pp. 197 e 202-204), sendo que a sua presença no naufrágio do Cala Culip IV (MILLET, 1993), entre as produções da Bética atesta essa produção. Neste sentido, a análise macroscópica das pastas levou-nos a incluir a amostra no grupo técnico 9 (anexo 4-grupo técnico 9), que atribuímos às manufacturas da Bética.

## **Forma XL**

A forma XL engloba copos com a pança arredondada, com o bordo oblíquo e virado para o exterior, normalmente, provido de decoração a barbotina com diversos motivos. Este tipo, definido por Françoise Mayet, é relativamente baixo (60 a 80 cm de altura), situando-se o diâmetro máximo do bordo nos 80 a 90 cm (MAYET, 1975, p. 73). São peças que parecem não ter sido muito difundida dada a sua escassa presença em sítios de consumo (*vide* MAYET, 1975, pp. 80, 85 e 92).

A forma XL está atestada no Castelo de Castro Marim com um fragmento de bordo (estampa XX.294), arredondado e virado para o exterior, que não apresenta qualquer decoração, podendo isto dever-se à pequena dimensão do fragmento que apenas abrangeria o espaço sem decoração logo abaixo do bordo. A exiguidade da peça que estamos a analisar leva-nos a realizar esta classificação com reservas.

Embora esta forma não pareça ter atingido um grande sucesso no mercado, encontra-se presente, sempre com poucos exemplares, nalguns sítios: em Torre d'Ares (PEREIRA, 2014, pp. 103-104, est. 16 e 119) e um provável fragmento na necrópole da Fonte Velha (PEREIRA, 2014, est. 152). Na monografia de Françoise Mayet existem também alguns paralelos para esta forma, compilados pela autora, centrando-se quase exclusivamente na zona da actual Andaluzia (MAYET, 1975, pp. 80, 85 e 92).

Como referimos, a melhor forma de aferir a cronologia dos produtos béticos é através das suas decorações pois, por norma, as suas morfologias perduram no tempo. Neste sentido, uma vez que o fragmento em análise não exhibe qualquer motivo decorativo, atribuiremos uma cronologia lata, ou seja, baseada nos padrões decorativos dos paralelos formais que possuímos (MAYET, 1975, pp. 80, 85 e 92; PEREIRA, 2014). Por conseguinte, uma datação entre o principado de Tibério e os finais do século I parece-nos plausível (PASSELAC, 1993, 520).

Em Castro Marim esta forma foi exumada da UE 385, um depósito de enchimento da fossa [382], uma unidade datada de período moderno, ou seja, irrelevante para a aferição cronológica da cronologia deste tipo.

Pelas características da pasta (anexo 4-grupo técnico 9), esta foi incluída no grupo das produções manufacturadas na província da Bética, dados que vão de encontro à proposta de Françoise Mayet (MAYET, 1975, p. 73). Uma outra produção da mesma forma, manufacturada na Gália é alvitada por López Mullor (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 197), baseado no aparecimento desta forma em *Glanum* (BÉMONT, 1976, p. 262, fig. 7) e parece corroborada pelos dados dos centros de produção de La Butte e de Lyon (BERTRAND, 1998; 1999; 2005).

Parece-nos importante perceber a distribuição dos vasos da forma XL através dos dados compilados por Françoise Mayet (MAYET, 1975, pp. 80, 85 e 92) e as informações que derivam das investigações recentes, nomeadamente, as peças encontradas nas necrópoles do algarve (PEREIRA, 2014) e o fragmento proveniente do Castelo de Castro Marim. Excluimos desta análise a menção de Alberto López Mullor a peças desta forma presentes na Catalunha, não publicadas, que o autor teria conhecimento através de outra

investigadora, por não ser apresentado qualquer registo de tais materiais (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 197). Neste sentido, pelos dados disponíveis, a maioria das peças da forma XL encontra-se centrada no sudoeste peninsular, exequando uma peça proveniente de Ampúrias (MAYET, 1975, p. 92) e uma presente em *Glanum* (BÉMONT, 1976), que com os dados actuais podemos assumir pertencer a uma outra produção desta forma, realizadas pelos centros da *Gallia* (BERTAND, 1998, 1999, 2005). Por conseguinte, parece tratar-se de uma forma com produção também na Bética, que não atingiu um grande êxito comercial dada a sua escassa representação nos sítios de consumo, e que parece ter mantido a sua comercialização dentro da província da Bética e zonas limítrofes, como seria o caso de Castro Marim e das necrópoles algarvias.

## **Forma XLII**

Esta morfologia foi analisada por Mercedes Vegas, que incluiu na sua tipologia de cerâmica comum romana, na forma 31, e para a qual elaborou um mapa de dispersão e uma proposta cronológica (VEGAS, 1973, p. 76-77). Novamente, na sua monografia sobre a cerâmica de paredes finas da Península Ibérica, Françoise Mayet aborda igualmente esta morfologia atribuindo-lhe a forma XLII, que utilizamos, acrescentando novos dados aos compilados por Vegas (MAYET, 1975, pp. 95-98).

Trata-se de um vaso alto com o corpo globular, de bordo oblíquo inclinado para o exterior, a parte inferior da peça tem uma morfologia troncocónica e o pé não é diferenciado do corpo. Esta forma pode ter uma asa, a variante XLIIA da tabela tipológica de Françoise Mayet, ou mesmo duas asas, embora seja menos frequente. A decoração mais presente nesta morfologia é a de escamas de pinha, realizada através da técnica da barbotina sobre na pança da peça.

Em Castro Marim, surgiram três fragmentos desta forma, com dois bordos (estampa XX.295 e XX.296) e um fundo não diferenciado, com parte da pança, de morfologia troncocónica (estampa XX.297). A fragmentação das peças explica porque nenhuma apresente decoração. Todos os vasos possuem um engobe acastanhado com vestígios de reflexos metálicos.

O tipo XLII encontra-se presente em diversos sítios de consumo como: Conimbriga (MAYET, 1976, pp.29-30, *planche* vii), Santarém (ARRUDA e SOUSA, 2003, pp. 280-281), Beja (MAYET, 1975), Castelo do Vale de Mértola (SOUSA, 1995, p. 102), Torre d'Ares (VEIGA, 1971; PEREIRA, 2014, p. 104, est. 119), Pedras del Rey

(PEREIRA, 2014, est. 40), *Baelo Claudia* (REINOSO DEL RIO, 2004, pp. 47-48) e Mesas de Asta (REINOSO DEL RIO, 2002, pp. 96-97).

A produção desta morfologia terá começado no início do principado de Cláudio e terminado nos alvares do período de Domiciano (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 198; MAYET, 1975, pp. 95-96).

A totalidade dos fragmentos incluídos nesta forma foram exumados da UE 385, um depósito de enchimento da fossa [382], datada do período moderno, não podendo, neste sentido, aduzir novos elementos cronológicos aos conhecidos para esta forma

Como referimos a forma XLII, juntamente com as formas XXXVII e XXXVIII, são as produções mais típicas dos centros produtores da Bética, que possuem pastas, engobes e decorações muito homogêneas (MAYET, 1975, pp. 147-160; LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 199). A análise macroscópica destes fragmentos permitiu a integrá-los no grupo técnico 9 (anexo 4-grupo técnico 9) que atribuímos a ateliers da província Bética, na linha do que foi proposto por Françoise Mayet (1975) e Alberto López Mullor (1989).

### **FORMA LIII**

Esta morfologia foi pela primeira vez analisada, na obra de Françoise Mayet sobre as paredes finas da Península Ibérica, com o número que utilizamos (MAYET, 1975, pp. 114-115).

Trata-se de uma taça de pequenas dimensões, de lábio espessado, ligeiramente virado para o interior, sem ranhura a separar o lábio da pança, com um pé alto e destacado, tendo em conta as dimensões da peça.

Em Castro Marim esta forma está apenas atestada por um fragmento de bordo (estampa XX.298) de pequenas dimensões com a inclusão de uma saliência logo abaixo do lábio, conseguida através da técnica da barbotina.

Na monografia elaborada por Françoise Mayet, esta forma é atribuída aos centros produtores da capital da Lusitânia. É precisamente de Mérida que a maioria das peças desta forma estudadas pela autora é proveniente (MAYET, 1975, pp. 114-115). Não obstante estes dados, a peça proveniente de Castro Marim possui as características distintivas das produções da Bética (anexo 4-grupo técnico 9). Inserindo o grupo técnico 9 apresenta a pasta de coloração ocre a amarelado, com as inclusões de muito pequena dimensão, com a presença de engobe acastanhado ou alaranjado, por vezes, com vestígios de reflexos metálicos.

Neste sentido, e apesar de desconhecermos paralelos para a forma LIII provenientes da Bética, mantemos a nossa classificação e atribuição da sua manufactura aos centros produtores daquela província, baseados nas características da sua pasta.

Esta forma, produzida na capital da Lusitânia, encontra-se datada da segunda metade do século I d.C., embora sem quaisquer dados estratigráficos associados (MAYET, 1975, p. 114). Quanto à datação desta morfologia para as produções da Bética não podemos aventar quaisquer dados por ausência de paralelos, podendo apenas propor uma datação semelhante aos exemplares produzidos na capital da província da Lusitânia.

O fragmento encontra-se em posição secundária na estratigrafia de Castro Marim, no corte 03, quadrado E06, camada 1, e, por isto, não contribui também para uma aferição cronológica da forma LIII manufacturada na Bética.

### **Inclassificáveis**

O grupo das formas que não foi possível atribuir uma forma é uma das mais numerosas no conjunto, num total de 22 peças.

A atribuição tipológica não foi possível em 4 fragmentos de bordo (estampa XX.300 a XX.303) que pela sua fragmentação e exiguidade não permitiram uma fiável atribuição tipológica, embora nos permitissem entrever uma morfologia geral. Neste sentido, a forma e orientação parece remeter para uma inclusão, com dúvidas, nos tipos XXXVII/XXXVIII, não obstante, a reduzida dimensão dos fragmentos levou a que não fossem integrados em nenhuma categoria. Outras das peças que foi considerada inclassificável, trata-se de um fragmento de corpo de um vaso com o arranque de asa (estampa XX. 299) que pelas suas características não conseguimos incluir em nenhuma forma.

Os restantes materiais que não foram integrados numa tipologia são fragmentos de fundo que pela simplicidade ou por poderem englobar diferentes morfologias foram considerados inclassificáveis (estampa XX.304 a XXI.321).

Não obstante, as características dos fabricos, de coloração bege amarelada, a dimensão, dispersão e natureza dos elementos não plásticos presentes, o engobe acastanhado que cobre as superfícies, onde, por vezes, são visíveis os reflexos metálicos, faz-nos incluir estas peças no grupo técnico 9 (anexo 4-grupo técnico 9). Este grupo deverá ser originário dos centros produtores situados na província da Bética.

## **Decorações em formas indeterminadas**

Entre o acervo de Castro Marim, encontram-se presentes diversos fragmentos produzidos na Bética com decoração e que pela fragmentação não permitiram a percepção da sua forma. Pela já aludida importância das decorações nos vasos com esta proveniência, mormente, do ponto de vista cronológico, vamos abordar brevemente os padrões decorativos realizados nestes *ateliers* e que estão atestados no Castelo de Castro Marim.

Uma das decorações mais comuns é a arenosa, obtida ao submergir o vaso ainda não totalmente cozido em areia, retirando os excessos com um pincel, o que leva a que alguns fragmentos ostentem marcas (REINOSO DEL RIO, 2002, pp. 93-94). Outra técnica para se conseguir esta decoração seria submergir o vaso, já com o engobe, numa solução argilosa que tivesse areias (REINOSO DEL RIO, 2002, p. 94). Esta decoração pode surgir tanto na parede externa como interna do vaso ou mesmo, em ambas, e encontra-se atestada entre o conjunto analisado na forma XXXVII,1 (*vide supra*).

Outro padrão realizado nos centros produtores da Bética é a decoração incisa, realizada com o auxílio de um buril, ou seja, uma lâmina de metal que faz incisões na peça enquanto esta ainda está no torno, ou “*a ruedecilla*” (peça dentada que se faz girar sobre a superfície do vaso enquanto este está no torno), e diferenciam-se pela maior profundidade do traço deixado por esta peça (REINOSO DEL RIO, 2002, p. 94). Este motivo decorativo encontra-se atestado em 3 bojos exumados das intervenções no Castelo de Castro Marim (estampa XXIII. 343 e XXXIII.344). Esta decoração foi identificada em alguns tipos originários da Bética, nomeadamente, as formas XXXVII A, XXXVII B, XXXVIII, XXXVIII B e XLII. A cronologia desta decoração deverá situar-se entre 30/40 d.C. com a cessação da sua produção no final da centúria (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 181).

Por último a decoração mais atestada entre o conjunto é a realizada a barbotina, que consiste na aplicação de argila do mesmo tipo da que se realizou o vaso, mas que se deixou secar antecipadamente, aplicando-a na peça por pressão com a ajuda de um tubo oco (MINGUEZ MORALES, 1991, pp. 44-45; REINOSO DEL RIO, 2002, p. 94). Esta técnica permite uma considerável variedade de motivos como: pérolas, mamilos, motivos vegetais, etc. (MINGUEZ MORALES; 1991, pp. 44-48; REINOSO DEL RIO, 2002, p. 94). No Castelo de Castro Marim estão presentes diversos materiais decorados a barbotina com diversos padrões decorativos (estampa XXI.324 a XXIII.342) que pela fragmentação



muitas vezes não permitem a percepção do motivo. Este tipo de decoração abarcou toda a cronologia de produção de vasos béticos.

### **3.2.7 Local/Regional (Sul da Lusitânia)**

Este grupo de produção inclui 18 peças que ostentam uma pasta alaranjada, compacta, medianamente depurada, porosa, que apresentam diversas inclusões de pequena e média dimensão visíveis a olho nu. Estas características foram integradas no grupo técnico 11 (anexo 4-grupo técnico 11) que considerámos ter uma origem local/regional. As características técnicas exibidas são semelhantes às descritas por Carlos Pereira para as produções locais atestadas em Torre d'Ares (PEREIRA, 2014, p. 107). O autor identifica a manufactura das formas XXIV, XXXIII e, talvez, a XXXIII/XXXV (PEREIRA, 2014, pp. 99-100 e 107).

Os vasos deste grupo presentes no Castelo de Castro Marim encontram-se muito fragmentados, não permitindo uma correcta aferição formal. Uma das peças, um bordo, que pelas dimensões não foi possível perceber o diâmetro (estampa XXIII.345), exhibe um perfil que sugere que emularia a forma III da tabela de Françoise Mayet, ou seja, ostenta bordo voltado para o exterior e côncavo. No entanto, pela exiguidade do elemento que analisamos, fazemos esta classificação com reservas.

Dois bordos apresentam um perfil que cremos corresponder a uma taça, provavelmente, semelhante ao modelo Mayet XXXVIII (estampa XXIII.346 e XXIII.347), no entanto, pela exiguidade das peças, que não permitiram sequer perceber o diâmetro ao nível do bordo, fazemos esta classificação com reservas.

O último elemento de bordo presente no conjunto é o que ostenta o perfil mais completo (estampa XXIII.348), com o lábio espessado e arredondado, com a parede a encurvada para o exterior. No entanto, não conhecemos quaisquer paralelos para esta morfologia e, por isso, esta peça foi considerada inclassificável.

Os restantes fragmentos são paredes de forma ovóide (estampa XXIII.349) ou de tendência ovóide (estampa XXIII.350) e fundos com diferentes morfologias (estampa XXIII. 351 a XXIV.362). Esta variedade demonstrada pelas peças que foram consideradas inclassificáveis sugere uma produção de cerâmica de paredes finas com diversas formas.

As peças de Castro Marim são provenientes de depósitos secundários e que não permitem uma aferição cronológica para o conjunto.

Consideramos que os 18 fragmentos presentes em Castro Marim demonstram uma produção maior do que o entrevisto até agora, que “*terá laborado durante o século I [d.C.]*” e que emulou modelos béticos para um consumo de auto-abastecimento, como já tinha sido defendido por Carlos Pereira (2014, p.107).

### 3.2.8 Produções da *Gallia* (Montans)

#### Similar a Drag. 37

O centro produtor de Montans é conhecido sobretudo pela produção *terra sigillata* cuja produção começou no século I e atingiu o século III d.C. (MARTIN, 1986). No entanto, este sítio também manufacturou cerâmica de paredes finas, embora os dados referentes a estes materiais são praticamente desconhecidos.

Sabe-se, contudo, que os vasos de paredes finas de Montans gozaram de uma certa originalidade quando à forma produzida e às decorações, por norma, com motivos vegetais elaborados a molde (MARTIN, 1978 *apud* MINGUEZ MORALES, 1990, p. 76).

No actual estado das investigações apenas conhecemos a produção de uma única morfologia deste centro, uma taça de pequenas dimensões para beber, semelhante ao tipo Drag. 37, embora de menores dimensões (MARTIN, 1978 *apud* MINGUEZ MORALES, 1990; LÓPEZ MULLOR, 1979; 1989; SANTROT *et al.*, 1984).

No acervo exumado do Castelo de Castro Marim encontra-se um fragmento de bordo de paredes finas proveniente do centro produtor de Montans e que pode ser integrado na forma similar a Drag. 37 (estampa XXIV.363). Pelas suas dimensões, esta peça foi englobada neste tipo com reservas. Inclusive, a sua inclusão na categoria de cerâmica de paredes finas foi ponderada pois as características técnicas assemelham-se à *terra sigillata*. Não obstante, a reduzida dimensão da parede e a forma apresentada levou-nos a manter a classificação efectuada.

A pasta deste fragmento é dura, rosada, sem inclusões visíveis a olho nu, com um verniz avermelhado e espesso, mais escuro que a pasta. Estas características levaram a que fosse incluída no grupo técnico 12 (anexo 4-grupo técnico 12) que consideramos proveniente dos centros produtores da *Gallia*, concretamente, de Montans.

As peças de paredes finas do centro produtor de Montans teriam o seu início de produção no reinado de Tibério e o seu final no início da dinastia flávia (LÓPEZ MULLOR, 1989, p. 231), o que parece coincidir com o período de maior produção de *terra sigillata* deste centro, 40-70 d.C. (MARTIN, 1986, p. 8).

Esta peça é proveniente da UE 385, depósito de enchimento da fossa [382], datada de período Moderno, não permitindo assim, nenhuma consideração adicional sobre a cronologia de importação destes materiais em Castro Marim

### **Decoração a molde**

Uma outra peça presente no conjunto, um bojo de morfologia indeterminada que ostenta uma decoração elaborada a molde, com motivos vegetais (estampa XXIV.364) parece-nos igualmente proveniente de Montans. Como referimos, estes *ateliers* são conhecidos pelas suas produções de paredes finas decoradas a molde, com motivos vegetais (MARTIN, 1978 *apud* MINGUEZ MORALES, 1990, p. 76), o que parece validar a nossa proposta.

As características técnicas da peça levaram à sua inclusão no grupo técnico 12 (anexo 4-grupo técnico 12) cuja origem cremos serem os centros de produção de Montans.

Este fragmento foi exumado na UE 385, depósito de enchimento da fossa [382], datada de período Moderno.

A presença de produtos manufacturados na *Gallia* no actual território português é pouco frequente, mas assinala uma considerável dispersão. Estão atestados materiais desta proveniência em sítios como: Beja (COMFORT, 1961), Reprezas (NUNES RIBEIRO, 1956, proveniente de La Graufesenque?), Conimbriga (MAYET, 1975; 1976) e Braga (MORAIS, 2005).

### **3.2.9 Zona Indeterminada 1**

As peças que incluímos neste grupo apresentam uma pasta compacta, medianamente depurada, com as inclusões visíveis a olho nu. Englobamos este conjunto no grupo técnico 13 (anexo 4-grupo técnico 13) que não podemos atribuir uma proveniência, por isso, designámo-lo de zona indeterminada 1.

Este grupo abrange dois fragmentos, um bordo de uma taça, espessado internamente com a parede praticamente vertical (estampa XXIV.365), e um bordo engrossado internamente com a parede oblíqua em direcção ao fundo (estampa XXIV.366). Estas peças têm paralelo em vasos presentes em Santarém (ARRUDA e SOUSA, 2003, p. 274, fig. 16, n.ºs 186 e 188), igualmente, considerados inclassificáveis pelas autoras.

Estas peças foram exumadas na UE 385, depósito de enchimento da fossa [382], de cronologia Moderna.

### **3.2.10 Zona Indeterminada 2**

Esta produção está representada em Castro Marim por um fragmento de bordo de uma taça, voltado para o exterior (estampa. XXIV.367). Apresenta uma pasta pouco homogénea, pouco compactada, rugosa e com as inclusões visíveis a olho nu. Incluímos estas características no grupo técnico 14 (anexo 4-grupo técnico 14) que não fizemos qualquer proposta de proveniência. Não obstante, as particularidades desta produção, pouco cuidada, levou-nos a ponderar um manufactura local/regional. Desconhecemos qualquer paralelo para a morfologia deste vaso.

## **3.3. Análise quantitativa e qualitativa do conjunto e análise global do acervo material do Castelo de Castro Marim**

### **3.3.1. O período tardo-republicano**

O conjunto de cerâmica de paredes finas exumado no Castelo de Castro Marim apresenta uma grande variabilidade em termos de origens e formas, o que sucede, também, devido a uma longa diacronia de importação (anexo 2-tabela 1 e gráfico 1). Neste sentido, para compreender este acervo, a análise deve incidir, sempre que possível, sobre conjuntos provenientes de contextos com estratigrafia clara.

Os níveis tardo-republicanos identificados (*vide supra*) afiguram-se relevantes tanto pela quantidade e diversidade de materiais que fornecem como por apresentarem o conjunto de cerâmica de paredes finas mais antigo presente em Castro Marim. Não se encontram atestados, no sítio, os vasos das produções precoces da Etrúria, nomeadamente, os copos altos de perfil fusiforme, embora, estejam presentes noutros sítios do sudoeste peninsular, mormente, na colina à frente do Castelo, no Forte de S. Sebastião (ARRUDA e PEREIRA, 2008, fig. 25, nº 8- talvez tipo Ricci 1/1 ou 1/7), em Monte Molião (SOUSA e SERRA, 2005, p. 21, fig. 13- Ricci 1/1) e no Cabeço de Vaiamonte (FABIÃO, 1998, vol. 3, estampa 100, fig.1- tipo Ricci 1/1). Também a presença de taças confirma o carácter tardio do acervo pois estas surgem, nos contextos peninsulares, em 70 a.C. (LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 150).

Os materiais provenientes dos níveis datados entre 60 e 30 a.C. (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414) fornecem, portanto, importantes dados sobre a baixela cerâmica romana nos finais do período republicano. Deste contexto, provêm 106 fragmentos de cerâmica de paredes finas, correspondendo a 48,4 % das peças com atribuição tipológica. Maioritariamente, tratam-se de importações provenientes da Península Itálica (90), praticamente correspondendo a 84,4 % do conjunto, sendo as restantes originárias da Hispânia (16).

Entre as manufacturas itálicas, estão muito representados os vasos provenientes da Etrúria, com 73,3,7 %, maioritariamente, os copos de bordo voltado para o exterior e recto (Ricci 1/12, 1/30, 1/35) ou côncavo (Ricci 1/14, 1/16, 1/20-1/362, 1/40, 1/97, 1/101). Estão igualmente atestados os copos de bocal não destacado (Ricci 1/161) e arredondado ou amendoado (Ricci 1/47 e *sim.* Marabini V). De origem etrusca também se encontram presentes quatro taças (Ricci 2/243, 2/316 e Marabini XX).

Oriundos da Península Itálica são igualmente os copos de bordo voltado para o exterior (Ricci 1/20-1/362, 1/35) e uma taça (2/232-2/405) da zona centro-ocidental do Vale do Pó, e da região centro-itálica está presente um copo (Ricci 1/159). O vaso originário da costa Adriática (Ricci 1/122) consideramos tratar-se de material residual de cronologia posterior infiltrado num depósito bastante homogéneo.

A análise à cerâmica de paredes finas proveniente da Península Itálica parece confirmar os (poucos) dados conhecidos para o sudoeste peninsular, nos finais do período republicano e início da centúria seguinte, com uma significativa presença de vasos originários da Etrúria. Recorde-se que no Castelo da Lousa estas produções representam praticamente 55% do conjunto, e, cremos, que não têm um peso mais significativo porque a cronologia do sítio abarca os primeiros decénios do século I d.C. (MORAIS, 2010), o que não sucede neste contexto de Castro Marim.

Igualmente da Península Itálica, mas com menos expressão nos conjuntos, estão atestadas cerâmica de paredes finas da zona centro-ocidental do Vale do Pó, do Vale do Pó Oriental e costa Adriática (MORAIS, 2010, MATALOTO *et al.*, no prelo). A região centro-itálica, presente com um fragmento no acervo de Castro Marim, também se encontra representada no Castelo da Lousa igualmente com escassa expressão (MORAIS, 2010, p. 157), no entanto, na Rocha da Minha e no Caladinho estas produções estão ausentes (MATALOTO *et al.*, no prelo).

Parece-nos importante salientar a ausência de produções da Campânia no conjunto de Castro Marim. A cerâmica de paredes finas destes *ateliers* está presente no Castelo da

Lousa, com praticamente 10% do total de peças (MORAIS, 2010), e no Caladinho (MATALOTO *et al.*, *no prelo*), com um fragmento que ostenta as características técnicas que o inserem no tipo 2a de *Illuminata Faga* (2008). Neste sentido, julgamos que uma revisão dos dados referentes às produções campanas, com base nos numerosos novos estudos feitos sobre esta revisão (*vide supra*), deve ser efectuada. Não considerámos nesta análise o acervo de Santarém, onde a maioria dos vasos foi incluída no grupo 1 de provável proveniência campana (ARRUDA e SOUSA, 2003, p.241), pois as autoras baseiam-se nos dados produzidos por Andreina Ricci, sem que as recentes investigações sobre esta região produtora estivessem realizadas.

No Castelo da Lousa estão igualmente presentes 4 peças que Rui Morais atribui às produções de Siracusa (MORAIS, 2010, p. 156). Consideramos que estes dados devem ser matizados posto que as manufacturas sicilianas parecem ter servido exclusivamente um mercado regional, com muitas dúvidas quanto à sua presença na Península Ibérica (MALFITANA *et al.*, 2015, 251). Além disto, as formas consideradas pelo autor como oriundas desta proveniência não foram identificadas, até ao momento, entre as produções de Siracusa (CAVASSA, 2014; MALFITANA *et al.*, 2014; MALFITANA *et al.*, 2015).

Embora minoritárias, as produções hispânicas de cerâmica de paredes finas encontram-se bem representadas entre a baixela de mesa utilizada no Castelo de Castro Marim nos meados/ segunda metade do século I a.C. A presença de produções de Ibiza com cerca de 14, 5 % do total do conjunto, a segunda proveniência mais atestada, demonstra a importância das olarias da Península Ibérica ainda em período republicano. Também proveniente deste contexto é um fragmento oriundo dos centros localizados na Ulterior, concretamente, na Andaluzia.

Entre o conjunto originário de Ibiza surgem maioritariamente representados os copos de bordo côncavo (forma 2, 3 e 4), amendoado (forma 5 A?), e arredondado com colo (forma 21). As copas encontram-se atestadas por uma peça da forma 10. O vaso oriundo da Ulterior é um copo de bordo alto e côncavo (Mayet VIIIC), que demonstra que as produções de cerâmica de paredes finas da futura província da Bética já se encontram presentes em Castro Marim no final do período republicano. Torna-se, pois, evidente que as manufacturas peninsulares circulavam no mercado, maioritariamente, com morfologia emuladas dos protótipos itálicos.

Novamente, as informações conhecidas para o sudoeste peninsular, nos finais do século I a.C. e inícios da centúria seguinte, coincidem com os dados do conjunto de cerâmica de paredes finas do Castelo de Castro Marim. A presença de produções de Ibiza

desde a segunda metade do século I a.C., como sucede na Rocha da Mina (MATALOTO *et al.*, *no prelo*; estampa XXV.373), e alcança uma considerável expressão, cerca de 11%, no caso do Castelo da Lousa (MORAIS, 2010, p. 159). Também o início de importação de vasos da Ulterior, concretamente, da zona da Andaluzia, está atestado no Caladinho (MATALOTO *et al.*, *no prelo*; estampa XXVI.384 e 385) e no Castelo da Lousa (MORAIS, 2010, p. 159-160).

No entanto, a ausência de peças oriundas da franja litoral da Hispânia Citerior, no Castelo de Castro Marim difere do que sucede no Castelo da Lousa (MORAIS, 2010, p. 160) e no Caladinho (MATALOTO *et al.*, *no prelo*; estampa XXVI.386), onde estas produções estão atestadas, embora, apenas com uma peça em cada sítio. Poderíamos considerar que esta ausência nos níveis tardo-republicanos se deveria a estes sítios abarcarem um espectro cronológico mais amplo. Contudo, esta região produtora não se encontra presente em todo o conjunto de paredes finas do Castelo.

O restante conjunto de cerâmica de paredes finas de cronologia republicana, exumado em contextos secundários, é reduzido e segue os padrões comentados anteriormente, tanto na proveniência como nas morfologias.

O contexto analisado situa-se nos finais do período republicano, entre 60 e 30 a.C., como já tinha sido aventado (ARRUDA, 1988; ARRUDA, 1997, pp. 112-114; VIEGAS, 2011, p. 414). O conjunto de cerâmica de paredes finas parece corroborar inteiramente estes dados, sobretudo, morfologias presentes, maioritariamente, copos ovóides de bordo alto e côncavo ou recto, e pela escassez de taças que surgem nos contextos peninsulares apenas em 70 a.C. (LÓPEZ MULLOR, 2013, p. 150). A própria proveniência dos materiais atesta o carácter tardio do conjunto dentro do período republicano, derivado da escassez de paredes finas hispânicas e de existirem vários centros produtores itálicos, não apenas a Etrúria.

A comparação entre o conjunto de Castro Marim e o proveniente do Castelo da Lousa, o único sítio do sudoeste peninsular com um acervo grande quantitativamente e que se procurou dividir por áreas de produção, afigura-se relevante para compreender os padrões de importação da cerâmica de paredes finas, no final do período republicano e a época imperial. Os sítios revelam, numa primeira fase, que adquirem maioritariamente esta categoria na Península Itálica, sobretudo, da Etrúria. Não obstante, apresentam já algumas peças hispânicas, mormente, de Ibiza.

As morfologias presentes em ambos os sítios demonstram que maioritariamente são adquiridos copos de corpo ovóide, no entanto, enquanto a presença de taças no

Castelo de Castro Marim é escassa, no Castelo da Lousa, entre a produções itálicas, as taças possuem um volume considerável. No mesmo sentido, estão praticamente ausentes do Castelo da Lousa os copos de bordo pequeno, voltado para o exterior e côncavo, enquanto, em Castro Marim, estas produções são maioritárias (Ricci 1/14, 1/20,362). Estes dados parecem-nos apontar para uma anterioridade da importação de cerâmica de paredes finas no Castelo de Castro Marim relativamente ao Castelo da Lousa. Apenas o estudo de mais conjuntos do sudoeste peninsular poderá confirmar esta hipótese.

No contexto tardo-republicano, além do conjunto de paredes finas, estava igualmente presente, no que concerne à olaria dita fina, cerâmica campaniense e do “tipo Kouass”. A olaria de verniz negro de Cales encontrava-se atestada em grande quantidade, principalmente, pelas taças Lamb. 1 e os pratos Lamb. 5 e 5/7 (VIEGAS, 2011, p. 431 e catálogo 6). Com morfologias idênticas, estava presente a cerâmica de verniz negro com pasta cinzenta (VIEGAS, 2011, p. 431 e catálogo 6). Também os pratos e taças em cerâmica do tipo Kouass se encontravam presentes neste contexto (SOUSA, 2010).

De modo a compreender o período tardo-republicano em Castro Marim, além da baixela cerâmica utilizada precisamos saber que produtos eram importados pelo sítio. Neste sentido, estes contextos contavam com um grande conjunto de contentores anfóricos que transportariam maioritariamente produtos piscícolas da Ulterior, da região Andaluza (VIEGAS, 2011, p.496, tabela 75). Estão igualmente presentes ânforas que envasariam vinho da Ulterior e da Península Itálica, e azeite da Ulterior e do norte de África (VIEGAS, 2011, p.496, tabela 75).

Com estes dados, temos uma perspectiva aproximada do que seria a baixela cerâmica de mesa dos habitantes de Castro Marim no final do período republicano, entre 60 e 30 a.C., e alguns dos produtos que consumiam.

De modo a compreender as mudanças introduzidas pelos povos do Lácio ao nível da baixela cerâmica consideramos pertinente comparar o acervo referido com o espólio exumado em Castro Marim nos finais da Idade do Ferro. Como referimos, a ocupação parece ter um hiato (SOUSA, 2009) e, por isto, estas considerações não reflectem as alterações que surgem com a chegada das populações itálicas, mas mudanças introduzidas com mais de um século de contactos.



Os níveis conservados da Idade do Ferro estudados por Elisa de Sousa afiguram-se expressivos: o conjunto (cerâmica de mesa e olaria comum) é constituído maioritariamente por tigelas, taças, pratos e potes (SOUSA, 2009, pp. 90-91).

Neste sentido, compreendemos que a chegada das populações itálicas introduz em Castro Marim uma série de baixela cerâmica oriunda da Península Itálica, mantendo, contudo, os padrões morfológicos presentes desde a Idade do Ferro, o que tem sido defendido noutras regiões do sudoeste peninsular (GARCÍA VARGAS e GARCÍA FERNÁNDEZ, 2014, p. 357). Ou seja, no que concerne à cerâmica de mesa, continua a utilização maioritária de taças e pratos para o consumo alimentar. A única morfologia efectivamente diferente introduzida em período romano é precisamente os copos em cerâmica de paredes finas. A expressão quantitativa do acervo de *vasa potoria* demonstra que na segunda metade do século I a.C., estava generalizado a utilização de copos para ingerir líquidos, principalmente, o vinho, isto pressupondo que esta categoria mantinha a funcionalidade. Considerando que o consumo de vinho se encontra atestado desde a Idade do Ferro em Castro Marim (QUEIRÓS e MATEUS, 2007) e no sudoeste peninsular, talvez o que se tenha alterado com a chegada das legiões romanas foi o cerimonial na sua ingestão (JIMÉNEZ FLORES e GARCÍA FERNÁNDEZ, 2006, p. 136).

O considerável volume de *vasa potoria* em período republicano indicia uma rápida adopção por parte das populações locais esta nova morfologia? Ou será resultado de uma abundante presença de habitantes itálicos no Castelo de Castro Marim?

### **3.3.2. A ocupação imperial**

A ocupação imperial no Castelo de Castro Marim não proporcionou muitos contextos preservados, como já aludimos, o que acarreta uma análise dos materiais diferente da realizada para o período republicano. Começaremos por incidir sobre uma unidade estratigráfica considerada fiável (*vide supra*) e, posteriormente, examinaremos os dados por proveniência e intervalos cronológicos atribuídos à cerâmica de paredes finas.

Como mencionado (*vide supra*), a unidade estratigráfica 373 foi considerada conservada e continha uma ânfora Haltern 70 quase completa, uma taça Drag. 15/17, um aspersório perfurado e um pequeno prato em cerâmica comum (VIEGAS, 2011). Neste contexto, estavam presentes 10 peças de cerâmica de paredes finas: um fundo indeterminado etrusco (estampa VII.106); de Ibiza encontrava-se presente um bordo possivelmente da forma 4 (estampa XIII.191) e um fundo da forma 3 (estampa XII.183);

de proveniência Bética foram exumados seis fragmentos inclassificáveis, sendo que destes alguns apresentavam vestígios de decoração arenosa e com pérolas, e um bocal que provavelmente se integraria na forma XXXVIII de Mayet (estampa XIX.289).

No que concerne à funcionalidade “religiosa” do espaço onde foi identificada esta unidade, os dados inferidos pela análise da cerâmica de paredes finas não contribuem para um cabal esclarecimento, acrescentando apenas mais elementos. A presença de copos de produção de Ibiza (provavelmente das formas 3 e 4) e da taça Mayet XXXVIII, conjugados com os materiais já mencionados, pode efectivamente remeter para actividades de carácter cultural, onde é frequente a presença de olaria de paredes finas (BERROCAL-RANGEL e RUIZ TRIVIÑO, 2003; RUEDA GALÁN, 2005). No entanto, cremos que não deve ser excluída a hipótese de se tratar de um espaço de cariz habitacional.

O restante conjunto, por ser proveniente de contextos secundários, será analisado, por proveniência e cronologias gerais para as formas. Neste sentido, podemos notar que as importações da Península Itálica de cerâmica de paredes finas são reduzidas comparando com o que sucedia em período tardo-republicano (anexo 2- tabela 3 e gráfico 3). Perfazendo 17 vasos (NMI) de produção etrusca e dois originários da zona oriental do Vale do Pó ou da costa Adriática, o que corresponde a 17,6 % das importações provenientes de níveis secundários.

As produções itálicas provenientes de contextos secundários acarretam problemas cronológicos pois, na sua maioria, são morfologias que se encontram em locais de consumos ao longo do século I a.C., ou seja, atingem o principado de Octaviano/Augusto. Neste sentido, os copos das formas 1/20-362, 1/61, 1/194, sim. Mar. V e a taça 2/210 tanto podem pertencer à forte ocupação tardo-republicana de Castro Marim como já se enquadrarem entre as importações Augustanas.

Não obstante, estão presentes no Castelo de Castro Marim cerâmica de paredes finas itálicas típicas do principado de Augusto. Os copos 1/47, 1/117, 1/161 e a taça 2/391 corresponderem, provavelmente, a importações etruscas em período imperial. Também está atestado, neste período, a existência de vasos da zona oriental do Vale do Pó e costa Adriática, concretamente, os copos 1/122 e a taça 2/231, 2/402.

Compreendemos, então, que a importação de cerâmica de paredes finas da Península Itálica reduziu drasticamente em período imperial, embora se mantenha presente, sobretudo, com vasos do principado de Augusto. A única excepção é o copo

1/122, da costa Adriática, que surge em contextos peninsulares maioritariamente na segunda metade do século I d.C. (LÓPEZ MULLOR, 1989, pp. 205-206).

A manutenção da importação de cerâmica de paredes finas da Península Itálica, pelo menos, durante o principado de Augusto parece confirmar os dados existentes para o sudoeste peninsular. No Castelo da Lousa foram identificados vasos itálicos com cronologia imperial, mormente, peças etruscas “*com fabricos associados aos produtos da época de Augusto e primeiras décadas do período imperial*” (MORAIS, 2010, pp. 155-156). No Caladinho estão atestados copos de manufactura etrusca e uma taça da Campânia, com uma cronologia centrada entre a época de Augusto e os primeiros decénios do século I d.C. (MATALOTO, 2010; MATALOTO *et al.*, *no prelo*).

Também em Lisboa foi assinalada a presença de cerâmica de paredes finas de origem itálica “*notando -se no fácies cerâmico olisiponense um domínio desta origem nas etapas iniciais de Tibério que só se irá esbater no final deste principado*” (SILVA, 2010, p. 49; SILVA, *no prelo*).

A redução de importações itálicas ocorre em concomitância com o incremento da cerâmica de paredes finas dos *ateliers* hispânicos no conjunto. As produções de Ibiza estavam presentes em Castro Marim desde o período tardo-republicano, mantendo-se em época imperial. Excluindo as duas peças presentes na UE 373, as restantes peças de provável cronologia imperial foram exumadas em depósitos secundários. Novamente, a ausência de contextos seguros aliada a cronologias de produção dilatadas aduzem alguns problemas de análise.

A presença de copos das formas 2 e 3 em contexto tardo-republicano e imperial demonstra a continuação de importação das mesmas morfologias. Neste sentido, trataremos as importações de Ibiza descontextualizadas como provavelmente adquiridas nos principados de Augusto e de Tibério, até porque, como referimos quando analisamos as formas, estas são as cronologias propostas para a maioria destas morfologias.

Estão atestados 16 vasos produzidos em Ibiza com uma provável cronologia imperial, perfazendo cerca de 15% do conjunto (NMI) (anexo 2- tabela 3 e gráfico 3). Como referimos, a maioria das formas já se encontrava presente no sítio em contexto republicano, mantendo-se os padrões de importação. Ou seja, maioritariamente, são importados copos de bordo voltado para o exterior, côncavo (forma 2, 3, 4) ou recto (forma 21). Alguns vasos, contudo, parecem ser exclusivamente importados em período imperial, mormente, os vasos da forma 24.

A presença de produções de Ibiza, de provável cronologia imperial, no Castelo de Castro Marim corrobora os dados já conhecidos para o sudoeste peninsular. Estas manufacturas estão presentes no Castelo da Lousa, com 13 vasos enquadrados entre os finais do século I a.C. e os inícios do século I d.C. (MORAIS, 2010, p. 159), no Enterreiro (ARRUDA e PEREIRA, 2015, pp. 185-186), em Mesas de Asta (REINOSO DEL RIO, 1999, p. 92) e em *Baelo Claudia* (REINOSO DEL RIO, 1998, pp. 42-43). Em Santarém encontram-se igualmente atestados vasos da forma 21, provavelmente ibicentas, em “*níveis alto imperiais, concretamente Augusto-Tiberianos*” (ARRUDA e SOUSA, 2003, pp. 272-274).

Os vasos manufacturados na actual zona da Andaluzia são o grupo melhor representado entre a cerâmica de paredes finas de época imperial do Castelo de Castro Marim, com 66 elementos (NMI), cerca de 60 % do conjunto (anexo 2- tabela 3 e gráfico 3). Como referimos, no contexto tardo-republicano estava presente um vaso da forma VIII C, proveniente da Ulterior, o que demonstra que o início das importações desta região sucede ainda no século I a.C. É, contudo, no principado de Tibério e, principalmente, de Cláudio que estas produções surgem nos contextos de consumo em grande escala.

As manufacturas da Bética introduzem, pela primeira vez, no acervo de paredes finas do Castelo o predomínio das taças (Mayet XXXIV, XXXVII, XXXVIII, XXXIX, LIII), em detrimento dos copos (Mayet VIII, XL, XLII). Principalmente, as séries de taças XXXVII e XXXVIII, que representam cerca de 50% do conjunto de paredes finas bético. A presença maioritária destas produções encontra-se atestada, a partir do principado de Cláudio, em todos os sítios do sudoeste peninsular.

No século I d.C. surgem em Castro Marim as produções locais/regionais de cerâmica de paredes finas. Embora representem apenas 2,8% do conjunto classificado (anexo 2- tabela 3 e gráfico 3), estão presentes com 18 fragmentos no total do acervo, demonstrando uma produção expressiva que serviria para suprir as necessidades da região. Esta produção enquadra-se num fenómeno mais vasto de consumo de produtos de proveniências mais próximas, culminando, muitas vezes, na reprodução dos modelos forâneos pelos *ateliers* locais.

Esta produção foi identificada por Carlos Pereira na necrópole de Torre d’Ares, tendo o autor proposto que se trataria de manufacturas da cidade de Balsa que se destinavam a “*um consumo de auto-abastecimento*” (PEREIRA, 2014, p. 107).

Também a *Gallia* exportou cerâmica de paredes finas para Castro Marim, estando confirmado no sítio um exemplar desta proveniência. Noutros sítios do sudoeste peninsular estas produções estão presentes, sempre em reduzidas quantidades. Consideramos que se tratariam de peças trazidas como cargas secundárias, onde o produto principal seria a *terra sigillata* sudgálica.

De modo a enquadrar a importação da cerâmica de paredes finas exporemos os dados conhecidos sobre a restante baixela de mesa do Castelo de Castro Marim, mormente, *terra sigillata*, os vidros e as ânforas.

A *terra sigillata* de origem itálica perfaz cerca de 22% do total da *sigillata*, substituindo na baixela de mesa a cerâmica de engobe negro. As morfologias mais presentes em Castro Marim são as taças Consp. 22 e os pratos Consp. 18 e 20 (VIEGAS, 2011, p. 439-442). Durante os principados de Tibério e Cláudio, as manufacturas de *sigillata* do sul da Gália começaram a abastecer o Castelo, em concomitância, com as produções itálicas (VIEGAS, 2011, p. 442).

A *sigillata* sudgálica é o conjunto mais significativo entre a *terra sigillata* de Castro Marim, representando 62% do total do acervo (VIEGAS, 2011). A maior parte destas peças são pratos Drag. 18 e 15/17 e taças Drag. 27 (VIEGAS, 2011, p. 445 e tabela 63).

A partir dos meados do século I d.C. as produções hispânicas de Andújar e Trício chegam ao Castelo, maioritariamente, com taças Drag. 27 e pratos Drag. 15/17 (VIEGAS, 2011, p. 461). Também neste período surgem em Castro Marim copos em vidro (PEREIRA, ARRUDA e SILVA, 2015, pp. 31-37) que serão usados para substituir as produções em cerâmica de paredes finas.

Com estes dados podemos reflectir sobre a evolução da baixela de mesa das populações de Castro Marim em período imperial. Numa primeira fase, entre os principados de Augusto e Tibério, o serviço de mesa individual seria composto por pratos e taças em *sigillata* itálica, e copos maioritariamente manufacturados em Ibiza. Alterando-se consideravelmente o panorama a partir de Cláudio, pois as taças e pratos para consumo de alimentos seriam agora produzidos na *Gallia*, e o recipiente para consumo de líquidos passava a ser uma taça de produção Bética, com os copos praticamente a desaparecerem dos repertórios cerâmicos.

A ocupação efectiva do Castelo de Castro Marim termina no final do século I/inícios do II, no entanto, estão atestados alguns materiais que demonstram testemunhos episódicos posteriores: ânforas béticas Almagro 50/Keay XVI e Almagro 51 C, alguns fragmentos de *sigillata* clara A e D, e *terra sigillata* luzente, dois exemplares de cerâmica de cozinha africana (VIEGAS, 2011). Estão igualmente presentes taças e garrafas em vidro do Baixo Império (PEREIRA, ARRUDA e SILVA, 2015). O acervo de cerâmica de paredes finas também proporcionou vestígios de períodos posteriores, concretamente, os copos 1/122 da zona oriental do Vale do Pó e da costa Adriática, datados em sítios de consumo peninsulares do século II d.C.

## Considerações Finais

O enquadramento geográfico de Castro Marim, situado próximo da foz do rio Guadiana, uma via de comunicação primordial entre o litoral algarvio e o interior alentejano, confere ao sítio um cariz comercial relevante. As intervenções arqueológicas conduzidas por Ana Margarida Arruda permitiram constatar que as influências exógenas chegaram ao sítio desde o início da Idade do Ferro (ARRUDA, 1997; 1999-2000), mantendo a sua importância durante a ocupação romana (ARRUDA, 1988; ARRUDA *et al.*, 2006; VIEGAS, 2011). É este contexto que permite a importação de cerâmicas de paredes finas, principalmente, no volume registado.

A importância do rio Guadiana é confirmada pela referência no Itinerário de Antonino à ligação entre Castro Marim e Beja (It., 431, 4-431,7), na via *per compendium* que passava por Mértola, que serviria de apoio à (forte) navegação fluvial deste rio (MANTAS, 2008-2009, p. 249).

O conjunto de cerâmica de paredes finas indicia um início de importação em período tardo-republicano, concretamente, nos meados do século I a.C.. Neste sentido, a análise do conjunto segue os dados inferidos por Elisa de Sousa sobre Castro Marim “*ter sido abandonado ou, pelo menos, deslocada a sua ocupação na área do Castelo, a partir de meados do século III [a.C.]*” (SOUSA, 2009, p. 88), parecendo confirmar o retorno da ocupação nos meados/segunda metade do século I a.C. Consideramos, portanto que as escassas evidências de uma ocupação romana anterior ao século I a.C. no Castelo, tratar-se-ão de perdas ocasionais de populações que ocupariam as zonas circundantes de Castro Marim.

Neste contexto, a (re)ocupação de Castro Marim, entre 60-30 a.C., corresponde certamente a um núcleo de habitat com características urbanas (VIEGAS, 2011), como sucedia aliás em período pré-romano (ARRUDA, FREITAS e OLIVEIRA, 2007). Nesta fase, o sítio demonstra imediatamente um considerável volume de importações, revelando um forte dinamismo comercial. No que concerne à cerâmica de paredes finas, estes contextos fornecem uma assinalável quantidade de materiais que apresentam uma grande variedade formal.

A maioria das peças que foram importadas neste período corresponde a copos de bordo voltado para o exterior, côncavo ou recto, originários da Etrúria. Também da Península Itálica estão presentes vasos das regiões produtoras do Vale do Pó e da zona centro-itálica. Neste período, embora minoritária, a cerâmica de paredes finas dos *ateliers*

hispânicos já se encontra atestada, originária maioritariamente de Ibiza mas, também, da Hispânia Ulterior. No período tardo-republicano, esta categoria é constituída sobretudo por copos, estando as taças parcamente representadas, o que confirma o carácter tardio do conjunto.

No serviço de mesa, aos copos em paredes finas, juntar-se-iam as taças e os pratos em cerâmica com engobe negro (VIEGAS, 2011), formando assim a baixela de consumo individual, no período tardo-republicano, para os habitantes de Castro Marim. Ou seja, a maioria das morfologias utilizadas, sobretudo pratos e taças, derivam de modelos de “*inspiração helénica*”, em circulação no sudoeste peninsular desde o período pré-romano (GARCÍA VARGAS e GARCÍA FERNÁNDEZ, 2009; 2010; 2012; 2014). Apenas os copos em cerâmica de paredes finas apresentam uma novidade exógena introduzida pelas populações itálicas, sem paralelo na panóplia indígena.

O actual estado da investigação permite considerar que o período tardo-republicano correspondeu ao generalizar do uso de copos em cerâmica de paredes finas no serviço de consumo individual, posto que a presença destas morfologias em cronologias anteriores é sempre reduzida (SOUSA e SERRA, 2006; ARRUDA e PEREIRA, 2008).

A vitalidade da ocupação tardo-republicana do núcleo de Castro Marim é confirmada pela importação de ânforas que, no contexto republicano, apresentam 740 indivíduos (NMI), contrastando com os 102 elementos anfóricos de cronologia alto imperial (VIEGAS, 2011, pp. 496 e 507). No contexto tardo-republicano, maioritariamente, estas peças envasariam produtos da Bética, principalmente, preparados piscícolas, mas também azeite e produtos vinícolas (VIEGAS, 2011, p. 496). O vinho itálico encontra-se pouco representado no acervo, confirmando um padrão atestado nos outros grandes centros de consumo algarvios (VIEGAS, 2011). A cerâmica de paredes finas deve chegar a Castro Marim através do centro de redistribuição que seria Cádiz, como carga acessória das embarcações maioritariamente constituídas por ânforas.

Neste contexto, é importante salientar que o Forte de São Sebastião, colina cercana ao Castelo, possui uma ocupação entre o último quartel do século II e o início do século I a.C. (ARRUDA e PEREIRA, 2008). Ou seja, o final da ocupação deste sítio parece coincidir com o início da ocupação republicana no Castelo de Castro Marim. Neste sentido, o forte dinamismo comercial mostrado na primeira fase de ocupação do Castelo parece indiciar que existiu, nos meados do século I a.C., uma transferência das populações que se situavam no Forte de São Sebastião para o local onde se viria a erguer o Castelo



de Castro Marim, o que já tinha sido proposto por Ana Margarida Arruda (ARRUDA e PEREIRA, 2008).

A importância do núcleo de Castro Marim foi confirmada pela localização da *ceca* de *Baesuri* neste local (FARIA, 1995; ARRUDA, 1997), devendo as suas cunhagens datar da última década do século I a.C. ou inícios do século I d.C. (FARIA, 1995, pp. 143-144). Uma dessas cunhagens ostenta na legenda o nome de um magistrado - M AN ANT- (MOWAT, 1900; GÁRCIA BELLIDO e BASQUEZ, 1995, GOMES, 1996, p. 25), o que significa que o sítio seria um *oppidum stipendiarium*, no quadro administrativo da Hispânia Ulterior (VIEGAS, 2011, pp. 514-515), conferindo “*grande verosimilhança à inclusão de Baesuri entre os nove oppida stipendiaria da Lusitânia cujos nomes Plínio não menciona*” (FARIA, 2006, p. 241).

A existência deste tipo de magistrados acarreta a presença de um senado autóctone, emulando o conceito básico da magistratura itálica, adaptando-o à realidade indígena (CHAVES TRISTAN, 1988, p. 158). O *tria nomina* indicia que o magistrado seria originário da Península Itálica.

Neste sentido, a introdução de magistraturas semelhantes às itálicas e a presença de cidadãos da Península Itálica permitiu uma rápida miscigenação dos habitantes de Castro Marim. Esta adopção de modelos exógenos encontra-se bem presente na baixela de mesa, concretamente, na aceitação de novas morfologias como os *vasa potoria*. Tito Lívio alertava para a ausência de cerimonial no consumo do vinho por parte das populações hispânicas (Liv. 40.47.5), e parece que isto se altera com a chegada das legiões romanas (JIMÉNEZ FLORES e GARCÍA FERNÁNDEZ, 2006, p. 136), o que se reflecte na utilização de novas formas.

Esta miscigenação cultural encontra-se reflectida na epigrafia da região algarvia. O expressivo caso da epígrafe, datada do século I d.C., encontrada no concelho de Lagos (IRC 66) em que Arenius, nome indígena, incluído na gens *Iulia* (com *praenomen Caius*) atribui à sua filha o seu gentílico com um cognome latino – (I)ulia Amoena, demonstra a precoce adopção de costumes itálicos pela população indígena (ENCARNAÇÃO, 2017, pp. 52-53).

Ou seja, o período tardo-republicano no Algarve parece corresponder a uma época de contactos culturais entre as populações autóctones e os cidadãos itálicos que levaram à adopção, por parte dos indígenas, da onomástica latina e de novas morfologias cerâmicas.

Neste contexto surge a reorganização administrativa efectuada no Principado de Augusto separando a Ulterior em duas entidades com fronteira no Guadiana, que deixou a actual região do Algarve na província da Lusitânia. Augusto constitui novas entidades (Plínio, *Nat.*, 4, 117), designadas genericamente *populi*, “cujo número ascenderia a 45” (GUERRA e FABIÃO, 2010, p. 479). Neste sentido, é verosímil que *Ossonoba* tenha sido constituído município neste período, pela provável inclusão dos seus habitantes na tribo Galéria (ENCARNAÇÃO, 1984; VIEGAS, 2011, p. 582 contra ALARCÃO, 1985, p. 105).

A identificação em Bias do Sul, no início do século XX, de um marco miliário com a inscrição AVG. (usto) PON/TIFICI. M/AXIMO/M (ilia) P (assum) X (decem) (ENCARNAÇÃO, 1984, p.720, IRCP 660), que integraria o período Júlio-Claudio, provavelmente com datação augustana (ENCARNAÇÃO, 1984, p. 720) comprova a existência de uma via longitudinal na região, logo no século I. Esta via ligaria *Baesuri* a *Ossonoba*, e daí a *Lacobriga* (RODRIGUES, 2004, p. 26).

Considerando que as cunhagens monetárias de *Balsa* e *Baesuri* deverão datar dos finais do século I a.C., percebemos que o período Augustano correspondeu, no Algarve, a um período de forte dinâmica comercial, que deveria corresponder igualmente a uma grande dinâmica urbanística e construtiva nos grandes polos habitacionais, como parece demonstrar a necessidade de construção duma via litoral nesta época.

Os dados materiais parecem confirmar essa dinâmica: a presença de uma grande quantidade e diversidade de *terra sigillata* itálica em todos os núcleos algarvios (VIEGAS, 2011). Com maior frequência das fases mais antigas de produção, como em Castro Marim (VIEGAS, 2011, p. 438), demonstra a continuidade e a vitalidade das importações da Península Itálica.

Também a cerâmica de paredes finas continua a surgir em abundantes quantidades, ainda com produções itálicas, mas já maioritariamente proveniente de *ateliers* hispânicos. Neste momento, os grandes abastecedores de *vasa potoria* seriam as olarias de Ibiza. As morfologias atestadas demonstram uma continuidade com a fase anterior, ou seja, sobretudo copos, embora as taças surjam agora em maior quantidade. Ou seja, o serviço de consumo individual, nos principados de Augusto e Tibério, deveria corresponder maioritariamente a pratos (Consp. 18 e 20) e taças (Consp. 22) para o consumo de alimentos, e copos (F. 3 e 24) e taças (F. 10) para a ingestão de líquidos.

Os produtos transportados em ânforas continuam a chegar ao sudoeste peninsular em grandes quantidades, agora, exclusivamente originários da Península Ibérica,

maioritariamente provenientes da baía de Cádiz e no Vale do Guadalquivir (VIEGAS, 2011). A importação de vinho/*defrutum* com envases do Guadalquivir parece ter tido considerável importância na dieta dos habitantes do Castelo durante o principado de Augusto/Tibério (VIEGAS, 2011, p. 499, tabela 76).

A identificação de uma “*caixa de selos*” do século I d.C., no Castelo de Castro Marim, que remete para a correspondência de carácter militar entre Castro Marim e um posto militar afastado (PEREIRA, 2008, p. 111) demonstra a continuação da relevância deste *oppida* no quadro administrativo romano.

O principado de Cláudio correspondeu a um período de apogeu nos *oppidum* romanos do sul da Lusitânia. Neste período surge no mercado algarvio, em grande quantidade, a cerâmica de paredes finas proveniente da Bética. Estes centros produziram quase exclusivamente taças (Mayet XXXVII, XXXVIII e XXXIX), estando os copos escassamente representados. A massificação destes produtos acarreta uma alteração no serviço de consumo individual, com a ingestão de líquidos a passar a fazer-se em taças.

Ou seja, a introdução e massificação do copo, piriforme e alto ou ovóide e baixo, em período republicano, constituiu um fenómeno esporádico, voltando as taças a serem o recipiente preferencial para ingestão de líquidos, como sucedia, aliás, em época pré-romana.

Neste contexto surgem, no Algarve, os vasos em *terra sigillata* sudgálica, maioritariamente, oriundos de La Graufesenque, que assumem grande relevância nos mais importantes centros urbanos da região (VIEGAS, 2011). Em Castro Marim, o conjunto mantém as morfologias predominantes dos períodos anteriores, ou seja, maioritariamente pratos (Drag. 18 e 15/17) e taças (Drag. 27) (VIEGAS, 2011, p. 445).

Os dados parecem revelar que o serviço de consumo individual se alterou nos meados do século I d.C., sendo agora constituído, sobretudo, por pratos e taças em *terra sigillata* sudgálica e taças para ingestão de líquidos em cerâmica de paredes finas provenientes da Bética. Parece, inclusive, que estes produtos tinham uma distribuição conjunta, visto que no naufrágio de Culip IV, a *terra sigillata* sudgálica surge acompanhada por quantidades apreciáveis de paredes finas béticas (NIETO e PUIG, 2001).

Esta importação em massa de *sigillata* sudgálica, mas também hispânica, parece demonstrar um maior cosmopolitismo das populações do sul da Lusitânia nos hábitos de consumo e o aumento do poder aquisitivo (VIEGAS, 2011). Esta situação foi igualmente registada na actual Andaluzia (GARCIA VARGAS e GARCIA FERNANDEZ, 2014, p.

359). Reflexo disto é que nas dinastias Júlio Cláudia e Flávia, as necrópoles algarvias registam uma maior variedade material e formal (PEREIRA, 2014, p. 422).

A importância que o sudoeste peninsular teve no abastecimento militar na pacificação do norte de África poderá ter levado ao desenvolvimento desta região. Também a conquista da *Britannia* em 41 d.C. poderá ter constituído outro marco relevante para o sudoeste peninsular, pelos abastecimentos que acarretava, salientando a “*dimensão Atlântica*” do império e a importância das cidades costeiras (*vide* MANTAS, 1990; FABIÃO, 2009).

Neste contexto, percebemos que a segunda metade do século I d.C. foi um período de desenvolvimento nos grandes *oppida* do actual Algarve, mas correspondeu igualmente a um incremento e expansão do povoamento rural (VIEGAS, 2011).

Com este enquadramento geral, no final do século I/inícios do II d.C., Castro Marim é abruptamente abandonado. As evidências materiais registam um considerável volume de produtos importados até que cessam por completo.

As alterações geológicas que levaram a um afastamento do povoado em relação ao rio Guadiana, e que acarretaram uma perda de relevância no escoamento dos recursos mineiros através de *Baesuri*, poderiam conduzir a uma perda de importância da própria cidade. Ou seja, a consolidação de bancos de areia na zona de Punta de Areia teria levado a que a entrada no rio fosse menos perigosa pela costa de Ayamonte, onde se encontra o sítio de Punta del Moral (PÉREZ MACÍAS, GONZÁLEZ BATANERO e RODRÍGUEZ MARTÍN, 2013). Este sítio, onde se identificou um fundeadouro romano, surgiu nos meados do século I d.C./inícios do II (PÉREZ MACÍAS, GONZÁLEZ BATANERO e RODRÍGUEZ MARTÍN, 2013), precisamente, quando se dá o abandono de Castro Marim.

### Referências Bibliográficas:

ADSERIAS, M.; RAMON, E. (2004) - La villa romana del Vilar (Valls, Alt Camp), *Quaderns de Vilaniu*, 45, Valls, pp. 5-18.

ALARCÃO, A.; ALARCÃO, J. (1966-1967) – Achados na villa romana de Cardílio (Torres Novas). *Arquivo de Beja*, XXIII-XXIV. P. 292-320.

ALARCÃO, A.; MARTINS, A. (1976) - Uma cerâmica aparentada com as ‘paredes finas’ de Mérida, *Conimbriga*, XV, pp. 91-110.

ALARCÃO, J. (1974) – A necrópole do Monte de Farrobo (Aljustrel). *Conimbriga*. XIII, p. 5-31.

ALARCÃO, J., (1985) - Sobre a romanização do Alentejo e do Algarve, *Arqueologia*, n.º 11, Porto.

ALARCÃO, J.; ALARCÃO, A. (1966) – O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel). *Conimbriga*, V. p. 7-104.

ALARCÃO, J.; MAYET, F. y MOUTINHO, A. (1976) - *Fouilles de Conímbriga. VI Céramiques diverses et verres*. Paris: Mission archéologique française au Portugal, Museu Monográfico de Conímbriga

ALMAGRO, M. (1953) – *Las necrópolis de Ampurias. Introducion y necrópolis griegas*. I. Barcelona.

ALMAGRO, M. (1955) – *Las necrópolis de Ampurias. Necrópolis romanas y necrópolis indígenas*. II. Barcelona.

ALVES, C. (2014) – Os castella do Baixo Alentejo. O caso do Monte Manuel Galo. Congresso Internacional: Conquista e romanização do vale do Tejo (setembro de 2013). *Revista Cira Arqueológica*. Nº 3. Vila Franca de Xira, p. 343 a 384.

AMARÉ TAFALLA, M.; MORILLO CERDÁN, Á.; FERNANDEZ FREILE, B.; GARCIA MARCOS, V. (2000/2001) - Dos nuevas decoraciones en piezas cerámicas del alfar de Melgarde Tera procedentes de León y Astorga, *Lancia*, 4. pp. 159-171.

AMELA VALVERDE, L. (2004) - Sobre Salacia y otras apreciaciones acerca de algunas cecas de la Hispania occidental. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa.7:2, p. 243-264.

- APROSIO, M.; PIZZO, A. (2003) - Le pareti sottili. In: *Manifattura ceramica etrusco-romana a Chiusi. Il complesso produttivo di Marcianella*. (eds.): G. Pucci and C. Mascione, Bari, 161-178.
- ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE, M. (1998) -La quantification des céramiques. Conditions et protocole... Glux-en-Glenne: Centre archéologique européen du Mont Beuvray
- ARRIBAS, A.; LLABRAS, J. (1983) – Una necrópolis romana del Ager Pollentinus. In ARRIBAS et al. – *Pollentia 3. Estudio de los materiales. 1. Sa Portella, excavaciones 1957-1963*. Palma de Maiorca.
- ARRUDA, A. M. (1984) - Escavações arqueológicas no Castelo de Castro Marim. Relatório dos trabalhos de 1983. *Clio/arqueologia*. Lisboa, 1, p. 245-248.
- ARRUDA, A. M. (1984) - Escavações arqueológicas no Castelo de Castro Marim. Relatório dos trabalhos de 1984. *Clio/Arqueologia*. Lisboa, 1, p. 249-254.
- ARRUDA, A. M. (1986) - Castelo de Castro Marim. *Informação Arqueológica*. Lisboa, 8, p. 32-34.
- ARRUDA, A. M. (1987) – Castelo de Castro Marim, *Informação Arqueológica* 8, pp. 32-34.
- ARRUDA, A.M. (1988) - Nota acerca da ocupação romana/republicana do Castelo de Castro Marim. In *Actas do 5º Congresso sobre o Algarve*. Montechoro: Racal Clube, vol. 2.
- ARRUDA, A. M. (1996) - O Castelo de Castro Marim. In *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 95-100
- ARRUDA, A. M. (1997) - *A cerâmica ática do Castelo de Castro Marim*. Lisboa: Colibri.
- ARRUDA, A. M. (1999/2000) - Los Fenícios en Portugal. Fenícios y Mundo indígena en el Centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.). Cuadernos de Arqueologia Mediterránea. Barcelona. 5-6.
- ARRUDA, A. M. (2000) - Fenícios e Mundo Indígena no Centro e Sul de Portugal (séculos VIII-VI a.C.): em torno às histórias possíveis. Volume I e II. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; p. 4-8 a 8-6.

ARRUDA, A. M. (2003) - A Idade do Ferro no Castelo de Castro Marim através das importações cerâmicas. *Xelb. Silves*, 4, p. 70-88.

ARRUDA, A. M. (2014) - Imagens de Astarté: pendentes de vidro da Idade do Ferro do Castelo de Castro Marim. In P. Badenás de la Peña, P. Cabrera Bonet, M. Moreno Conde, A. Ruiz Rodriguez, C. Sanchez Fernandez, T. Tortosa Rocamora (Eds.) *Per speculum in aenigmate, miradas sobre la Antigüedad (Anejos de Erytheia, 7)*. Madrid: Asociación Cultural Hispano Helénica. P. 273-278.

ARRUDA, A.; DIAS, A. (1985) - A terra sigillata itálica e sud-gálica do sítio romano-árabe da Lezíria (Castro Marim). *Conimbriga*. Coimbra, 24, p. 111-124.

ARRUDA, A. M.; FREITAS, V. (2008) - O Castelo de Castro Marim durante os séculos VI e V a.n.e. In Jiménez Avila (Ed.) *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época postorientalizante (Anejos de AEspA, XLVII)*, Madrid: CSIC, p.429-446.

ARRUDA, A. M.; FREITAS, V.; OLIVEIRA, C. F. (2007) - Os Fenícios e a urbanização no Extremo Ocidente: o caso de Castro Marim. In Lopez Castro (ed.) *Las ciudades feniciopunicas en el Mediterráneo Occidental*. Almeria: Universidad, p. 459-482.

ARRUDA, A. M.; FREITAS, V.; OLIVEIRA, C.; SOUSA, E.; LOURENÇO, P.; CARRETERO, P. (2009) - Castro Marim: um santuário pré romano na foz do Guadiana. In Mateos, Celestino, Pizzo e Tortosa (Eds.) *Santuarios, Oppida y Ciudades: Arquitectura Sacra en el origen y desarrollo urbano del Mediterráneo Occidental. (Anejos de AEspA, XLV)* Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida/CSIC). P. 79-88.

ARRUDA, A. M.; GONÇALVES, V. S. (1995) - Produção e consumo de vinho no território actualmente português durante a Idade do Ferro (Séculos VIII-IV a.C). In *Amar, Sentir e Viver a História*. Estudos de Homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão. Lisboa: Colibri, p. 21- 28.

ARRUDA, A. M.; PEREIRA, C. (2008) - As ocupações antigas e modernas do Forte de S. Sebastião (Castro Marim). *Xelb. Silves*, 8, p. 391-421.

ARRUDA, A. M.; SOUSA, E. (2003) – Cerâmica de paredes finas da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6: 1, Lisboa. p. 235-286.

- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; BARGÃO, P.; PEREIRA, R. (2006) - A importação de preparados de peixe em Castro Marim: da Idade do Ferro à época romana. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal, 13, p. 153-176.
- ARRUDA, A.M.; SOARES, A.; FREITAS, V.; OLIVEIRA, C.; MARTINS, J.; PORTELA, P. (2013) – A cronologia relativa e absoluta da ocupação sidérica do Castelo de Castro Marim. *Saguntum*. Valencia, 45, p. 101-114.
- ATRIAN JORDAN, P. (1967) – Restos de una alfareria romana en Rubielos de Mora. *Teruel*, 38. P. 195-205.
- ATRIAN JORDAN, P.; ESCRICHE JAIME, J.; VICENTE REDON, A.; MERCE SAN MIGUEL A. (198) - *Carta Arqueológica de España (Teruel)*. Zaragoza.
- BÉMONT, C. (1976) – Vases à paróis fines de Glanum. Formes et décors. *Gallia*. XXXIV, p. 237-278.
- BÉMONT, C. (1982) – Fabrication de vases à paróis fines a la Garufesenque. *RCRF*. XXI-XXII. P. 7-14.
- BENDALA GALAN, M. (1976) – *La necrópolis romana de Carmona (Sevilha)*. 2 volumes. Sevilha.
- BERROCAL-RANGEL, L.; RUIZ TREVIÑO, C. (2003) El depósito alto-imperial del Castrejón de Capote. *Memorias de Arqueología Extremeña*, 5. Mérida, Junta de Extremadura.
- BERTRAND, E. (2000) - Lyon : les potiers gallo-romains de la Butte , *Archéologia*, 371, p.60-65.
- BERTRAND, E. (2000) - Vindonissa, La céramique à paroi fine de l’atelier de la Butte à Lyon, *Gesellschaft Pro Vindonissa, Jahresbericht 1999*, p. 29-36.
- BERTRAND, E. (2005) - La production des céramiques à paroi fine à Lyon: une typologie pour les ateliers du Ier siècle apr. J.-C. acedido em linha: [https://www.academia.edu/2604702/La\\_production\\_des\\_c%C3%A9ramiques\\_%C3%A0\\_parois\\_fines\\_%C3%A0\\_Lyon\\_une\\_typologie\\_pour\\_les\\_ateliers\\_du\\_Ier\\_si%C3%A8cle\\_apr.\\_J.-C.](https://www.academia.edu/2604702/La_production_des_c%C3%A9ramiques_%C3%A0_parois_fines_%C3%A0_Lyon_une_typologie_pour_les_ateliers_du_Ier_si%C3%A8cle_apr._J.-C.)



- BERTRAND, E., ÉLAIGNE, S., DESBAT, A., SCHMIDT, A. (1997) - L'atelier de la Butte, in *Les productions des ateliers de potiers antiques de Lyon. 2e partie: les ateliers du lers. après J.-C.*, *Gallia*, 54, p. 5-43.
- BIANCHETTI, E. (1895) - I sepolcreti di Ornavasso. In *Atti della Società di Archaeologica e Bella Arti per la provincia di Torino*. Turim. 6
- BONSOR, G. E. (1931) - *An archaeological sketch-book of the Roman necropolis at Carmona*. Nova York.
- BUSTAMANTE, M.; FAGA, I.; HUGUET, E.; KRAJSEK, J.; RAMON, A.; RIBERA, A.; SALAVERT, J.; SCHINDLER-KAUDELKA, E. (2011) – Un contexto cerrado de mediados del siglo I d.C. de la casa de Ariadna de Pompeya. *SFECAG*. Pp. 517-546.
- CANNATA, A. (2014) - La cerâmica a paredes sottili e outras produções finas, in *Malfitana, Cacciaguerra*, 2014. Pp. 85–89.
- CANNATA, A. (2014) - La cerâmica a paredes, in *Malfitana, Cacciaguerra*, 2014. Pp. 119-124.
- CARANDINI, A. (1977) – La cerâmica de paredes sottili de Pompei e do Museu Nacional de Nápoles. In Annechiro, M. – *L'instrumentum domesticum di Ercolano e Pompei*. Roma. P. 25-40.
- CARBONARA, A. (1991-1992) La fornace della Celsa. *Bollettino della Commissione Archeologica Comunale di Roma XCIV*, 179-190.
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S.; SEPÚLVEDA, E. (2006) - A olaria romana de Peniche. In *Simpósio Internacional Produção e comércio de preparados piscícolas durante a proto-história e a época romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet (Setúbal, 7-9 Maio 2004)*. *Setúbal Arqueológica* 13. Pp. 253-278.
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S.; SEPÚLVEDA, E.; RIBEIRO, I. (2013) – A Olaria do Morraçal da Ajuda, Peniche (Portugal): 12 anos de investigação. In *Hornos, Tallers y Focos de Producción Alfarera en Hispania. Monografías. Ex Officina Hispana*. Tomo I. Cádiz. Pp. 347-361.

- CARDOSO, J.; GRADIM, A. (2004) – Estácio da Veigas e o reconhecimento arqueológico do Algarve: o concelho de Alcoutim. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, 22. Pp 67-112.
- CATARINO, H. (1997-1998) - O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados. 3 volumes, Al-Ulya. 6. Loulé: Arquivo Histórico Municipal de Loulé.
- CAVASSA, L. (2004) - La vaisselle de Cumes (Italie): deux études de cas (Ier siècle avant J.-C. / Ier siècle après J.-C.), *Actes du Congrès de Vallauris. Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule*. Marseille, pp. 79-84.
- CAVASSA, L.; LEMAIRE, B.; CHAPELIN, G.; LACOMBE, A.; PIFFETEAU, J.; STELO, G. (2014) - Pompéi. L'atelier de potier de la via dei Sepolcri, 29, *Chronique des activités archéologiques de l'École française de Rome* [En ligne], Les cités vésuviennes, Consultado em: <http://cefr.revues.org/>.
- CAVASSA, L.; LEMAIRE, B.; PIFFETEAU, J. (2013) - Pompéi. L'atelier de potier, *Chronique des activités archéologiques de l'École française de Rome* [En ligne], Les cités vésuviennes. Consultado em: <http://cefr.revues.org/881>.
- CAVASSA, L.; LEMAIRE, B.; PIFFETEAU, J. (2014) - Pompéi. L'atelier de potier. *Chronique des activités archéologiques de l'École française de Rome*.
- CHAVES TRISTÁN, F. (1998) – Iberian and early Roman coinage of Hispania Ulterior Baetica. In KEAY (Ed.) – The archaeology of early Roman Baetica. *Journal of Roman Archaeology*. Supplementary serie, 29. Portsmouth, p. 147-170-
- CHIARAMONTE TRERE, C. (1984) - Ceramica a pareti sottili. In: *L'insula 5 della Regio VI dalle origini al 79 d.C., I (campagne di scavo 1976-1979)*. (ed.): M. Bonghi Jovino, Roma, 193-213.
- COLLS, D. (1987) - L'épave de la colonia de Sant Jordi 1 (Majorque). *Publications du Centre Pierre Paris* 16. Paris.
- COLLS, D. (1977) - *L'épave Port-Vendres II et le commerce de la Bétique a l'époque de Claude* (Archaeonautica; 1).
- COMFORT, H. (1939) – Some Roman Barbotine Bowls and their Connections. *TAB*. XXI. P. 277-279.

- COMFORT, H. (1959) – Some roman pottery in the Museu Etnológico de Belém. *Conimbriga*. I. p. 1-12.
- DENARO, M. (2008) – *La cerâmica romana a pareti sottili in Sicilia*. Mantova.
- DUNCAN, G. (1964) – A roman pottery near Sutri. *Papers of the British School at Rome*, XXXII, p. 38-88.
- DUNCAN, G. (1965) – Roman republican pottery from the vicinity of Sutri (Sutrium). *Papers of the British School at Rome*, XXXV. P. 134-176.
- ENCARNAÇÃO, J. (1984) - *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Instituto de Arqueologia. Coimbra.
- ENCARNAÇÃO, J. (2017) - Epigrafia romana no Algarve. in *Apontamentos para a História Das Culturas De Escrita: Da Idade do Ferro à Era Digital*. Centro de Estudos em Património, Paisagem e Construção (CEPAC) – FCHS – Universidade do Algarve. Faro. Pp. 45-64.
- FABBRI, F. (2008) - Ceramica a pareti sottili. In: *Le fornaci del Vingone a Scandicci. Un impianto produttivo di età romana nella valle dell'Arno*. (eds.): E.J. Shepherd, G. Capecci, G. de Marinis, F. Mosca and A. Patera, Firenze, tav. II a-f, 65-79.
- FABIÃO, C. (1996) – O povoado da Cabeça de Vaiamonte (Monforte). *A cidade- revista cultural de Portalegre*, 11. Pp. 31-80.
- FABIÃO, C. (1998) - *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje português*. Lisboa: Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 3 volumes. Policopiado.
- FABIÃO, C. (2009) - A dimensão Atlântica da Lusitânia: periferia ou cherneira do Império Romano. In *Lusitânia Romana – Entre o mito e a realidade*. Actas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana. Cascais.
- FAGA, I. (2008) - *Produzione, circolazione e consumo di ceramica a pareti sottili nella Campania romana*. Ph.D. Thesis, Università degli Studi di Napoli Federico II.
- FAGA, I. (2010) - Ceramica "a pareti sottili" della prima età imperiale dal Porto di Neapolis. Primi risultati dello studio crono-tipologico, *RCRF*, 41, 2010, pp. 189-198.

FAGA, I. (2011) - Vasi a pareti sottili dal porto di Neapolis: tecnologia e archeometria. *Rivista di Archeologia* 34, 159-176.

FAGA, I. (2011b) - La ceramica a pareti sottili. In: *Scoppieto II. I materiali (Monete, Ceramica a vernice nera, Ceramica a pareti sottili, Ceramica di importazione africana, Anfore, Manufatti e strumenti funzionali alla lavorazione dell'argilla e alla cottura, Pesì da telaio, Vetro, Osso lavorato, Metalli, Sculture, Materiale epigrafico)*. (ed.): M. Bergamini, Firenze, 127-227.

FARIA, A. M. de (1995) - Moedas da época romana cunhadas em território actualmente português. In GARCÍA-BELLIDO, M.<sup>a</sup> P.; CENTENO, R. M. S., eds. - *La moneda hispánica: ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua* (Madrid, noviembre 1994). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Anejos del Archivo Español de Arqueología; 14), p. 143-153.

FARIA, A. M. de (1999b) - Colonização e municipalização nas províncias hispano-romanas: reanálise de alguns casos polémicos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, p. 29-50

FARIA, A. (2006) – Novas notas historiográficas sobre Augusta Emerita e outras cidades hispano-romanas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9, 2. pp. 211-238.

FERDIÈRE, A. (1980) – “La fouille, pour quoi faire?”. In *L'Archéologie Aujourd'hui*. Paris: Ed Hachette, p. 23-60.

FEREIRA, J. (1992) – *Orla Marítima de Avieno*. Lisboa. INIC.

FERNANDES, F. (2009) – *As ânforas B/C de Bellicer no Castelo de Castro Marim*. Mestrado em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiada.

FÉRNANDEZ GOMEZ, J.; GRANADOS GARCIA, J. (1986) – Produccion de paredes finas en Ebusus (Ibiza). Congres de Toulouse, *SFECAG*. P. 51-56.

FILIFE, V.; QUARESMA, J. C.; LEITÃO, M.; ALMEIDA, R. (2016) – séculos II e III d.C. em Olisipo: contextos romanos da Casa dos Bicos In *Amphorae ex Hispania: III Congreso internacional de la SECAH*. Tarragona, 9-13 de Dezembro de 2014, p. 423-445.

FREITAS, V. (2005) – “Observações preliminares sobre a cerâmica de engobe vermelho do Castelo de Castro Marim”. In Celestino Pérez, Jiménez Ávila, (Ed.) - *El Período Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*, (Anejos de AEspa, XXXV), vol.I. Madrid: CSIC, p. 911-918.

FREITAS, V. de; OLIVEIRA, F. (2007) – A Idade do Ferro no Baixo Guadiana. In *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular – As Idades do Bronze e do Ferro na Península Ibérica*. Faro: Universidade do Algarve (Promontória Monográfica: 09), p.410-411.

FURTADO, C. (2014) - *A cerâmica cinzenta do castelo de Castro Marim*. Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiada.

GARCÍA FERNANDEZ, F. e GARCÍA VARGAS, E. (2010) - Entre gaditanización y romanización: repertórios cerâmicos, alimentación e integración cultural en Turdetania (siglos iii-i a. C.)”, C. Mata Parreño, G. Pérez Jordà, e J. Vives-Ferrándiz Sánchez (eds.), *De la cuina a la taula*, València, 115-134.

GARCÍA FERNÁNDEZ, F.; GARCÍA VARGAS, E. (2012) - Los hornos alfareros de tradición Fenicia en el valle del Guadalquivir y su perduración en época Romana: aspectos tecnológicos y sociales. *SPAL*. Volume 21, pp. 9-38.

GARCÍA VARGAS, E.; GARCÍA FERNÁNDEZ, F. (2009) - Romanización y consumo: cambios y continuidades en los contextos cerámicos de Hispalis en épocas Turdetana y Romano-Republicana. *SPAL*, Volume 18, pp. 131-165

GARCÍA-BELLIDO, M. P.; BLÁZQUEZ, C. (1995) - Formas y usos de las magistraturas en las monedas hispánicas. In *La moneda hispánica. Ciudad y Territorio. Actas del I Encuentro peninsular de Numismática Antigua (EPNA)*. Madrid. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, p. 381-428.

GERVASINI, L. (2005) – La cerâmica a pareti sottili. In D. Gandolfi – *La cerâmica e i materiali di età romana. Classi, produzioni, commerci e consumi. Quaderni della Simma 2*. Bordighera. Pp. 279-310.

GIANOSSA, L.; BENEDETTO, G.; LAVIANO, R.; PALLARA, M.; MANGONE, A. (2012) - Archaeometry in the Vesuvian area: technological features of thin-walled ware. *Proceedings of the 39th International Symposium for Archaeometry*, Leuven.

GOMES, A. (1996) - *Moedas portuguesas e do territorio português antes da fundação da nacionalidade. Catálogo das moedas cunhadas para o continente e ilhas adjacentes, para os territórios do ultramar e grão-mestres portugueses da Ordem de Malta*. Lisboa: Associação Numismática de Portugal.

GOMES, F. (2012) – Aspectos do Sagrado na Colonização Fenícia. Contextos de culto de influência oriental na Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-III a.n.e.). *Cadernos da Uniarq*, 8. Lisboa: UNIARQ.

GOMES, F.; ARRUDA, A.M. (2013) – A cerâmica pintada da II Idade do Ferro do Castelo de Castro Marim. *Onoba*. Huelva, 1, p. 19-54.

GONÇALVES, V. (1981) – Arqueologia do Algarve: sinopse retrospectiva e perspectivas de mudança. *Clio*. Lisboa, 3. Pp. 177-181.

GONÇALVES, V.; ARRUDA, A. M.; CALADO, M. (1996) - Novos contributos para a arqueologia do Algarve Oriental. *OPHIUSSA*. Lisboa, 0, p. 161-180.

GOURVEST, J. (1971) – Parois fines de type A de Lezoux a Chateaufort (Cher). *Revue archéologique du Centre de la France Année*. X. p. 254-256.

GRATALOUP, C. (1986) – Les céramiques à parois fines de la rue de Farges (Lyon). *SFECAG*. Congrès de Toulouse. P. 47-50.

GRATALOUP, C. (1988) – Les céramiques à parois fines de la rue de Farges (Lyon). *B.A.R. International Series 457*. Oxford.

GRAUE, J. (1974) - Die Gräberfelder von Ornavasso. Ein Studie zur Chronologie der späten Latène und frühen Kaiserzeit. Hamburg.

GREENE, K. (1979) – *The pre-flavian fine wares. Report on the excavations at Usk (1965-1975)*. Cardiff.

GRIFA, C.; BONIS, A.; GUARINO, V.; PETRONE, C.; GERMINARIO, C.; MERCURIO, M.; SORICELLI, G.; LANGELLA, A.; MORRA, V. (2015) - Thin walled pottery from Alife (Northern Campania, Italy). *Periodico di Mineralogia* 84, 65-90.

GUARINO, V.; BONIS, A.; FAGA, I.; GIAMPAOLA, D.; GRIFA, C.; LANGELLA, A.; LIUZZA, V.; BENOIT, R.; ROMANO, P.; MORRA, V. (2016) – Production and

circulation of thin walled pottery from the Roman porto of Neapolis, Campania (Italy). *Periodico di Mineralogia*. 85. Pp. 95-114.

GUERRA, A. (1995) - Plínio-o-Velho e a Lusitânia. Lisboa: Edições Colibri.

GUERRA, A. (1998) - *Nomes pré-romanos de povos e lugares do Ocidente peninsular*. 2 vols. Lisboa.

GUERRA, A., FABIÃO, C. (2009) - Mesas do Castelinho (Almodôvar): um exemplo de urbanismo falhado no sul da Lusitânia in Gorges, J., Nogales Basarrate, T. (Eds.) - *VII Table ronde sur la Lusitanie Romaine. Naissance de la Lusitanie Romaine (I av. J.C.- I ap. J.C.)*. Toulouse, Mérida

HAYET, J. (1976) – *Roman pottery in the Royal Ontario Museum*. Toronto.

HERMET, F. (1934) – *La Graufesenque*. Paris.

HUBNER, E. (1871) – *Notícias arqueológicas de Portugal*. Lisboa. Typographia da Academia.

JIMÉNEZ FLORES, A.; GARCÍA FERNÁNDEZ, F. (2006) – In vino humanitas: vino y cultura en la Turdetania preromana. *Habis*, 37. Pp. 281-311.

LAFUENTE, A. (1992) - La producció ceràmica ibèrica del taller de Fontscaldes. *Les ceràmiques de tècnica ibèrica a la Catalunya romana (segles II a. C.-I d. C.)*. Societat Catalana d'Arqueologia, Barcelona, pp. 47-77.

LAMBOGLIA, N. (1947) - Gli scavi nella zona paleocristiana di S. Calocero. *Rivisti di Studi Liguri*. Bordighera. 13, p. 141-183

LAMBOGLIA, N. (1950) - Gli scavi de Albintimilium e la cronologia della ceramica romana. Parte prima. Campagne di scavo 1938-1940. Bordighera: *Istituto Internazionale di Studi Liguri*.

LAMBOGLIA, N. (1956) – Primi risultati cronologici e storico-topografici degli scavi di Albintimilium (1948-1956). *Revista di studi Liguri.*, XXII, p. 91-152.

LAMBOGLIA, N. (1972) – Lo stato attuale dei problemi sulla ceràmica e sulla suppellettle di eta romana. *RSL*. XXXVIII. P. 327-337.

LASFARGUES, J.; VERTET, H. (1976) – L'atelier de potiers augustéen de la Muette a Lyon. La fouille de sauvatage. *Revista di studi Liguri*. V. p. 61-80.

LOESCHEKE, S. (1909) – *Keramische funde in Haltern. Mitteilungen der Altertums-kommission fur vestfale.*

LÓPEZ MULLOR, A. (1974) – Un vaso de paredes finas con decoracion a la barbotina del Museo Monográfico de Ampúrias. *Miscelanea Arqueológica*. I. p. 407-410.

LÓPEZ MULLOR, A. (1977) - Cronología de unas tazas deparedes finas en Ampurias, *XIV Congreso Nacional de Arqueología*, Vitoria 1975, Zaragoza, pp. 943-956.

LÓPEZ MULLOR, A. (1989) - *Las cerámicas romanas de paredes finas en Cataluña*, Quaderns Científics i Tècnics, 2, Diputació de Barcelona, Servei del Patrimoni Arquitectònic, Barcelona.

LÓPEZ MULLOR, A. (2013) – Las Cerámicas de Paredes Finas del final de la república Romana y el período Augusto-Tiberiano. In *Manual de cerâmica romana del mundo Helenístico al Imperio Romano*. Coord. Albert Ribera I Lacomba. Museu Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid. Madrid, p. 149-190.

LÓPEZ MULLOR, A.; FIERRO, J. (2004) - La céramique grisefine ibérique des IIe-Ier siècles av. J.-C. en Cossétanie (Catalogne, Espagne), *Actes du Congrès International de Vallauris, SFECAG*, Marseille, pp. 459-472.

LÓPEZ MULLOR, A.; MAGDALENA ESTARELLAS, M. (2002) - La céramique à parois fines d'Ibiza. I, *Actes du Congrès de Bayeux, SFECAG*. Marseille, 2002, pp. 229-250.

LÓPEZ MULLOR, A.; MAGDALENA ESTARELLAS, M. (2003) - La céramique à parois fines d'Ibiza (II)". *Actes du Congrès de Saint-Roman-en-Gal, SFECAG*, Marseille, 2003, pp.359-368.

LUEZAS PASCUAL, R. (1995) – Producciones cerâmicas de paredes finas y engobadas del alfar romano de “La Maja” (La Rioja): Hornos 1 y 2. *Berceo*, 128. Pp. 159-200.

MAIA, M. (1979) – As ânforas de S. Bartolomeu de Castro Marim. *Clio*. Lisboa. 1., pp. 141-144.

MALFITANA, D.; CACCIAGUERRA, G.; BRANCA, A.; CANNATA, A.; CARILLI, L.; PANTELLARO, C. (2016) – Archeologia della produzione cerâmica a Siracusa tra l'eta ellenistica e la prima eta imperiale. *Quaderni di Archelogia*. Genova.



MALFITANA, D.; LANTERI, R.; CACCIAGUERRA, G.; CANNATA, A.; PATELLARO, C.; RIZZA, C. (2014) – Cultura materiale e produzioni artigianali a Siracusa in eta ellenistica e romana. Indagini multidisciplinar sul quartiere artigianale della citta antica. Un Capitolo del roman sicily project: ceramics and Trade. *RCRF*, 43, Pp. 557-572.

MANGONE, A. (2011) - Ceramica a pareti sottili da Pompei ed Ercolano. Provenienza e tecnologia di produzione da un'indagine chimico-fisica. *Quaderni dell' "Orazio Flacco"* 1, 147-158.

MANTAS, V. (1990) - As Cidades Marítimas da Lusitânia. In GORGES, J.-G., ed. – *Les villes de Lusitanie Romaine*. Paris: Table Ronde International du CNRS, p. 151-197.

MANTAS, V. (2004) Vias e portos na Lusitânia romana. In GORGES, J.-G.; CERRILLO, E.; Nogales, T. (eds.), *V Mesa Redonda Internacional sobre Lvsitania Romana: Las Comunicaciones* (Cáceres, 2002). Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 427-453.

MANTAS, V. (2008-2009) - A rede viária romana em Portugal. Estado da questão e perspectivas futuras. *Anas* 21-22: 245-272.

MARABINI MOEVS, M. T. (1973) - *The roman thin walled pottery from Cosa (1948-1954)*. Roma: American Academy in Rome.

MARTÍN HERNÁNDEZ, E.; RODRÍGUEZ MARTÍN, G. (2008) - Paredes finas de Lusitania y del cuadrante noroccidental, in D. Bernal Casasola e A. Ribera i Lacomba (eds. científicos) - *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, *RCRF*, XXVI, pp. 385-406.

MARTÍN HERNÁNDEZ, E. (2006) - La cerámica romana de paredes finas en el cuadrante noroccidental de la Península Ibérica. *Sautuola*, XI, pp. 169-188

MARTÍN HERNANDEZ, E. (2008) – *Ceramica romana de paredes finas época julioclaudia en el campamento de la "Legio VI Victrix" en León: los materiales del Polígono de la Palomera*. Universidad de León, Secretariado de Publicaciones. Leon.

MARTÍN HERNÁNDEZ, E.; RODRÍGUEZ MARTÍN, G. (2008) - Paredes finas de Lusitania y del cuadrante noroccidental. In BERNAL, D. y RIBERA, A.: *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. Cádiz.P. 385-407.

- MARTÍN VALLS, R.; DELIBES CASTRO, G. (1976) - Alfar de paredes finas en Melgar de Tera, *Hallazgos arqueológicos en la provincia de Zamora, (III)*, *Boletín del Seminario de Arte y Arqueología*, XLII, pp. 426-427.
- MARTIN, A. (1995) - Trento – Palazzo Tabarelli. Ceramica a pareti sottili. In *Archeologia delle Alpi*, 3. Pp. 177-194.
- MARTÍN, T. (1978) – Quelques decorateurs de vases à parois fines de Montans. 103 *Congres National des Societes Savantes*. Nancy-Metz. P. 239-264.
- MARTIN, T. (1986) - *Montans. Centre potier gallo-romain*. Montans.
- MATALOTO, R.; WILLIAMS, J.; ROQUE, C.; ANGEJA, P. (*no prelo*) - Changing Times: Rocha da Mina e Caladinho – entre romanos e indígenas na segunda metade do séc. I aC na vertente Sul da Serra d'Ossa (Alentejo, Portugal). Poster apresentado no congresso Cultura Material Romana en la Hispania Republica. Contextos privilegiados y estado de la cuestion. Abril, 2016.
- MAYET, F. (1970) – Parois fines et ceramique sigiles de Riotinto (Huelva). *Habis*, I, p. 139-176.
- MAYET, F. (1971) - La céramique à ‘parois fines’ de Conimbriga, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, pp. 445-449.
- MAYET, F. (1975) - *La céramique a parois fines dans la Péninsule Ibérique*. Bordéus. Centre Pierre/CNRS. Paris.
- MAYET, F. (1976) - Céramiques à parois fines, VV.AA. *Fouilles de Conimbriga VI. Céramiques diverses et verres*, París, pp. 27-37.
- MAYET, F. (1980) - Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique: État de la question, *Céramiques Hellénistiques et Romaines, Recherches d'Histoire Ancienne*, París, pp. 201-229.
- MAYET, F.; SILVA, C. (2002) -- *L'atelier d'amphores d'Abul*. Paris: De Boccard.
- MILLET, M. (1993) - Samian from the sea: Cala Culip shipwreck IV. *Journal of Roman Archaeology* 6, 415-419.
- MINGUEZ MORALES, J. (1990) - La cerámica romana de paredes finas en la Ínsula de las Ánforas de la colonia Lépidia/Celsa. Estado actual de la arqueología en Aragón:

[congreso celebrado en Zaragoza, entre los días 12 y 14 de noviembre de 1987], Vol. 2, P. 223-248

MINGUEZ MORALES, J. (1991) – *La cerâmica de paredes finas: generalidades*. Zaragoza.

MINGUEZ MORALES, J. (1991-92) - Las cerámicas de paredes finas en la Colonia Lepidacelsa (Velilla de Ebro, Zaragoza): Su relación con el territorio aragonês. *Zephyrus: Revista de prehistoria y arqueología*, P. 457-470.

MINGUEZ MORALES, J. (2002) - Tipos y producciones en las cerámicas de paredes finas procedentes del "municipium Augusta Bilbilis" (Huérmeda-Calatayud, Zaragoza). *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. P. 105-130.

MINGUEZ MORALES, J. (2003) - La cerámica de paredes finas. *Al-qannis: Boletín del Taller de Arqueología de Alcañiz*, Nº 10, 2003 (Ejemplar dedicado a: El Poblado íbero-romano de El Palao (Alcañiz): La Cisterna). P. 103-125.

MINGUEZ MORALES, J. (2012) - La fabricación de vasos para beber de paredes finas en el valle medio del Ebro. *Cerámicas hispanorromanas II: producciones regionales*. coord. por Darío Bernal Casasola, Albert Ribera i Lacomba, P. 83-96.

MIQUEL SANTES, L. (1986) - Las cerámicas tipo "cáscara de huevo" en Cartagena. *Anales de prehistoria y arqueología*, Nº 2. P. 103-120.

MONTANA, G.; MOMMSEN, H.; ILIOPOULOS, I.; SCHWEDT, A.; DENARIO, M. (2003) - The petrography and chemistry of thin-walled ware from an Hellenistic-Roman site at Segesta (Sicily). *Archaeometry* 45, 375-389.

MORAIS, R. (1997-98) - Importações de cerâmicas finas de Bracara Augusta: da fundação à época Flávia. *Cadernos de Arqueologia*, 14/15. Braga. P. 47-135.

MORAIS, R. (2005) - *Autarcia e comércio em Bracara Augusta: contributo para o estudo económico da cidade no período Alto-Imperial*, Braga.

MORAIS, R. (2010) – As paredes finas. In Castelo da Lousa- Intervenções arqueológicas de 1997 a 2002. *Studia Lusitana*, 5.

- MOTA, N.; PIMENTA, J.; SILVA, R. (2014) – Acerca da ocupação romana republicana de Olisipo: os dados da intervenção na Rua do Recolhimento n.ºs 68-70. *CIRA Arqueologia*. N.º3, Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- MOWAT, R. (1900) - Monnaie de Baesuris, ville de Lusitanie. *O Archeologo Português*. Lisboa. 5, p. 17-24.
- NIETO, J.; PUIG, A. M. (2001) - *Excavacions arqueològiques subaquàtiques a Cala Culip 3. Culip IV: La Terra Sigillata decorada de La Graufesenque*, Girona.
- NOLEN, J. (1975) - A thin walled ware baker from Lisbon, *Conimbriga*, XIV, pp. 113-115.
- NOLEN, J. (1976) – A thin whalled ware beaker from Lisboa. *Conimbriga*. XV. P. 113-115.
- NOLEN, J. (1976) – Note on the terminology for the decorative chemes encountered on thin whalled ware. *Conimbriga*. XV. P. 111-112.
- NOLEN, J. (1976-1977) - Algunos fragmentos de paredes finas de Miróbriga, *Setubal Arqueologica*, II-III, pp. 423-454.
- NOLEN, J. (1988) - A villa romana do Alto do Cidreira (Cascais). Os materiais, *Conimbriga*, 27, pp.61-140.
- NOLEN, J. (1992) – Recensão às obras - López Mullor A., Las cerámicas romanas de paredes finas en Cataluña, Vol. I e II, Zaragoza, 1990 e Puerta I López C., Baetulo, ceràmica de parets fines, Badalona, 1989, *Conimbriga*, 31, p. 206-209.
- NOLEN, J. (1994) - *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares*. Balsa. Lisboa.
- NOLLA, J.; CASAS, J. (1992) - Les ceràmiques fines locals (o indígenes) del nord-est de Catalunya a l'època cabaix-republicana (darreries del segle III a. C. a principis del segle I d. C.). Les ceràmiques de tècnica ibèrica a la Catalunya romana (segles II a. C.-I d. C.), *Societat Catalana d'Arqueologia*, Barcelona, pp. 11-20.
- NOLLA, J.; PATIÑO, C.; SAGRERA, J.; VIVÓ, D. (2003) - La villaromana i el jaciment medieval de Sant Pere de Montfullà (Bescanó, el Gironès), *Estudis Arqueològics*, 5, Institut del Patrimoni Cultural de la Universitat de Girona.

OLCESE, G. (2011-2012) - *Atlante dei siti di produzione ceramica (Toscana, Lazio, Campania e Sicilia), IV secolo a.C. - I secolo d.C.*, Roma.

OLIVEIRA, C. (2006) – *A cerâmica manual do Castelo de Castro Marim (séculos IX a III a.n.e.)*. Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiada.

PARIS, P.; BONSOR, G.; LAUMONIER, A.; RICAR R.; MERGELINA. C. (1926) - *Fouilles de Belo (Bologna, Province de Cadix)*. Bordeaux/Paris. 2 volumes

PARKER, A.J. (1992) - *Ancient shipwrecks of the Mediterranean & the roman Provinces*. BAR580. Oxford.

PASSELAC, M. (1993) - Dictionnaire des céramiques antiques en Méditerranée nord-occidentale. *Lattara*. Lattes. 6.

PELAGATTI, P. (1970) - Akrai (Siracusa), Ricerche nel territorio. *Notizie degli Scavi di Antichità* XXIV. Roma:436-523.

PEREIRA, C. (2014) - *As necrópoles romanas do Algarve*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa. 2 volumes. Policopiado.

PEREIRA, C. e ARRUDA, A. M. (2015) - Sítio arqueológico do Enterreiro, Castro Marim. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 18, 181-194.

PEREIRA, C., ARRUDA, A. e SILVA, R. (2015) - Os vidros romanos do Castelo de Castro Marim. *Onoba*. Huelva. 3, pp. 25-50.

PEREIRA, T. (2008) – *Os artefactos metálicos do Castelo de Castro Marim na Idade do Ferro e época romana*. Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiada.

PÉREZ GARCIA, J.; GONZÁLEZ BATANERO, D.; RODRIGUEZ MARTÍN, M. (2013) - El fondeadero romano de Isla del Moral y el comercio marítimo en la desembocadura del Guadiana. *Espacio, Tiempo y Forma*, Serie II, H.<sup>a</sup> Antigua, t. 26, págs. 339-370.

PÉREZ, C.; ILLARREGUI, E. (1995) - Algunos vasos cerámicos fabricados en Hispania en época Julio-Claudia, *II Congreso de Historia de Palencia, tomo I: Prehistoria, Arqueología e Historia Antigua*, Palencia, pp. 415-430.

PIMENTA, J.; GASPAR, A.; GOMES, A.; MOTA, N.; MIRANDA, P. (2014) – O estabelecimento romano republicano de Olisipo: estrutura e contextos do Beco do Forno do Castelo, Lote 40 (nºs 16-20). *CIRA Arqueologia*. Nº3, Museu Municipal de Vila Franca de Xira.

PIMENTA, J.; HENRIQUES, E.; MENDES, H. (2012) – *O Acampamento romano de Alto dos Cacos* – Almeirim. Associação de Defesa do património Histórico e Cultural do Concelho de Almeirim.

PIMENTA, J.; MENDES, H.; HENRIQUES, E. (2014) – O Acampamento militar romano do Alto dos Cacos- Almeirim. *CIRA Arqueologia*. Nº3, Museu Municipal de Vila Franca de Xira.

PINNA, M. (1986) - La ceramica a pareti sottili del Museo di Cagliari. *Studi Sardi*. Sassari. Pp. 239-302.

PORTO, G. (1952) – Una necropoli di eta repubblicana nell’Alessandrino. *Revista di studi Liguri*. XVIII. p. 46-66.

PUERTA I LÓPEZ, C. (1989) - *Baetulo. Ceràmica de parets fines*, Museu de Badalona, Badalona.

REINOSO DEL RIO, M. (2002) – Ceramica de paredes finas de Mesas de Asta (Cádiz). Estudio de materiales, 1998-1999. *Anuario Arqueologico de Andalucia, Actividades Sistematicas y Puntuales, Informes y Memorias*, Sevilha. Pp. 88-102.

REINOSO DEL RIO, M. (2003) – Ceramica romana de paredes finas del museu provincial de Cádiz. Estudio de materiales: 2000. *Anuario Arqueologico de Andalucia, Actividades Sistematicas y Puntuales, Informes y Memorias*, Sevilha. Pp. 97-110.

REINOSO DEL RIO, M. (2004) -Ceramica de paredes finas de Baelo Claudia (Tarifa, Cádiz). Estudio de materiales, 1998. *Anuario Arqueologico de Andalucia, Actividades Sistematicas y Puntuales, Informes y Memorias*, Sevilha. Pp. 39-52.

REMESAL, J. (1979) - La necrópolis sureste de Baelo, *Excavaciones Arqueológicas en España*, 104. Madrid.

RESENDE, A. [1593] (1996) - *De Anquitatibus Lusitaniae*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

- RIBEIRO, F. (1959) - Um vaso de paredes finas com decoração mista. *Arquivo de Beja*, XVI, pp. 205-206.
- RIBERA I LACOMBA, A.; MARIN JORDA, C. (2005) - El contexto histórico delos hornos romanos de Valentia, *Recientes investigaciones sobre producción cerámica en Hispania*. Valencia, pp. 17-39.
- RICCI, A. (1973) – Ceramica a pareti sottili. In *Ostia III, parte segunda. Studi Miscellanei*, 21. Roma. P. 341-363.
- RICCI, A. (1985) - Ceramica a pareti sottili. In *Atlante delle Forme Ceramiche*. Vol. II. Roma: Istituto della Enciclopedia italiana.
- ROBINSON, H. S. (1959) - *The Athenian Agora V. Pottery of Roman period chronology*. Princeton.
- ROCA REUMENS, M. (1976) – *Sigillata Hispânica Producida en Andújar (Jaén)*. Jaén.
- RODRIGUES, S. (2004) – *As Vias Romanas do Algarve*, Faro.
- RODRIGUEZ MARTIN, F. (1996a) - La cerámica de paredes finas en los talleres emeritenses, *Mélanges de la Casa de Velázquez*, XXXII, pp. 138-179
- RODRIGUEZ MARTIN, F. (1996b) - Material cerámico procedente del vertedero de la calle Atarazana (Badajoz). Lucernas y paredes finas. *Mélanges de la Casa de Velázquez*, XXXII, pp. 181-204.
- RODRIGUEZ MARTIN, F. (1996c) - Materiales de un alfar emeritense. Paredes finas, lucernas, sigillatas y terracotas, *Cuadernos Emeritenses*, 11, Mérida.
- RONDA FEMINO, A.; TENDERO PORRAS, M. (2014) – Producciones locales de época augustea de Ilici: las imitaciones de paredes finas y de la vajilla metálica romana. In *As produções cerâmicas de imitação na Hispania*. SECAH. Tomo 1.
- RUEDA GALAN, C. (2005) - Romanización y sincretismo religioso en el Santuario de Las Atalayuelas (Fuerte del Rey - Torre del Campo, Jaén). *Archivo Español de Arqueología*, Vol 78, No 191-192.
- RUGA, A. (1992) - Pareti sottili. In: *La fornace di Umbricio Cordo. L'officina di un ceramista romano e il territorio di Torrita di Siena nell'antichità*. (ed.): G. Pucci, Firenze, tavv. XLI-XLII, 118-124.

RUGER, C. (1968) – Romische keramik aus dem kreuzgang der Kathedrale von Tarragona. *MM*. IX.

RUIZ MONTES, P.; PEINADO ESPINOSA, M.; AYERBE LÓPEZ, J.; GÓMEZ TIMON, P.; GARCIA-CONSUEGRA FLORES, J.; MORCILLO MATILLAS, J.; RODRIGUEZ AGUILERA, J.; GÓMEZ FERNANDEZ, A.; CISNEROS MORENO, J.; LÓPEZ HERNANDEZ, R.; MARCON, C.; MORENO ALCAIDE, M.; SERRANO ARNAEZ, B. (2013) - Producción de cerámica en el ager iliberritanus hacia fines de la República: el asentamiento productivo de Parque Nueva Granada. In *Hornos, talleres y focos de producción alfarera en Hispania: I Congreso Internacional de SECAH*, Ex Officina Hispana, Cádiz 3-4 de marzo de 2011. Vol. 1. Pp. 307-316.

SANTOS, D. (2009) – *As ânforas pré-romanas do tipo Maña Pascual A4 do Castelo de Castro Marim*. Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiada.

SANTOS, M. (1971) – Arqueologia Romana do Algarve. *Associação dos Arqueólogos Portugueses*. 1, Lisboa.

SANTOS, M. (1972) – Arqueologia Romana do Algarve. *Associação dos Arqueólogos Portugueses*. 2, Lisboa.

SCHINDLER-KAUDELKA, E. (1975) - *Die Dünnwandige Gebrauchskeramik vom Magdalensberg*, Klagenfurt.

SCHINDLER-KAUDELKA, E. (2002) – La datation des premiers contextes du Magdalensberg. *SFECAG*. Bayeux. Pp.263-274.

SEPÚLVEDA, E.; CARVALHO, A. (1998) - Cerâmica romana de paredes finas no Museu Principal de Elvas, *Conimbriga*, 37, pp. 233-265.

SEPÚLVEDA, E.; FERREIRA, M.; MATA, V. (2008) – O espólio cerâmico romano do Alto de S. Miguel (Alcácer do Sal) Intervenção arqueológica urbana de emergência. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 11, 2. Pp. 271-300.

SEPÚLVEDA, Eurico.; SOUSA, Êlvio.; FARIA, J.C.; FERREIRA, M. (2003) - Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 3: paredes finas, pasta depurada, engobe vermelho pompeiano e lucernas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 6, nº2, pp. 383-399, Lisboa.



- SILLIÉRES, P. (1997) - *Baelo Claudia. Una ciudad romana de la Bética*, Junta de Andalucía y Casa de Velázquez. Madrid.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (2012) - Castro de Chibanes (Palmela). Do III milénio ao séc. I a.C. In: FERNANDES, I.; SANTOS, M. eds. - *Palmela Arqueológica no Contexto da Região Interestuarina Sado-Tejo*. Palmela: Município de Palmela, pp. 67-87.
- SILVA, C.; SOARES J.; DIAS, L. (1981) - Trabalhos arqueológicos na Ilha do Pessegueiro (1980). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 219-247.
- SILVA, R. (2013) - O contexto alto-imperial da Rua dos Remédios (Alfama-Santa Maria Maior, Lisboa): vidros, cerâmicas e análise contextual. *Monografias da AAP*. Lisboa. Pp. 41-67.
- SILVA, R. (no prelo) - O facies cerâmico de Olisipo (Lisboa) no período Julio-Cláudio: uma primeira aproximação a partir de contextos suburbanos seleccionados. In E. S. Ramos and R. Montez (eds), *Los facies cerámicos altoimperiales en el sul de la Península Ibérica*. Granada, Universidad de Granada.
- SIMONETT, C. (1941) – *Tessiner graberfelder. Monographien zur ur und Frugeschichte der Scheiz*. Basilea.
- SOTOMAYOR, M.; CASA, A.; ROCA, M. (1976) – Andújar (Jaén). Dos nuevas campañas, *NAH*, 4, pp. 111-147.
- SOTOMAYOR, M.; CASA, A.; ROCA, M. (1979) - Los alfares romanos de Andújar. Campañas de 1974, 1975 y 1977, *NAH*, 6, pp. 443-497.
- SOTOMAYOR, M.; CASAS, A.; ROCA, M. (1976) – Los alfares romanos de Andújar (Jaén): Dos nuevas campañas. *Noticiário arqueológico Hispanico*. Madrid. 11, pp. 307-368.
- SOTOMAYOR, M.; ROCA, M.; SOTOMAYOR, N.; ATIENZA, R. (1981) - Los alfares romanos de los Villares de Andújar, Jaén. *Noticiário arqueológico hispânico*. Madrid. 11, pp. 307-368.
- SOUSA, E. (1995) - Ceramicas de paredes finas do Castelo do Vale de Mértola (Castro Verde). *Vipasca*, 4. Pp. 101-128.

- SOUSA, E. (2009) – A cerâmica de tipo Kuass no Algarve. *Cadernos da Uniarq*, 4. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- SOUSA, E.; SERRA, M. (2006) - Resultados das intervenções arqueológicas realizadas na zona de protecção do Monte Molião (Lagos). *Xelb*. Silves. 6: 1, p. 5-20.
- TABORELLI, B. (1998) – JESI (Anconca)- L’officina cerâmica di Aesis. *Notizie Degli Scavi di Antichità*. Roma.
- TABORELLI, B. (1999) – Ceranucge di produzione Eporediese in *Eta Augusteo-Tiberiana: Pareti Sottili e Terra Sigillata. In Produzione Ceramica in Area Padana Tra il II Secolo a.C. e il VII Secolo d.C.: Nuovi Dati e Prospettive di Ricerca. Documenti Di Archeologia*. 21.
- TCHERNIA, A., POMEY, P., HESNARD, A. (1978) - L’Epave romaine de La Madrague de Giens. (*Var*) .XXXIV *Suplement à Gallia*. Paris.
- TEICHNER, F., SCHIERL, T., GONÇALVES, A., TAVARES, P. (2007) – Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga e as necrópoles romanas de Ossonoba (Faro), *Xelb*, 7 Silves, pp. 159-178.
- TUFFEAU-LIBRE, M. (2013) - La vaisselle en céramique dans les tombes de la nécropole de Porta Nocera à Pompei, *Collection de l’Ecole Française de Rome*,
- UCO, B.; LAMBOGLIA, N. (1956) - La necropoli romana di Isasco presso Varigotti nel Finalese. *Revista di studi Liguri.*, XXII, p. 41-65.
- VASCONCELOS, J. (1898) – Olaria luso-romana em S. Bartolomeu de Castro Marim. *O Archeólogo Português*. Lisboa. Série 1, 4. Pp. 329-336.
- VASCONCELOS, J. (1900) – Inscrição romana de Ossonoba. *O Archeólogo Português*. Lisboa. Série 1, 5. Pp. 43-44.
- VASCONCELOS, J. (1917) – Cousas Velhas. *O Archeólogo Português*. Lisboa. Série 1, 22 (1). Pp. 107-169.
- VASCONCELOS, J. (1919) – Cousas Velhas. *O Archeólogo Português*. Lisboa. Série 1, 23 (1). Pp. 215-240.
- VASCONCELOS, J. (1920) – Cousas Velhas. *O Archeólogo Português*. Lisboa. Série 1, 24 (1). Pp. 214-237.

- VEGAS, M. (1963-1964) - Difusión de algunas formas de vasitos de paredes finas, *RCRF*, V-VI, pp. 61-83.
- VEGAS, M. (1964) - *Clasificación tipológica preliminar de algunas formas de la cerámica común romana*. Barcelona.
- VEGAS, M. (1973) - *Cerámica común romana del Mediterráneo Occidental*, Universidad de Barcelona.
- VEIGA, E. (1910) - Antiguidades monumentaes do Algarve. Cap. V: Tempos históricos, *O Archeologo Português* 15, 229-233.
- VEIGA, E. da [1887] (2005) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos*. Lisboa. Imprensa Nacionais. 4 volumes.
- VIANA, A. (1950) – Contribuição para a arqueologia dos arredores de Elvas. In *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. XII. Pp. 289-322.
- VIANA, A.; DEUS, A. (1950) - Exploração de algumas necrópoles celtico-romanas do concelho de Elvas. *XXXº Congresso luso-espanhol para o progresso das ciências*. VII. Lisboa. Pp. 67-74.
- VIANA, A.; DEUS, A. (1950) – Necropolis celtico-romanas del concejo de Elvas (Portugal). *AEA*. XXIII. Pp. 229-253.
- VIANA, A.; DEUS, A. (1955) – Nuevas necropolis celto-romanas de la region de Elvas (Portugal). *AEA*. XXVIII. Pp. 33-68.
- VIEGAS, C. (2003) – Les sigillées du sud de la Gaule à Castro Marim et Faro (Algarve – Portugal). In *SFECAG, Actes du Congrès de Saint-Romain-en-Gal*, p. 641-646.
- VIEGAS, C. (2006) – Castro Marim no Período Romano. *Xelb*. Loulé. 6, p. 241-260.
- VIEGAS, C. (2011) - A ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano, *Estudos e Memórias* 3, UNIARQ, Lisboa.
- VIEGAS, J; NOLEN, J.; DIAS, M. (1981) - A Necrópole de Santo André. Os materiais. *Conimbriga*, XX, pp. 60-61.

**Fontes:**

ARRUDA (1984)- Castelo de Castro Marim- relatório dos trabalhos arqueológicos de 1983- Relatório dos trabalhos de campo. Policopiados.

ARRUDA (1985)- Castelo de Castro Marim- relatório dos trabalhos arqueológicos de 1984- Relatório dos trabalhos de campo. Policopiados.

ARRUDA (1986)- Castelo de Castro Marim- relatório dos trabalhos arqueológicos de 1985- Relatório dos trabalhos de campo. Policopiados.

ARRUDA (1987)- Castelo de Castro Marim- relatório dos trabalhos arqueológicos de 1986- Relatório dos trabalhos de campo. Policopiados.

ARRUDA (1988)- Castelo de Castro Marim- relatório dos trabalhos arqueológicos de 1987- Relatório dos trabalhos de campo. Policopiados.

ARRUDA (1989)- Castelo de Castro Marim- relatório dos trabalhos arqueológicos de 1988- Relatório dos trabalhos de campo. Policopiados.

ESTRABÃO - The geography of Strabo. Tradução por Horace Leonard Jones (1969), Harvard University Press. Londres. Vol. 2.

PLÍNIO-O-VELHO - História Natural. Tradução por Amílcar Guerra (1995) – *Plínio – O- Velho e a Lusitânia*. Edições Colibri. P. 35.

POMPÓNIO MELA – Corografia. Tradução por Carmen Guzman Arias (1989). Universidad de Murcia.

SAA, MÁRIO (1956-1967) – As grandes vias da Lusitânia: O itinerário de Antonino Pio. Lisboa. 6 volumes.

**Cartografia:**

Cartas de Capacidade de Uso dos Solos nº 600 (1:25 000). Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural.

Carta de Aptidão da Terra para Uso Agrícola nº 600 (1:25 000). Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural.

Carta Militar nº 600 (1: 25 000). Serviços Geográficos do exército.

**ANEXOS**

## **ANEXO 1 – Figuras e Cartografia**



Fig. 1- Localização de Castro Marim na Península Ibérica (Fonte Google Earth).

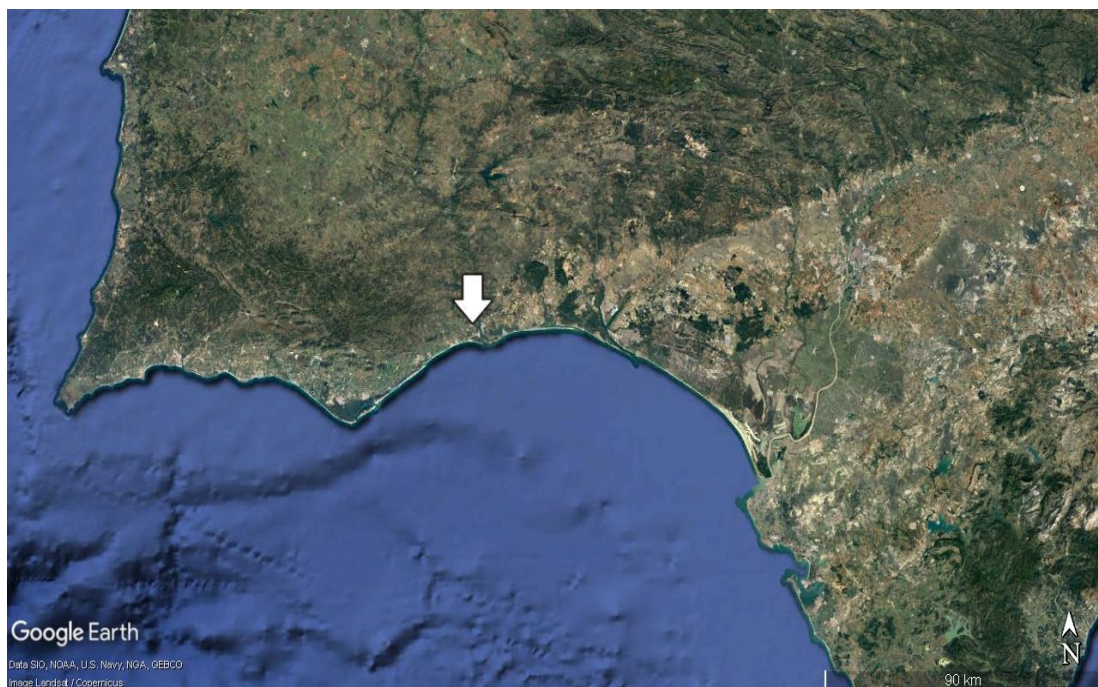
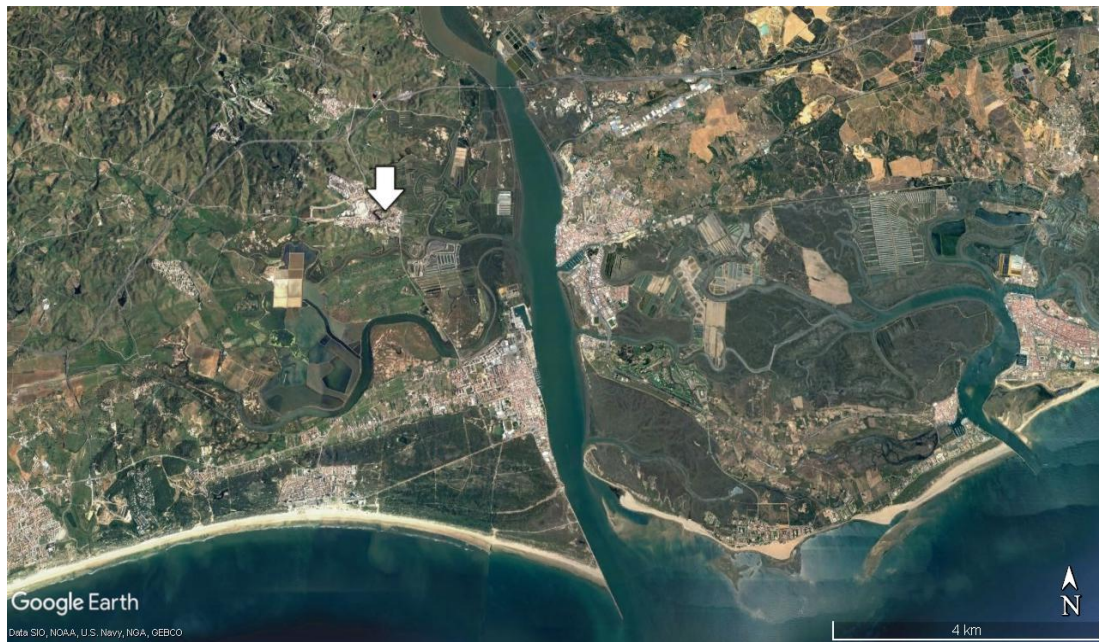


Fig. 2- Localização de Castro Marim no sudoeste da Península Ibérica (fonte Google Earth).







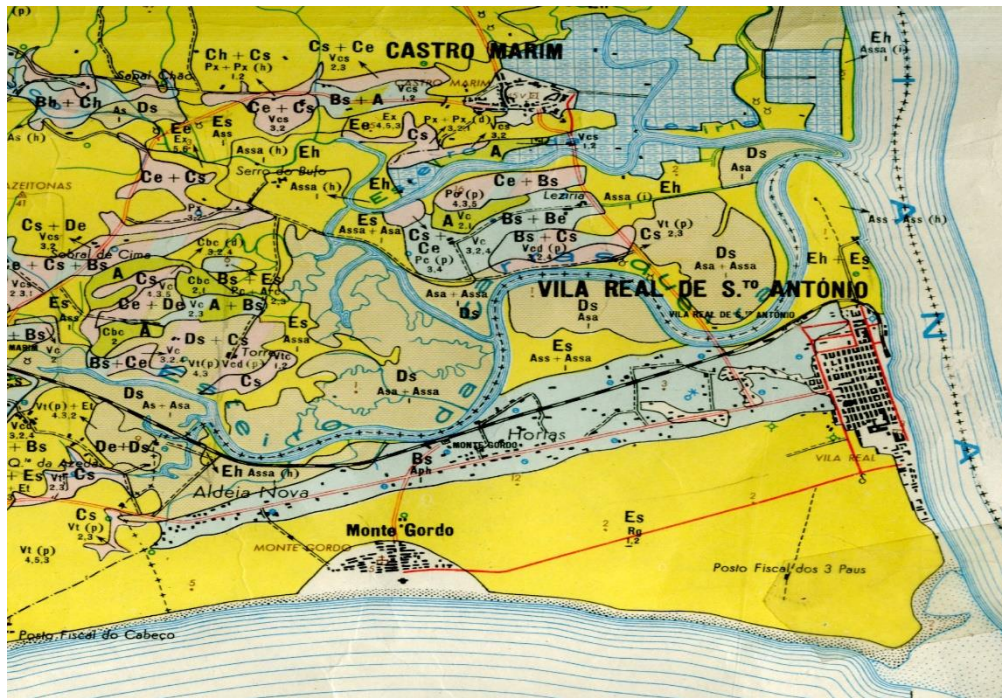


Fig. 5- Estrato da carta da capacidade de uso agrícola, nº 600 (1: 25 000)

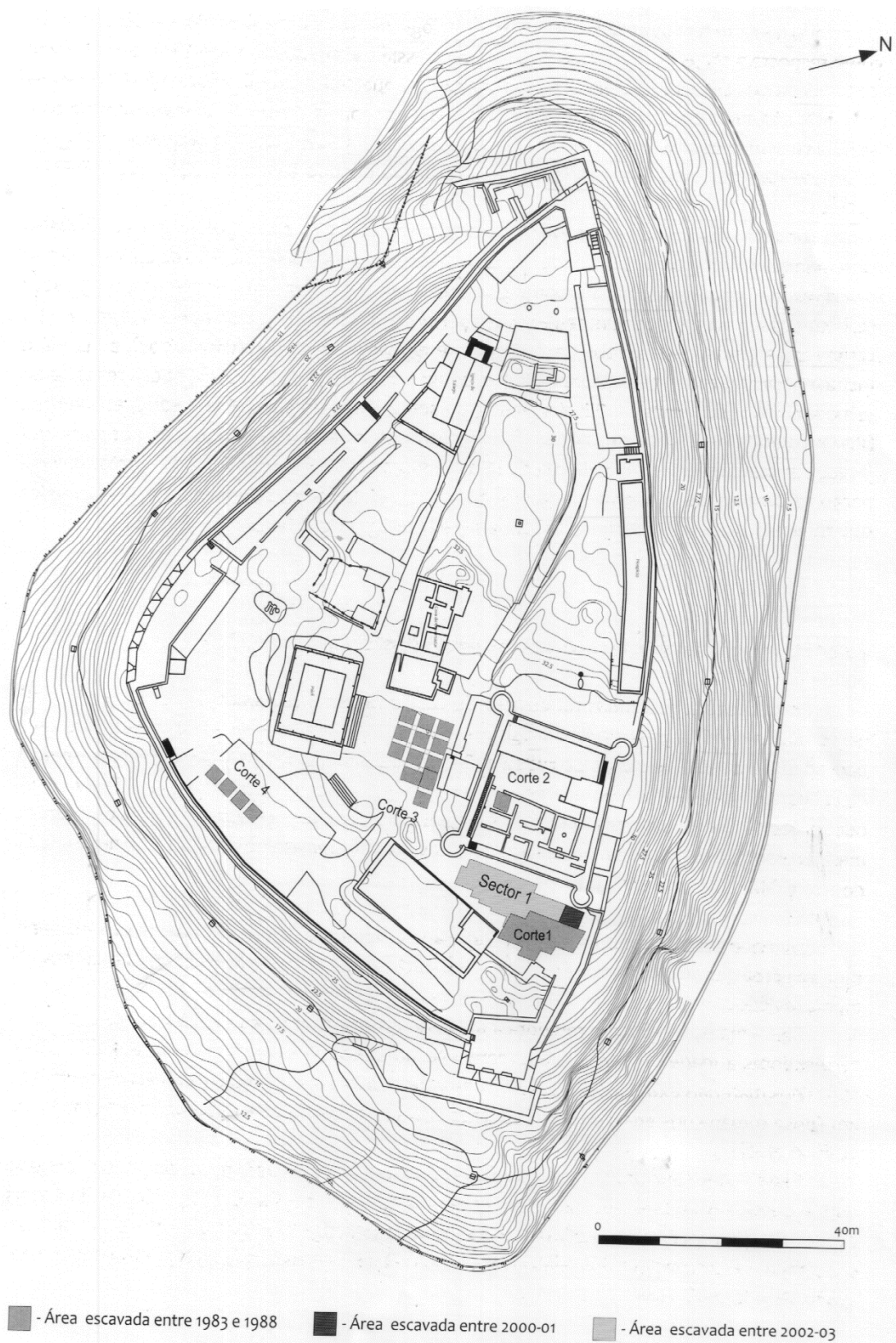


Fig. 6 – Área escavada do Castelo de Castro Marim (ARRUDA *et al.*, 2006).

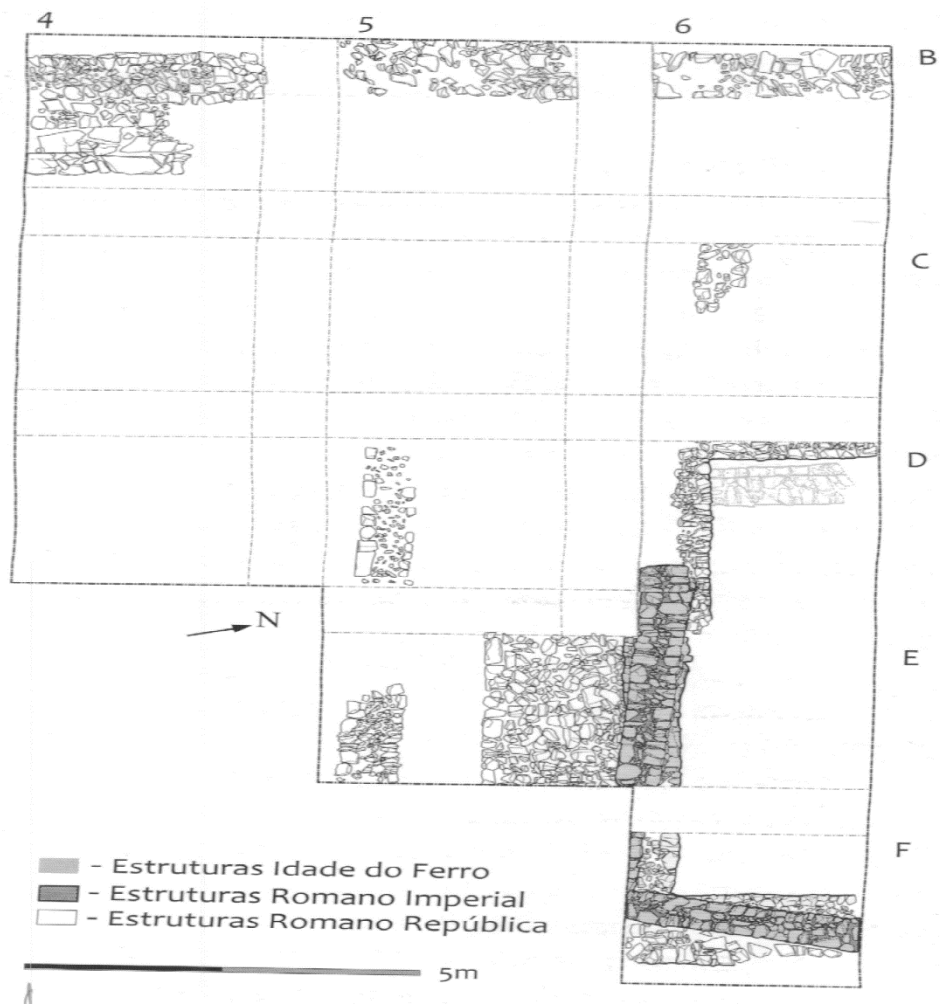


Fig. 7- Área no corte 3, onde se localiza o contexto tardo-republicano (ARRUDA, 2000; VIEGAS, 2011).





Mapa 1- Sítios produtores ou com produções “locais” de paredes finas. Legenda: 1- Braga, 2- Morraçal da Ajuda, 3- Lisboa, 4- Castro de Chibanes, 5- Abul, 6- Ilha do Pessegueiro, 7- Elvas, 8- Cabeça de Vaiamonte, 9- Torre d’Aires.



Mapa 2- Sítios com paralelos de morfologias de cerâmica de paredes finas mais referidos.  
Legenda: 1- Braga, 2- Conimbriga, 3- Santarém, 4- Castelo da Lousa, 5- Rocha da Mina, 6- Caladinho, 7- Torre d'Aires, 8- Forte de São Sebastião e Enterreiro, 9- Cabeça de Vaiamonte, 10- *Baelo Claudia*, 11- Mesas de Asta.

## **ANEXO 2 – Tabelas e Gráficos**

<b>Produções da Etrúria</b>	<b>Nº de fragmentos</b>	<b>%</b>	<b>NMI</b>	<b>%</b>
Ricci 1/12	4		4	
Ricci 1/14	10		10	
Ricci 1/16	4		4	
Ricci 1/20, 362	36		22	
Ricci 1/30	6		6	
Ricci 1/35	4		4	
Ricci 1/40	2		2	
Ricci 1/47	4		4	
Ricci 1/61	1		1	
Ricci 1/97	3		3	
Ricci 1/101	8		7	
Ricci 1/117	1		1	
Ricci 1/161	2		2	
Ricci 1/172	1		1	
Ricci 1/194	1		1	
Ricci 2/210	1		1	
Ricci 2/243	2		2	
Ricci 2/316	1		1	
Ricci 2/391	1		1	
Marabini XX	1		1	
Marabini XLIV	1		1	
Sim. Marabini V	6		6	
Indeterminados	47		-	
Total	147	45,1	85	42,5
<b>Produções centro-ocidentais do Vale do Pó</b>				
Ricci 1/20,1/362	5		5	
Ricci 1/35	1		1	
Ricci 1/161 (?)	1		1	
Ricci 2/232,2/405	1		1	
Indeterminados	5		-	
Total	13	4,0	8	4
<b>Produções zona oriental do Vale do Pó e costa Adriática</b>				
Ricci 1/122	2		2	
Ricci 2/231, 2/402	1		1	
Total	3	0,9	3	1,5
<b>Produções centro-italicas</b>				
Ricci 1/159	1		1	
Total	1	0,3	1	0,5
<b>Produções da Península Itálicas-Total</b>	<b>164</b>	<b>50,3</b>	<b>97</b>	<b>48,5</b>
<b>Produções de Ibiza</b>				
Forma 2	3		3	
Forma 3	10		6	
Forma 3 A	1		1	
Forma 4	4		4	

Forma 5 A (?)	1		1	
Forma 10	6		5	
Forma 21	5		5	
Forma 24	4		4	
Indeterminados	12		-	
Total	46	14,1	29	14,5
<b>Produções da Bética</b>				
Mayet VIII	1		1	
Mayet VIII A	1		1	
Mayet VIII C	2		2	
Mayet IX	1		1	
Mayet XXXIV	3		2	
Mayet XXXIV A	1		1	
Mayet XXXIV C (?)	1		1	
Mayet XXXVII, 1	5		5	
Mayet XXXVII A	22		21	
Mayet XXXVII B	5		5	
Mayet XXXVIII	21		20	
Mayet XXXVIII B	3		2	
Mayet XXXIX	1		1	
Mayet XL	1		1	
Mayet XLII	3		2	
Mayet LIII	1		1	
Formas indeterminadas	22		-	
Total	94	28,8	67	33,5
<b>Produção local/regional (sul da Lusitânia)</b>				
Mayet III (?)	1		1	
Mayet XXXVIII (?)	2		2	
Formas indeterminadas	15		-	
Total	18	5,6	3	1,5
<b>Produções da Península Ibérica-Total</b>	<b>158</b>	<b>48,5</b>	<b>99</b>	<b>49,5</b>
<b>Produções da Gallia</b>				
Sim. Drag.37	1		1	
Total	1	0,3	1	0,5
<b>Zona indeterminada 1</b>				
Formas indeterminadas	2		2	
Total	2	0,6	2	1
<b>Zona indeterminada 2</b>				
Formas indeterminada	1		1	
Total	1	0,3	1	0,5
<b>Total paredes finas CM</b>	<b>326</b>	<b>100</b>	<b>200</b>	<b>100</b>

Tabela 1- Cerâmica de paredes finas do Castelo de Castro Marim



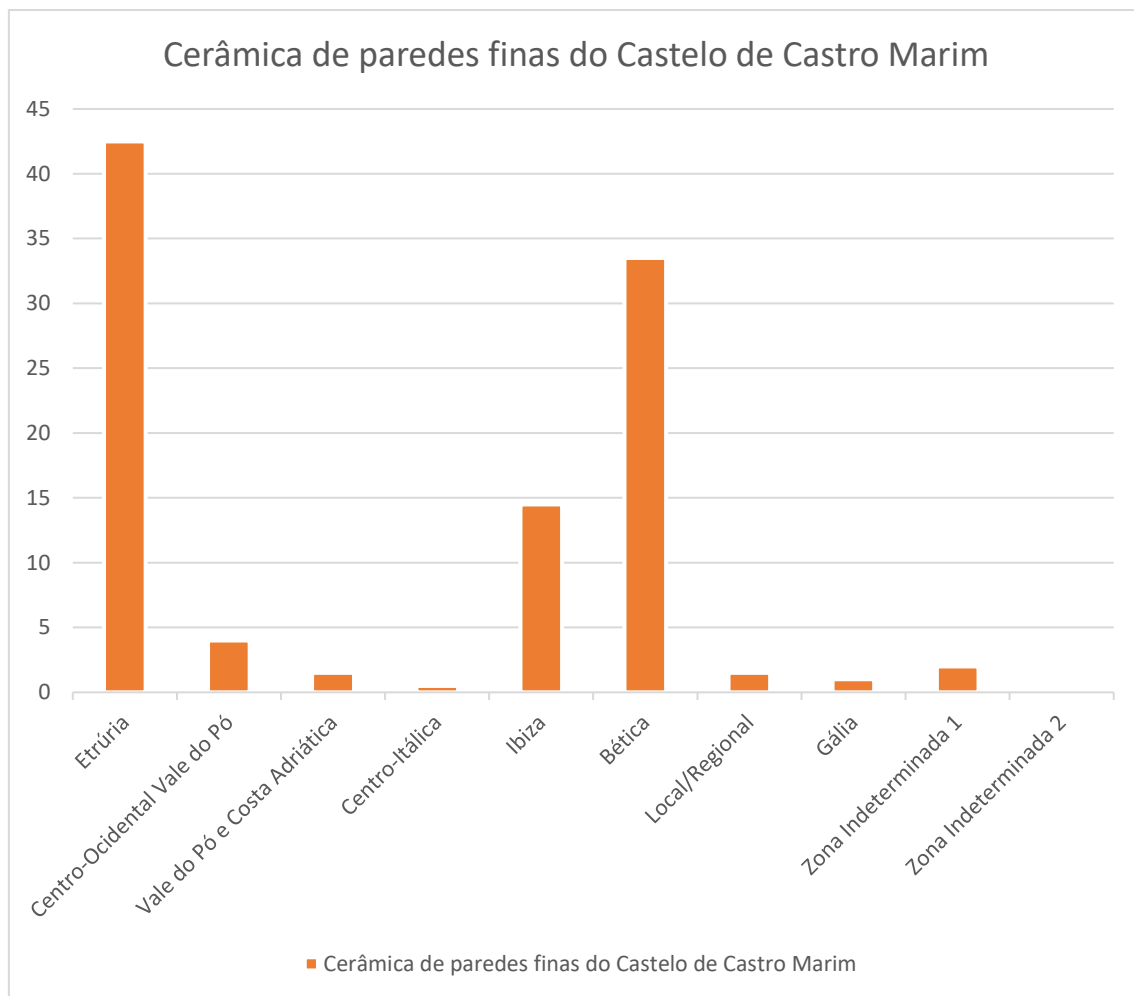
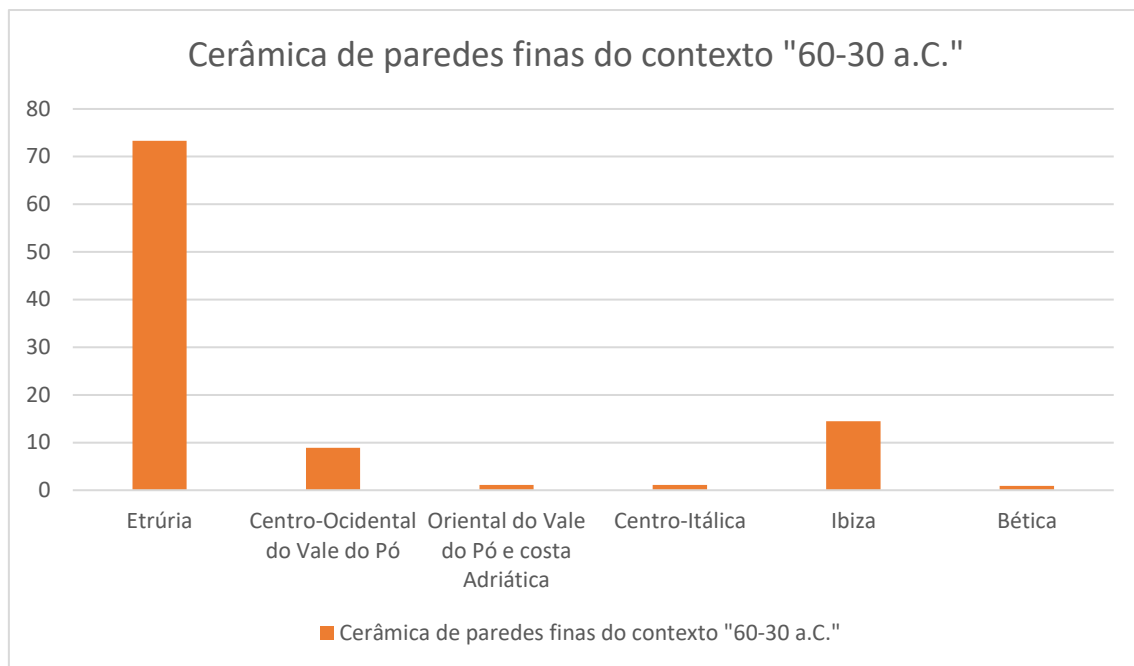


Gráfico 1- Cerâmica de paredes finas do Castelo de Castro Marim (NMI)

<b>Produções da Etrúria</b>	<b>Nº de Fragmentos</b>	<b>%</b>	<b>NMI</b>	<b>NMI (%)</b>
Ricci 1/12	4		4	4,4
Ricci 1/14	8		8	8,9
Ricci 1/16	3		3	3,3
Ricci 1/20,362	32		18	20
Ricci 1/30	5		5	5,6
Ricci 1/35	4		4	4,4
Ricci 1/40	2		2	2,2
Ricci 1/47	3		3	3,3
Ricci 1/97	3		3	3,3
Ricci 1/101	8		7	7,9
Ricci 1/161	1		1	1,1
Ricci 2/243	2		2	2,2
Ricci 2/316	1		1	1,1
Marabini XX	1		1	1,1
Sim. Marabini V	4		4	4,4
Indeterminados	35		-	
<b>Total</b>	<b>116</b>	<b>78,4</b>	<b>66</b>	<b>73,3</b>
<b>Produções centro-ocidentais do Vale do Pó</b>				
Ricci 1/20,1/362	5		5	
Ricci 1/35	1		1	1,1
Ricci 1/161	1		1	1,1
Ricci 2/232, 2/405	1		1	1,1
Indeterminados	5		-	
<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>8,7</b>	<b>8</b>	<b>8,9</b>
<b>Produções zona oriental do Vale do Pó e costa Adriática</b>				
Ricci 1/122	1		1	1,1
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>0,7</b>	<b>1</b>	<b>1,1</b>
<b>Produção centro-italica (?)</b>				
Ricci 1/159	1		1	1,1
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>0,7</b>	<b>1</b>	<b>1,1</b>
<b>Total P. Itálica</b>	<b>131</b>	<b>88,5</b>	<b>76</b>	<b>84,4</b>
<b>Produções de Ibiza</b>				
Forma 2	1		1	1,1
Forma 3	6		4	4,4
Forma 3 A	1		1	1,1
Forma 4	2		2	2,2
Forma 5 A (?)	1		1	1,1
Forma 10	1		1	1,1
Forma 21	3		3	3,3
Indeterminados	1		-	
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>10,8</b>	<b>13</b>	<b>14,5</b>
<b>Produções da Bética</b>				
Forma VIII C (?)	1		1	1,1
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>0,7</b>	<b>1</b>	<b>1,1</b>
<b>Total P. Ibérica</b>	<b>17</b>	<b>11,5</b>	<b>14</b>	<b>15,6</b>
<b>Total paredes finas</b>	<b>148</b>	<b>100</b>	<b>90</b>	<b>100</b>

Tabela 2- Cerâmica de paredes finas (classificada) do contexto tardo-republicano de Castro Marim



**Gráfico 2- Cerâmica de paredes finas (NMI) do contexto tardo-republicano de Castro Marim**

<b>Produções da Etrúria</b>	Nº de fragmentos	%	NMI	%
Ricci 1/14	2		2	1,9
Ricci 1/20, 362	4		4	3,8
Ricci 1/30	1		1	0,9
Ricci 1/47	1		1	0,9
Ricci 1/61	1		1	0,9
Ricci 1/117	1		1	0,9
Ricci 1/161	1		1	0,9
Ricci 1/171	1		1	0,9
Ricci 1/194	1		1	0,9
Ricci 2/210	1		1	0,9
Ricci 2/391	1		1	0,9
Sim. Marabini V	2		2	1,9
Indeterminados	11		-	
Total	28	16,1	17	15,7
<b>Produções zona oriental do Vale do Pó e costa Adriática</b>				
Ricci 1/122	1		1	0,9
Ricci 2/231, 2/402	1		1	0,9
Total	2	1,2	2	1,9
<b>Total Península Itálica</b>	<b>30</b>	<b>17,3</b>	<b>19</b>	<b>17,6</b>
<b>Produções de Ibiza</b>				
Forma 2	2		2	1,9
Forma 3	4		2	1,9
Forma 4	2		2	1,9
Forma 10	5		4	3,8
Forma 21	2		2	1,9
Forma 24	4		4	3,8
Indeterminados	11		-	
Total	30	17,3	16	15,0
<b>Produções da Bética</b>				
Mayet VIII	1		1	0,9
Mayet VIII A	1		1	0,9
Mayet VIII C	1		1	0,9
Mayet IX	1		1	0,9
Mayet XXXIV	3		2	1,9
Mayet XXXIV A	1		1	0,9
Mayet XXXIV C (?)	1		1	0,9
Mayet XXXVII, 1	5		5	4,6
Mayet XXXVII A	22		21	19,4
Mayet XXXVII B	5		5	4,6
Mayet XXXVIII	21		20	18,5
Mayet XXXVIII B	3		2	1,9
Mayet XXXIX	1		1	0,9
Mayet XL	1		1	0,9
Mayet XLII	3		2	1,9

Mayet LIII	1		1	0,9
Indeterminados	21		-	
Total	91	52,6	66	60,9
<b>Local/Regional</b>				
Mayet III (?)	1		1	0,9
Mayet XXXVIII (?)	2		2	1,9
Indeterminados	15		-	
Total	18	10,4	3	2,8
<b>Produções da Península Ibérica-Total</b>	<b>139</b>	<b>80,3</b>	<b>85</b>	<b>78,7</b>
<b>Produções da Gália (Montans)</b>				
Similar Drag. 37	1		1	0,9
Total	1	0,6	1	0,9
<b>Zona indeterminada 1</b>				
Formas indeterminadas	2		2	1,9
Total	2	1,2	2	1,9
<b>Zona indeterminada 2</b>				
Formas indeterminada	1		1	0,9
Total	1	0,6	1	0,9
<b>Total</b>	<b>173</b>	<b>100</b>	<b>108</b>	<b>100</b>

Tabela 3- Cerâmica de paredes finas (NMI) de contextos secundários do Castelo de Castro Marim

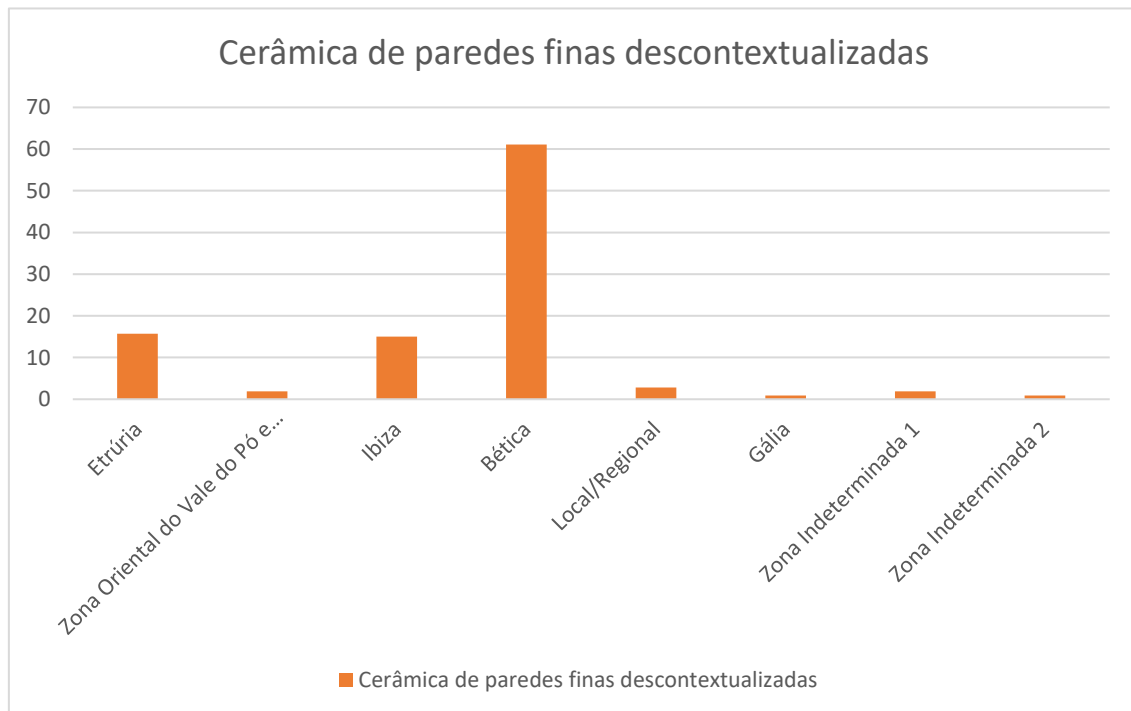


Gráfico 3- Cerâmica de paredes finas (NMI) de contextos secundários do Castelo de Castro Marim

## **ANEXO 3 – Catálogo**

## Catálogo

**Estampa I.1** [CM(87)[B5,niv.1]5712]: Bordo e parede. **Tipo 1/12**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 82 mm. Espessura média- 2,5 mm. Vestígios de exposição ao fogo na parede externa.

**Estampa I.2** [CM(87)[B5,niv.1]5703]: Bordo e arranque de parede. **Tipo 1/12**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 80 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa I.3** [CM(87)[B4,niv.1]6170]: Bordo e arranque de parede. **Tipo 1/12**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 80 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa I.4** [CM(87)[B5,niv.1]5708]: Bordo e arranque de parede. **Tipo 1/12**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 80 mm. Espessura média- 2,5 mm. Vestígios de exposição ao fogo na parede externa.

**Estampa I.5** [CM(87)[B6,niv.2]5727]: Bordo e parede. **Tipo 1/14**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 80 mm. Espessura média- 1,5 mm. Vestígios de polimento em bandas.

**Estampa I.6** [CM(87)[B5,niv.1]363]: Bordo. **Tipo 1/14**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 80 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa I.7** [CM(87)[B5,niv.1]367]: Bordo e arranque de parede. **Tipo 1/14**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 70 mm. Espessura média- 2,5 mm. Vestígios de polimento em bandas.

**Estampa I.8** [CM(87)[C5,niv.1]311]: Bordo. **Tipo 1/14**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 78 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa I.9** [CM(87)[B5,niv.2]362]: Bordo. **Tipo 1/14**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 70 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa I.10** [CM(87)[B4,niv.1]403]: Bordo. **Tipo 1/14**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 60 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa I.11** [CM(87)[B6,niv.2]8403]: Bordo. **Tipo 1/14**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 70 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa I.12** [CM(87)[B5,niv.1]366]: Bordo. **Tipo 1/14**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 64 mm. Espessura média- 2 mm. Vestígios de polimento em bandas.

**Estampa I.13** [CM(87)[D6,niv.1]407]: Bordo. **Tipo 1/14**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 80 mm. Espessura média- 2 mm. Vestígios de polimento em bandas.

**Estampa I.14** [CM(83-88)[sup.]5378]: Bordo. **Tipo 1/14**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 70 mm. Espessura média- 2 mm. Vestígios de polimento em bandas.

**Estampa I.15** [CM(87)[C5,niv.1]305]: Bordo e parede. **Tipo 1/16**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 71 mm. Espessura média- 1,5 mm. Vestígios de polimento em bandas.

**Estampa I.16** [CM(87)[B5,niv.1]368]: Bordo. **Tipo 1/16**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 76 mm. Espessura média- 2 mm. Vestígios de polimento em bandas (representado graficamente).

**Estampa II.17** [CM(87)[B5,niv.1]353]: Bordo. **Tipo 1/16**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 80 mm. Espessura média- 2 mm. Vestígios de polimento em bandas (representado graficamente).

**Estampa II.18** [CM(87)[B5,niv.1]306]: Bordo. **Tipo 1/16**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 64 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa II.19** [CM(87)[C5,niv.1]422]: Bordo e parede. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 60 mm. Espessura média- 1,5 mm. Vestígios de polimento em bandas.

**Estampa II.20** [CM(87)[B5,niv.1]389]: Bordo. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 60 mm. Espessura média- 2 mm. Vestígios de polimento em bandas.

**Estampa II.21** [CM(87)[C5,niv.1]318]: Bordo. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 60 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa II.22** [CM(87)[B5,niv.1]365]: Bordo. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 60 mm. Espessura média- 2 mm. Vestígios de polimento em bandas.

**Estampa II.23** [CM(87)[B5,niv.1]355]: Bordo. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 82 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa II.24** [CM(87)[C5,niv.1]315]: Bordo. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 62 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa II.25** [CM(87)[C5,niv.1]291]: Bordo. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 62 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa II.26** [CM(87)[B5,niv.1]358]: Bordo. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 65 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa II.27** [CM(87)[D5,niv.1]5372]: Bordo. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 70 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa II.28** [CM(87)[B5,niv.1]359]: Bordo. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 65 mm. Espessura média- 2 mm.



**Estampa II.29** [CM(87)[C5,niv.1]7761]: Bordo. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 65 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa II.30** [CM(87)[B5,niv.1]357]: Bordo. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 60 mm. Espessura média- 2 mm. Vestígios de polimento em bandas.

**Estampa II.31** [CM(87)[B5,niv.1]2176]: Bordo. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 50 mm. Espessura média- 2 mm. Vestígios esbatidos de polimento em bandas.

**Estampa II.32** [CM(87)[sup.]2193]: Bordo. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 70 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa III.33** [CM(87)[B6,niv.2]5871]: Bordo. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 70 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa III.34** [CM(87)[C5,niv.1]314]: Bordo. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 70 mm. Espessura média- 2 mm. Apresenta vestígios esbatidos de polimento em bandas.

**Estampa III.35** [CM(87)[C5,niv.1]320]: Bordo. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 60 mm. Espessura média- 1,5 mm.

**Estampa III.36** [CM(02)[410]6385]: Bordo. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 70 mm. Espessura média- 1,5 mm.

**Estampa III.37** [CM(02)[478]5036]: Bordo. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 70 mm. Espessura média- 1,5 mm.

**Estampa III.38** [CM(87)[B5,niv.1]11003]: Bordo. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 70 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa III.39** [CM(02)[401]8677]: Bordo. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 60 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa III.40** [CM(87)[B5,niv.1]11002]: Bordo. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- Não Identificável (NI). Espessura média- 2 mm.

**Estampa III.41** [CM(87)[B5,niv.1]5719]: Fundo e parede. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 32 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa III.42** [CM(87)[B5,niv.1]360]: Fundo e parede. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 31 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa III.43** [CM(87)[C5,niv.1]8082]: Fundo e parede. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 34 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa III.44** [CM(87)[C5,niv.1]299]: Fundo e parede. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 30 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa III.45** [CM(87)[B5,niv.1]5722]: Fundo e parede. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa III.46** [CM(87)[B5,niv.1]369]: Fundo e parede. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 30 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa III.47** [CM(87)[C5,niv.1]298]: Fundo e parede. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa III.48** [CM(87)[B5,niv.1]5721]: Fundo e parede. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa III.49** [CM(87)[B5,niv.1]373]: Fundo e parede. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 36 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa III.50** [CM(87)[B5,niv.1]379]: Fundo e parede. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 30 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa IV.51** [CM(87)[B5,niv.1]364]: Fundo e parede. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 36 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa IV.52** [CM(87)[B5,niv.1]375]: Fundo e parede. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média- 1,5 mm.

**Estampa IV.53** [CM(87)[B4,niv.1]402]: Fundo e parede. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa IV.54** [CM(87)[B5,niv.1]5724]: Fundo e parede. **Tipo 1/20, 1/362**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 30 mm. Espessura média-3 mm.

**Estampa IV.55** [CM(87)[D6,niv.1]9565]: Bordo e parede. **Tipo 1/30**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 90 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa IV.56** [CM(87)[C6,niv.2]5596]: Bordo e parede. **Tipo 1/30**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 100 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa IV.57** [CM(87)[B6,niv.2]5869]: Bordo e parede. **Tipo 1/30**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 90 mm. Espessura média- 2 mm. Marcas de polimento em bandas.

**Estampa IV.58** [CM(87)[C5,niv.1]397]: Bordo e parede. **Tipo 1/30**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 90 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa IV.59** [CM(87)[C6,niv.2]7711]: Bordo e parede. **Tipo 1/30**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 90 mm. Espessura média- 2 mm. Vestígios de exposição ao fogo no bordo, provavelmente, derivado do empilhamento durante a cozedura.

**Estampa IV.60** [CM(87)[B5,niv.1]5709]: Bordo e parede. **Tipo 1/30**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 100. Espessura média- 3 mm.

**Estampa IV.61** [CM(87)[B5,niv.1]5720]: Fundo e parede. **Tipo 1/35**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 50 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa IV.62** [CM(87)[B5,niv.1]5710]: Fundo e parede. **Tipo 1/35**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 50 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa IV.63** [CM(87)[B5,niv.1]095]: Fundo e parede. **Tipo 1/35**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 50 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa IV. 64** [CM(87)[C5,niv.1]324]: Fundo e arranque da parede. **Tipo 1/35**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 52 mm. Espessura média- 1,5 mm.

**Estampa IV.65** [CM(87)[B5,niv.1]354]: Bordo e parede. **Tipo 1/40**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 60 mm. Espessura média- 2 mm. Vestígios de exposição ao fogo em parte da parede externa.

**Estampa IV.66** [CM(87)[B5,niv.1]5706]: Bordo e parede. **Tipo 1/40**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 80 mm. Espessura média- 2,5 mm. Vestígios de exposição ao fogo em parte da parede externa.

**Estampa V.67** [CM(87)[C6,niv.1]392]: Bordo e parede. **Tipo 1/47**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 90 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa V.68** [CM(87)[C6,niv.2]398]: Bordo e parede. **Tipo 1/47**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 90 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa V.69** [CM(87)[C6,niv.2]399/406]: Bordo. **Tipo 1/47**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 92 mm. Espessura média- 4 mm.

**Estampa V.70** [CM(87)[B6,niv.1]11004]: Bordo. **Tipo 1/47**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 90 mm. Espessura média- 4 mm.

**Estampa V.71** [CM(02)[430]9084]: Bordo e arranque de parede. **Tipo 1/61**. Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 90 mm. Espessura média- 2,5 mm. Vestígios de exposição ao fogo na parte externa do bordo provavelmente, derivado do empilhamento durante a cozedura.

**Estampa V.72** [CM(87)[B5,niv.1]5715]: Fundo e parede. **Tipo 1/97**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 62 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa V.73** [CM(87)[B5,niv.1]5713]: Fundo. **Tipo 1/97**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 64 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa V.74** [CM(87)[B6,niv.2]5872]: Fundo. **Tipo 1/97**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 58 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa V.75** [CM(87)[C6,niv.2]303]: Fundo e parede. **Tipo 1/101**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 50. Espessura média- 2 mm.

**Estampa V.76** [CM(87)[C5,niv.1]1684]: Fundo e parede. **Tipo 1/101**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 58. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa V.77** [CM(87)[C5,niv.1]1826]: Parede. **Tipo 1/101**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 65. Espessura média- 2 mm.

**Estampa V.78** [CM(87)[B5,niv.1]1789]: Fundo e parede. **Tipo 1/101**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 40. Espessura média- 2 mm.

**Estampa V.79** [CM(87)[C5,niv.1]086]: Fundo e parede. **Tipo 1/101**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 40. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa V.80** [CM(87)[C5,niv.1]11005]: Fundo e parede. **Tipo 1/101**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 40. Espessura média- 2 mm.

**Estampa VI.81** [CM(87)[C6,niv.2]7710]: Fundo e parede. **Tipo 1/101**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 46. Espessura média- 2 mm.

**Estampa VI.82** [CM(87)[C5,niv.1]107]: Fundo e parede. **Tipo 1/101**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 40. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa VI.83** [CM(02)[395]9978]: Bordo. **Tipo 1/117**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 103. Espessura média- 2,5 mm. Vestígios esbatidos de engobe avermelhado.

**Estampa VI.84** [CM(87)[B5,niv.1]1750]: Bordo e parede. **Tipo 1/161**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 72 mm. Espessura média- 1,5 mm. Vestígios de polimento em bandas.

**Estampa VI.85** [CM(02)[457]5863]: Bordo e parede. **Tipo 1/161 (?)**. Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 72 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa VI.86** [CM(87)[D6,niv.1]9537]: Bordo e parede. **Tipo 1/172**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 140. Espessura média- 3 mm. Apresenta uma pátine cinzenta derivado da cozedura.

**Estampa VI.87** [CM(02)[385]9936/3695]: Bordo e arranque da parede. **Tipo 1/194**. Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 90 mm. Espessura média- 2 mm. Apresenta vestígios de engobe alaranjado.

**Estampa VI.88** [CM(02)[385]8383]: Bordo e asa. **Tipo 2/210**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 90 mm. Espessura média- 2 mm. Asa apresenta decoração.

**Estampa VI.89** [CM(87)[B5,niv.1]5758]: Bordo e parede. **Tipo 2/243**. Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 92 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa VI.90** [CM(87)[B5,niv.1]5704]: Bordo e parede. **Tipo 2/243**. Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 92 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa VI.91** [CM(87)[C5,niv.1]421]: Bordo e parede. **Tipo 2/316**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 100. Espessura média- 2 mm.

**Estampa VI.92** [CM(02)[532]3267]: Bordo e parede. **Tipo 2/391**. Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 130 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa VI.93** [CM(87)[C5,niv.2]327]: Bordo e parede. **Marabini XX**. Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 92 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa VII.94** [CM(02)[398]6367]: Bordo e parede. **Marabini XLIV**. Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 100 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa VII.95** [CM(87)[B4,niv.1]6140]: Bordo e arranque de parede. **Similar Marabini V**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 100. Espessura média- 5 mm.

**Estampa VII.96** [CM(87)[C5,niv.1]7960]: Bordo e arranque de parede. **Similar Marabini V**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 104. Espessura média- 3mm.

**Estampa VII.97** [CM(87)[D6,niv.2]9122]: Bordo e arranque de parede. **Similar Marabini V**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 80 mm. Espessura média- 4 mm.

**Estampa VII.98** [CM(87)[C5,niv.1]321]: Bordo e arranque de parede. **Similar Marabini V**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 100. Espessura média- 4 mm.

**Estampa VII.99** [CM(87)[C5,niv.1]7961]: Bordo e arranque de parede. **Similar Marabini V**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 100. Espessura média- 2 mm.

**Estampa VII.100** [CM(02)[390]8630]: Bordo e arranque de parede. **Similar Marabini V**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 70. Espessura média- 2 mm.

**Estampa VII.101** [CM(87)[B5,niv.1]412]: Bordo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 92 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa VII.102** [CM(87)[B4,niv.1]6171]: Bordo. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de bordo- 90 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa VII.103** [CM(87)[C5,niv.1]3024]: Fundo. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 50 mm. Espessura média- 3,5mm.

**Estampa VII.104** [CM(02)[402]8862]: Fundo e arranque de parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 51 mm. Espessura média- 1,5mm.

**Estampa VII.105** [CM(87)[F3,niv.4]5226]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 50 mm. Espessura média-2 mm.

**Estampa VII.106** [CM(02)[373]5794]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 60 mm. Espessura média-3 mm.

**Estampa VII.107** [CM(83-88)[sup.]5893]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa VII.108** [CM(87)[B5,niv.1]383]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro do fundo- 60 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa VII.109** [CM(87)[C5,niv.2]302]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 70 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa VII.110** [CM(87)[B5,niv.1]082]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa VII.111** [CM(87)[B5,niv.1]400]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa VIII.112** [CM(87)[C5,niv.1]351]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa VIII.113** [CM(87)[C5,niv.1]083]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa VIII.114** [CM(87)[C5,niv.1]330]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa VIII.115** [CM(87)[C5,niv.1]307]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 50 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa VIII.116** [CM(87)[B5,niv.1]376]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 79 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa VIII.117** [CM(87)[B5,niv.1]381]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 62 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa VIII.118** [CM(87)1733]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 71 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa VIII.119** [CM(87)[C6,niv.1]101]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média-1,5 mm.

**Estampa VIII.120** [CM(87)[C5,niv.1]8084]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média-3 mm.

**Estampa VIII.121** [CM(87)[B5,niv.1]372]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 60 mm. Espessura média-3 mm.

**Estampa VIII.122** [CM(87)[C5,niv.1]074]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 50 mm. Espessura média-2,5 mm.

**Estampa VIII.123** [CM(87)[B6,niv.1]5873]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.**  
Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 60 mm. Espessura média-3,5 mm.

**Estampa VIII.124** [CM(87)[B4,niv.1]6195]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.**  
Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 60 mm. Espessura média-3 mm.

**Estampa VIII.125** [CM(87)[C6,niv.1]5717]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.**  
Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 50 mm. Espessura média-4 mm.

**Estampa VIII.126** [CM(87)[B4,niv.1]6194]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.**  
Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média-3,5 mm.

**Estampa VIII.127** [CM(87)[C6,niv.2]7709]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.**  
Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 60 mm. Espessura média-3,5 mm.

**Estampa IX.128** [CM(87)[C5,niv.1]8083]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.**  
Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média-3 mm.

**Estampa IX.129** [CM(87)[D5,niv.1]9020]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.**  
Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 60 mm. Espessura média-2,5 mm.

**Estampa IX.130** [CM(87)[C6,niv.2]092/6491]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.**  
Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média-2 mm.

**Estampa IX.131** [CM(87)[B5,niv.1]378]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.**  
Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 30 mm. Espessura média-2 mm.

**Estampa IX.132** [CM(87)[C5,niv.1]295]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.**  
Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média-2,5 mm.

**Estampa IX.133** [CM(87)[C5,niv.1]304]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.**  
Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 50 mm. Espessura média-2,5 mm.

**Estampa IX.134** [CM(87)[B5,niv.1]341]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.**  
Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média-2,5 mm.

**Estampa IX.135** [CM(87)309]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- NI. Espessura média-2 mm.

**Estampa IX.136** [CM(87)[E3,niv.4]146]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.**  
Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro do fundo- 70 mm. Espessura média- 4 mm.

**Estampa IX.137** [CM(87)[C5,niv.1]328]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.**  
Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média-1,5 mm.

**Estampa IX.138** [CM(87)[C5,niv.1]044]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.**  
Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 50 mm. Espessura média-2 mm.

**Estampa IX.139** [CM(87)[C6,niv.2]087]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.**  
Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro do fundo- 70 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa IX.140** [CM(02)[385]9811]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro do fundo- 40 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa IX.141** [CM(02)[385]9642]: Parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro- 92 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa IX.142** [CM(87)[C5,niv.1]326]: Parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro- 92 mm. Espessura média- 2,5mm.

**Estampa IX.143** [CM(02)[298]1564]: Parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro- 100 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa X.144** [CM(02)[416]8652]: Parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro- n.i. Espessura média- 2 mm.

**Estampa X.145** [CM(02)[385]9798]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 26 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa X.146** [CM(02)[385]9824]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 35 mm. Espessura média- 3mm.

**Estampa X.147** [CM(02)[385]9948]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 2 (Etrúria). Diâmetro de fundo- 36 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa X.148** [CM(87)[B5,niv.2]117]: Bojo. **Forma indeterminada**. Grafito [DIIIFICIA(N?). Grupo técnico 1 (Etrúria). Espessura média- 1,5 mm.

**Estampa X.149** [CM(87)[B5,niv.1]377]: Asa e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Espessura média- 1 mm.

**Estampa X.150** [CM(87)[C6,niv.1]5729]: Asa. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Espessura média- 4 mm

**Estampa X.151** [CM(87)[B5,niv.1]350]: Bojo decorado a barbotina. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Diâmetro de bojo- 66 mm- Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa X.152** [CM(87)[B5,niv.1]1758]: Bojo decorado a barbotina. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Espessura média- 2 mm.

**Estampa X.153** [CM(87)[C5,niv.1]296]: Bojo decorado a barbotina. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa X.154** [CM(87)[B5,niv.1]11006]: Bojo decorado a barbotina. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 1 (Etrúria). Espessura média- 1,5 mm.

**Estampa X.155** [CM(87)[C5,niv.1]289]: Fundo e parede. **Tipo 1/20,1/362**. Grupo técnico 3 (Zona Centro-Occidental do Vale do Pó). Diâmetro do fundo- 25 mm. Espessura média- 2,5 mm,



**Estampa X.156** [CM(87)[C6,niv.1]300/5716]: Fundo e parede. **Tipo 1/20, 1/362.** Grupo técnico 3 (Zona Centro-Occidental do Vale do Pó). Diâmetro do fundo- 34 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa X.157** [CM(87)[C5,niv.1]316]: Fundo e parede. **Tipo 1/20,1/362.** Grupo técnico 3 (Zona Centro-Occidental do Vale do Pó). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa X.158** [CM(87)[C5,niv.1]313]: Fundo e arranque de parede. **Tipo 1/20,1/362.** Grupo técnico 3 (Zona Centro-Occidental do Vale do Pó). Diâmetro de fundo- 38 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XI.159** [CM(87)[B5,niv.1]5725]: Fundo e arranque de parede. **Tipo 1/20,1/362.** Grupo técnico 3 (Zona Centro-Occidental do Vale do Pó). Diâmetro de fundo- 32 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XI.160** [CM(87)[B5,niv.1]078]: Fundo e parede. **Tipo 1/35.** Grupo técnico 3 (Zona Centro-Occidental do Vale do Pó). Diâmetro de fundo- 58 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XI.161** [CM(87)[C5,niv.1]11011]: Bordo e parede. **Tipo 1/161.** Grupo técnico 3 (Zona Centro-Occidental do Vale do Pó). Diâmetro de bordo- 80 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XI.162** [CM(87)[C5,niv.1]066]: Fundo e parede. **Tipo 2/232,2/405.** Grupo técnico 3 (Zona Centro-Occidental do Vale do Pó). Diâmetro de fundo- 48 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XI.163** [CM(87)[C6,niv.2]7708]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 3 (Zona Centro-Occidental do Vale do Pó). Diâmetro de fundo- 60 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XI.164** [CM(87)[C5,niv.1]401]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 3 (Zona Centro-Occidental do Vale do Pó). Diâmetro de fundo- 60 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XI.165** [CM(87)[B5,niv.1]384]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 3 (Zona Centro-Occidental do Vale do Pó). Diâmetro de fundo- 50 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XI.166** [CM(87)[C5,niv.1]11009]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 3 (Zona Centro-Occidental do Vale do Pó). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XI.167** [CM(87)[C5,niv.1]11010]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 3 (Zona Centro-Occidental do Vale do Pó). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XI.168** [CM(87)[C5,niv.2]11001]: Bordo. **Tipo 1/122.** Grupo técnico 4 (Zona Oriental do Vale do Pó e Costa Adriática). Diâmetro de bordo- 100 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XI.169** [CM(02)[385]9820]: Fundo. **Tipo 1/122.** Grupo técnico 5 (Zona Oriental do Vale do Pó e Costa Adriática). Diâmetro de fundo- 30. Espessura média- 3,5 mm. Frequência dos e.n.p. torna a pasta rugosa.

**Estampa XI.170** [CM(02)[385]9962]: Bordo e parede. **Tipo 2/321, 2/402.** Grupo técnico 4 (Zona Oriental do Vale do Pó e Costa Adriática). Diâmetro do bordo- 96 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XI.171** [CM(87)[B4,niv.1]9007]: Fundo e parede. **Tipo 1/159.** Grupo técnico 6 (Zona Centro-Itálica). Diâmetro de fundo- 5 mm. Espessura média- 2 mm. Diferenças cromáticas na parede externa derivadas do processo de cozedura.

**Estampa XII.172** [CM(87)[B4,niv.1]6132]: Bordo. **Forma 2.** Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro do bordo- 82 mm. Espessura média- 3,5 mm. Vestígios de polimento na parede externa.

**Estampa XII.173** [CM(02)[520]7345]: Bordo. **Forma 2.** Grupo técnico 8 (Ibiza). Diâmetro de bordo- 70 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XII.174** [CM(02)[385]9969]: Bordo. **Forma 2.** Grupo técnico 8 (Ibiza). Diâmetro de bordo- 80 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XII.175** [CM(87)[B5,niv.1]5707]: Bordo e arranque de parede. **Forma 3.** Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro do bordo- 83 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XII.176** [CM(87)[C5,niv.1]7484]: Bordo e arranque de parede. **Forma 3.** Grupo técnico 8 (Ibiza). Diâmetro do bordo- 90 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XII.177** [CM(87)[C5,niv.1]297]: Bordo e arranque de parede. **Forma 3.** Grupo técnico 8 (Ibiza). Diâmetro do bordo- 65 mm. Espessura média- 2,5 mm. Marcas de fogo no bordo.

**Estampa XII.178** [CM(02)[313]9971]: Bordo. **Forma 3.** Grupo técnico 8 (Ibiza). Diâmetro de bordo- 62 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XII.179** [CM(02)[385]7367]: Bordo. **Forma 3.** Grupo técnico 8 (Ibiza). Diâmetro de bordo- 68 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XII.180** [CM(02)[457]5864]: Bordo. **Forma 3**. Grupo técnico 8 (Ibiza). Diâmetro de bordo- 66 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XII.181** [CM(02)[385]5901]: Fundo e parede. **Forma 3**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro de fundo- 32 mm. Espessura média- 3,5 mm. Engobe preto na parede externa.

**Estampa XII.182** [CM(87)[B5,niv.1]5723]: Fundo e arranque de parede. **Forma 3**. Grupo técnico 8 (Ibiza). Diâmetro de fundo- 30 mm. Espessura média- 2,5mm.

**Estampa XII.183** [CM(02)[373]5712]: Fundo e parede. **Forma 3 (?)**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro de fundo- 25 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XII.184** [CM(87)[E6,niv.1]390]: Fundo. **Forma 3**. Grupo técnico 8 (Ibiza). Diâmetro de fundo- 35mm. Espessura média- n.d.

**Estampa XII.185** [CM(02)[360]5598]: Fundo e arranque da parede. **Forma 3**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro de fundo- 30 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XII.186** [CM(87)[C5,niv.1]7481]: Fundo e parede. **Forma 3**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro de fundo- 55 mm. Espessura média- 4 mm.

**Estampa XII.187** [CM(87)[B4,niv.1]8474]: Bordo, parede e asa. **Forma 3 A**. Grupo técnico 8 (Ibiza). Diâmetro de bordo- 70 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XIII.188** [CM(87)[C5,niv.2]11000]: Bordo e parede. **Forma 4**. Grupo técnico 8 (Ibiza). Diâmetro de bordo- 83 mm. Espessura média- 2, 5 mm.

**Estampa XIII.189** [CM(02)[385]7383]: Bordo e parede. **Forma 4**. Grupo técnico 8 (Ibiza). Diâmetro de bordo-76. Espessura média-2 mm.

**Estampa XIII.190** [CM(87)[C5,niv1]1845]: Parede. **Forma 4**. Grupo técnico 8 (Ibiza). Diâmetro de bordo- NI. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XIII.191** [CM(02)[373]5082]: Bordo e parede. **Forma 4 (?)**. Grupo técnico 8 (Ibiza). Diâmetro de bordo- 90 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XIII. 192** [CM(87)[C5,niv.1]7956]: Bordo e parede. **Forma 5 (?)**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro de bordo- 100 mm. Espessura média- 2 mm. Engobe preto na parede externa.

**Estampa XIII.193** [CM(02)[360]3916]: Parede. **Forma 10**. Grupo técnico 8 (Ibiza). Diâmetro- 90 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XIII.194** [CM(02)[360]3918]: Fundo e parede. **Forma 10**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro de fundo- 60 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XIII. 195** [CM(02)[421]8964]: Fundo e parede. **Forma 10**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro de fundo- 50 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XIII.196** [CM(88)[E6,niv1]391]: Fundo e parede. **Forma 10**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro de fundo- 42 mm. Espessura média- 1,5 mm.

**Estampa XIII.197** [CM(02)[385]5903]: Fundo e parede. **Forma 10**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro do fundo- 40 mm. Espessura média 1,5 mm.

**Estampa XIII.198** [CM(88)[F3,niv.4]5225]: Fundo e parede. **Forma 10**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro do fundo- 40 mm. Espessura média 3 mm.

**Estampa XIII.199** [CM(02)[385]9851]: Asa. **Forma 10 (?)**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro do fundo- NI. Espessura média NI.

**Estampa XIII.200** [CM(87)[C6,niv.2]7712]: Bordo e parede. **Forma 21**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro de bordo- 95 mm. Espessura média- 3 mm. Vestígios de alisamento.

**Estampa XIII.201** [CM(87)[B5,niv.2]5870]: Bordo e parede. **Forma 21**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro de bordo- 90 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XIII.202** [CM(87)[C5,niv.1]7840]: Bordo e parede. **Forma 21**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro de bordo- 90. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XIII.203** [CM(87)[D6,niv.2]405]: Bordo e parede. **Forma 21**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro de bordo- 96. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XIV.204** [CM(84)[F2,niv.3]9724]: Bordo e parede. **Forma 21**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro de bordo- 60. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XIV.205** [CM(02)[402]8863]: Bordo e colo. **Forma 24**. Grupo técnico 8 (Ibiza). Diâmetro de bordo- 80 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XIV.206** [CM(02)[390]8890]: Bordo e colo. **Forma 24**. Grupo técnico 8 (Ibiza). Diâmetro de bordo- 80 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XIV.207** [CM(02)[385]5559]: Bordo e colo. **Forma 24**. Grupo técnico 8 (Ibiza). Diâmetro de bordo- 68 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XIV.208** [CM(02)[385]9968]: Bordo e colo. **Forma 24 (?)**. Grupo técnico 8 (Ibiza). Diâmetro de bordo- 70. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XIV.209** [CM(02)[360]6298]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro do fundo- 60 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XIV.210** [CM(02)[385]7362]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro de fundo- 42 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XIV.211** [CM(02)[385]7357]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro de fundo- 30 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XIV.212** [CM(02)[385]5967]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro de fundo- 50 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XIV.213** [CM(02)[385]9832]: Fundo e arranque de parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro do fundo- 40 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XIV.214** [CM(02)[395]9841]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro do fundo- 70 mm. Espessura média- 1,5 mm.

**Estampa XIV.215** [CM(02)[360]9987]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro de fundo- 70 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XIV.216** [CM(02)[360]3920]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro de fundo- 50 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XIV.217** [CM(87)[B5,niv.1]5718]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro de fundo- 50 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XIV.218** [CM(83-88)[sup.]5376]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro de fundo- 36 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XIV.219** [CM(00)[33]720]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 7 (Ibiza). Diâmetro de fundo- NI. Espessura média-3,5 mm.

**Estampa XIV.220** [CM(02)[385]9831]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 10 (Ibiza). Diâmetro de fundo-NI. Espessura média- 4 mm.

**Estampa XIV.221** [CM(02)[385]9875]: Bojo. Decoração incisa. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 7 (Ibiza) (?). Espessura média- 3 mm.

**Estampa XV.222** [CM(00)[52]1050]: Bojo. Decoração a barbotina. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 8 (Ibiza). Espessura média 3,5 mm.

**Estampa XV.223** [CM(02)[385]9872]: Bojo. Decoração incisa. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 8 (Ibiza). Espessura média- 3 mm.

**Estampa XV. 224** [CM(02)[385]9903]: Bojo. Decoração a guilhoché. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 8 (Ibiza). Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XV. 225** [CM(02)[385]9760]: Bojo. Decoração a guilhoché. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 8 (Ibiza). Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XV.226** [CM(02)[385]7387]: Bojo. Decoração a barbotina. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 8 (Ibiza). Espessura média 2,5 mm.

**Estampa XV.227** [CM(02)[385]9947]: Bordo. **Mayet VIII**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 80. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XV.228** [CM(02)[385]9613]: Bordo, parede e arranque de asa. **Mayet VIII A**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 80. Espessura média- 2,5 mm. Apresenta vestígios de engobe acastanhado na parede externa.

**Estampa XV.229** [CM(87)5705]: Bordo e arranque de parede. **Mayet VIII C**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 60. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XV.230** [CM(01)[sup.]2501]: Bordo. **Mayet VIII C (?)**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 40. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XV.231** [CM(02)[385]9835]: Moldura do pé. **Mayet IX**. Grupo técnico 9 (Bética).

**Estampa XV.232** [CM(02)[6]972]: Carena. **Mayet XXXIV**. Grupo técnico 10 (Bética- “Casca de ovo”). Diâmetro de carena- 103. Espessura média- 1,5 mm.

**Estampa XV.233** [CM(84)5047]: Carena. **Mayet XXXIV**. Grupo técnico 10 (Bética- “Casca de ovo”). Diâmetro de carena- 92. Espessura média- 1,5 mm.

**Estampa XV.234** [CM(02)[385]9827]: Fundo. **Mayet XXXIV**. Grupo técnico 10 (Bética- “Casca de ovo”). Diâmetro de fundo- 32. Espessura média- 1,5 mm.

**Estampa XV.235** [CM(02)[385]9977]: Bordo. **Mayet XXXIV A**. Grupo técnico 10 (Bética- “Casca de ovo”). Diâmetro de bordo-92. Espessura média- 1,5 mm.

**Estampa XVI.236** [CM(88)1761]: Parede. **Mayet XXXIV C (?)**. Grupo técnico 10 (Bética- “Casca de ovo”). Diâmetro de parede- 82. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XVI.237** [CM(02)[385]7354/9958]: Bordo e parede. Decoração areada. **Mayet/Lopez Mullor XXXVII,1**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo-110. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XVI.238** [CM(02)[385]2771]: Bordo e parede. Decoração areada. **Mayet/Lopez Mullor XXXVII,1**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo-100. Espessura média- 2,5 mm. Superfície externa muito desgastada.

**Estampa XVI.239** [CM(02)[385]7378]: Bordo e parede. Decoração areada. **Mayet/Lopez Mullor XXXVII,1**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 82. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XVI.240** [CM(87)11007]: Bordo e parede. Decoração areada. **Mayet/Lopez Mullor XXXVII,1**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 90. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XVI.241** [CM(88)419]: Bordo e parede. Decoração areada. **Mayet/Lopez Mullor XXXVII,1**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 110. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XVI.242** [CM(02)[385]9860]: Bordo e parede. Decoração a barbotina. **Mayet XXXVII A.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 110. Espessura média- 2,5 mm. Superfície externa muito desgastada.

**Estampa XVI.243** [CM(88)335]: Bordo e parede. Decoração a barbotina. **Mayet XXXVII A.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 90. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XVI.244** [CM(02)[385]9967]: Bordo e parede. Decoração com rede de losangos. **Mayet XXXVII A.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 88. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XVI.245** [CM(02)[385]2580]: Bordo e parede. Decoração com rede de losangos. **Mayet XXXVII A.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 100. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XVI.246** [CM(02)[385]9955]: Bordo e parede. Decoração com rede de losangos. **Mayet XXXVII A.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 90. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XVI.247** [CM(02)[385]1810]: Bordo e parede. Decoração com rede de losangos. **Mayet XXXVII A.** Grupo técnico 10 (Bética). Diâmetro de bordo- 88. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XVI.248** [CM(02)[385]9956]: Bordo e parede. Decoração com rede de losangos. **Mayet XXXVII A.** Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 3 mm.

**Estampa XVI.249** [CM(02)[385]9854]: Parede e arranque de fundo. Decoração com rede de losangos. **Mayet XXXVII A.** Grupo técnico 10 (Bética). Diâmetro de fundo- 49 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XVII.250** [CM(029)[385]9974]: Bordo e parede. Decoração a barbotina (pérolas e motivos vegetais). **Mayet XXXVII A.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 140 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XVII.251** [CM(02)[385]7360]: Bordo e parede. Decoração a barbotina (pérolas). **Mayet XXXVII A.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 118 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XVII.252** [CM(02)[385]9951]: Bordo e parede. Decoração a barbotina (pérolas). **Mayet XXXVII A.** Grupo técnico 10 (Bética). Espessura média- 2 mm.

**Estampa XVII.253** [CM(02)[385]9940]: Bordo e parede. **Mayet XXXVII A.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 140 mm. Espessura média- 3 mm. Parede externa (parte superior) muito desgastada.

**Estampa XVII.254** [CM(02)[385]9953]: Bordo e parede. **Mayet XXXVII A.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 82 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XVII.255** [CM(02)[385]5949]: Bordo e parede. **Mayet XXXVII A.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 100 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XVII.256** [CM(02)[104]4344]: Bordo e parede. **Mayet XXXVII A.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 90 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XVII.257** [CM(84)5272]: Bordo e parede. **Mayet XXXVII A.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 98 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XVII.258** [CM(02)[385]9957]: Bordo e parede. **Mayet XXXVII A.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 70 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XVII.259** [CM(02)[385]9961]: Bordo e parede. **Mayet XXXVII A.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 98 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XVII.260** [CM(02)[473]5298]: Bordo e parede. **Mayet XXXVII A.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 100 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XVII.261** [CM(02)[385]9970]: Bordo e parede. **Mayet XXXVII A.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 90 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XVII.262** [CM(02)[sup.]9934]: Bordo e parede. **Mayet XXXVII A (?).** Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 2 mm.

**Estampa XVII.263** [CM(02)[385]9950]: Bordo e parede. **Mayet XXXVII A (?).** Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 2 mm.

**Estampa XVIII.264** [CM(02)[385]9973]: Bordo e parede. Decoração a barbotina (motivos vegetais). **Mayet XXXVII B.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 58 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XVIII.265** [CM(02)[360]3919]: Bordo e parede. Decoração a barbotina (escamas de pinha). **Mayet XXXVII B.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 68 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XVIII.266** [CM(02)[385]9941]: Bordo e parede. Decoração a barbotina (escamas de pinha). **Mayet XXXVII B.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 90 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XVIII.267** [CM(02)[385]9972]: Bordo e parede. Decoração a barbotina. **Mayet XXXVII B.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 69 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XVIII.268** [CM(02)[385]9937/9867]: Bordo e parede. **Mayet XXXVII B.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 65 mm. Espessura média- 2 mm.



**Estampa XVIII.269** [CM(87)334]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII**. Decoração (rede de losangos). Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 94 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XVIII.270** [CM(87)336]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII**. Decoração (rede de losangos). Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 92 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XVIII.271** [CM(02)[385]9980]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII**. Decoração (rede de losangos). Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 124 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XVIII.272** [CM(02)[385]9982]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII**. Decoração (rede de losangos). Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 90 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XVIII.273** [CM(02)[385]9976]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII**. Decoração (rede de losangos). Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 100 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XVIII.274** [CM(02)[385]945]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII**. Decoração (rede de losangos). Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 132 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XVIII.275** [CM(02)[385]9943]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII**. Decoração (rede de losangos). Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 110 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XVIII.276** [CM(02)[385]7352]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII**. Decoração (rede de losangos). Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 80 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XVIII.277** [CM(02)[385]5926]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII**. Decoração (rede de losangos). Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 118 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XIX.278** [CM(02)[385]8552]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII**. Decoração (rede de losangos). Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 100 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XIX.279** [CM(02)[385]9889]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII**. Decoração a barbotina (motivos vegetais). Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 100 mm. Espessura média- 2,5 mm. Superfície externa muito desgastada.

**Estampa XIX.280** [CM(02)[385]9966]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII**. Decoração a barbotina (pérola). Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 80 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XIX.281** [CM(02)[385]9964]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII**. Decoração a barbotina (pérola). Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XIX.282** [CM(02)[385]9964]: Carena. **Mayet XXXVIII**. Decoração a barbotina (motivos vegetais). Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro- 88 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XIX.283** [CM(88)337]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 140 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XIX.284** [CM(02)[385]9960]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 100 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XIX.285** [CM(02)[385]9981]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 128 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XIX.286** [CM(02)[385]9939]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 84 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XIX.287** [CM(02)[385]7399]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 114 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XIX.288** [CM(02)[385]9933]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 100 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XIX.289** [CM(02)[373]5233]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII (?)**. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 2 mm.

**Estampa XIX.290** [CM(02)[385]9935/9944]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII B**. Decoração a barbotina (Mamilos). Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 66 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XIX.291** [CM(02)[385]9896/9919]: Fundo e parede. **Mayet XXXVIII B**. Decoração a barbotina (Mamilos). Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de fundo- 80 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XIX.292** [CM(02)[385]9938/9954]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII B**. Decoração a barbotina (Mamilos). Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 52 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XIX.293** [CM(02)[385]9970]: Bordo e colo. **Mayet XXXIX**. Decoração a barbotina (Mamilo). Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 104 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XX.294** [CM(02)[385]9952]: Bordo e parede. **Mayet XL** (?). Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 80 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XX.295** [CM(02)[385]9946]: Bordo e parede. **Mayet XLII**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 80 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XX.296** [CM(02)[385]9942]: Bordo e parede. **Mayet XLII**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 72 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XX.297** [CM(02)[385]9806]: Fundo e parede. **Mayet XLII**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de fundo- 44 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XX.298** [CM(88)420]: Bordo e parede. **Mayet LIII**. Decoração a barbotina (?). Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 90 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XX.299** [CM(02)[385]9618]: Parede e asa. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de bordo- 86 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XX.300** [CM(02)[413]5242]: Bordo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XX.301** [CM(02)[385]9975]: Bordo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 2 mm.

**Estampa XX.302** [CM(02)[385]9949]: Bordo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 2 mm.

**Estampa XX.303** [CM(02)[373]5783]: Bordo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 2 mm.

**Estampa XX.304** [CM(02)[385]2837]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de fundo- 50 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XX.305** [CM(02)[385]9814]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de fundo- 34 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XX.306** [CM(02)[385]9807]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de fundo- 60 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XX.307** [CM(02)[385]9803]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XX.308** [CM(02)[385]9808]: Fundo e parede. Decoração a barbotina (lúnulas). **Forma indeterminada**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de fundo- 60 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XX.309** [CM(02)[385]9838]: Fundo e parede. Decoração a barbotina (lúnulas). **Forma indeterminada**. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XXI.310** [CM(02)[385]9826]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de fundo- 34 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XXI.311** [CM(02)[385]9829]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de fundo- 55 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XXI.312** [CM(02)[385]9863]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de fundo- 50 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XXI.313** [CM(02)[385]9818]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de fundo- 49 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XXI.314** [CM(00)[sup.]2468]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de fundo- 50 mm. Espessura média- 4 mm.

**Estampa XXI.315** [CM(02)[373]5457]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XXI.316** [CM(86)4280]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de fundo- 30 mm. Espessura média- 4 mm.

**Estampa XXI.317** [CM(02)[385]9839]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de fundo- 29 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XXI.318** [CM(83-88)[sup.]5375]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XXI.319** [CM(02)[373]5028]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Decoração arenosa. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 3 mm.

**Estampa XXI.320** [CM(02)[limp.]7842]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Decoração arenosa. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro do fundo- 44 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XXI.321** [CM(02)[360]9621]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Decoração arenosa. Grupo técnico 9 (Bética). Diâmetro de fundo- 40 mm. Espessura média- 1,5 mm.

**Estampa XXI.322** [CM(02)[385]9845]: Asa e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 9 (Bética).

**Estampa XXI.323** [CM(02)[385]9846]: Asa e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 9 (Bética).

**Estampa XXI.324** [CM(02)[385]9874]: Parede. **Forma indeterminada.** Decoração a barbotina. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 3 mm.

**Estampa XXI.325** [CM(02)[385]9931]: Parede. **Forma indeterminada.** Decoração a barbotina. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 3 mm.

**Estampa XXII.326** [CM(02)[360]9917]: Parede. **Forma indeterminada**. Decoração a barbotina. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XXII.327** [CM(02)[550]7344]: Parede. **Forma indeterminada**. Decoração a barbotina. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 3 mm.

**Estampa XXII.328** [CM(02)[360]3922]: Parede. **Forma indeterminada**. Decoração a barbotina. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XXII.329** [CM(02)[385]7371]: Parede. **Forma indeterminada**. Decoração a barbotina. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XXII.330** [CM(02)[385]3557]: Parede. **Forma indeterminada**. Decoração a barbotina. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XXII.331** [CM(02)[385]9929]: Parede. **Forma indeterminada**. Decoração a barbotina. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 3 mm.

**Estampa XXII.332** [CM(02)[385]7363]: Parede. **Forma indeterminada**. Decoração a barbotina. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 3 mm.

**Estampa XXII.333** [CM(02)[385]9927]: Parede. **Forma indeterminada**. Decoração a barbotina. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XXII.334** [CM(02)[385]9873]: Parede. **Forma indeterminada**. Decoração a barbotina. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 3 mm.

**Estampa XXII.335** [CM(02)[385]5912]: Parede. **Forma indeterminada**. Decoração a barbotina. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 3 mm.

**Estampa XXII.336** [CM(02)[385]9928]: Parede. **Forma indeterminada**. Decoração a barbotina. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XXII.337** [CM(02)[385]6317/9917]: Parede. **Forma indeterminada**. Decoração a barbotina. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 4 mm.

**Estampa XXIII.338** [CM(02)[385]9897]: Parede. **Forma indeterminada**. Decoração a barbotina. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XXIII.339** [CM(02)[385]1322]: Parede. **Forma indeterminada**. Decoração a barbotina. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XXIII.340** [CM(02)[38]1039]: Parede. **Forma indeterminada**. Decoração a barbotina. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XXIII.341** [CM(02)[385]9921]: Parede. **Forma indeterminada**. Decoração a barbotina. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XXIII.342** [CM(02)[385]9885]: Parede. **Forma indeterminada**. Decoração a barbotina. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XXIII.343** [CM(02)[385]9930]: Parede. **Forma indeterminada**. Decoração a barbotina. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 3 mm.

**Estampa XXIII.344** [CM(02)[385]9869]: Parede. **Forma indeterminada**. Decoração a barbotina. Grupo técnico 9 (Bética). Espessura média- 3 mm.

**Estampa XXIII.345** [CM(02)[360]3929]: Bordo e parede. **Mayet III (?)**. Grupo técnico 11 (Local/Regional- sul da Lusitânia). Espessura média- 1 mm.

**Estampa XXIII.346** [CM(02)[385]9959]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII (?)**. Grupo técnico 11 (Local/Regional- sul da Lusitânia). Espessura média- 3,5 mm

**Estampa XXIII.347** [CM(02)[385]9945]: Bordo e parede. **Mayet XXXVIII (?)**. Grupo técnico 11 (Local/Regional- sul da Lusitânia). Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XXIII.348** [CM(02)[385]7393]: Bordo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 11 (Local/Regional- sul da Lusitânia). Diâmetro de bordo- 80 mm. Espessura média- 2 mm

**Estampa XXIII.349** [CM(02)[398]5748]: Parede e arranque de bordo. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 11 (Local/Regional- sul da Lusitânia). Diâmetro- 70 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XXIII.350** [CM(02)[391]5109]: Parede e arranque de bordo. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 11 (Local/Regional- sul da Lusitânia). Diâmetro- 70 mm. Espessura média- 1,5 mm.

**Estampa XXIII.351** [CM(02)[412]9796]: Fundo. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 11 (Local/Regional- sul da Lusitânia). Diâmetro do fundo- 40 mm.

**Estampa XXIII.352** [CM(02)[385]7364]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 11 (Local/Regional- sul da Lusitânia). Diâmetro do fundo- 40 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XXIII.353** [CM(01)[118]4157]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 11 (Local/Regional- sul da Lusitânia). Diâmetro do fundo- 40 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XXIV.354** [CM(02)[385]9799]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 11 (Local/Regional- sul da Lusitânia). Diâmetro do fundo- 60 mm. Espessura média- 1,5 mm.

**Estampa XXIV.355** [CM(02)[412]9795]: Fundo e parede. **Forma indeterminada**. Grupo técnico 11 (Local/Regional- sul da Lusitânia). Diâmetro do fundo- 40 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XXIV.356** [CM(02)[385]9815]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 11 (Local/Regional- sul da Lusitânia). Diâmetro do fundo- 42 mm. Espessura média- 3 mm.

**Estampa XXIV.357** [CM(00)[33]716]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 11 (Local/Regional- sul da Lusitânia). Diâmetro do fundo- 44 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XXIV.358** [CM(02)[385]7351]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 11 (Local/Regional- sul da Lusitânia). Diâmetro do fundo- 40 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XXIV.359** [CM(02)[385]7373]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 11 (Local/Regional- sul da Lusitânia). Diâmetro do fundo- 68 mm. Espessura média- 2,5 mm.

**Estampa XXIV.360** [CM(02)[385]5902]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 11 (Local/Regional- sul da Lusitânia). Diâmetro de fundo- 50 mm. Espessura média- 3,5 mm.

**Estampa XXIV.361** [CM(02)[385]9819]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 11 (Local/Regional- sul da Lusitânia). Diâmetro do fundo- 65 mm. Espessura média- 1,5 mm.

**Estampa XXIV.362** [CM(02)[385]9822]: Fundo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 11 (Local/Regional- sul da Lusitânia). Diâmetro do fundo- 50 mm. Espessura média- 1,5 mm.

**Estampa XXIV.363** [CM(02)[385]9965]: Bordo e parede. **Similar Drag. 37.** Grupo técnico 12 (Gália-Montans). Diâmetro de bordo- 74 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XXIV.364** [CM(02)[385]3655]: Parede. **Forma indeterminada.** Decoração a molde (motivo vegetal). Grupo técnico 12 (Gália-Montans). Espessura média- 3 mm.

**Estampa XXIV.365** [CM(02)[385]7375]: Bordo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 13 (Zona Indeterminada 1). Diâmetro de bordo- 115. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XXIV.366** [CM(02)[385]11008]: Bordo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 13 (Zona Indeterminada 1). Diâmetro de bordo- 120 mm. Espessura média- 2 mm.

**Estampa XXIV.367** [CM(02)[477]8673]: Bordo e parede. **Forma indeterminada.** Grupo técnico 14 (Zona Indeterminada 2). Diâmetro de bordo- 120 mm. Espessura média- 2,5 mm.

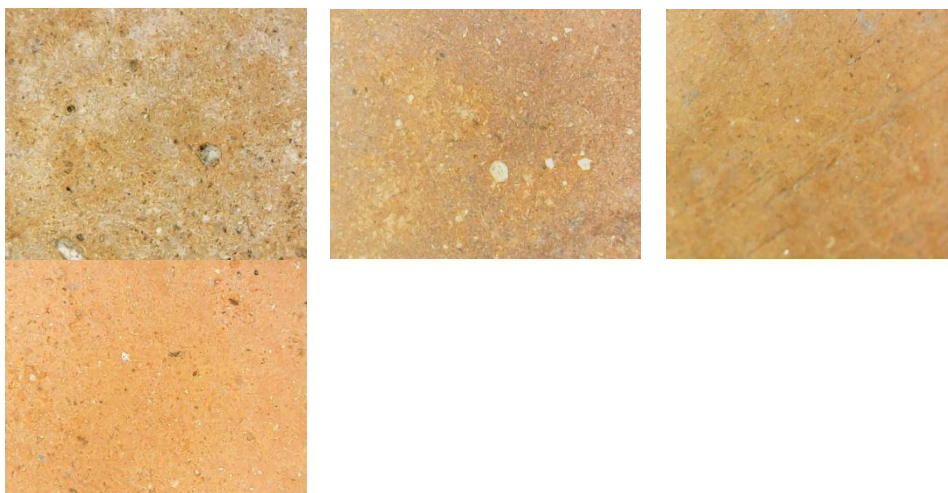
## **ANEXO 4 – Grupos Técnicos**



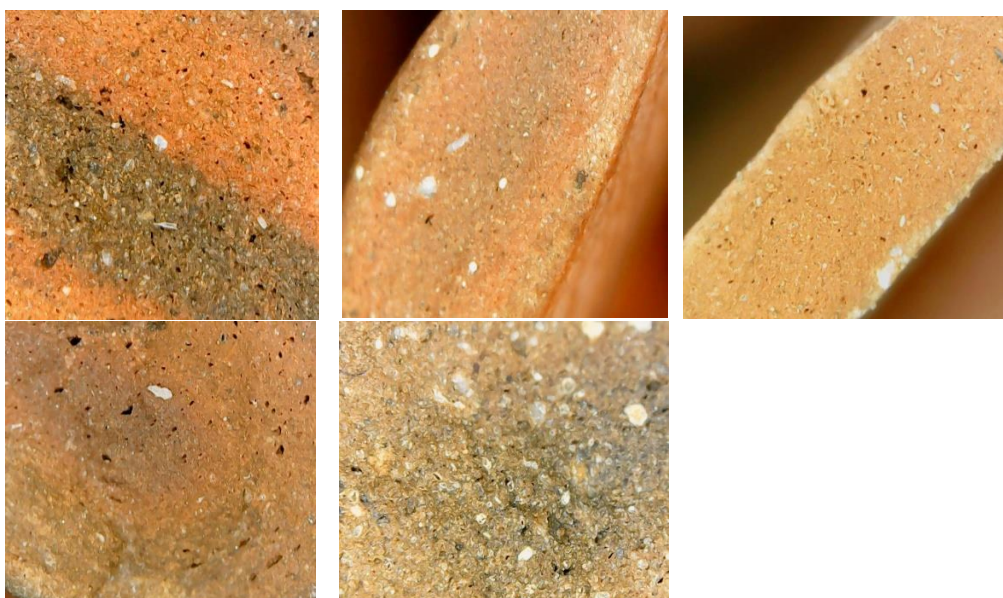
**Grupo técnico 1** (Origem proposta: Etrúria)

Modo de cozedura	A
Tipo de Pasta	Não calcária
Cor da superfície externa	Varia entre o acastanhado e o alaranjado (5YR 5/6 a 5/8; 7,5YR 6/6 a 6/8, 5/6 a 5/8 e 4/6)
Cor da pasta	Varia entre o alaranjado e o castanho claro (5YR 5/6 a 5/8, 7/8; 7,5YR 6/6 a 6/8, 5/6 a 5/8 e 4/6)
Revestimento	Algumas peças apresentam alisamento Algumas peças estão polidas em bandas Raras peças apresentam vestígios de engobe avermelhado
Inclusões	Raras, de muito pequena dimensão, praticamente invisíveis a olho nu
Descrição (através de análise macroscópica)	1- Minerais translúcidos ou opacos, de pequenas dimensões, arredondados, frequentes 2- Minerais brancos, de pequenas dimensões, angulosos, pouco frequentes 3- Minerais acastanhados, de pequenas dimensões, arredondados, raros 4- Minerais pretos, de pequenas dimensões, angulosos, raros 5- Mica douradas frequente
Vacúolos e fissuras	Raros e de várias dimensões
Aspecto da pasta	Compacta, muito depurada, e.n.p. quase invisíveis a olho nu.
Observações	As oscilações cromáticas nalgumas pastas demonstram que a cozedura não foi uniforme. Apresenta, nalguns casos, marcas de exposição ao fogo nos bordos, que consideramos serem derivados dos processos de empilhamento na cozedura.
Formas presentes em Castro Marim	Ricci 1/12, 1/14, 1/16, 1/20,362, 1/30, 1/35, 1/40, 1/47, 1/97, 1/101, 1/161, 1/172, 2/210, 2/316, Marabini XLIV, sim. Mar. V

Superfície externa (30x):



Pasta (30x):

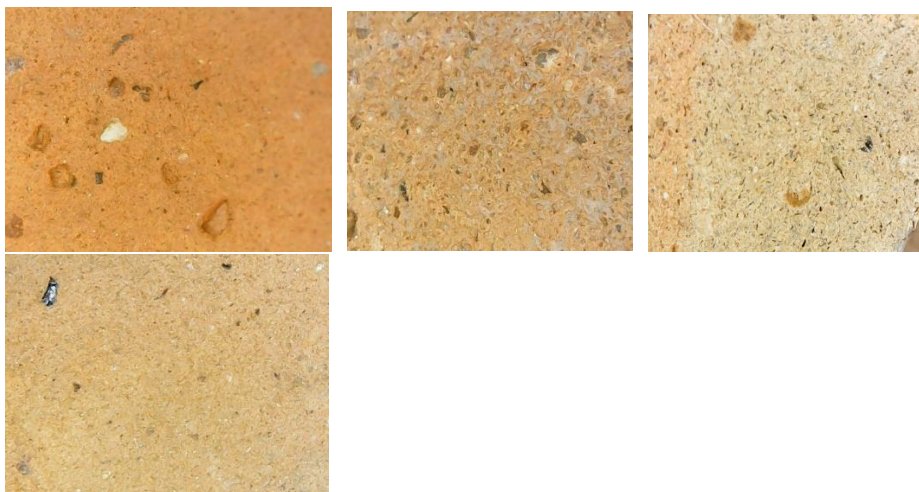


## Grupo técnico 2 (Origem proposta: Etrúria)

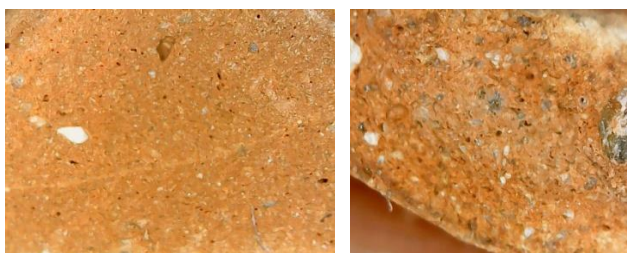
Modo de cozedura	A
Cor da superfície externa	Entre o bege e o alaranjado (7,5 YR 7/6 a 7/8, 6/6 a 6/8; 2,5YR 8/3 a 8/6)
Cor da pasta	Entre o bege e o alaranjado (7,5 YR 7/6 a 7/8, 6/6 a 6/8; 2,5YR 8/3 a 8/6)
Revestimento	Vestígios de engobe laranja nalgumas peças
Inclusões	0-5 %, de muito pequenas dimensões, praticamente invisíveis a olho nu
Descrição (através de análise macroscópica)	1- Minerais translúcidos ou opacos, de pequenas dimensões, arredondados, pouco frequentes

	<p>2- Minerais brancos, de pequenas dimensões, angulosos, pouco frequentes</p> <p>3- Minerais acastanhados, de pequenas dimensões, arredondados, raros</p> <p>4- Minerais pretos que brilham, de pequenas dimensões, angulosos, raros</p> <p>5- Minerais avermelhados, de pequenas dimensões, arredondados, raros</p> <p>6- Mica dourada frequente</p>
Vacúolos e fissuras	Muito raros e de pequenas dimensões
Aspecto da pasta	Compacta, muito depurada, e.n.p. praticamente invisíveis a olho nu
Observações	Vestígios de exposição ao fogo na parte externa de alguns bordos derivado dos processos de empilhamento durante a cozedura
Formas presentes em Castro Marim	1/61, 1/194, 1/161, 2/243, 2/391, Marabini XX

Superfície externa (30x):



Pasta (30x):



**Grupo técnico 3** (Origem proposta: Vale Centro-Occidental do Vale do Pó)

Modo de cozedura	C
Tipo de pasta	Não calcária
Cor da superfície externa	Cinzento claro a preto (Grey1 3/3 a 3/1, 2,5/1)
Cor da pasta	Cinzento claro a preto (Grey1 3/3 a 3/1, 2,5/1)
Tratamento	Algumas peças apresentam alisamento ou polimento
Inclusões	0-5%, raras, de muito pequena dimensão, praticamente invisíveis a olho nu
Descrição (através de análise macroscópica)	<ul style="list-style-type: none"><li>1- Minerais translúcidos ou opacos, de pequenas dimensões, arredondados, frequentes</li><li>2- Minerais brancos, de pequenas dimensões, angulosos, pouco frequentes</li><li>3- Minerais acastanhados, de pequenas dimensões, arredondados, raros</li><li>4- Mica dourada frequente</li></ul>
Vacúolos e fissuras	Raros e de várias dimensões
Aspecto da pasta	Compacta, depurada, e.n.p. invisíveis a olho nu
Observações	
Formas presentes em Castro Marim	Ricci 1/20, 362; 1/35, 1/161, 2/232,405,

Superfície externa:



Pasta:



**Grupo técnico 4** (Origem proposta: Zona Oriental do Vale do Pó e Costa Adriática)

Modo de cozedura	C
Tipo de pasta	Não calcária
Cor da superfície externa	Cinzentos claros a cinzentos escuros (Grey 1 5/1)
Cor da pasta	Cinzentos claros a cinzentos escuros (Grey 1 5/1)
Tratamento	Presença de engobe acastanhado numa peça (10YR 4/3)
Inclusões	0-5%, raras, de muito pequena dimensão
Descrição (através de análise macroscópica)	<ul style="list-style-type: none"><li>1- Minerais translúcidos ou opacos, de pequenas dimensões, arredondados, pouco frequentes</li><li>2- Minerais brancos, de pequenas dimensões, angulosos, pouco frequentes</li><li>3- Minerais acastanhados, de pequenas dimensões, arredondados, raros</li><li>4- Minerais pretos, que brilham, de pequenas dimensões, angulosos, raros</li><li>5- Mica dourada pouco frequente</li></ul>
Vacúolos e fissuras	Raros e de várias dimensões
Aspecto da pasta	Compacta, depurada, e.n.p. invisíveis a olho nu
Observações	
Formas presentes em Castro Marim	Ricci 1/122; 2/231,402

Superfície externa (30x):



Pasta (30x):





**Grupo técnico 5** (Origem proposta: Zona Oriental do Vale do Pó e Costa Adriática)

Modo de cozedura	C
Tipo de pasta	Não calcária
Cor da superfície externa	Cinzento claro (Grey 1 6/1)
Cor da pasta	Cinzento claro (Grey 1 6/1)
Tratamento	
Inclusões	10-20%, frequentes, de pequena dimensão
Descrição (através de análise macroscópica)	<ul style="list-style-type: none"><li>1- Minerais translúcidos ou opacos, de pequena e média dimensão, arredondados, frequentes</li><li>2- Minerais brancos, de pequenas dimensões, angulosos, frequentes</li><li>3- Minerais acastanhados, de pequenas dimensões, arredondados, raros</li><li>4- Minerais pretos, que brilham, de pequenas dimensões, angulosos, raros</li><li>5- Mica dourada e prateada frequente</li></ul>
Vacúolos e fissuras	Raros e de várias dimensões
Aspecto da pasta	Compacta, depurada, e.n.p. frequentes a olho nu
Observações	A frequência dos e.n.p. leva a que a peça tenha uma textura rugosa
Formas presentes em Castro Marim	Ricci 1/122

Superfície externa (30x):



Pasta (30x):



**Grupo técnico 6** (Origem proposta: zona Centro-Itálica)

Modo de cozedura	A
Tipo de pasta	Não calcária
Cor da superfície externa	Acastanhado (5YR 6/6, 5/6)
Cor da pasta	Acastanhado (5YR 6/6, 5/6)
Revestimento	Alisamento
Inclusões	0-5 %, de muito pequenas dimensões, invisíveis a olho nu
Descrição (através de análise macroscópica)	<ul style="list-style-type: none"><li>1- Minerais translúcidos ou opacos, de pequenas dimensões, arredondados, pouco frequentes</li><li>2- Minerais brancos, de pequenas dimensões, angulosos, pouco frequentes</li><li>3- Minerais acastanhados, de pequenas dimensões, arredondados, raros</li><li>4- Mica dourada pouco frequente</li></ul>
Vacúolos e fissuras	Muito raros e de pequenas dimensões
Aspecto da pasta	Compacta, muito depurada, e.n.p. invisíveis a olho nu
Observações	Variações cromáticas na parede externa da peça
Formas presentes em Castro Marim	Ricci 1/159

Superfície externa (30x):



Pasta (30x):



**Grupo técnico 7** (Origem proposta: Ibiza)

Modo de cozedura	C
Tipo de pasta	Não calcária
Cor da superfície externa	Cinzentos claros a cinzentos escuros, acastanhados (Grey 2 4/1, 3/1, 2,5/1)
Cor da pasta	Cinzentos claros a cinzentos escuros (Grey 2 4/1, 3/1, 2,5/1)
Revestimento	Engobe preto
Inclusões	0-5 %, de muito pequenas dimensões, invisíveis a olho nu
Descrição (através de análise macroscópica)	1- Minerais translúcidos ou opacos, de pequenas dimensões, arredondados, pouco frequentes 2- Minerais brancos, de pequena a média dimensão, angulosos, pouco frequentes 3- Minerais acastanhados, de pequenas dimensões, arredondados, raros 4- Mica prateada frequente
Vacúolos e fissuras	Muito raros e de pequenas dimensões
Aspecto da pasta	Compacta, não muito depurada, e.n.p. invisíveis a olho nu, rugosa ao tacto
Observações	
Formas presentes em Castro Marim	Forma 2, 3, 5A, 10, 21

Superfície externa (30x):





Pasta (30x):



**Grupo técnico 8** (Origem proposta: Ibiza)

Modo de cozedura	A
Tipo de pasta	Não calcária
Cor da superfície externa	Alaranjado e acastanhado (5YR 7/6 a 7/8, 6/6 a 6/8, 5/6 a 5/8)
Cor da pasta	Alaranjado e acastanhado (5YR 7/6 a 7/8, 6/6 a 6/8, 5/6 a 5/8)
Revestimento	Engobe preto a revestir a superfície de algumas peças
Inclusões	0-5 %, de muito pequenas dimensões, praticamente invisíveis a olho nu
Descrição (através de análise macroscópica)	<ul style="list-style-type: none"> <li>1- Minerais translúcidos ou opacos, de pequenas dimensões, arredondados, pouco frequentes</li> <li>2- Minerais brancos, de pequena a média dimensão, angulosos, pouco frequentes</li> <li>3- Minerais acastanhados, de pequenas dimensões, arredondados, raros</li> <li>4- Mica prateada frequente</li> </ul>
Vacúolos e fissuras	Muito raros e de pequenas dimensões
Aspecto da pasta	Compacta, depurada, e.n.p. praticamente invisíveis a olho nu,
Observações	
Formas presentes em Castro Marim	Forma 2, 3, 4, 10, 24

Superfície externa (30x):



Pasta (30x):



**Grupo técnico 9** (Origem proposta: Bética)

Modo de cozedura	A
Tipo de pasta	Calcária
Cor da superfície externa	Bege (10 YR 6/1, 6/3, 6/4, 7/4, 7/6)
Cor da pasta	Bege (10 YR 6/1, 6/3, 6/4, 7/4, 7/6)
Revestimento	Engobe alaranjado ou marrom
Inclusões	0-5 %, de muito pequenas dimensões, praticamente invisíveis a olho nu
Descrição (através de análise macroscópica)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1- Minerais translúcidos ou opacos, de pequenas dimensões, arredondados, pouco frequentes</li> <li>2- Minerais brancos, de pequena a média dimensão, angulosos, pouco frequentes</li> <li>3- Minerais acastanhados, de pequenas dimensões, arredondados, raros</li> <li>4- Inclusões vermelhas, de pequenas dimensões. arredondadas, raros.</li> <li>5- Mica dourada e prateada frequente</li> </ol>
Vacúolos e fissuras	Muito raros e de pequenas dimensões
Aspecto da pasta	Compacta, depurada, porosa, e.n.p. praticamente invisíveis a olho nu,

Observações	
Formas presentes em Castro Marim	Mayet VIII, VIII A, VIII C, IX, XXIV, XXXVII, XXXVIII, XXXIX, XL, XLII, LIII

Superfície externa (30x):



Pasta (30x):

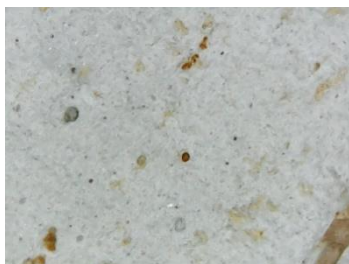


**Grupo técnico 10** (Origem proposta: Bética- “Casca de Ovo”)

Modo de cozedura	C
Tipo de pasta	Calcária
Cor da superfície externa	Cinzento (10 YR 7/1, 7/2)
Cor da pasta	Cinzento (10 YR 7/1, 7/2)
Revestimento	
Inclusões	0-5 %, de muito pequenas dimensões, invisíveis a olho nu
Descrição (através de análise macroscópica)	<p>1- Minerais translúcidos ou opacos, de pequenas dimensões, arredondados, pouco frequentes</p> <p>2- Minerais brancos, de pequena dimensão, angulosos, pouco frequentes</p> <p>3- Inclusões vermelhas, de pequenas dimensões. arredondadas, raros.</p> <p>4- Mica prateada frequente</p>
Vacúolos e fissuras	Raros, pequenas dimensões e vários formatos

Aspecto da pasta	Compacta, muito depurada, e.n.p. invisíveis a olho nu,
Observações	
Formas presentes em Castro Marim	Mayet XXXIV, XXXIV A, XXXIVC (?)

Superfície externa (30x):



Pasta (30x):



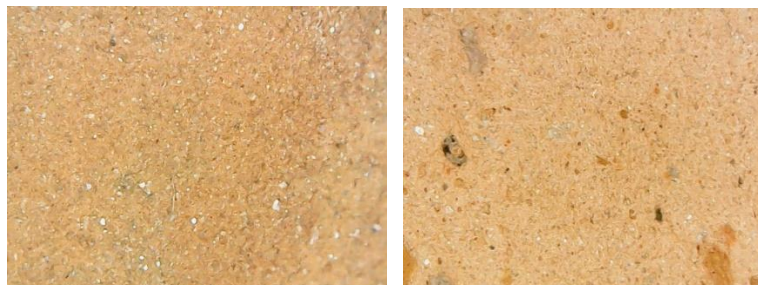
#### **Grupo técnico 11** (Origem proposta: Local/Regional-Sul da Lusitânia)

Modo de cozedura	A
Tipo de pasta	Não calcária
Cor da superfície externa	Alaranjado (5YR 7/6, 7/8, 6/6, 6/8, 5/6, 5/8; 2,5YR 6/8)
Cor da pasta	Alaranjado (5YR 7/6, 7/8, 6/6, 6/8, 5/6, 5/8; 2,5YR 6/8)
Revestimento	Engobe pouco espesso de tonalidade alaranjada
Inclusões	0-5 %, de pequenas dimensões, invisíveis a olho nu
Descrição (através de análise macroscópica)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1- Minerais translúcidos ou opacos, de pequenas dimensões, arredondados, pouco frequentes</li> <li>2- Minerais brancos, de pequena dimensão, angulosos, pouco frequentes</li> <li>3- Minerais castanhos, de pequena dimensão, angulosos, pouco frequentes</li> <li>4- Inclusões vermelhas, de muito pequenas dimensões. arredondadas, raros</li> <li>5- Mica prateada e dourada frequente</li> </ol>
Vacúolos e fissuras	Raros, de várias formas
Aspecto da pasta	Compacta, depurada, porosa, e.n.p. de pequena dimensão
Observações	



Formas presentes em Castro Marim	Mayet III (?), XXXVIII (?)
----------------------------------	----------------------------

Superfície externa (30x):



Pasta (30x):



### Grupo técnico 12 (Origem proposta: *Gallia*- Montans)

Modo de cozedura	A
Tipo de pasta	Não calcária
Cor da superfície externa	Alaranjado (2,5 YR 5/8, 6/8)
Cor da pasta	Alaranjado (2,5 YR 5/8, 6/8)
Revestimento	Engobe vermelho
Inclusões	0-5 %, de muito pequenas dimensões, invisíveis a olho nu
Descrição (através de análise macroscópica)	1- Minerais translúcidos ou opacos, de muito pequenas dimensões, arredondados, pouco frequentes 2- Minerais brancos, de muito pequena dimensão, angulosos, pouco frequentes 3- Inclusões vermelhas, de muito pequenas dimensões. arredondadas, raros 4- Mica prateada pouco frequente
Vacúolos e fissuras	Raros
Aspecto da pasta	Compacta, muito depurada, e.n.p. invisíveis a olho nu,
Observações	

Formas presentes em Castro Marim	Similar Drag. 37
----------------------------------	------------------

Superfície externa (30x):



Pasta (30x):



### Grupo técnico 13 (Origem proposta: Zona indeterminada 1)

Modo de cozedura	A
Tipo de pasta	Não calcária
Cor da superfície externa	Alaranjada (2,5 YR 5/6, 5/8, 6/8; 10 R 5/8)
Cor da pasta	Laranja
Revestimento	
Inclusões	5-10 %, de pequenas e médias dimensões, invisíveis a olho nu
Descrição (através de análise macroscópica)	<ul style="list-style-type: none"> <li>1- Minerais translúcidos ou opacos, de pequena e média dimensão, arredondados, pouco frequentes</li> <li>2- Minerais brancos, de pequena dimensão, angulosos, pouco frequentes</li> <li>3- Inclusões vermelhas, de muito pequenas dimensões, arredondadas, raros</li> <li>4- Mica prateada e dourada frequente</li> </ul>
Vacúolos e fissuras	Raros, de pequenas dimensões
Aspecto da pasta	Compacta, medianamente depurada, inclusões visíveis a olho nu
Observações	Rugosa ao tacto
Formas presentes em Castro Marim	Indeterminadas

Superfície externa (30x):



Pasta (30x):



**Grupo técnico 14** (Origem proposta: Zona indeterminada 2)

Modo de cozedura	C
Tipo de pasta	Não calcária
Cor da superfície externa	Castanho (2,5YR 4/6, 4/8, 3/6)
Cor da pasta	Preto (2,5 YR 2,5/1)
Revestimento	
Inclusões	10-20%, de pequena e média dimensão, visíveis a olho nu
Descrição (através de análise macroscópica)	<ul style="list-style-type: none"><li>1- Minerais translúcidos ou opacos, de pequena e média dimensão, arredondados, frequentes</li><li>2- Minerais brancos, de pequena e média dimensão, angulosos, frequentes</li><li>3- Minerais cinzentos, de pequena e média dimensão, arredondados, frequentes</li><li>4- Inclusões vermelhas, de muito pequenas dimensões, arredondadas, raros</li><li>5- Mica prateada e dourada frequente</li></ul>
Vacúolos e fissuras	Raros, de pequenas dimensões
Aspecto da pasta	Pasta rugosa, pouco depurada, pouco homogénea, com inclusões visíveis a olho nu
Observações	
Formas presentes em Castro Marim	Indeterminadas

Superfície externa (30x):

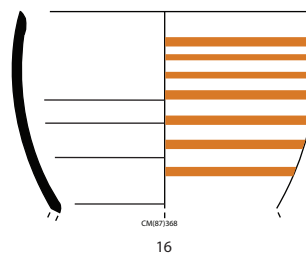
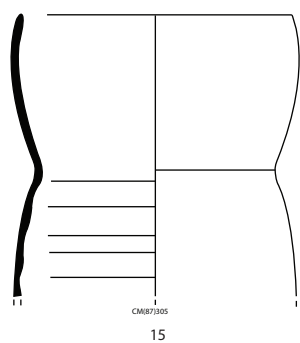
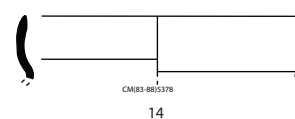
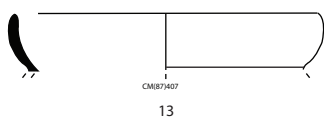
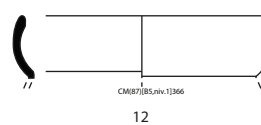
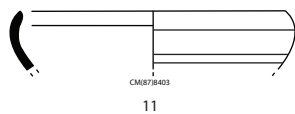
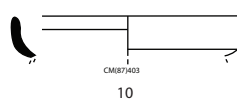
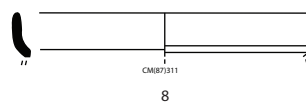
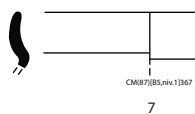
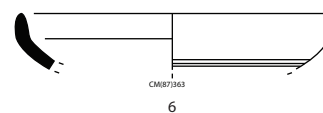
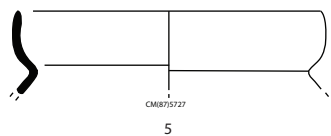
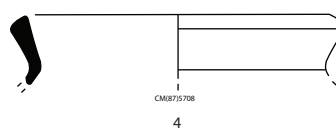
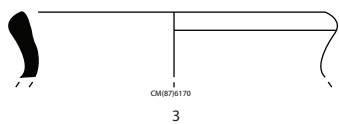
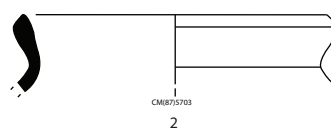
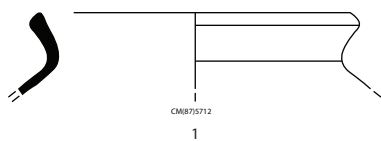


Pasta (30x):

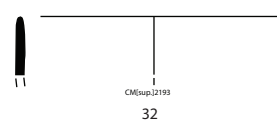
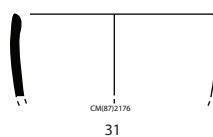
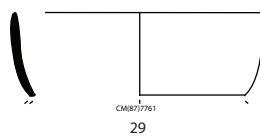
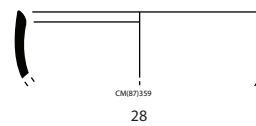
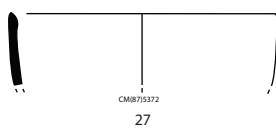
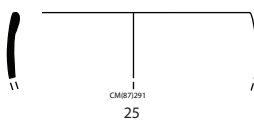
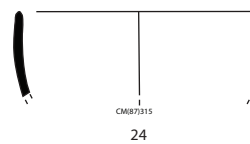
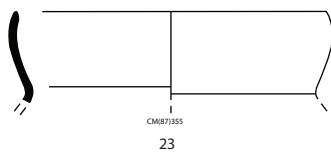
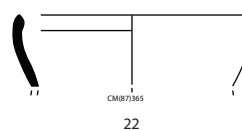
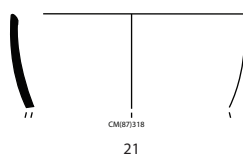
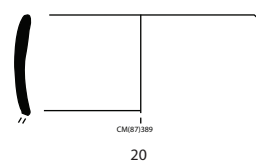
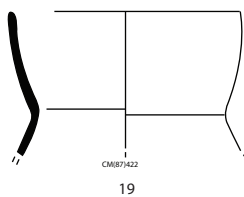
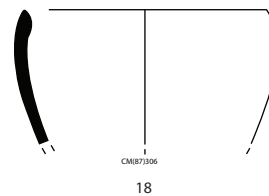
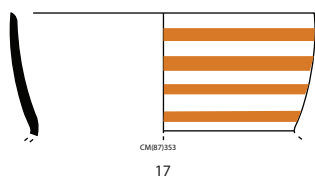




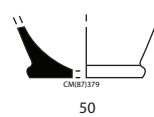
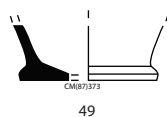
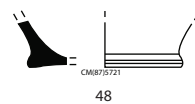
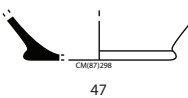
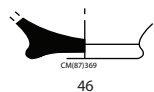
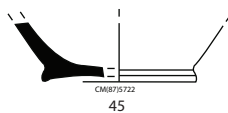
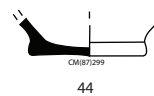
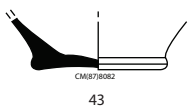
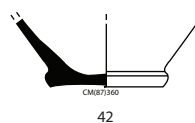
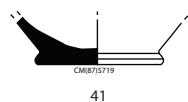
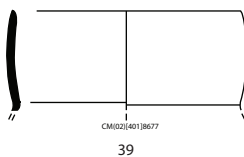
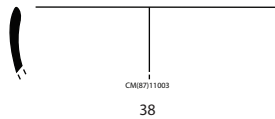
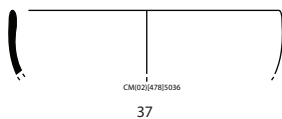
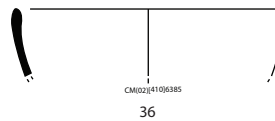
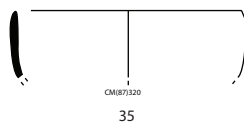
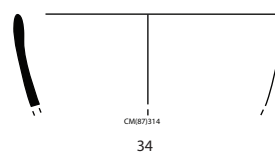
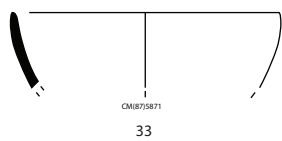
## **ANEXO 5 – Estampas**



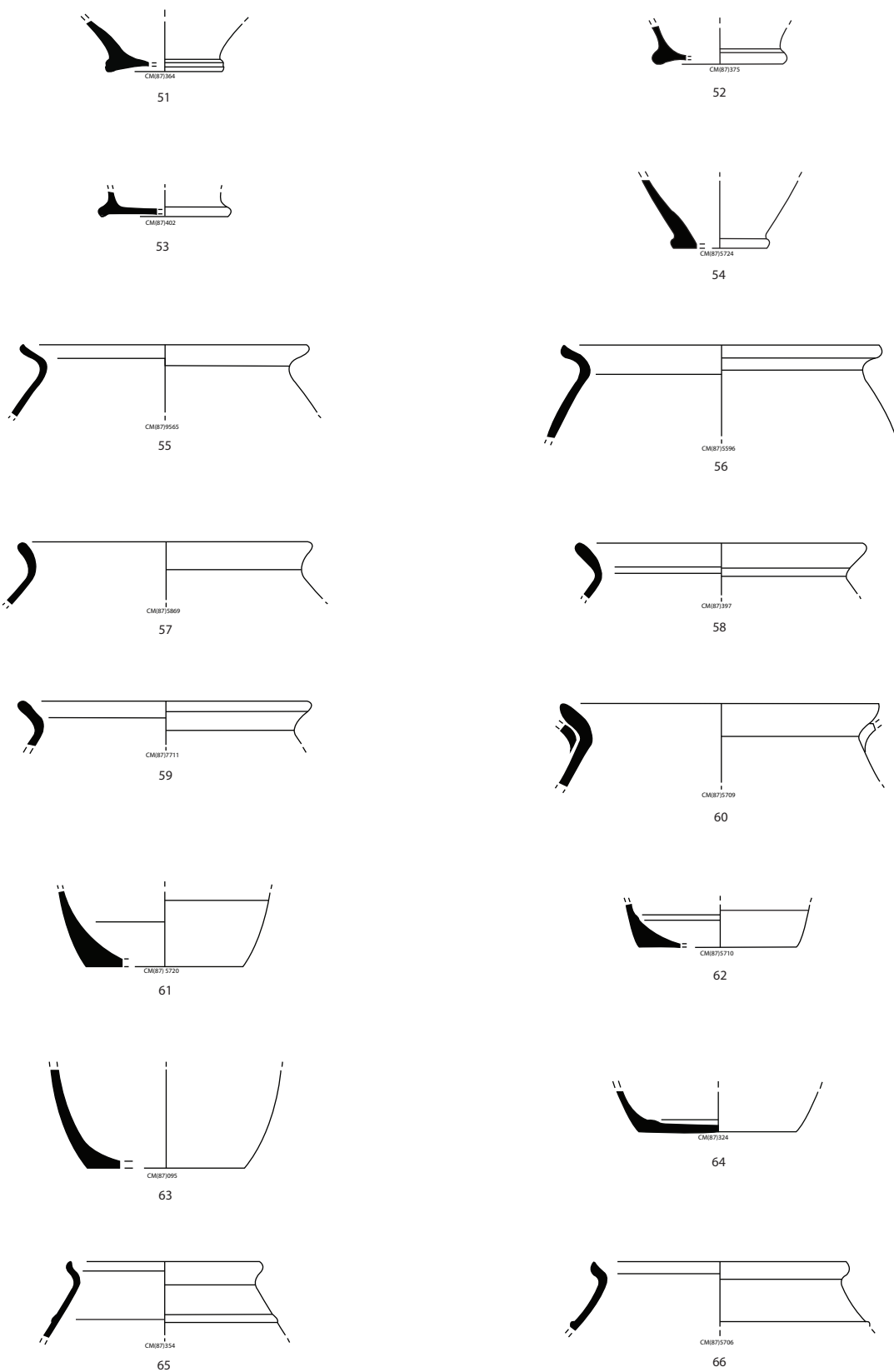
Estampa I - Paredes Finas do Grupo 1 (Etrúria)



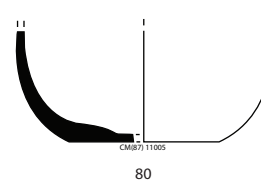
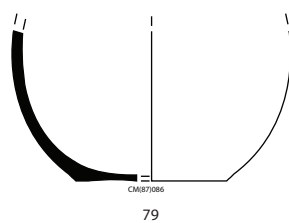
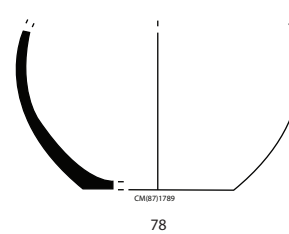
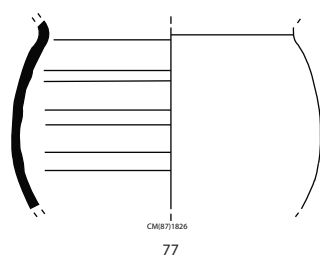
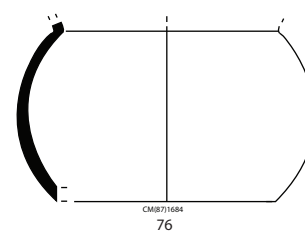
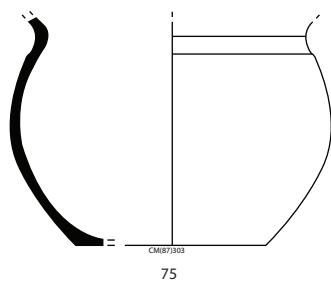
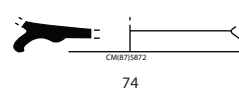
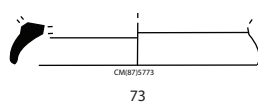
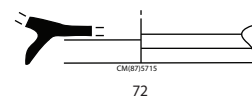
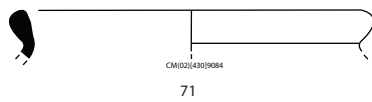
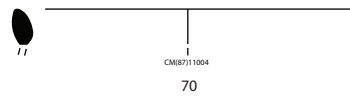
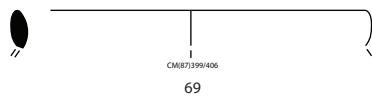
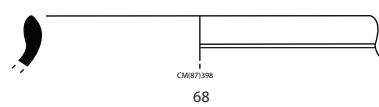
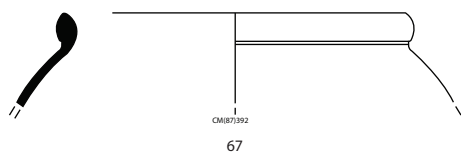
Estampa II - Paredes finas do grupo 1 (Etrúria)



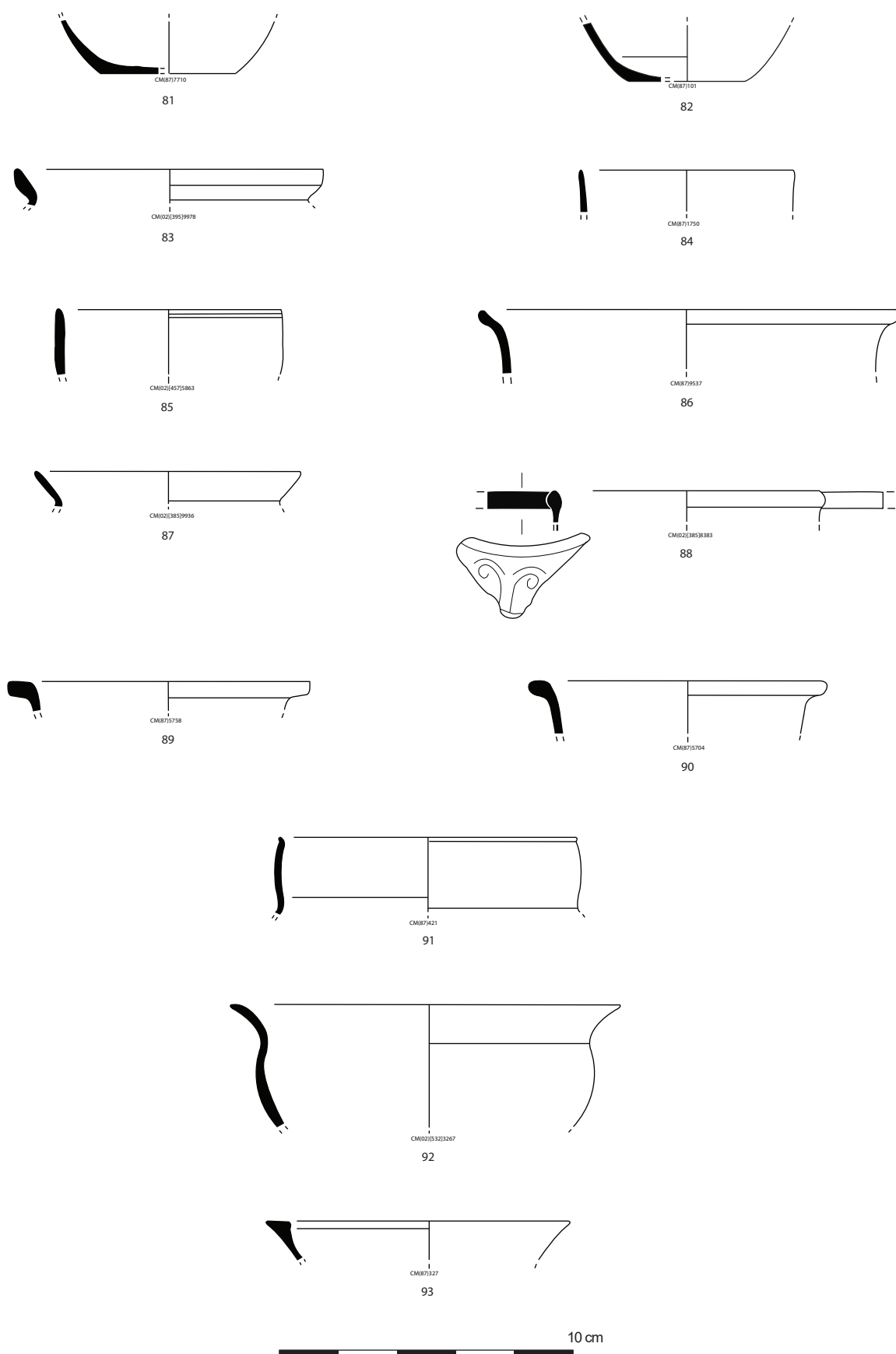
Estampa III- Paredes Finas do grupo 1 (Etrúria)



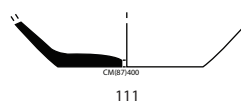
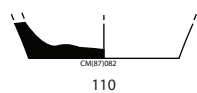
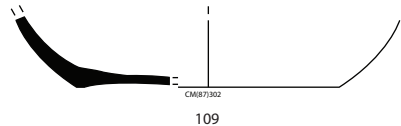
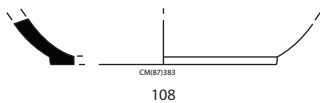
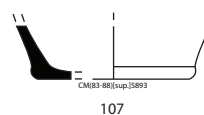
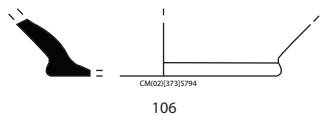
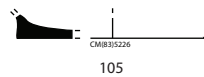
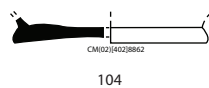
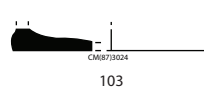
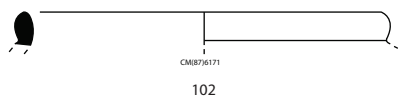
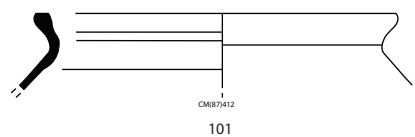
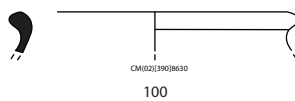
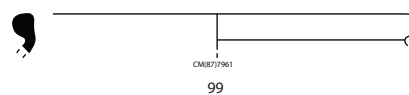
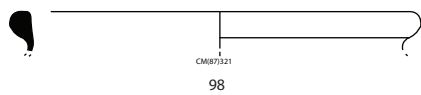
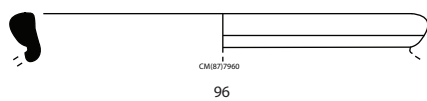
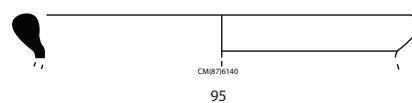
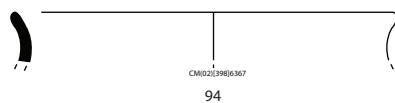
Estampa IV- Paredes Finas do grupo 1 (Etrúria)



Estampa V- Paredes Finas dos grupos 1 e 2 (Etrúria)

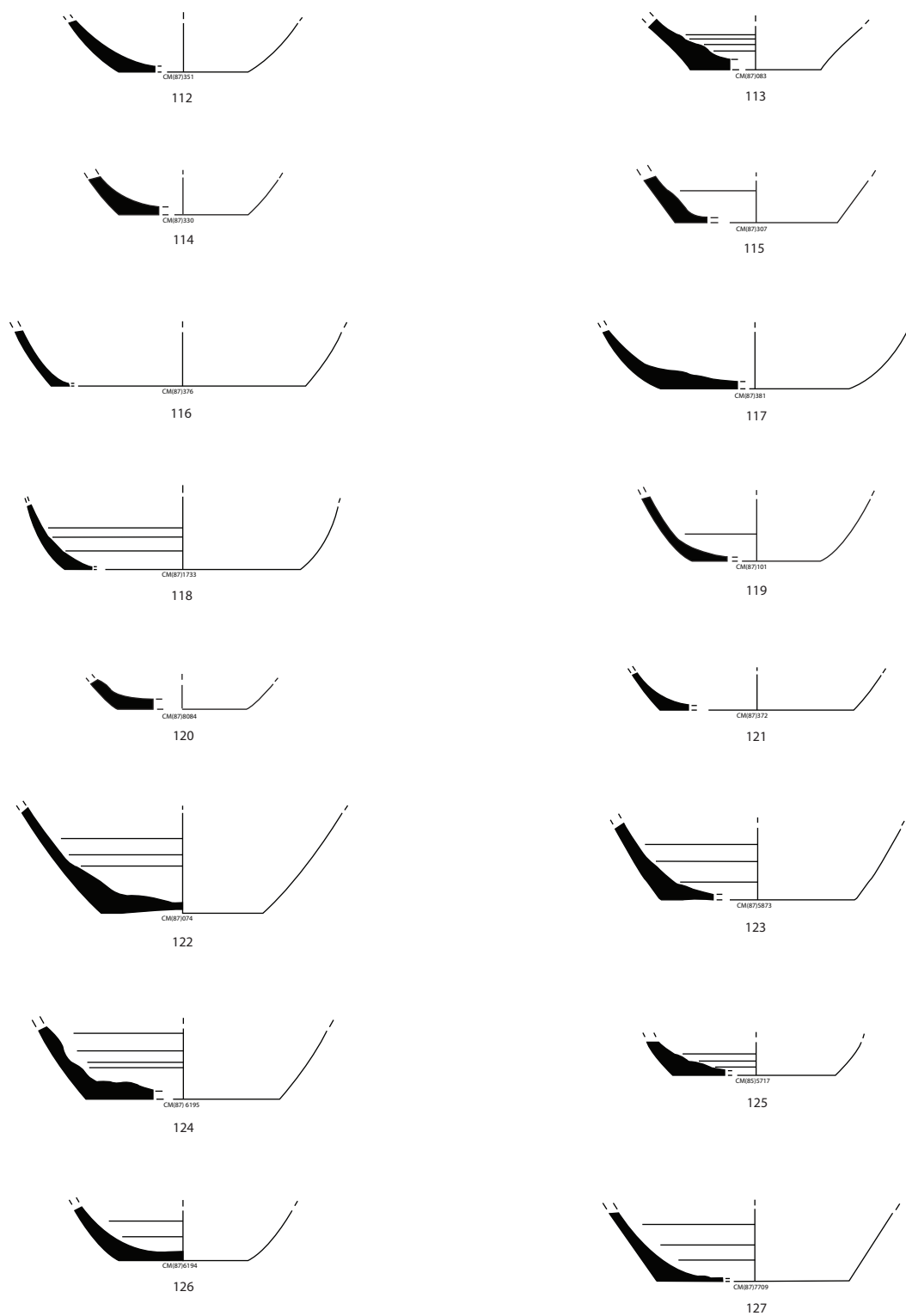


Estampa VI- Paredes Finas dos grupos 1 e 2 (Etrúria)

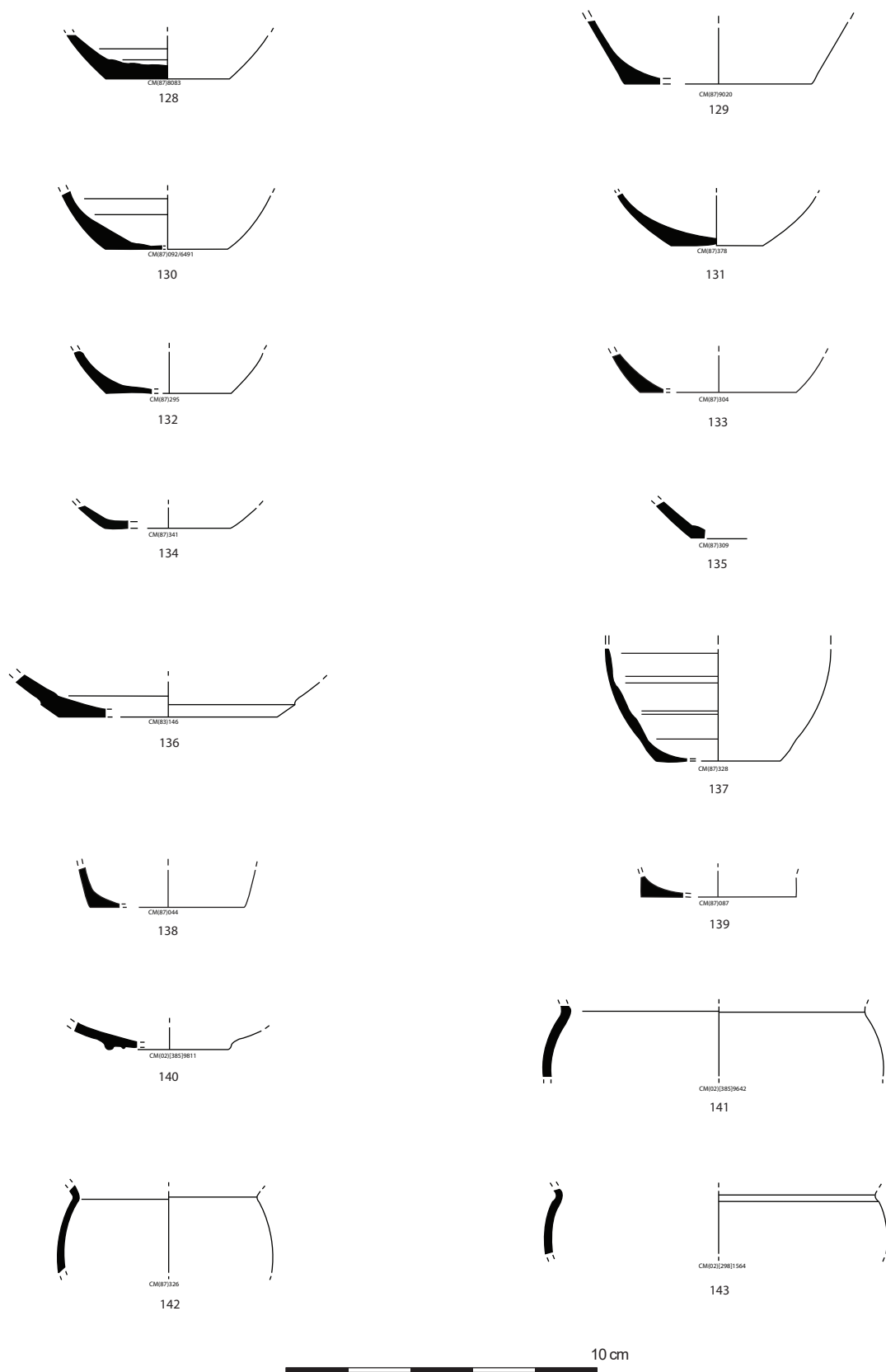


Estampa VII- Paredes Finas dos grupos 1 e 2 (Etrúria)

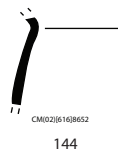




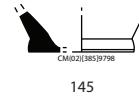
Estampa VIII- Paredes Finas dos grupos 1 e 2 (Etrúria)



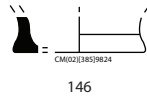
Estampa IX- Paredes Finas dos grupos 1 e 2 (Etrúria)



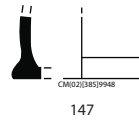
144



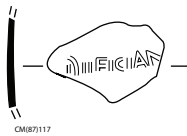
145



146



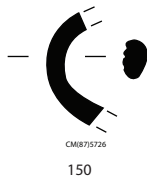
147



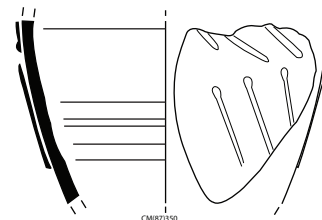
148



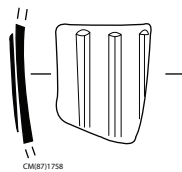
149



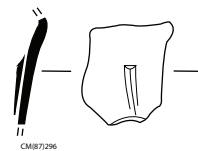
150



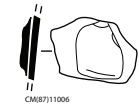
151



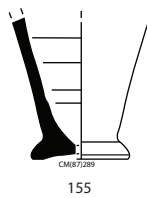
152



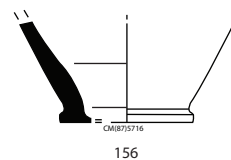
153



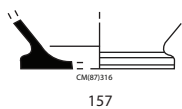
154



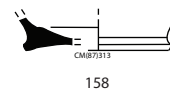
155



156



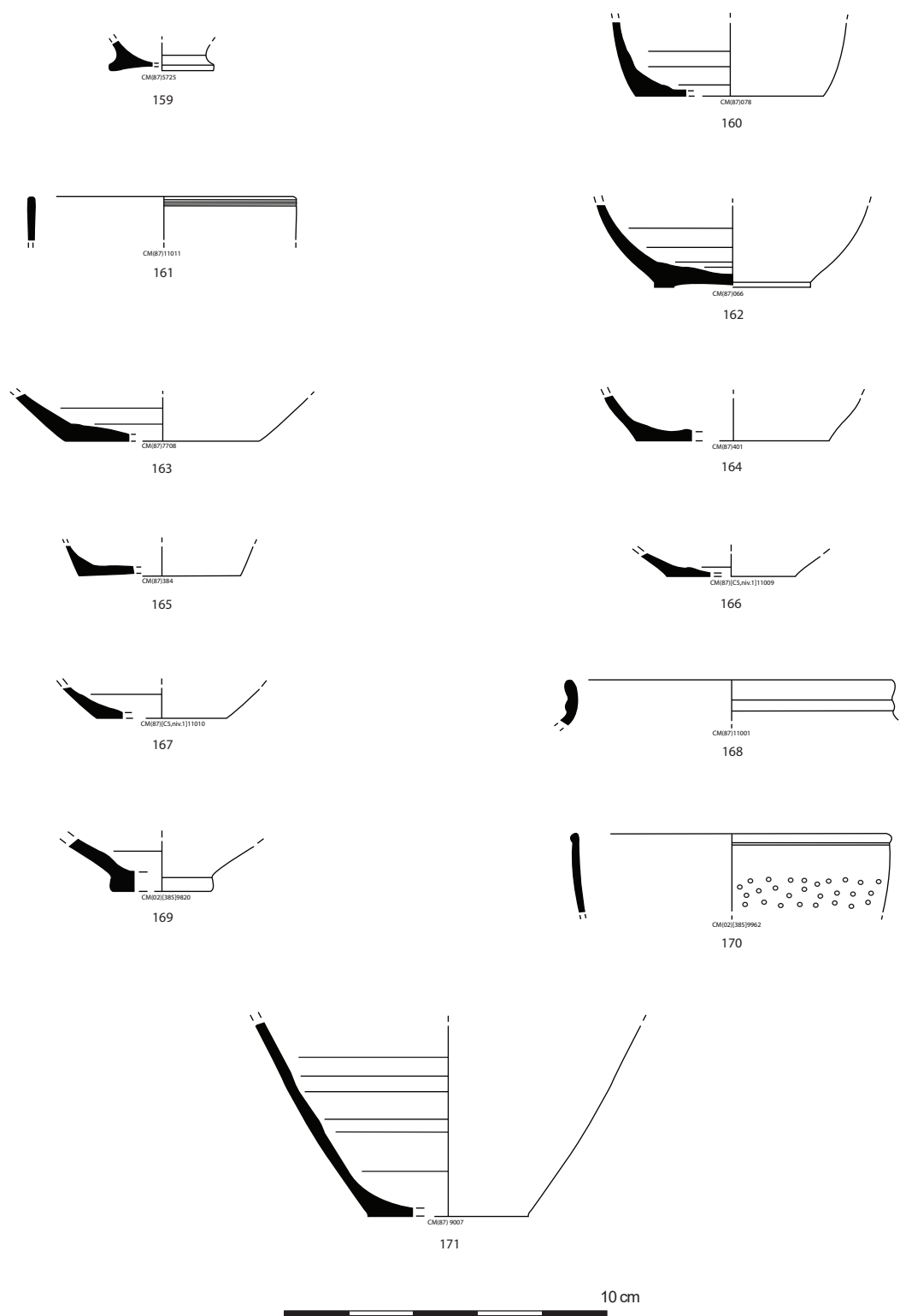
157



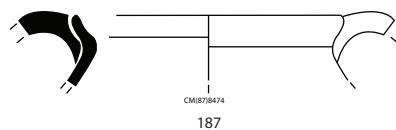
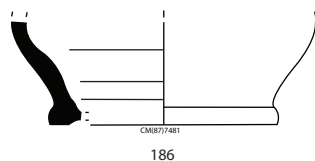
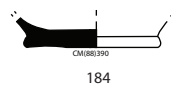
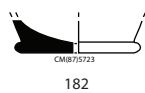
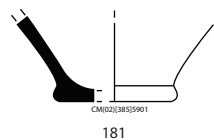
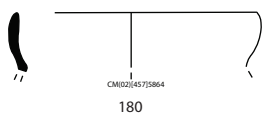
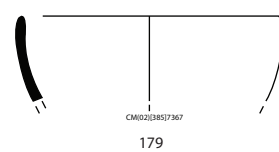
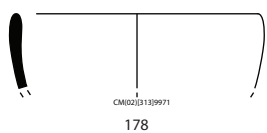
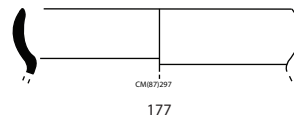
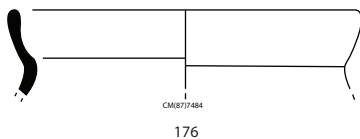
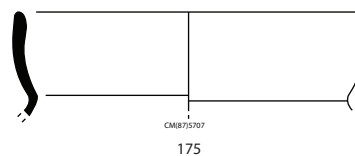
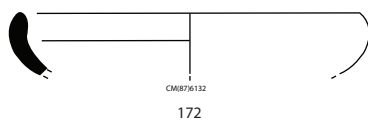
158



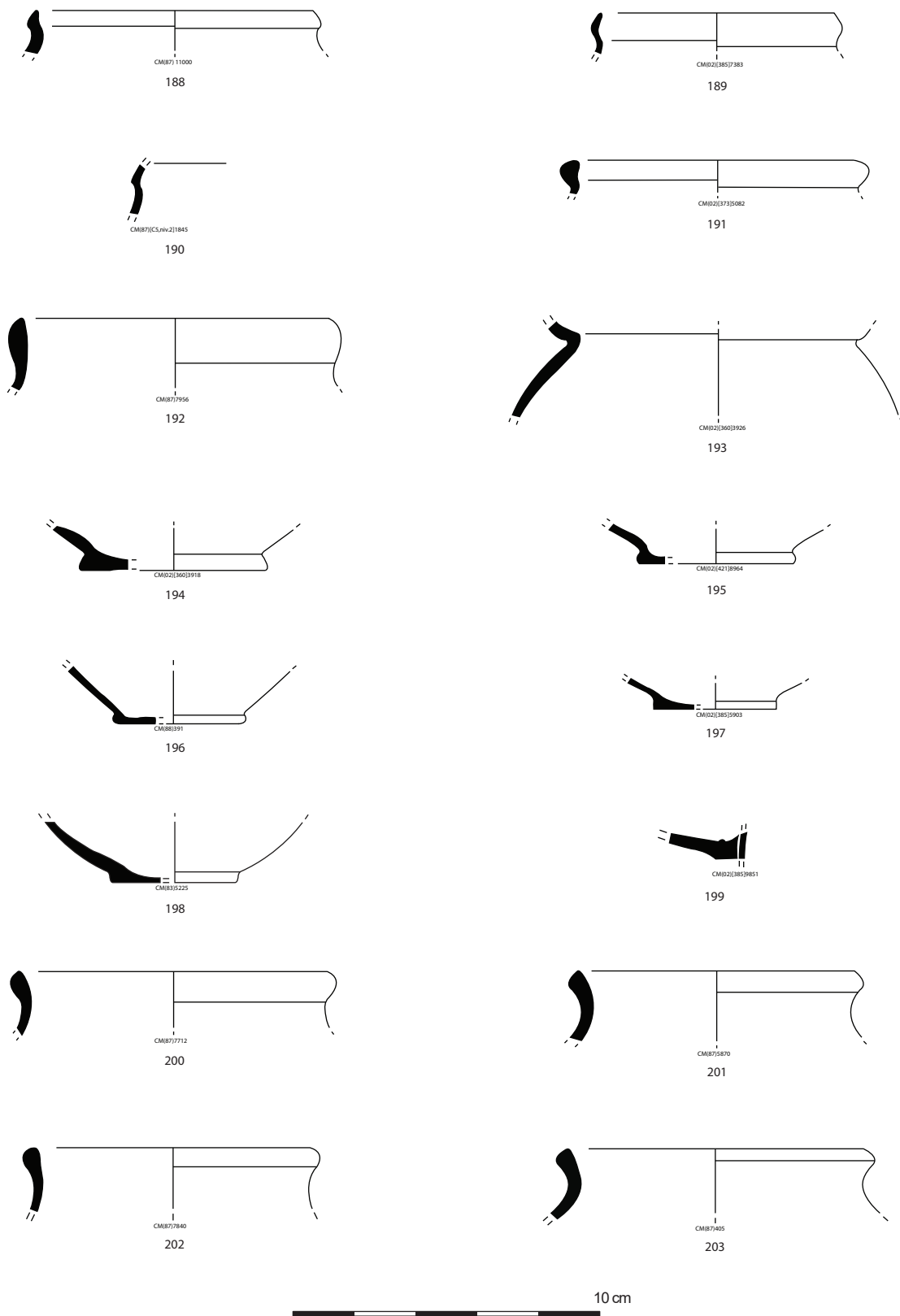
Estampa X- Paredes Finas dos grupos 1 e 2 (Etrúria)  
e grupo 3 (Zona Centro-Occidental do Vale do Pó)



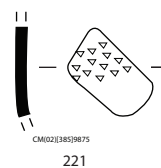
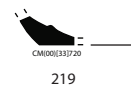
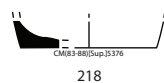
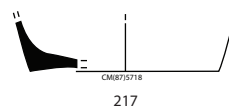
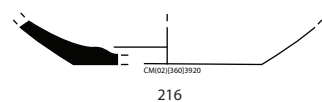
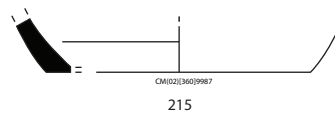
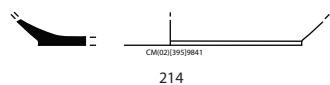
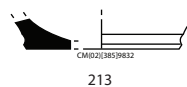
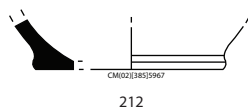
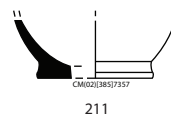
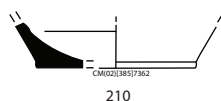
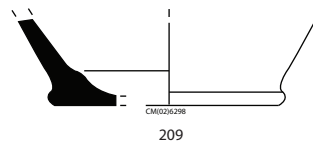
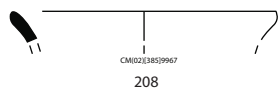
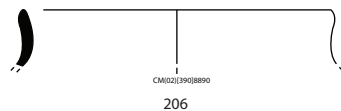
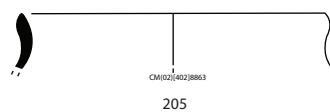
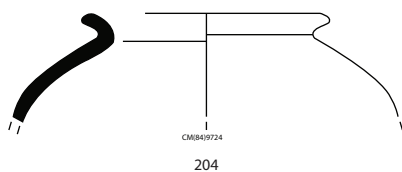
Estampa XI- Paredes Finas do grupo 3 (Zona Centro-Occidental do Vale do Pó), dos grupos 4 e 5 (Zona Oriental do Vale do Pó e costa Adriática) e grupo 6 (Área Centro-Itálica)



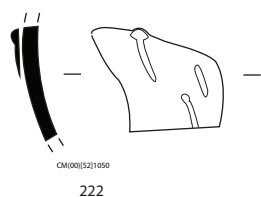
Estampa XII- Paredes Finas dos grupos 7 e 8 (Ibiza)



Estampa XIII- Paredes Finas dos grupos 7 e 8 (Ibiza)



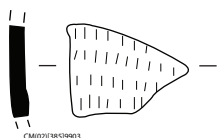
Estampa XIV- Paredes Finas dos grupos 7 e 8 (Ibiza)



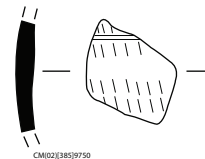
222



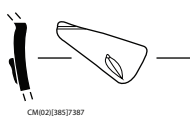
223



224



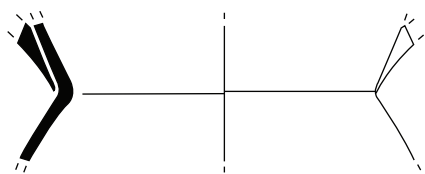
225



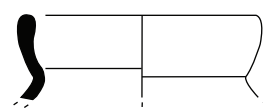
226



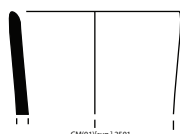
227



228



229



230



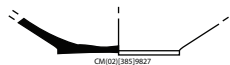
231



232



233



234

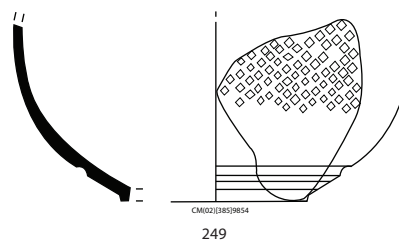
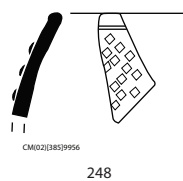
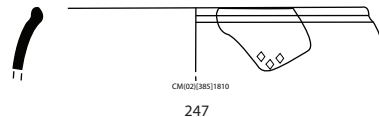
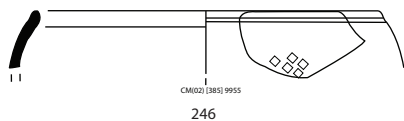
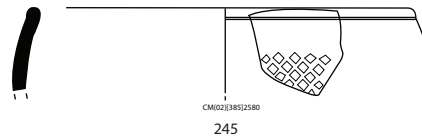
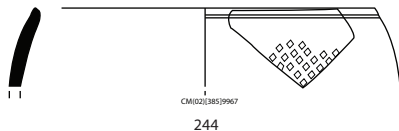
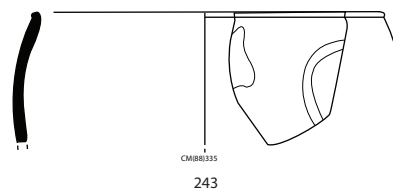
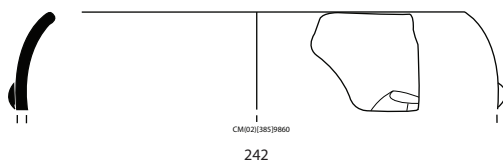
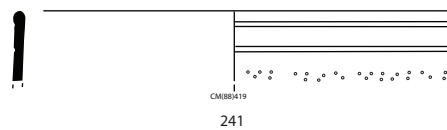
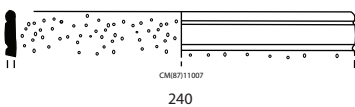
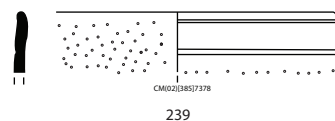
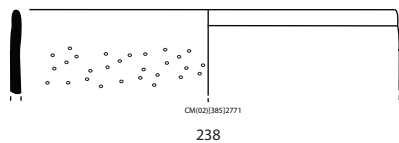
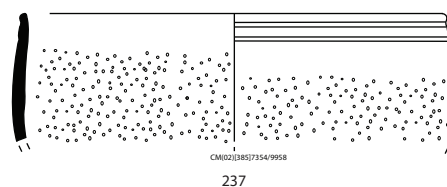
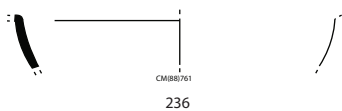


235

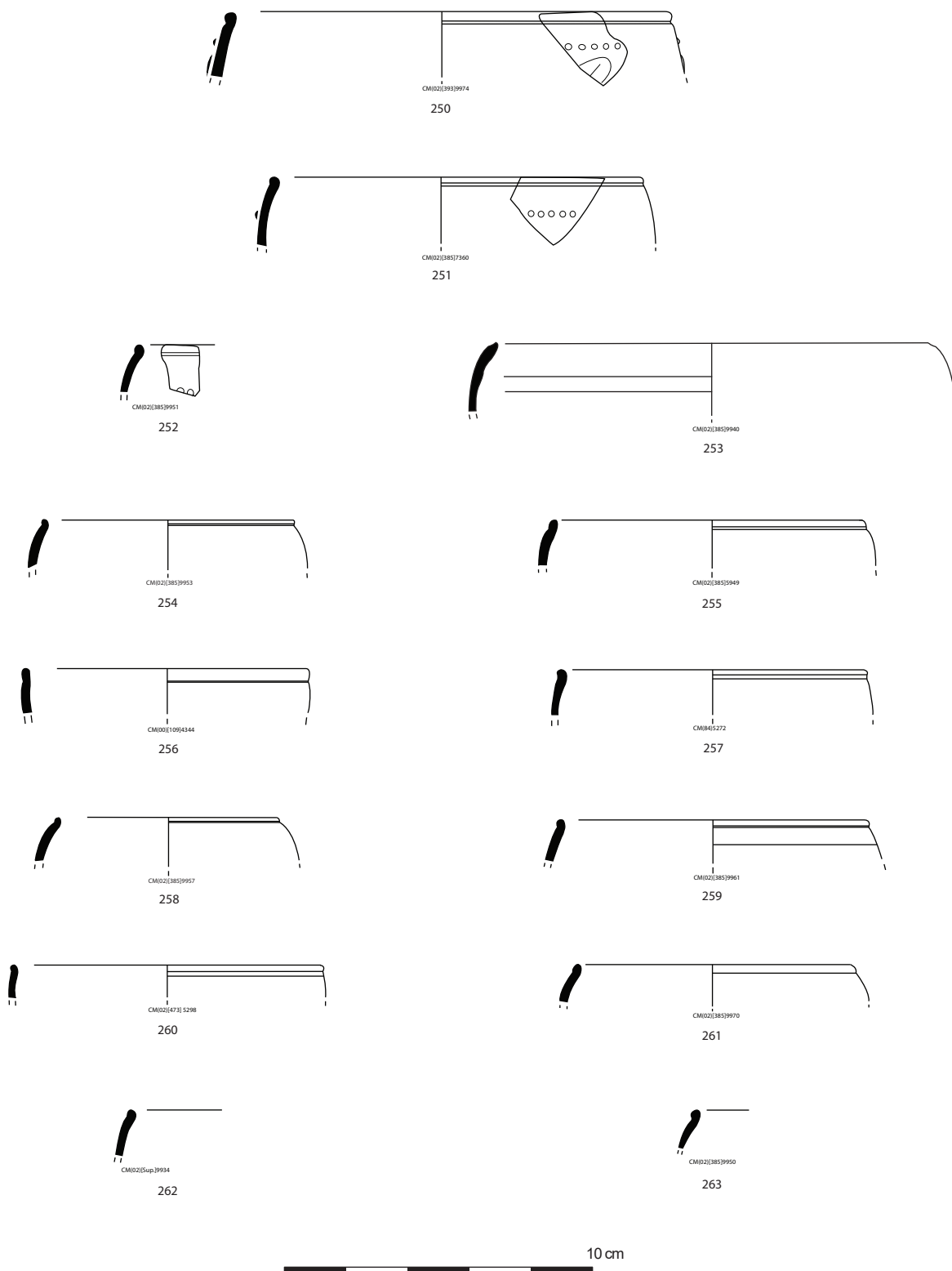


Estampa XV- Paredes Finas dos grupos 9 e 10 (Bética)

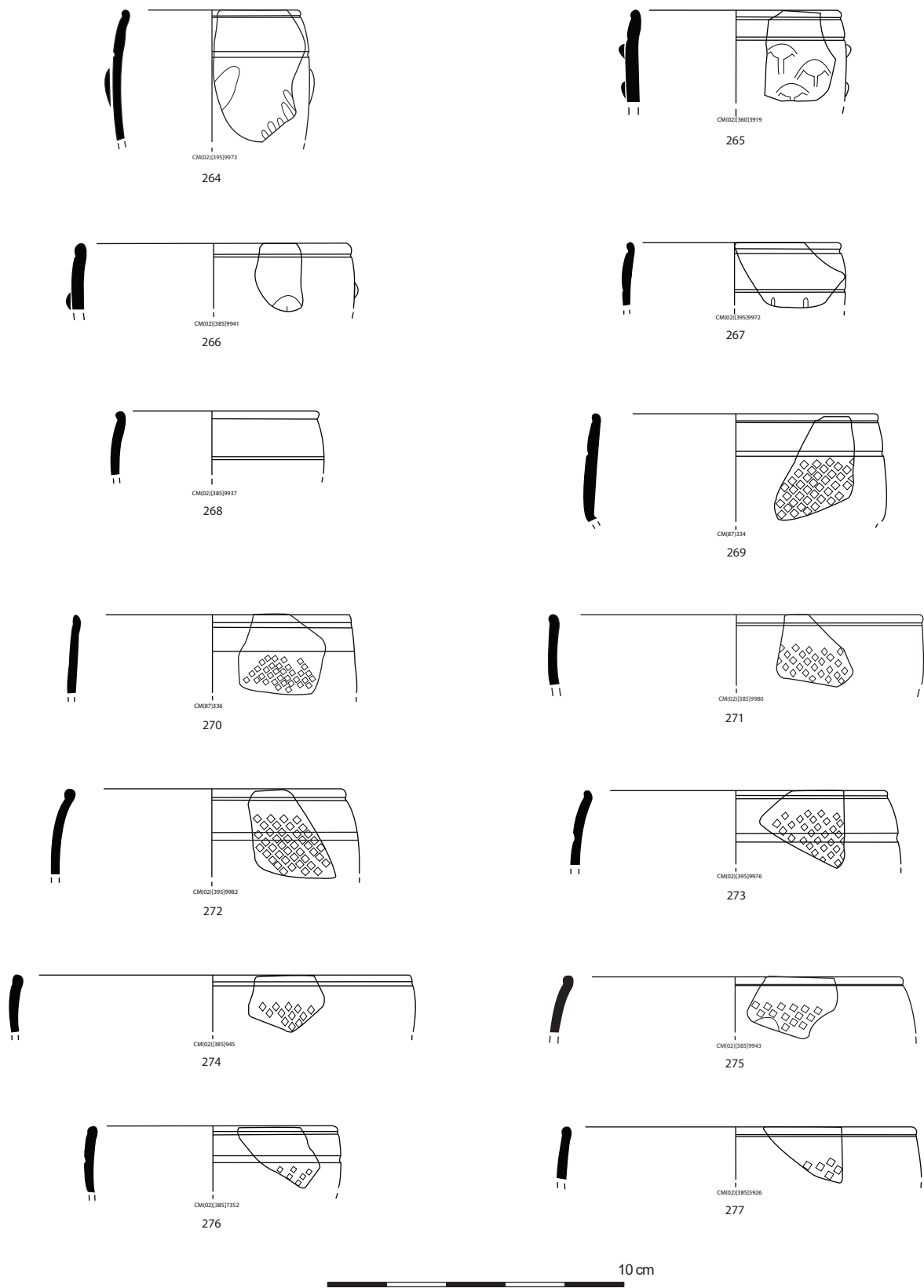




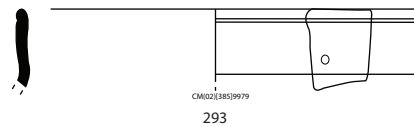
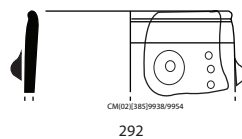
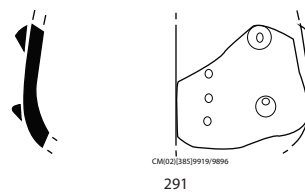
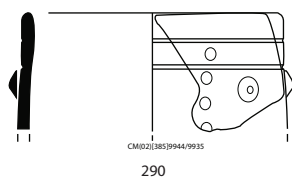
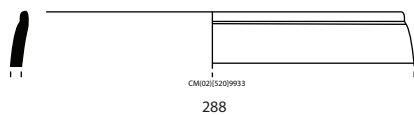
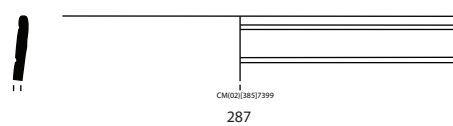
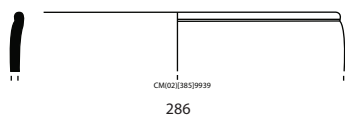
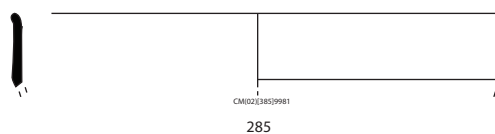
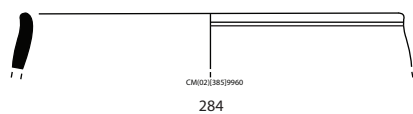
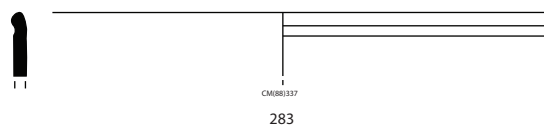
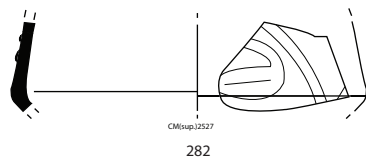
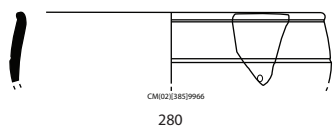
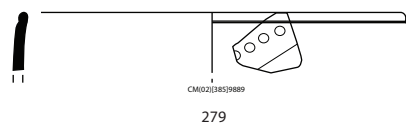
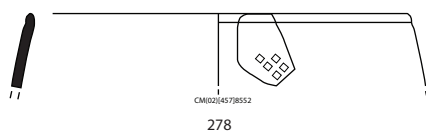
Estampa XVI- Paredes Finas dos grupos 9 e 10 (Bética)



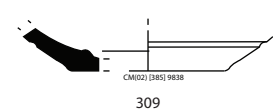
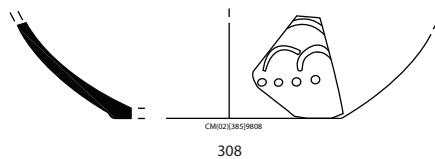
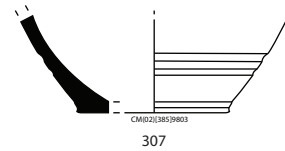
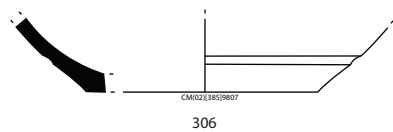
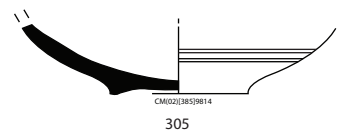
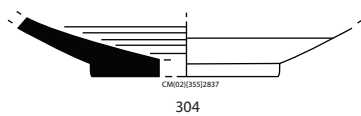
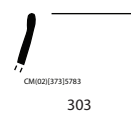
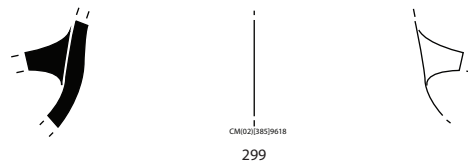
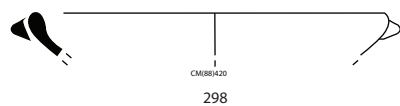
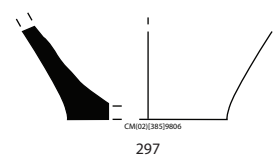
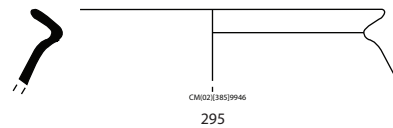
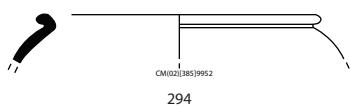
Estampa XVII- Paredes Finas do grupo 9 (Bética)



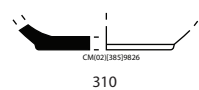
Estampa XVIII- Paredes Finas do grupo 9 (Bética)



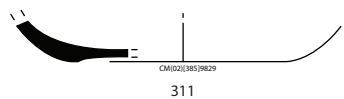
Estampa XIX- Paredes Finas do grupo 9 (Bética)



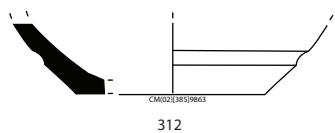
Estampa XX- Paredes Finas do grupo 9 (Bética)



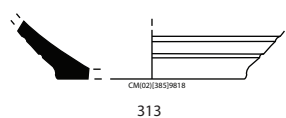
310



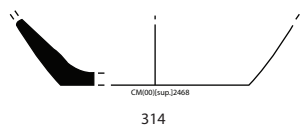
311



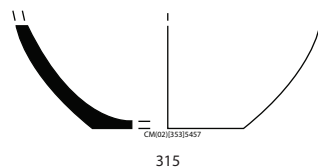
312



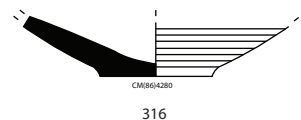
313



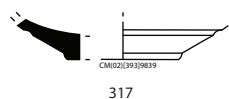
314



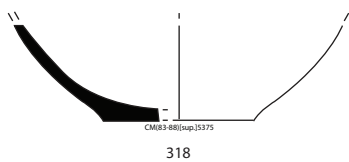
315



316



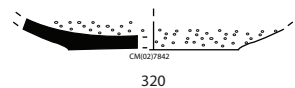
317



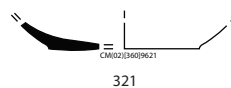
318



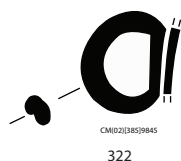
319



320



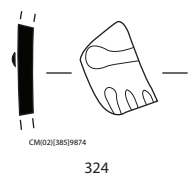
321



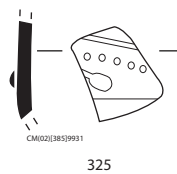
322



323



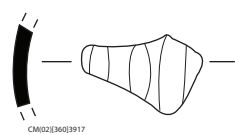
324



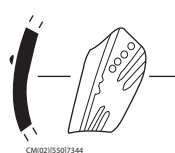
325



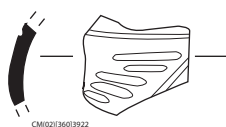
Estampa XXI- Paredes Finas do grupo 9 (Bética)



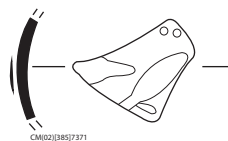
326



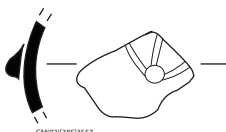
327



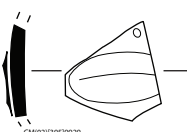
328



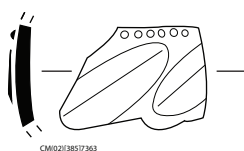
329



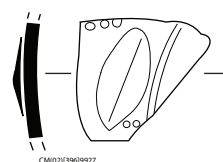
330



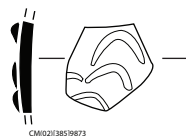
331



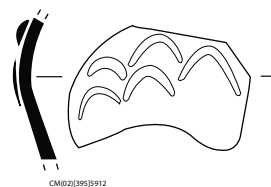
332



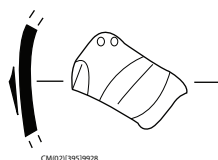
333



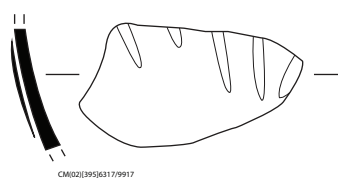
334



335



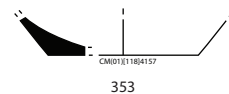
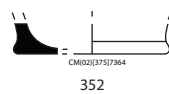
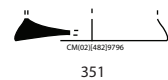
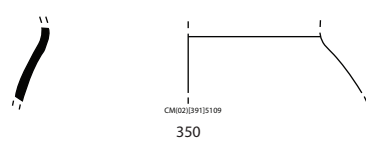
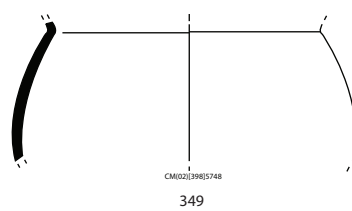
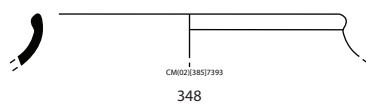
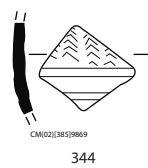
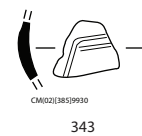
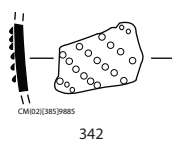
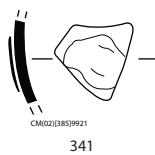
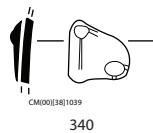
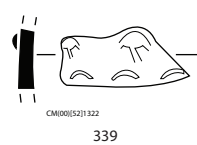
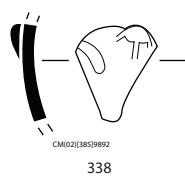
336



337

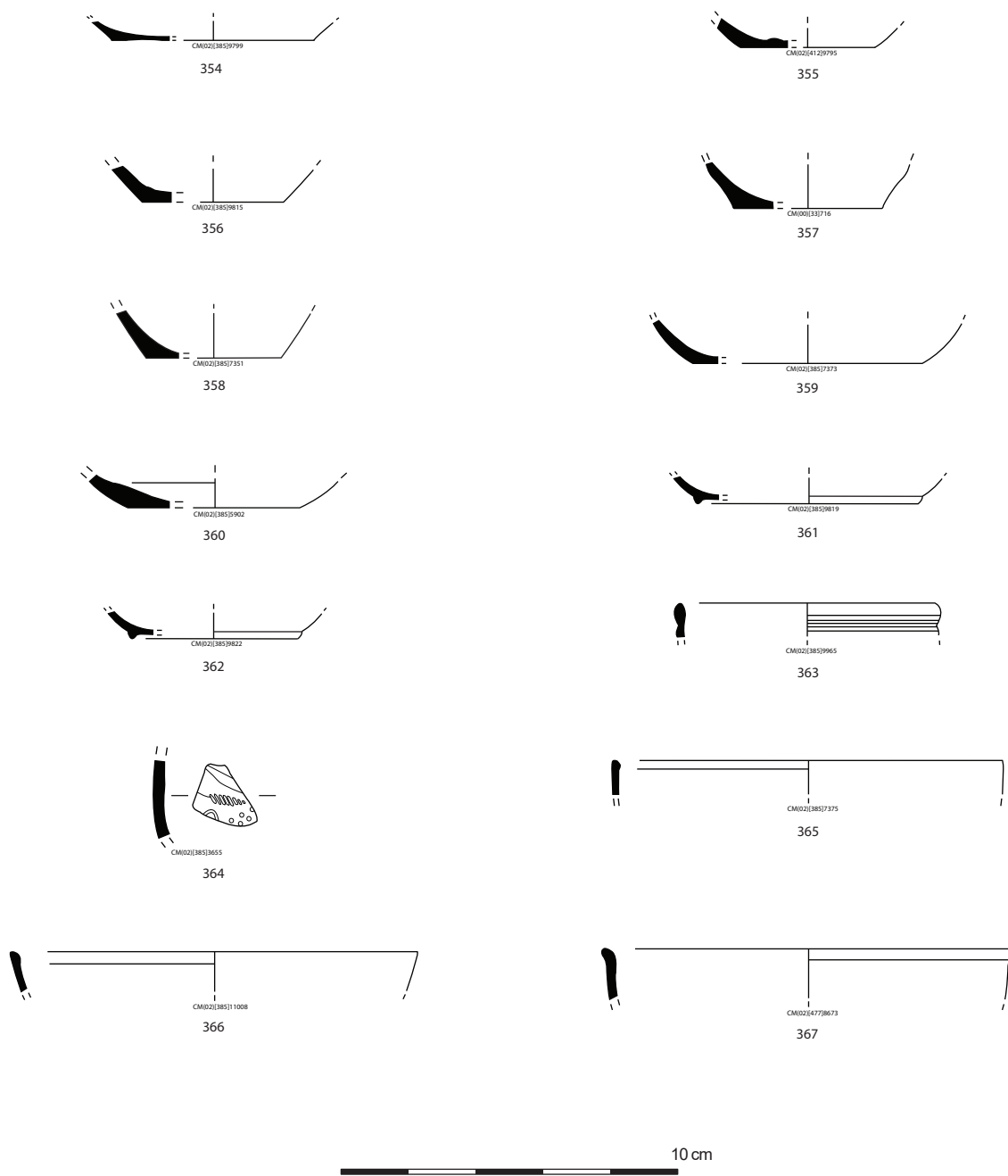


Estampa XXII- Paredes Finas do grupo 9 (Bética)

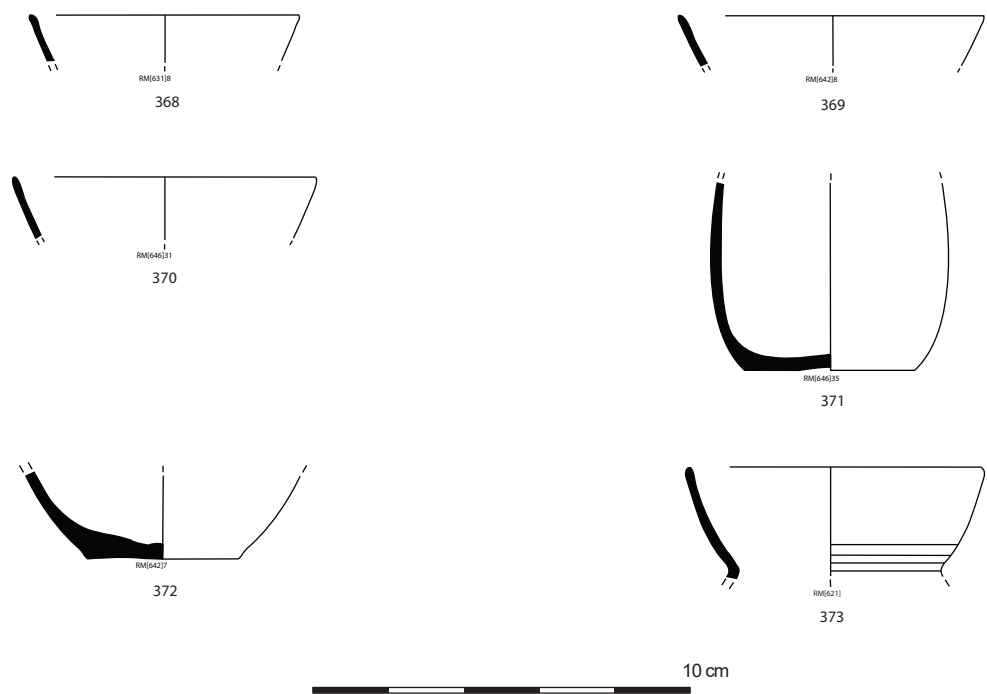


Estampa XXIII- Paredes Finas do grupo 9 (Bética)  
e grupo 11 (Local/Regional-Sul da Lusitânia)

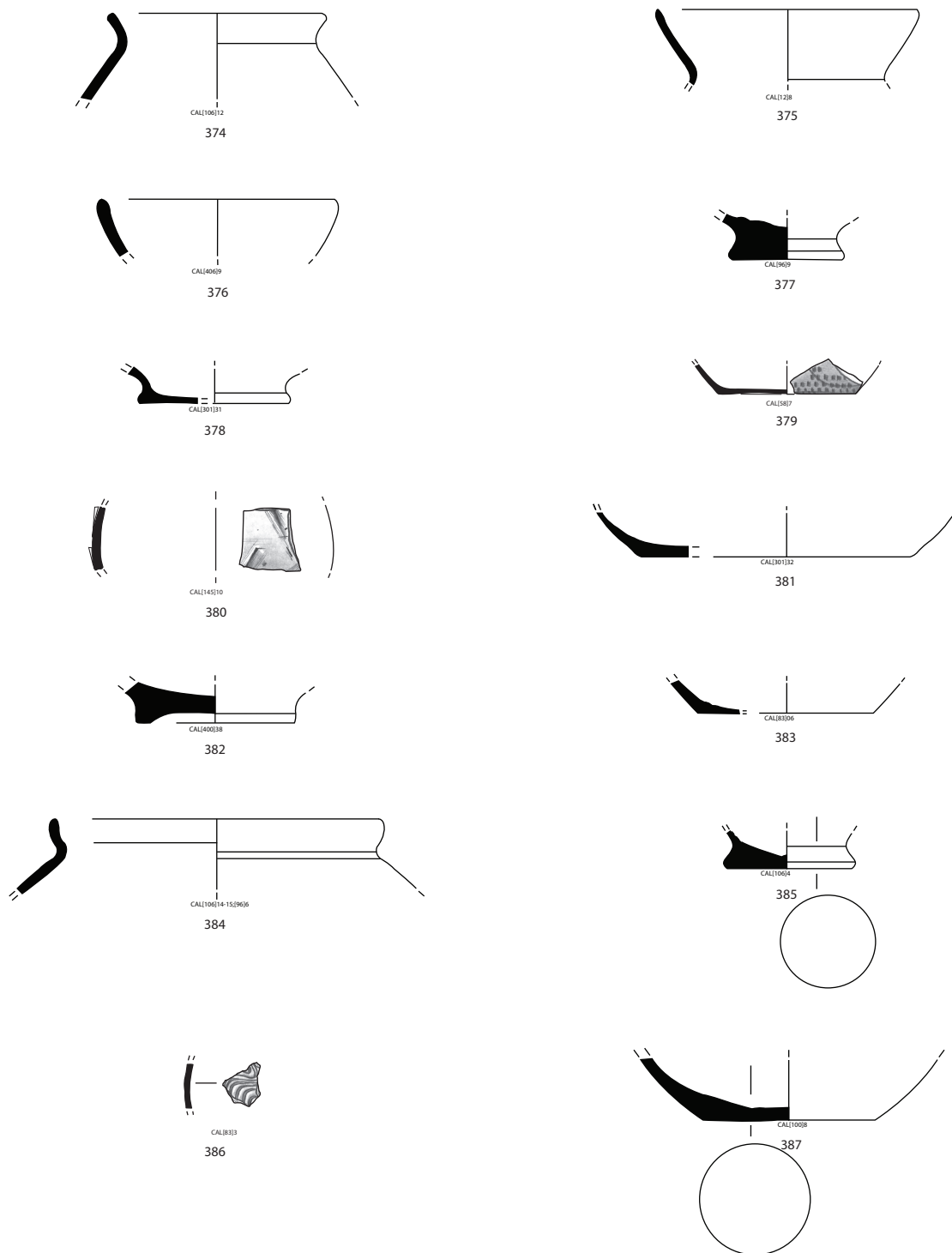




Estampa XXIV- Paredes Finas dos grupos 11 (Local/Regional-Sul da Lusitânia), 12 (Gália), 13 (Zona Indeterminada 1) e 14 (Zona indeterminada 2)



Estampa XXV- Cerâmica de paredes finas da Rocha da Mina  
(MATALOTO et al., no prelo, adaptado)



Estampa XXVI- Cerâmica de paredes finas do Caladinho  
(MATALOTO et al., no prelo, adaptado)